

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

As ações que temos desenvolvido nos diversos programas que vimos executando com professores e estudantes de 1º e 2º graus e com os estudantes do Curso de Museologia da UFBA têm-nos conduzido a várias reflexões sobre a preservação do nosso patrimônio cultural e seu relacionamento com o processo educacional. Constatamos de perto que não tem havido uma integração entre educação e cultura no sentido de realizar, através da prática pedagógica no cotidiano da escola, ações efetivas objetivando utilizar o patrimônio cultural como um referencial capaz de suscitar a criatividade, o questionamento, a reflexão e a busca de um novo fazer.

Vários são os fatores que têm contribuído para essa desintegração, tanto na área cultural como na área educacional. No campo da política cultural e preservacionista adotada no País, até o presente momento, as ações têm se dado de forma imposta, de cima para baixo, sendo o cidadão excluído do processo de preservação do seu patrimônio; a seleção dos bens a serem preservados tem sido efetivada dando-se ênfase aos bens culturais produzidos pela Igreja Católica e pela aristocracia rural, desprezando-se toda a produção cultural de âmbito antropológico e social e a participação efetiva das comunidades na tentativa conjunta de preservar todos os signos culturais. Jeudy (1990, p.2) salienta que:

“... a busca das identidades culturais, em vários países do mundo, acaba motivando e dinamizando as práticas e políticas de conservação. Desde então, conservar não quer dizer preservar ou salvaguardar, mas primeiramente restituir, reabilitar ou reapropriar-se. A própria vida social e efetiva parece ser cada vez mais o objeto da conservação”.

A política de preservação de “pedra e cal” (monumentos arquitetônicos), adotada no Brasil ao longo de todos esses anos, tem concorrido para a adoção de uma visão distorcida do que seja o nosso patrimônio, contribuindo para que deixemos de reconhecer como bem cultural toda uma gama de bens produzidos pelas camadas populares.

Além dessa visão distorcida, que tem influenciado na seleção dos acervos, a preservação tem sido realizada de forma saudosista, romântica e exótica. É algo que está relacionado a um passado distante e não à nossa realidade próxima. Em geral, todo esse acervo preservado - monumentos, sítios arqueológicos e históricos, coleções expostas nos museus etc. - é apresentado como a produção de um passado remoto, que não diz respeito à vida no momento presente. A utilização do referencial do passado, como embasamento para uma reflexão crítica e entendimento do presente, explorando todo o seu potencial com o objetivo de provocar as mudanças necessárias, não tem sido uma prática utilizada.

A política cultural brasileira não só tem incorporado como reproduzido um conjunto amplo de processos políticos e culturais, refletindo seus antagonismos. Mesmo quando surgem frentes de renovação cultural, estas estão sujeitas às

frentes de renovação política. Mota (1990, p. 285), destaca que:

“... a um momento de mobilização da cultura popular que apontava para um processo de socialização correspondeu a montagem de um aparato de alto poder repressivo que, adaptando as técnicas da experiência frustrada criou uma rede ampla de comunicação em que o potencial crítico da cultura popular foi neutralizado e mobilizado para os quadros da massificação - realizada agora, em escala massiva, à sombra da ideologia da cultura brasileira”.

Observa-se que, recentemente, a incorporação de objetivos que visam à participação comunitária nas instituições educativas e culturais tem sido constante. Entretanto, na prática, essas iniciativas não têm passado de mais uma forma de controlar, apesar do Estado estar sempre se colocando como elemento “neutro”. Segundo Ortiz (1985b, p.125):

“... a direção para a qual aponta o desenvolvimento do capitalismo brasileiro nos leva a pensar que ação estatal e privada caminhariam no sentido da instauração de uma hegemonia cultural. As telenovelas, assim como o consumo de produtos distribuídos e financiados pelo Estado, contribuem para que as relações de poder se reproduzam no interior da própria cultura”.

Da seleção inadequada e imposta e do uso inadequado dos acervos preservados, assistimos agora à expansão do poderio econômico dos meios de comunicação, que têm reduzido a cultura popular em manifestações “para turista ver”. Comentando sobre a expansão e a penetração dos meios de comunicação nas classes populares, Bosi (1987, p.126) destaca que:

“A cultura de massa entra na casa do caboclo e do trabalhador da periferia ocupando-lhe as horas de lazer em que poderia desenvolver uma forma criativa de auto-expressão: eis o seu primeiro tento. Em outro plano, a cultura de massa aproveita-se dos aspectos diferenciados da vida popular e os explora sob a categoria de reportagem popularesca e de turismo. O vampirismo é assim duplo e crescente: destrói-se por dentro o “tempo” próprio da cultura popular e exibe-se para consumo do telespectador o que restou desse tempo, no artesanato, nas festas, nos ritos”.

Assim como a preservação não tem sido efetivada com o objetivo de transformar a realidade, a partir das reflexões dos dados do passado, a educação, em geral, também tem sido conduzida para o conformismo, para a condução de currículos impostos de cima para baixo, com conteúdos dissociados da realidade em que as escolas estão inseridas, praticando-se a “erudição” em aulas expositivas, nas quais o professor deposita o seu conhecimento, valorizando muito mais a memória do que a inteligência.

A burocratização, cada vez mais praticada e imposta aos educadores, faz com que os mesmos fiquem distante da escolha dos conteúdos que deverão ser ministrados, da avaliação da prática pedagógica por eles exercida e da análise do papel que a escola exerce na sociedade. A relação entre a burocratização da escola e a estruturação dos conhecimentos foi bem explicitada por Wake (1988, p.16), quando registra que:

“As maiores exigências colocadas sobre as estruturas do conhecimento pela escola burocratizada são: que o conhecimento seja dividido em componentes ou em componentes relativamente limitados; que as unidades de conhecimento sejam ordenadas em seqüência; que o conhecimento seja transmissível de uma pessoa a outra por meios convencionais de comunicação; que o sucesso na aquisição de parte, se não de todo conhecimento, seja passível de registro em uma forma quantificável; que o conhecimento seja objetivado no sentido de ter uma existência independente de suas origens humanas; que o conhecimento seja estratificado em vários níveis de *status* ou prestígio; que o conhecimento baseado na experiência concreta seja tratado como de menor *status*, mas que o conhecimento expresso em princípios abstratos e generalizados seja, considerado como tendo alto *status*”.

A escola burocratizada tem ignorado os problemas relacionados com as especificidades culturais, a análise dos professores e a história de vida dos seus alunos. Daí a grande dificuldade de se tentar, na prática, uma ação que não esteja relacionada com o modelo estabelecido.

A análise da realidade educativo-cultural no Brasil deve-nos conduzir a uma ação transformadora da realidade, pois, conforme destaca Severino (1986, p.62):

“O acesso ao saber, aos bens culturais em geral, é de fundamental importância para as classes subalternas. Ele lhes dará instrumentos e recursos de luta contra a dominação. Por isso, a escola pública, aberta e igualitária, é uma necessidade para essas classes, mesmo enquanto estiverem organizadas e orientadas pelas classes dominantes hegemônicas”.

Estas reflexões têm-nos levado a acreditar, cada vez mais, que a relação entre museu e educação é intrínseca, uma vez que a instituição museu não tem como fim último apenas o armazenamento e a conservação, mas, sobretudo, o entendimento e o uso do acervo preservado pela sociedade para que, através da memória preservada, seja entendida e modificada a realidade do presente. Nesse sentido, a própria concepção do museu é educativa, pois o seu objetivo maior será contribuir para o exercício da cidadania, colaborando para que o cidadão possa apropriar-se do seu patrimônio e preservá-lo, assim ele deverá ser a base para toda a transformação que

virá no processo de construção e reconstrução da sociedade, sem a qual esse novo fazer será construído de forma alienante.

É necessário, entretanto, chamar a atenção para o fato de que, no Brasil, são poucas as experiências no campo museológico voltadas para o registro do fazer cultural de forma mais abrangente, envolvendo os diversos segmentos da sociedade, preocupando-se em assinalar as mudanças e as contradições. Ainda não conseguimos soltar as amarras que nos mantêm atados ao colecionismo, à aceitação passiva e submissa de formas e coisas de um passado que não é relacionado com a vida no presente.

A transformação desejada, a nosso ver, passa pelo questionamento do modelo de sociedade que possuímos, entendendo que a análise das relações entre determinantes sociais e a atuação dos museus não nos devem conduzir ao imobilismo, mas devem-nos incentivar a superar as deficiências. Neste sentido, é importante considerar que, na ânsia de buscar uma prática mais participativa, comprometida com o desenvolvimento social e com a transformação, é preciso evitar o perigo de usar a comunidade como cobaia para simples coleta de informação e para a pesquisa que se esgota em si mesma.

A consciência de que devemos buscar esse novo fazer museológico deve-nos motivar a sair do imobilismo, a construir a nossa prática e a registrá-la de forma sistemática, para que possamos democratizar as informações e fornecer dados coletados em nossa realidade, pois a bibliografia existente é escassa e contempla o modelo de museu tradicional.

Torna-se necessário, portanto, que museólogos e educadores continuem planejando e executando ações

integradas, visando a utilização dos bens culturais como instrumento para o entendimento da vida no passado e no momento presente, destacando que é indispensável a ação articulada com as demais práticas sociais globais, dando prioridade à participação conjunta. Acreditamos que os caminhos serão apontados na medida que nos distanciarmos mais dos nossos gabinetes e nos aproximarmos mais da vida cotidiana fora do museu e do espaço da Universidade. Este tem sido um fato constatado nos programas de ação cultural por nós desenvolvidos, nos quais o crescimento tem se dado através do diálogo e da integração com os diversos grupos com que temos trabalhado, o que justifica continuar atuando nesta linha.

Temos dirigido as nossas ações no Curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia para uma prática efetiva, em que professores e estudantes de 1º, 2º e 3º graus têm atuado de forma integrada, tornando viável a prática do ensino e da aprendizagem, por meio da observação e da análise de aspectos importantes do nosso patrimônio cultural, relacionando-o com a vida no presente e entendendo-o como produto do homem, sujeito da História e, portanto, como resultado das relações sociais e políticas.

Após termos atuado durante dois anos e meio no Colégio Estadual Azevedo Fernandes, situado no Centro Histórico da Cidade do Salvador, fomos convidados pelo Instituto Anísio Teixeira a desenvolver projeto semelhante no Colégio Euricles de Matos, situado no Bairro do Rio Vermelho, na Cidade do Salvador. O projeto sofreu adaptações para atender à realidade dos alunos, dos professores e da comunidade local.

Entretanto, as ações desenvolvidas entre os museus e as escolas, bem como os projetos por nós desenvolvidos, na maioria das vezes, não passavam de eventos esporádicos, em que professores e alunos participam de forma pouco comprometida e, não raro, como meros observadores.

No momento presente, com base na experiência vivida na execução dos diversos projetos acima referidos, constatamos que era de fundamental importância trabalhar a formação do professor para que este viesse a ser um “agente ativo”, no sentido de usar a memória preservada, testemunho da História, entendida como forma de existência social nos seus diversos aspectos - econômico, político e cultural -, bem como o seu processo de transformação, contribuindo, deste modo, para a formação dos cidadãos. Por outro lado, era necessário continuar repensando os conteúdos programáticos das diversas disciplinas oferecidas no ensino básico, procurando resgatar o acervo cultural dos estudantes e das comunidades onde as escolas estão inseridas, proporcionando a oportunidade para que o jovem, desde a sua formação, perceba o sentido da preservação e da identidade cultural. Como esperar que a comunidade seja responsável pelo seu patrimônio se desconhece o seu conteúdo, o seu valor e a relação desse patrimônio com a sua história de vida no passado e no presente?

Em relação ao Curso de Museologia da UFBA, era necessário realizar uma prática efetiva, capaz de proporcionar aos alunos e professores a oportunidade de vivenciar a construção de um novo fazer museológico, com base na apropriação do patrimônio cultural, contribuindo, assim, para que a identidade seja vivida na pluralidade e na dinâmica do processo social entendendo-se que o patrimônio cultural não

deve ser uma “aquisição” por parte de um organismo, mas sim uma apropriação social. Essa nova postura iria permitir também a execução de atividades com temas e acervos até então pouco trabalhados, exercitando novos métodos e assimilando novos conceitos. Infelizmente, a Museologia que vem sendo aplicada na maioria das instituições museais do País, como na Cidade do Salvador, não tem permitido avanços neste sentido, o que dificulta o entendimento por parte dos alunos, por não existirem exemplos concretos que possam servir de parâmetros, no momento em que são colocadas, em sala de aula, as reflexões teóricas que embasam a necessidade de evolução do processo museológico.

Compreendendo que não podemos dissociar a atuação do professor universitário de uma prática efetiva na comunidade e acreditando que essa prática só se concretiza no momento em que professor, aluno e grupos comunitários passam a atuar de forma integrada e participativa, questionando, construindo e analisando conjuntamente, buscamos realizar uma tese de doutorado, que permitisse a realização de uma atuação integrada entre o Curso de Museologia, Doutorado em Educação da UFBA, Secretaria de Educação-Instituto Anísio Teixeira, 1^o Grau e Curso de Magistério do Colégio Estadual Governador Lomanto Júnior e dos moradores do Bairro de Itapuã, pretendendo alcançar os seguintes objetivos:

- a) integrar a Universidade Federal da Bahia - Curso de Museologia e Doutorado em Educação - à comunidade na qual está inserida, tornando-a centro de ação-reflexão, contribuindo efetivamente para a produção do conhecimento e, conseqüentemente, para o

enriquecimento do processo museológico e para uma nova práxis pedagógica;

- b) repensar os conteúdos programáticos, o material didático utilizado e as atividades pedagógicas, tomando como referencial o acervo cultural dos estudantes, professores e funcionários do Colégio Estadual Governador Lomanto Júnior e dos membros da comunidade do Bairro de Itapuã envolvidos no projeto, buscando o entendimento e a reflexão sobre o patrimônio cultural, dentro da dinâmica do processo social;
- c) tornar possível a utilização dos bens culturais e da memória social local para a compreensão do processo de surgimento dos acontecimentos, não como “evento”, mas incorporada à prática pedagógica e ao fazer cotidiano da escola;
- d) proporcionar ao estudante de Museologia a oportunidade de vivenciar uma nova prática museológica, trabalhando a memória social, seu registro, a interpretação e a utilização consciente por parte daqueles que a produzem, por meio de uma ação integrada entre os técnicos e os sujeitos envolvidos no processo;
- e) implantar um museu didático-comunitário no Colégio Estadual Governador Lomanto Júnior, desenvolvendo uma ação conjunta com professores, alunos, funcionários e membros da comunidade envolvidos no

processo e de estagiários e professores do Curso de Museologia e demais grupos interdisciplinares que viessem a compor a equipe executora do projeto.

A presente publicação apresenta todo o processo construído ao longo do nosso caminhar, no Doutorado em Educação, resultado das constantes reflexões realizadas, a partir da relação teoria-prática. Nos capítulos 2 e 3 apresentamos uma análise sobre a política cultural e a atuação dos museus no Brasil, e uma abordagem sobre a construção do conhecimento na museologia, situando-a em uma análise de processo; portanto, em constante transformação.

Essas reflexões forneceram a base necessária para o desenvolvimento do processo metodológico, explicitado no capítulo 4 e para a realização da ação com a participação dos demais membros atuantes no processo, por mim considerados como co-autores na construção do Museu Didático-Comunitário de Itapuã, cujo desenvolvimento é narrado no capítulo 5.

Por fim, no capítulo 6, destacamos os resultados das reflexões realizadas ao longo do caminhar e que consideramos possam contribuir para a construção do conhecimento nas áreas da museologia e da educação, podendo auxiliar, também, na estruturação e reestruturação de Cursos de Museologia e de Pedagogia, na atuação dos museus e das escolas, melhorando, conseqüentemente, os processos de ensino e da aprendizagem, nos diversos níveis de ensino.

CAPÍTULO 2

POLÍTICA CULTURAL E MUSEUS NO BRASIL:

tentando desvelar e entender para estabelecer um novo ponto de partida.

“A reelaboração da memória se dá no presente e para responder a solicitação do presente. É do presente, sim, que a rememoração recebe incentivo, tanto quanto as condições para se efetivar”.

Ulpiano Meneses (1992, p. 3)

2.1 Apresentação

No presente tópico, enfocaremos o tema “política cultural” com o objetivo de ampliar a discussão em torno da relação MUSEU X ESTADO, tentando apontar alguns indicadores que caracterizam a política cultural no Brasil. Nesse contexto, os museus se inserem como suportes significativos na tentativa de construção de uma **identidade nacional**.

Assim, para o desenvolvimento do tema, optamos por apresentar, inicialmente, uma abordagem contextual, situando-o no interior de uma concepção monista, de uma razão absolutizadora e no surgimento do Estado Nacional Moderno. Em seguida, procuramos pontuar algumas ações levadas a

efeito no bojo da “política cultural” adotada, no País, em vários momentos, ações estas pautadas em uma concepção de cultura de caráter **unitário** e **globalizador** que apontam para a busca de uma identidade nacional. Finalmente, tentamos situar os museus no contexto da política oficial de cultura do País, destacando algumas ações documentadas em atos oficiais, bem como registros de profissionais da área, no intuito de buscar indicadores que possam identificar práticas e propostas museológicas reveladoras de ações que se baseiam em uma concepção de memória e de tradição, como um corpo consolidado de crenças, normas e valores definidos no passado e que funcionam, para o Estado, como um suporte necessário para sua afirmação.

Com esta abordagem ampla, não pretendemos falar em nome do todo social. Como afirma Morais (1989, p.13), “não há discurso demiúrgico sobre a realidade; tudo é bem humano e relativizável”. O que pretendemos com a análise aqui realizada é alcançar melhor compreensão da realidade relacionada com nosso campo de atuação e, situando-a no contexto das demais práticas sociais globais, tornar as nossas ações mais claras - compreender, para estabelecer um novo ponto de partida, pois acreditamos que na área da “política oficial de cultura no Brasil”, há espaços para **reprodução** e **produção**.

2.2 Uma Abordagem Contextual

A análise sobre a Política Oficial de Cultura no Brasil e seus espaços de **reprodução** e **produção**, talvez não seja possível de ser efetuada sem uma abordagem mais ampla que a situe no interior de uma concepção monista - de uma razão

absolutizadora, que visa a substituição da multiplicidade da *doxa* pela unidade da ciência da *episteme* - e no surgimento do **Estado Nacional Moderno** - associado à idéia representativa de estado do “**bem comum**”, neutro em relação às classes, mediador dos conflitos e civilizador dos instintos “agressivos” e “gananciosos” dos homens.

Descobrir a unidade por trás da multiplicidade fenomênica; dissolver a pluralidade inerente ao sensível e às “opiniões” numa soberana **Unidade**, estabelecida pela visão certa e integradora da razão; o logos filosófico seria, então, fundamentalmente ligador, unificador - objetivo do racionalismo clássico, perseguido por Descartes e descrito por Pessanha (1987, p.61):

“Como conhecimento absolutamente verdadeiro, indubitável e universal, a respeito de tudo que pudesse ser perfeitamente enquadrado pela ótica de uma razão fatalmente absolutizadora, posto que **Razão Absoluta**, razão do Absoluto, visão coincidente com o “Olhar Eterno (de Deus)”.

Fora desse território de necessário consenso entre todos os espíritos aclarados pela ciência única, ficaria o sombrio reino das impressões instáveis e inconsistentes, das idéias falsas e obscuras, da não-verdade.

Tentando elucidar a postura da história da filosofia ocidental que, freqüentemente, tem como base a colocação de **verdades absolutas**, Perelman (citado por Pessanha, 1987, p.70) destaca o papel desempenhado pelo **monoteísmo judaico-cristão** na formação da consciência ocidental, encorajando o monismo axiológico no que concerne aos

valores, notadamente no campo da ética, enfatizando, também, a sua adoção nos campos metodológico e sociológico. No campo metodológico, destaca a existência de um único método a ser seguido para se atingir a verdade - o método demonstrativo dos matemáticos, que deveria fornecer, em todas as áreas do conhecimento, o mesmo tipo de certeza que nos é proporcionado pelo conhecimento matemático. Em relação à sua adoção no campo sociológico, ressalta o **monismo sociológico** que “encara as relações entre indivíduos e sociedade à semelhança de suas relações com um Deus único”, como em Durkheim, e destaca:

“... essas várias faces do monismo – ontológico, axiológico, metodológico, sociológico – apresentam-se em grande força no campo das idéias filosóficas, não apenas pelo respaldo teológico do monoteísmo, mas também pela vantagem que indiscutivelmente oferecem: A vantagem do monismo é fornecer, em cada campo, uma concepção sistematizada e racionalizada do universo, sob todos os aspectos, permitindo encontrar uma solução única e verdadeira para todos os conflitos de opiniões e todas as divergências”.

É necessário ressaltar os inconvenientes destacados por Perelman no que concerne à adoção do monismo, sobretudo porque são bastante esclarecedores em relação ao tema que estamos discutindo neste capítulo, ou seja: “Política Cultural e Museus no Brasil”.

“O inconveniente das ideologias monistas é de favorecer um reducionismo por vezes dificilmente tolerável. Quando não chegam a fazer prevalecer seu ponto de vista, podem justificar - em nome de Deus, da razão, da verdade, do interesse do Estado ou do partido - o recurso à coação, ao uso da força em relação aos recalcitrantes. Aqueles que resistem deveriam ser reeducados e, se não se deixam convencer, deverão ser punidos por sua obstinação ou por sua má vontade.”

Deve-se relacionar o monismo à ação do Estado para compreender a sua atuação nos âmbitos da cultura e da educação no Brasil, entretanto, necessário se faz que o **Estado Brasileiro** seja enfocado a partir de alguns vetores que foram fundamentais para a sua constituição, entendendo-o não apenas como um conceito, mas como fenômeno histórico, resultado de situações específicas e mutáveis.

Neves (1987, p.22) destaca que o absolutismo correspondeu à montagem e ao entrosamento das engrenagens que caracterizam o Estado contemporâneo. Salienta que as idéias mercantilistas passaram a intervir na produção, com o objetivo de reforçar o próprio poder. Adotando uma legislação complexa, e às vezes caótica, procurou-se ordenar a sociedade de acordo com certos princípios e valores. O poder deixou de ser encarado como o guardião de uma ordem imutável, estabelecida transcendentemente, para ser considerado o demiurgo de um mundo novo, à medida e semelhança de um homem, a quem cumpria dar à luz. O referido autor salienta que:

“... esse recuo da tradição face à liberdade de pensamento, gerava uma pulverização de valores e comportamentos, que comprometia as pretensões do Estado em erigir-se como árbitro da sociedade” (Neves, 1987, p.22).

Citando Fuest e Ozonf, Neves destaca que a lei deve ser inculcada, apreendida, interiorizada para tornar-se efetiva. Esclarece que o absolutismo ilustrado, no séc. XVIII, trouxe, como grande novidade, o aproveitamento dos mecanismos de catequização da Igreja em seu próprio proveito. Nesse período, a preocupação com a

“... escola e com a cultura escrita significou o reconhecimento do papel que ambas poderiam desempenhar, no sentido de uniformizar contingentes de indivíduos, dotando-os de um conjunto de valores e normas afinados com os interesses dominantes na condição do Estado, sob a forma de um pensamento secular sobre o Homem e a Sociedade; sob a forma de uma ideologia, que gradualmente integrasse aqueles setores sociais, cuja posição e atitudes houvessem libertado da liturgia de uma tradição transcendente, ao novo mundo imanente das leis humanas” (Neves, 1987, p.22).

A Revolução Francesa traz uma concepção laicizada do poder. O que caracterizava o povo-nação era o fato de que ele representava o interesse comum contra os privilégios do

Antigo Regime. Assim, o significado mais freqüente e mais forte desta concepção equiparava o povo ao Estado e atribuía à nação a característica de um ente uno e indivisível, por ser constituída pelo corpo de cidadãos que tinham no Estado sua expressão política (Cunha, 1992, p.32).

Comentando sobre a ação da representação moderna de Estado, Chauí (1990, p.6) diz que, se fizermos um pequeno retorno à história, verificaremos que não houve uma laicização da política, mas apenas um deslocamento do lugar ocupado pela imagem de Deus como poder uno e transcendente:

“Deus baixou do céu à terra, abandonou conventos e púlpitos e foi alojar-se numa imagem nova, isto é, no Estado. Não quero com isso referir-me ao direito divino dos reis. Refiro-me à representação moderna do Estado como poder uno, separado, homogêneo e dotado de força para unificar, pelo menos de direito, uma sociedade cuja natureza própria é a divisão de classes. É a esta figura do Estado que designo como nova morada de Deus.”

Abordando as dificuldades encontradas pelo Estado moderno em conciliar em uma mesma e única ideologia valores capazes de reger o comportamento de uma população que, além de suas individualidades, se encontrava dividida por tradições locais diversas, por situações sociais diferenciadas, por interesses distintos, senão antagônicos, como era o caso dos Estados Ocidentais, Neves (1987, p.23) destaca que a solução encontrada mantém algumas semelhanças com as práticas desenvolvidas pelos Jesuítas em seus colégios para

formar as elites do Antigo Regime. Citando G. Snyders, enfatiza que as doses maciças de cultura clássica aí ministradas destinavam-se a transportar o aluno, já previamente isolado da realidade pelo próprio colégio, para o mundo de uma antiguidade idealizada, cujos discursos falavam precisamente a língua dos valores e normas que os inicianos pretendiam transmitir. O autor destaca que, no séc. XIX, foi a nação que ocupou o lugar da Antiguidade dos Jesuítas, e dá ênfase ao papel, à obra dos historiadores que, ao revelarem os gestos dos antepassados, dotavam o passado de um sentido capaz de forjar aquelas solidariedades que se mostravam impossíveis no presente. E atribui esse papel ao historiador, por duas razões:

- de um lado, os feitos memoráveis do passado não podiam ser vividos, mas apenas imaginados e, por conseguinte, reconstituídos à semelhança da visão de mundo do próprio historiador;
- de outro, a História, agora plenamente secularizada, dispunha, a partir dos *philosophes*, de reconhecimento social e, a partir de Ranke, de um método com a possibilidade de equipará-la, em presumida segurança dos resultados, ao novo modelo vigente de conhecimento, ou seja, às ciências físicas.

Comentando sobre a eficácia das formas nacionais de organização das sociedades humanas, Cunha (1992, p.34) destaca dois aspectos fundamentais: o primeiro diz respeito aos mecanismos da economia, à existência de Estados com finanças públicas e monopólio da moeda - portanto, atividades políticas e físicas. Salienta que

“... era mais que um dado da realidade, uma contingência inevitável e desejada. A existência de nações autônomas era um fenômeno essencialmente econômico: o Estado garantia, afinal de contas, a segurança da propriedade e dos negócios. À nação implicou uma economia nacional e sua sistemática promoção pelo Estado, alavanca da acumulação de capitais e condição de sua defesa”.

Outro aspecto significativo, relacionado ao tema que estamos discutindo, é enfatizado por Cunha, quando destaca que argumentos como a etnicidade, a língua ou a História foram utilizados para fundamentar as ideologias nacionais, e que era “necessário convencer disso homens e mulheres que constituíam esse povo. Hobsbawm (citado por Cunha, 1992, p.34) intitula esse processo de a “invenção das tradições” e o descreve como “um processo de formalização e ritualização, caracterizado por referir-se ao passado, mesmo que apenas pela imposição da repetição”.

Nesse contexto, com o objetivo de construir uma identidade e uma coesão nacional, foi realizado um grande investimento simbólico, procurando-se construir uma idéia de nação acima das diferenças e das diversidades. Os símbolos como bandeiras, hinos, monumentos de caráter oficial ou extra-oficial, são exemplos desse esforço. Cunha (1992, p.34) destaca que:

“A construção de uma memória do Estado e de uma historiografia centrada na idéia de nacionalidade engendram uma visão do passado

calcada em grandes vultos e acontecimentos encadeados de forma a fazer da história uma biografia nacional em seus temas, em suas ênfases, em seus recortes. As nações que se vestem com a roupagem da modernidade e do progresso necessitam - aparente paradoxo - de legitimar-se através de um passado no qual encontrariam suas raízes e sua justificação. Inculcam padrões e valores, justificam a autoridade e o poder através destas práticas simbólicas que adquirem caráter de compulsoriedade: a história aprendida desde os bancos escolares, as cerimônias públicas e os costumes cívicos são algo de que dificilmente se pode escapar”.

Podemos, assim, inferir que a questão nacional envolve a cultura sob vários aspectos e, em suas características principais, diz respeito à revolução burguesa. Segundo Ianni (1983, p.43), nessa época, as diversas formas de organização da produção, as culturas, línguas, raças e religiões articulam-se no âmbito de uma sociedade nacional, ou seja: o espaço de **um povo**. A acumulação primitiva desenvolve-se com as forças produtivas e as relações capitalistas de produção. Apesar das diversidades e antagonismos culturais, regionais e raciais, formam-se o povo, a nação, a sociedade nacional, um **Estado Soberano**. A ideologia do Estado moderno conduz, assim, ao ocultamento, à dissimulação do real. Segundo Chauí (1990, p.3), a ideologia é um corpo sistemático de representações e de normas que nos “ensinam” a conhecer e a agir. O discurso ideológico é aquele que pretende coincidir com as coisas,

anular a diferença entre o pensar, o dizer e o ser e, destarte, engendrar uma lógica que unifique pensamento, linguagem e realidade para, através dessa lógica, obter a identificação de todos os sujeitos sociais com uma imagem particular universalizada, isto é, a imagem da classe dominante.

A negação da alteridade é, então, institucionalizada, uma vez que o *alter* passa a ser um desafio ameaçante, pois não habita o interior do Estado - que é tomado pela insegurança perante o competidor que, mesmo não-intencionalmente, parece propor a desestruturação das suas verdades. Para o centro do poder se voltam tudo e todos os que desejam significar, mais uma vez, que o marco central, no caso o **Estado**, é tido como doador de sentido.

Comentando sobre o etnocentrismo e a negação da alteridade, Morais (1989, p.23) destaca que:

“... a condição excêntrica do outro o situa em zonas obscuras à compreensão de um dado ego, sendo que daí desdobra-se todo um processo de sinais e mensagens que transmitem do centro (ego) à periferia (alter) e vice-versa, um processo exploratório de aproximações e distanciamentos sutis que pode até conduzir a entrosamentos culturais”.

Entretanto, o autor chama a atenção para o fato de que esse movimento humano é complicado, visto que, em algumas vezes, o centro é reconhecido por sua concentração de poder político. Os que se situam ou são situados politicamente na periferia são, para si mesmos, centros axiológicos. Segundo o referido autor, essa concepção de centro, que embasa os

etnocentrismos, é racionalizada e levada aos extremos historicamente conhecidos pela inauguração da filosofia moderna, do egocentrismo epistemológico do *Cogito*, tal como Descartes o propôs, como fundamento evidente da edificação filosófica. “*Cogito, ergo, sum*”. O *a priori* que tudo alicerça é o *cogito*, sendo este, portanto, o núcleo de todas as afirmações posteriores.

Nesta abordagem de diferentes formas de monismos, a **tradição** - ou seja, a memória exteriorizada como modelo - refere-se a um corpo consolidado de crenças, normas e valores definidos na sua origem passada. A memória é concebida com uma função de “almoxarifado” desse passado. Vale-se da fetichização, quer para transformar a memória em mercadoria, quer para utilizá-la como instrumento de legitimação potencializada pelo valor cultural.

A memória nacional, que não é o somatório das diferentes memórias coletivas de uma nação, apresenta-se como unificada e integradora, procurando a harmonia e escamoteando ou sublimando o conflito: é da ordem da ideologia. Por isso mesmo, o Estado e as camadas dominantes, como interessados na reprodução da ordem social (a que eles induzem e que simbolicamente realizam), são, em certos momentos, os principais responsáveis pela sua constituição e circulação (Meneses, s.d., p.3).

Podemos fazer uma aproximação dessa concepção de memória com o conceito de cultura, situando-a na sociedade de classes, como cita Bosi:

“... como uma mercadoria, como algo que se pode obter, ou então, se recuarmos um pouco até uma sociedade pré-capitalista, ou capitalista atrasada,

podemos dizer que a cultura é uma coisa que se herda, uma herança” (Bosi, 1987, p.35).

Comentando sobre a concepção de cultura como “um bem” que se aproxima dos bens de luxo e supérfluos, Alfredo Bosi (1987, p.85) salienta que só

“... os grupos de poder aquisitivo que dispõem de lazer podem fruir desse bem, que dá à pessoa um halo, uma auréola de diferença. Ela é diferente, alguma coisa como, na sociedade do Antigo Regime, era a aristocracia”.

Segundo o referido autor, a cultura - ou uma determinada concepção de cultura - acabou substituindo a idéia de aristocracia na sociedade capitalista, só potencialmente democrática. Enfatiza que, “às vezes, isso parece uma fatalidade, como ser ou não ser nobre, é alguma coisa que vem, é um bem de raiz, é um bem de família”. A essa visão de cultura, o autor denomina de **reificada**, uma vez que considera a cultura como um conjunto de coisas.

Essa abordagem contextual objetivou apresentar alguns posicionamentos de estudiosos e, apoiando-nos em algumas de suas produções, procuramos enfocar, sobretudo, o monismo que vai servir de lastro às ações da nação, do Estado, destacando a presença de uma ideologia “unificadora”, que irá tentar conduzir as ações denominadas de “política cultural”, que iremos focalizar a seguir.

Como registramos na introdução deste trabalho, temos consciência que essa ação “unificadora” do Estado não pode ser entendida de forma mecanicista. Somente analisando as

esferas econômica, política e cultural/ideológica, bem como as suas interseções, as formas como cada uma delas se sustenta e contradiz a outra, é que poderemos realizar uma análise que focalize as contradições, os conflitos e as mediações e, principalmente, as **resistências** tanto quanto a **reprodução**. Entendemos, pois, os campos de atuação da educação e da cultura no Brasil como um espaço de **produção** e **reprodução**.

2.3 Buscando Uma Identidade Nacional: a organização em sistemas.

Tentaremos, neste item, pontuar algumas ações levadas a efeito no bojo da “política cultural” adotada em vários momentos no País, enfocando aspectos que apontam para a busca de uma “identidade nacional”, pautada em uma concepção de cultura de caráter **unitário** e **globalizador**, compreendendo que a formulação de uma política cultural por parte do Estado é reveladora do tipo de relacionamento entre o Estado e a sociedade. As diretrizes estabelecidas, as prioridades e soluções apontadas serão compreendidas como a orientação político-filosófica vinculada à noção de continuidade no processo cultural, entendendo-a como: “o conjunto de princípios filosóficos, políticos, doutrinários que orientam a ação cultural (execução da política nos seus diversos níveis)” (Lopes, s.d., p.26). A expressão “concepção oficial de cultura” será então usada, inicialmente, de modo descritivo, buscando-se explicitar, posteriormente, algumas considerações críticas.

Na formação da nação brasileira, a cidadania, mesmo enquanto idéia, não foi uma força política capaz de forjar uma

identidade. Dificilmente se poderia apelar para tradições ancestrais do “povo” ou para sua homogeneidade étnica ou lingüística. Cunha (1992, p.34), salienta que, na ocasião da independência política, a construção da identidade nacional foi um problema para as elites:

“... uma nação sem “povo”, com a maior parte de seus habitantes totalmente excluídos da participação e direitos políticos, vistos com desconfiança e superioridade pela aristocracia branca. Seria, assim, a luta contra a metrópole o eixo capaz de conferir uma idéia de unidade a esta nação formada de diferenças tão profundas.”

No Império, a simbologia da nação apelou para a exuberância dos trópicos; as cores da bandeira lembravam o ouro e as florestas, e o índio - a despeito do seu sistemático extermínio, além de ser entendido como um elemento da natureza e não do gênero humano - foi eleito como uma espécie de emblema desta nova nação que, ao sul do Equador, copiava as alegorias das “nações civilizadas” e adentrava na era do progresso. Uma historiografia oficial foi se constituindo para criar a memória desta nação que surgia: entre outros, três heróis (um branco, um negro e um índio que haviam lutado pela expulsão dos holandeses de Pernambuco) foram entronizados no interior de uma versão que atribuía a diferentes episódios do período colonial o caráter de “movimentos nativistas” (Cunha, 1992, p.35).

Como as tradições “inventadas” - como, por exemplo, bandeiras, hinos, rituais cívicos e monumentos - foram

incapazes de moldar a imagem de um povo homogêneo, no final do século XIX e início deste século, forja-se a idéia de que a miscigenação era, a um só tempo, problema e virtude, e nela residia a alma do povo brasileiro. Romero (citado por Ortiz, 1985a, p.22) relaciona teorias que teriam contribuído para a superação do pensamento romântico. Dentre elas, três tiveram um impacto real junto à *intelligentsia* brasileira e, segundo Renato Ortiz (1985a, p.14), de uma certa forma, delinearão os limites no interior dos quais toda a produção teórica da época se constitui: o positivismo de Comte, o darwinismo social e o evolucionismo de Spencer. Elaboradas na Europa, em meados do séc. XIX, essas teorias, distintas entre si, podem ser consideradas sob um único aspecto: o da evolução histórica dos povos. Segundo Renato Ortiz (1985a, p.14):

“... do ponto de vista político, tem-se que o evolucionismo vai possibilitar à elite européia uma tomada de consciência de seu poderio que se consolida com a expansão mundial do capitalismo.”

Para o referido autor, que salienta não querer reduzi-lo a uma dimensão exclusiva, o evolucionismo, em parte, legitima ideologicamente a posição hegemônica do mundo ocidental.

A importação dessa teoria vai colocar alguns problemas para os intelectuais brasileiros, pois aceitar as teorias evolucionistas implicava analisar a evolução brasileira à luz das interpretações de uma história natural da humanidade; o estágio civilizatório do Brasil era “inferior” em relação à etapa alcançada pelos países europeus. O dilema dos

intelectuais dessa época era compreender a defasagem entre teoria e realidade, o que se consubstancia na construção de uma **identidade nacional**. A especificidade nacional, entendida como o hiato entre teoria e sociedade, só será compreendida quando combinada a outros conceitos que possibilitem entender o “atraso” do País. A compreensão mais ampla das sociedades humanas, possibilitada pelo evolucionismo, foi completada com outros argumentos que permitem o entendimento da especificidade social. Os intelectuais brasileiros vão encontrar tais argumentos nas noções de **meio e raça**.

Percebe-se bem a idéia de miscigenação no registro de Silvio Romero (citado por Cunha, 1992, p.36)

“... o europeu aliou-se aqui a outras raças, e desta união saiu o genuíno brasileiro, aquele que não se confunde mais com o português e sobre quem repousa o nosso futuro.”

Cunha (1992) comenta ainda que Silvio Romero atribuía positividade à miscigenação e estabelecia uma espécie de hierarquia sobre estas raças “aliadas” na definição do perfil “genuinamente brasileiro”. Prosseguindo no seu comentário, a autora coloca que:

“Para além do sangue, o português nos legara a cultura, o índio, suas terras e algo de suas tradições e o negro, seu trabalho e sua força. O mestiço é para os intelectuais brasileiros do séc. XIX mais do que uma realidade concreta, ele representa uma categoria através da qual exprime

uma necessidade social - a elaboração de uma identidade nacional” (Cunha, 1992, p.36).

É necessário salientar que problemas como a abolição, o aproveitamento do escravo como proletário, a colonização estrangeira e a consolidação da República preocupavam a elite intelectual brasileira da época, que concebia um **Estado Nacional**, pensando os problemas nacionais. Entretanto, a abolição não coincide com a implantação do trabalho livre e não apaga a tradição escravocrata da sociedade brasileira. Além disso, a nação enfrenta o problema da imigração estrangeira, tentando resolver a questão da formação de uma economia capitalista. A raça, então, é a linguagem através da qual se aprende a realidade social e reflete o impasse da construção de um Estado Nacional que ainda não se consolidou. Segundo Ortiz (1985a, p.21), nesse sentido, as teorias “importadas” têm uma função legitimadora e cognoscível da realidade; por um lado, elas justificam as condições reais de uma República que se implanta como nova forma de organização político-econômica, e, por outro, possibilitam o conhecimento nacional, projetando para o futuro a construção de um **Estado Brasileiro**. Registra ainda o autor que, além do significado econômico, a política de imigração possui uma dimensão ideológica que é o **branqueamento da população brasileira**.

Assim, as ciências sociais da época reproduzem, no discurso, as contradições reais da sociedade como um todo. A inferioridade racial explica o porquê do atraso brasileiro, mas a noção de mestiçagem indica a formação de uma possível unidade nacional.

As mudanças ocorridas no Brasil nas primeiras décadas do séc.XX podem ser identificadas através do aceleramento da urbanização e da industrialização, do desenvolvimento de uma classe média, do surgimento de um proletariado urbano. A Revolução de 30 faz com que essas mudanças sejam orientadas politicamente; o **Estado** busca consolidar o desenvolvimento social. “As teorias raciológicas tornam-se obsoletas, era necessário superá-las, pois a realidade social impunha um outro tipo de interpretação do Brasil” (Ortiz, 1985a, p.14). Para o autor, o trabalho de Gilberto Freyre vem atender a esta “demanda social”. O autor considera que a obra de Gilberto Freyre representa “**continuidade, permanência de uma tradição**” e salienta que não é por acaso que ele vai produzir seus trabalhos fora “dessa instituição moderna que é a Universidade”, trabalhando em uma instituição que segue o modelo dos antigos institutos históricos e geográficos. Entende que não há ruptura entre Silvio Romero e Gilberto Freyre, mas “reinterpretações da mesma problemática proposta pelos intelectuais do final do século”. Ele reedita a temática racial para constituí-la, como se fazia no passado, em objeto privilegiado de estudo: em chave para a compreensão do Brasil. O autor salienta que Freyre não mais a considera em termos raciais, como faziam Euclides da Cunha ou Nina Rodrigues; registra que, na época em que Gilberto Freyre escreve, outras teorias antropológicas desfrutavam do “estatuto científico” e por isso o autor se volta para o culturalismo de Boas. Então, a passagem do conceito de **raça** para o de **cultura** elimina várias dificuldades, postas anteriormente, a respeito da herança atávica do mestiço; permite, também, um maior distanciamento entre o biológico e o social, possibilitando uma análise mais rica da sociedade.

Mota (1990), comentando sobre o grande relevo dado ao regionalismo, salienta que ele deve ser focado, levando-se em consideração o contexto de transição existente no País, onde o poderio das diversas oligarquias regionais estava sendo contestado pelos revolucionários de 1930.

O autor chama a atenção para o fato de que obras como “Casa Grande e Senzala”, escrita por um “filho da República Velha”, demonstrou os esforços de compreensão da realidade brasileira, realizados por uma elite aristocratizante que vinha perdendo poder.

“A perda da força social e política corresponde uma revisão, à busca do tempo perdido, uma volta às raízes. E, posto que, o contexto é de crise, resulta o desnudamento da vida íntima da família patriarcal, a despeito do tom valorativo, em geral positivo, emprestado à ação do senhorizado colonizador, ação que se prolonga, no eixo do tempo, da Colônia até o séc. XX, na figura de seus sucessores, representantes das oligarquias” (Mota, 1990, p.58).

É ainda Carlos Guilherme Mota que ressalta:

“Obras como essa, de alta interpretação do Brasil, produzidas pela vertente ensaística, em verdade encobrem, sob fórmulas “regionalistas” e/ou “universalistas”, o problema real que é o das relações de dominação no Brasil.

... O que está em pauta, antes de tudo, é saber até que ponto fórmulas regionalistas

encobrem a história das relações de dominação, em que mitos, como o da democracia racial e do luso-tropicalismo, servem ao fortalecimento de um sistema ideológico no qual se perpetua a noção de cultura brasileira” (Mota, 1990, p.58).

Consideramos importante essa análise da atuação da *intelligentsia* brasileira, pois a obra dos denominados precursores das ciências sociais no Brasil vai influir nas ações levadas a efeito na esfera do Estado, na área da cultura, que abordaremos a partir desse momento, entendendo que essas ações buscavam oficializar a concepção de cultura brasileira, “identificada, desde os primeiros instantes de projeção autônoma do perfil nacional, como um sistema de relação **coeso, harmonioso, unitário**”¹.

Durante mais de 150 anos, as constituições brasileiras refletiram preocupações permanentes dos “representantes do povo”, quanto aos elementos caracterizadores da sua nacionalidade. A preocupação com a proteção das belezas naturais e do patrimônio histórico e artístico antecede em muito a Constituição de 1934. A lei de 9 de setembro de 1826 dispõe sobre os casos de bem comum para efeitos de desapropriação, prevista na Constituição do Império, e destaca a sua necessidade para as “**casas de instrução de mocidade**” e

¹ Descrição apresentada no documento elaborado pelo Conselho Federal de Cultura - “Aspectos da Política Federal de Cultura” - publicado em 1976, e no qual nos embasaremos, em alguns momentos, para registrar a legislação e os objetivos da política oficial do Brasil, até a década de 70. O grifo é nosso e queremos, com isso, destacar o propósito de construção de uma Cultura Brasileira, de uma Identidade Nacional.

“casas de decoração pública”. Segundo o Conselho Federal de Cultura (1976, p.13):

“... velha fórmula esta - consagrada no Código Civil vigente (art. 590, 2º, III) - a mais significativa das obras do Poder Legislativo da chamada República Velha (1889 - 1930), e que procurava atender e resguardar o valor artístico, histórico e paisagístico das construções urbanas.”

À margem do processo apropriatório, em defesa do patrimônio paisagístico, histórico e artístico, foi criado outro mecanismo de limitação à propriedade. Segundo o documento do Conselho Federal de Cultura:

“... a legislação fragmentária e casuística procurava resguardar o acervo histórico do País. No Império, um aviso de 1855 renovou, para caso especial, idêntica preocupação” (CFC, 1976, p. 13).

No regime republicano, o desenvolvimento urbano provocou a volta da discussão do assunto, sobretudo no Congresso Nacional. Assim, em 1923, tentou-se, através de um projeto de lei, a criação da Inspetoria de Monumentos Históricos. Quatro anos depois, outra iniciativa parlamentar cuidou, sem sucesso, de proibir a saída de arte antiga do país. O mesmo objetivo foi tentado por uma comissão nomeada pelo Estado de Minas Gerais, sem conseguir alcançar, no entanto, o intento pretendido. Devido às dificuldades encontradas para a elaboração de um corpo de leis de hierarquia federal, os estados da Bahia e de Pernambuco, por

via legislativa, implantaram o aparelhamento próprio para “resguardar seu rico acervo histórico e artístico, em 1927 e 1928, respectivamente” (CFC, 1976, p. 14).

Em 13 de abril de 1936, o Poder Executivo cria o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, que teve por base o trabalho parlamentar, pois tinha como objetivo a regulamentação do artigo 10, inciso III, da Constituição de 1934. O Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, representa o “aperfeiçoamento daquela proposição constitucional, cristalizando os estudos e as aspirações dos legisladores federais e estaduais da República Velha” (Conselho Federal de Cultura, 1976, p.55).

Os anos 30 são a época do traçado da política institucional, trazendo como novidade o fato do Estado Nacional chamar intelectuais de todos os matizes, combinando projetos, propostas e idéias mescladas da utopia dos anos 20. O discurso do governo vai ao encontro dos discursos dos intelectuais. Comentando sobre a atuação do Estado nesse período e sua relação com a “elite intelectual” da época, Boemy (1991, p.9) registra que:

“... aos projetos esparsos, empíricos, distintos, o Estado abre a porta para o estabelecimento da grande política nacional, do projeto de reconstrução do patrimônio como prática social integradora”.

Comenta que, naquele momento,

“... a ousadia consistia na institucionalização das paixões incontidas e medidas; da cultura com a civilização; do popular com o erudito; do barroco

com o clássico; da pluralidade com a unidade; da história com a sociologia; da etnografia com a sociologia. Era o momento de realização histórica de uma idéia: do grande sistema cultural” (Boemy, 1991, p.9).

Assim como os escolanovistas foram chamados para a educação, os modernistas foram chamados para atuar na área da cultura. Mário de Andrade foi convidado, em 1936, época em que se encontrava à frente do Departamento Municipal de Cultura de São Paulo, para atuar no Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, órgão que foi dirigido por Rodrigo de Melo Franco de Andrade até 1967. O anteprojeto de Mário seria a base para a criação desse órgão. Segundo Boemy (1991, p.8):

“... quando Mário de Andrade responde afirmativamente ao convite para formulação da política do patrimônio está dando concretude a uma certeza de fundo de que era hora de uma conceituação nova, era a vez da ciência em lugar do amadorismo, da síntese em lugar das dispersões e descontinuidades”.

Continuando, a autora afirma que:

“Mário de Andrade, como os pioneiros da educação, também sonhou com a organização em

sistema do que era plural, contingente disperso e fragmentar.

Os tempos de Capanema seriam a consagração desse projeto de formulação de **uma identidade nacional**, que passava pela cultura” [o grifo é nosso] (Boemy, 1991, p.8).

Os bens culturais que comporiam o conjunto artístico e histórico deveriam refletir os objetivos propostos como essenciais para a caracterização do Brasil, enquanto nação. Com esse objetivo, foram realizadas as várias viagens dos modernistas, na década de 20, e dos técnicos do SPHAN, uma década depois, denominadas “redescobertas do Brasil”, com os seguintes objetivos:

- Demarcar o elemento nacional;
- selecionar e valorizar as características nacionais;
- abolir os antagonismos entre o presente e o passado;
- compor o colonial e o moderno;
- resgatar o erudito e o popular.

“Assim, os intelectuais e os técnicos do SPHAN privilegiam os elementos que vão caracterizar a brasilidade, onde as distâncias temporais e espaciais venham a ser abolidas para a eleição de um perfil do Brasil, que pela afirmação de sua singularidade pudesse fazer parte do concreto internacional das nações” (Guedes, 1991, p.23).

Enfocando os discursos de Rodrigo de Melo Franco de Andrade e Aloísio Magalhães, que tiveram uma atuação

marcante no referido órgão, Gonçalves (1991, p.63), sugere a interpretação de que os discursos de ambos podem ser lidos como narrativas onde um personagem principal - a nação brasileira - tem a sua identidade e a sua memória definidas a partir de uma perda - a perda da tradição, no caso de Rodrigo, e no caso de Aloísio, a perda da diversidade cultural. Salienta Gonçalves (1991) que, na perspectiva desses autores, o processo de perda ao qual se referem é interpretado como um dado histórico “objetivo”; ao tempo em que narram uma presente e progressiva situação de perda, justificam o trabalho de “defesa, resgate, apropriação, coleção, preservação e restauração de um determinado patrimônio cultural”. O autor salienta que, em assim agindo, criaram aquela situação de perda mediante narrativas, por meio do processo de descontextualização e de reapropriação dos objetos que virão a compor o chamado patrimônio nacional. Assim procedendo, eles produzem, no mesmo movimento, os valores que estão supostamente destruídos pelo processo histórico. Esses valores são concebidos como fragmentos que apontam para uma totalidade imaginária, original, distante. “Os intelectuais denominados de intelectuais do patrimônio”, vão contribuindo para a elaboração dos suportes materiais capazes de evocar a idéia de nação.

Nos anos 50, o conceito de cultura é remodelado. Os intelectuais do ISEB vão analisar “a questão cultural dentro de um quadro filosófico e sociológico”, recusando a perspectiva antropológica, que toma o culturalismo americano como referência. Categorias como “aculturação” são, aos poucos, substituídas por outras como “transplantação cultural”, “cultura alienada” etc. Apoiados na sociologia e na filosofia alemã, principalmente em Manheim e Hegel, os intelectuais do

ISEB definirão a cultura como a objetivação do espírito humano e insistirão no fato de que a cultura “significa um vir a ser. Neste sentido, eles privilegiarão a história que está por ser feita, a ação social, e não os estudos históricos”. Ao conceber o domínio da cultura como instrumento de transformação econômica, os intelectuais do ISEB se distanciam do “passado intelectual brasileiro e abrem perspectivas para se pensar a problemática da cultura brasileira em novos termos” (Ortiz, 1985a, p.46).

Ampliando seu comentário sobre a atuação dos profissionais do ISEB, Renato Ortiz salienta:

“... o que é atual no pensamento do ISEB é justamente que ele não se constitui em “fábrica de ideologia” do governo Kubitschek se de fato o Estado desenvolvimentista procurou uma legitimação ideológica junto a um determinado grupo de intelectuais, não é menos verdade que os avatares desta ideologia caminharam em um sentido oposto ao do Estado Brasileiro” (Ortiz, 1985a, p.46).

Destaca que o golpe de 64 castrou qualquer pretensão de oficialidade das teorias do ISEB mas, curiosamente, esta ideologia foi popularizada nos setores “progressistas e de esquerda. No seu entender,

“... esta é a atualidade de um pensamento datado, produzido por um grupo de intelectuais, mas que se popularizou, isto é, tornou-se senso comum e se transformou em

“religiosidade popular” nas discussões sobre cultura brasileira” (Ortiz 1985 , p. 16).

A partir de 64, assiste-se à reorganização da economia brasileira que busca cada vez mais se inserir no

“... processo de internacionalização do capital; o Estado autoritário permite consolidar no Brasil o “capitalismo tardio”. Em termos culturais essa reorientação econômica traz consequências imediatas, pois, paralelamente ao crescimento do parque industrial e do mercado interno de bens culturais, fortalece-se o parque industrial de produção da cultura e o mercado de bens culturais” (Ortiz, 1985b, p.114).

A expansão das atividades culturais vai ocorrer associada a um controle estrito das manifestações que se contrapõem ao pensamento autoritário. O mercado de bens culturais envolve uma dimensão simbólica que aponta para problemas ideológicos, expressam uma aspiração, um elemento político embutido no próprio produto veiculado. Portanto, o Estado vai dar um tratamento especial a esta área, pois a cultura poderia expressar valores e “disposições contrárias à vontade política dos que estão no poder”. A censura, neste contexto, possui duas faces:

“... uma repressiva, outra disciplinadora. A primeira diz não, é puramente negativa; a outra é mais complexa, afirma e

incentiva um determinado tipo de orientação (Ortiz, 1985b, p.114).

Para garantir o domínio, a repressão é lançada e, ao mesmo tempo, busca-se racionalizar os recursos existentes; lançar as bases (Embratel etc.) e montar um poderoso aparato persuasivo, alicerçado nos meios de comunicação de massa e em recursos tecnológicos. Nos anos 30, as produções culturais eram restritas e atingiam um número pequeno de pessoas. O que vai caracterizar o mercado cultural pós 64 é o seu volume e a sua dimensão, atingindo um grande público consumidor, conferindo-lhe uma dimensão nacional que não possuía anteriormente.

A noção de integração que é trabalhada pelo pensamento autoritário vai servir de premissa a toda uma política que tenta coordenar as diferenças, submetendo-as aos denominados “objetivos nacionais”. Segundo Sérgio Miceli:

“... no Estado de Segurança Nacional, não apenas o poder conferido pela cultura não é reprimido, mas é desenvolvido e plenamente utilizado. A única condição é que esse poder seja submisso ao Poder Nacional, com vistas à segurança nacional (Miceli citado por Ortiz, 1985b, p.83).

Decorre daí a constante busca pela concretização de um sistema nacional de cultura. O Estado procura integrar as partes a partir de um centro de decisão e dentro desse quadro a cultura pode e deve ser estimulada. Ortiz (1985b, p.83) chama

a atenção para o fato de que nem sempre o controle do Estado é absoluto, pois existe um hiato entre o pensamento autoritário e a realidade.

Sentindo a necessidade de uma política cultural para o Brasil, o governo Castelo Branco institui uma comissão com o objetivo de apresentar sugestões para a reformulação cultural do País. Essa comissão recomenda a criação do Conselho Federal de Cultura, “simétrico” ao Conselho Federal de Educação. Após estudo da matéria, o Ministro da Educação e Cultura apresentou ao presidente o anteprojeto de um decreto-lei, que foi aprovado imediatamente, pois era seu interesse

“... dotar o País de um colegiado que levando em conta as diversas regiões sociais e culturais do Brasil, reunisse vinte e quatro **figuras representativas dessas culturas**, para assessorar o Governo Federal” (CFC, 1976, p.20).

É interessante, para nossa análise, registrar um trecho da fala proferida pelo Presidente Castelo Branco durante a cerimônia de instalação do Conselho Federal de Cultura:

“... assim, para suprir a grave lacuna existente, julgou o governo que, a exemplo do Conselho Federal de Educação, tão forte no seu espírito federativo, também um Conselho Federal de Cultura deveria atender às peculiaridades regionais, sem prejuízo de ser órgão governamental **destinado a defender, estimular e coordenar, nas suas linhas mestras, a um plano nacional**” (CFC, 1976, p.20).

A ideologia do “Brasil mestiço” é retomada pelos intelectuais que vão atuar no Conselho Federal de Cultura que, segundo Ortiz (1985b, p.91), são, na verdade, membros de um grupo de produtores de conhecimento, que pode ser caracterizado como de intelectuais tradicionais, recrutados nos institutos históricos e geográficos e nas academias de letras. A visão da cultura brasileira é legitimada através de uma continuidade, pois o Estado, ideologicamente, assim coloca o movimento de 64, “concretizando uma associação com as origens do pensamento sobre cultura brasileira”.

A transcrição de parte do documento do Conselho Federal de Cultura, no tópico **Formação e Projeto da Cultura Brasileira**, que apresentamos a seguir, grifado por nós, é bem elucidativa no que concerne ao retorno das idéias de Silvio Romero e Gilberto Freyre:

“**A Cultura Brasileira**, no que ela tem de mais caracteristicamente múltipla e criadora - formas de vida, trabalho, lazer, conhecimento, literatura, arte, esporte, as manifestações mais diversificadas da cultura popular - é o resultado desse **processo sincrético da mistura desses três grupos** instauradores, que já no século indefinido do descobrimento **desenharam uma rota, indicaram um caminho**. E este caminho, da soma, da **miscigenação**, da convivência, amplia-se substancialmente com a chegada, no séc. XIX e ainda no séc. XX, de contingentes alemães, italianos, poloneses, franceses, libaneses, sírios, japoneses, holandeses.

Todos contribuindo para **uma configuração cultural** sempre mais peculiar e nítida” (CFC, 1976, p. 8).

A miscigenação cultural repercute, naturalmente, nas novas imagens físicas, nos tipos decorrentes, uma policromia **única e inconfundível**. Mas não permanece aí a vocação irreversível do pluralismo ou da multiplicidade: a extensão geográfica acentua igualmente a diversificação cultural.

País constituído de regiões diferenciadas, cada uma dessa regiões reflete o grau de presença maior ou menor daqueles elementos fundadores, ou modalidades próprias de aculturação, assimilação e sobretudo, porque mais verticalmente, de criação. Nas representações mesmas da cultura popular - o bumba-meu-boi, o boi nordestino, a capoeira baiana, o frevo pernambucano, o vissungo mineiro etc. (...) e nas manifestações mais acabadas da criação erudita - a poesia de Gregório de Matos, a música de Padre José Maurício, a escultura do Aleijadinho etc. (...) predomina e se impõe a força de uma **cultura autônoma**. Autônoma porém receptiva, aberta, confluyente. Do mesmo modo que regional, local até, mas amplamente universal e universalizante” (CFC, 1976, p.8).

O conceito de raça aqui retomado com o mesmo enfoque dos intelectuais que atuaram no final do século XIX perdurou até os anos 30 - ou seja, a compreensão do Brasil a partir da fusão das três raças que o povoaram - e acrescenta o segundo significado do preconceito de mestiçagem, levando-nos à noção de heterogeneidade.

“Quando os membros do Conselho Federal de Educação afirmam que a cultura Brasileira é plural e variada, isto é, que o Brasil constitui um “continente arquipélago” o que se procura é sublimar o aspecto da diversidade” (Ortiz, 1985b, p.92).

O discurso do Conselho Federal de Cultura retoma o regionalismo como filosofia social, à moda de Gilberto Freyre, enfocando a região como uma das diversidades que definem a unidade nacional. “O elemento da mestiçagem contém justamente os textos que naturalmente definem a identidade brasileira: unidade na diversidade”. A idéia de pluralidade, encontrada em quase todos os textos do CFC, vai encobrir uma ideologia de harmonia, que é característica do modelo de pensamento da obra de Gilberto Freyre.

Na década de 70, mesmo com o descontentamento crescente, inclusive de certas frações das classes dominantes, a política econômica de 64 foi mantida e, da mesma forma, devido às exigências da própria política econômica, a política cultural foi conservada. O Estado foi colocado no centro da produção cultural do país.

“Praticamente todas as condições de produção, comunicação e debate das produções artísticas, culturais e científicas passaram a ser, senão controladas, diretamente influenciadas pelos ministérios, conselhos, comissões, institutos e outros órgãos” (São Paulo, 1992, p.52).

Cohn (1984, p.7) salienta que o sentido da política nacional de cultura, nessa fase, era o de processar um equacionamento da cultura, de modo a adequá-la ao regime político que se procurava consolidar. Assim, classifica as duas metas da década, do ponto de vista das formulações culturais:

- A primeira, caracterizada pela elaboração de propostas programáticas abrangentes, mas com escassos efeitos;
- a segunda, diversificando e redefinindo os temas sob uma ótica cada vez mais operacional e mais política, aliados a uma extensa renovação institucional.

Contrapondo-se às idéias de Cohn, Ianni e Miceli, Mário Machado (citado por Schasberg, 1989, p.64) destaca que, no Brasil, há poucos estudos empíricos sobre políticas públicas em geral e aponta este fato como um indicador de inadequação para se falar em política cultural nesse período. Considera mais razoável se falar em “políticas públicas implementadas por órgãos os mais variados, guardando pouca relação entre si”. Salienta que existe no País, nesse período, uma política de mercado: a indústria cultural, em projeto implementado por empresas privadas, consentido pelo Estado e pleno de conflitos entre produtores e censura.

Todavia, Benny Schasberg (1989, p.67) chama a atenção para o fato de que

“... a tentativa mais destacada - da mesma maneira observada por Miceli, Ianni e Cohn -, no sentido de definição de uma política cultural, é a

que ambicionou formulá-la centrada na questão patrimonial, procurando conservar o passado”.

No meado da década de 70, nas gestões de Jarbas Passarinho e Ney Braga à frente do MEC, adota-se uma concepção oficial de cultura como “somatória das criações do homem”, como herança e patrimônio, acrescentando-se a concepção de que essa somatória se dá no processo de criação do próprio homem, introduzindo-se assim um componente “humanista, ainda abstrato, que constituirá um dos temas básicos a serem reelaborados ao longo do período” (Cohn, 1987, p.7).

As dimensões de consumo e de distribuição passam a ser valorizadas. O discurso do Conselho Federal de Cultura deixava de lado estes aspectos, pois assumia uma concepção de cultura associada à qualidade, e atribuía a quantidade ao “reino do tecnicismo”. Anteriormente, como já vimos, os intelectuais tradicionais colocavam a ênfase na preservação do patrimônio. Agora, a preservação do patrimônio vai deixar de ser o eixo central. Ela continua sendo considerada, porém, diretrizes de órgãos como o DAC, a SEAC, a FUNARTE, apontam para três aspectos: o incentivo à produção, a dinamização dos circuitos de distribuição e o consumo dos bens culturais. A participação vai significar o acesso aos bens de consumo. O consumo transforma-se em índice de avaliação da própria cultura brasileira. São vários os documentos oficiais que registram a necessidade de se vincular o sistema de ensino ao desenvolvimento cultural.

A escola é vista como um espaço importante na formação de hábitos e de expectativas culturais, o que possibilita uma extensão do consumo. Ao se afirmar, por

exemplo, que “o homem brasileiro precisa se habituar a consumir a cultura em sua vida diária”, o Estado se propõe a realizar uma potencialidade cultural do mercado consumidor e por outro lado, assegura uma ideologia “de democratização” que concebe a distribuição cultural como núcleo de uma política governamental (Schasberg, 1989, p.67).

Ortiz (1985b, p.118) cita a fala do secretário do MEC aos militares da Escola Superior de Guerra, quando este diz:

“Acredito que o estabelecimento de uma política cultural conduzirá a um equilíbrio entre valor econômico e valor social através do eixo cultural. Cultura não é luxo, logo não pode ser classificada como utilitária e não rentável”.

Comenta que, na verdade, essa fala demonstra as convicções pessoais do secretário de que uma política cultural bem orientada poderia se transformar, a curto ou a médio prazo, num real investimento de capital. Salienta que, mesmo nas atividades de caráter patrimonial - a exemplo da Fundação Pró-Memória - essa dimensão mercadológica se manifesta e cita uma fala de Aloísio Magalhães, ao se referir aos bens do patrimônio histórico:

“Um dos objetivos da Fundação será o de transformar os bens da União em bens rentáveis, logicamente quando isso for possível e não oferecendo riscos ao imóvel. Assim faremos o levantamento para saber quais os imóveis que poderão ser transformados em albergues turísticos e entregues, por contrato, às companhias

hoteleiras para exploração comercial e que deverão ser conservados” (Ortiz, 1985b, p.118).

Analisando as tendências mais gerais nas redefinições da concepção oficial de cultura, do final da década de 70 até a gestão de Celso Furtado no Ministério da Cultura, Cohn (1984, p.7) destaca as seguintes concepções:

- Gestão Eduardo Portela - cultura como modo de ser, como vivência de determinadas parcelas da sociedade;
- gestão Aluísio Pimenta - a cultura passa a ser concebida em “seu papel de resistência à dominação hegemônica”;
- gestão Celso Furtado - “realça-se a sua condição de fonte de criatividade”.

O autor enfatiza que essas concepções “só ganham sentido quando na formulação de diretrizes práticas nas instâncias oficiais, vale dizer, em políticas culturais”. Destaca uma mesma linha de raciocínio existente nessas concepções: o seu ímpeto “antielitista”, que conduz à preocupação com a “democratização da cultura”, constante em vários documentos oficiais, “independentemente dos contextos políticos da sua formação”. Chama a atenção para o fato de que a diferença básica nesse aspecto consiste no sentido que é atribuído a essa democratização. Enquanto nos meados dos anos 70, como vimos anteriormente, se tentava promover a integração nacional, através da difusão cultural - “vista como unitária entre uma população que deveria ser colocada à altura de recebê-la, mediante a educação” - posteriormente, a preocupação principal será com a “diversidade das formas e experiências culturais numa sociedade marcadamente

estratificada e excludente”. Essa proposta é nítida na gestão de Eduardo Portela, quando se enfatiza a necessidade de se inverter o caminho até então percorrido da oferta a partir do centro para a periferia e vai ganhar uma expressão “mais acabada” no programa de trabalho da gestão Aluísio Pimenta, “no qual o estímulo à diversidade cultural e o combate à “degradação” da cultura pela massificação e pelas imposições do mercado são elementos de realce”. A palavra de ordem é, então, a “descolonização” da cultura, com a possibilidade da formulação de políticas culturais plurais.

No final dos anos 80, o termo chave da concepção oficial da cultura é “moderno”. A cultura vai ser concebida como fonte de criatividade simbólica e como “área aberta ao investimento econômico capitalista, com a conseqüente eliminação das figuras tradicionais do patronato público e do mecenato privado” (Cohn, 1984, p. 9). A Lei Sarney é bastante clara nesse sentido: “...cria mecanismos que permitem o tratamento dos investimentos na área da cultura como uma questão de aplicação capitalista de recursos e não como mero mecenato”. Percebe-se assim uma tendência

“... à politização e à sociabilização da concepção de cultura que vai sendo superada por uma fórmula que busca reaproximar a “lógica dos fins” cultural da “lógica dos meios”, da racionalidade econômica voltada para a acumulação, e que a Lei Sarney é uma componente de almejada síntese de ambas” (Cohn, 1984, p.9).

O tema “modernização capitalista” é então assimilado pela concepção oficial de cultura, imprimindo no processo cultural o timbre do mercado e recolocando a questão de se compreender o conjunto dos produtos culturais como clientela, dessa feita, não mais passiva, mas convidada a organizar-se em moldes capitalistas modernos.

Concluindo este bloco, retornamos a Renato Ortiz, quando salienta que essa memória possibilita ao Estado estabelecer uma ponte entre o passado e o presente, legitimando a História de um Brasil sem rupturas e violências e que, por outro lado, ela se impõe como memória coletiva - “como um mito unificador do ser e da sociedade brasileira: a sociedade mudou, mas sua “essência” seria idêntica à sua própria raiz”. Citando Halbwachs, Ortiz salienta que

“a memória é sempre vivida pelo presente, o que significa dizer que o discurso da preservação da identidade se dá no interior da concretude de desenvolvimento capitalista” (Ortiz, 1985b, p.124).

Não foi nosso objetivo apresentar uma história linear da “cultura brasileira”, buscando sucessões de influências, do passado até o presente, como um “passado acumulado”. Pretendemos, através da presente análise, mostrar que, apesar do Estado, em vários documentos relacionados com a elaboração de diretrizes para a área da cultura, apresentar-se como “espaço de neutralidade”, assumindo um discurso democrático, o que ocorre, na realidade, é a sua atuação como uma ideologia que tenta, em vários momentos, tornar-se hegemônica. Entendemos que esse objetivo nem sempre foi

alcançado; houve momentos de resistência e de tentativa de ruptura, o que nos leva a inferir que, na área da “política oficial de cultura”, há espaço para **reprodução** e **produção**.

Por outro lado, é necessário questionar a “eficácia absoluta desta identidade produzida”. Cunha (1992, p.35) nos chama a atenção para o fato de que:

“Até que ponto devemos supor que para a maioria das pessoas a identidade nacional, se é que efetivamente existe, exclui ou é superior às demais identidades que constituem as sociedades humanas? E como, particularmente, esta pergunta se desdobra em dimensões políticas capazes de desvendar alguns significados de um País como o Brasil, com sua trajetória de exclusões, de privação de direitos, de ausência de cidadania para uma maioria que nunca se perguntou sobre esta dura experiência de ser parte da nação?”

2.4 O Papel dos Museus na Construção de uma “Identidade Nacional”

Procuraremos, a partir deste momento, situar os museus no contexto da política oficial de cultura do País, pontuando algumas ações registradas em alguns documentos oficiais, bem como registros de profissionais da área. Dessa maneira, buscaremos indicadores que possam identificar práticas e propostas museológicas reveladoras da tentativa de uma identidade nacional - caracterizada através de ações que têm por base uma concepção de memória, de tradição, como um corpo consolidado de crenças, normas e valores definidos

no passado e que são usadas pelo Estado, como um suporte necessário para sua afirmação.

O Estado Brasileiro tem sido, ao longo dos anos, o principal mentor e “feitor” das instituições museais, o que, naturalmente, nos leva a analisá-las através do conjunto de princípios filosóficos, políticos e doutrinários que têm orientado a política oficial do governo. Entendemos, porém, que a relação **Estado e Museu - Estado e Cultura**, como destacamos anteriormente, não é tão simples como parece, pois é uma relação essencialmente dual e não pode ser compreendida sem os pontos de vista, esperanças, necessidades e interesses das pessoas que estão, constantemente, submetidas ao intenso bombardeio simbólico. Por outro lado, é necessário entender, desvelar os objetivos e os meios utilizados, não só para nos “ilustrarmos”, mas para estabelecer um novo ponto de partida, assumindo que há um espaço para produção. Como Apple (1989, p.43), entendemos que a hegemonia não é um fato social já acabado, mas um processo no qual os grupos e classes dominantes “buscam obter o consenso ativo daqueles sobre os quais exercem o domínio”.

Enfocaremos alguns aspectos relacionados à política oficial para a área dos museus, compreendendo-a como um aspecto da política cultural mais ampla. Assim, é necessário situá-la na “abordagem contextual”, já enfocada no item 2 deste trabalho, relacionando-a com o item 3 - Buscando uma Identidade Nacional: a organização em sistemas.

Os “museus nacionais” tiveram a sua origem no final do séc. XVIII, na França, portanto, no contexto de formação do Estado moderno. As grandes coleções reais, burguesas e

eclesiásticas, de caráter científico, histórico e artístico foram, então, colocadas à disposição do público.

“Sua principal finalidade era de preservar e celebrar esse patrimônio para conservar o passado nacional e manter uma mitologia das relíquias culturais tradicionais a serem veneradas a fim de valorizar a nação e o *status* do homem através de sua identidade cultural” (Novaes, s.d., p.1).

Com base nesse discurso, o modelo de museu nacional espalha-se por toda a Europa e é exportado, no séc. XIX e até início do séc. XX, para outros países, principalmente os países do 3º mundo. Por iniciativa de D. João VI, são criados, no Rio de Janeiro, os museus da Escola Nacional de Belas-Artes do Rio de Janeiro, que foi iniciado com a Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, em 1815, e o Museu Nacional, em 1818.

Esses museus foram instalados, para compor um quadro, como parte das bases lançadas para uma “renovação cultural” que culminou, de certa forma, na introdução de hábitos, de pensamento e ação que vigoravam na Europa do séc. XIX e compuseram a ideologia da burguesia brasileira em ascensão, no final do século XIX.

Percebe-se que os museus, nesse contexto, já faziam parte de uma simbologia da nação, com coleções que celebravam a exuberância dos trópicos, como é o caso da “coleção de história natural”, situada na denominada “Casa dos Pássaros”.

No início deste século, no centro do debate em torno da questão nacional é que vai se dar, em maior escala, a criação de museus, inclusive com a participação do Poder Legislativo. Assim é que, por sua iniciativa e colaboração, são estruturados os museus brasileiros, em âmbito federal e local, a exemplo do Museu Histórico Nacional, situado na cidade do Rio de Janeiro - Decreto nº 15.596, de 2 de agosto de 1922; Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro, que teve origem na proposição formulada na Câmara Municipal, em 22 de abril de 1891 e foi instalado em 1934; Museu do Diamante, na cidade de Diamantina, Minas Gerais - Lei nº 200, de 12 de abril de 1954; Museu Nacional de Imigração e Colonização, com sede em Joinville, Santa Catarina - Lei nº 3.188, de 2 de julho de 1957; e Museu da Abolição, sediado em Recife - Lei nº 3.357, de 22 de dezembro de 1957.

Consideramos os museus como um dos suportes, utilizados pelos chamados “intelectuais do patrimônio”, capazes de evocar a idéia de nação unificadora. Talvez o exemplo mais marcante da utilização dessas instituições, com a finalidade de alcançar este objetivo, seja a atuação de Gustavo Barroso, que é apontado como “um exemplar mais bem acabado de “intelectual orgânico” vinculado ao processo de **edificação nacional**” (Abreu, 1991, p.93).

Gustavo Barroso atuou como jornalista, chamando a atenção através da imprensa, para a “desenfreada perda de referências estéticas, culturais e históricas” que se verificava no Brasil, nos primeiros anos do séc. XX. Lutou no sentido de criar uma mentalidade preservacionista. Atuou na Academia Brasileira de Letras e buscou “delimitar as influências das culturas regionais na formação da cultura nacional” (Abreu, 1991, p.94).

Em seu livro “Terra do Sol”, por exemplo, escrito em 1911, Barroso descreveu alguns traços culturais encontrados no Nordeste, visando destacar o que ele designava por “tipo exato do brasileiro do Norte”. Dirigiu o Museu Histórico Nacional, de 1922 a 1959, interrompendo a sua administração, no período de 1930 a 1932.

A atuação de Gustavo Barroso é um marco para a Museologia brasileira, pois ele foi o fundador do Primeiro Curso de Museologia do País, instalado no Museu Histórico Nacional, funcionando ali até 1979. Esse curso adotou, por um longo período, as concepções, os objetivos, enfim, as linhas mestras da atuação de Barroso. Sendo o primeiro pólo de formação de profissionais da área da Museologia, as suas idéias foram sendo disseminadas por todo o Brasil e foram formando a “cara da Museologia brasileira”, no passado e na atualidade. Para Gustavo Barroso (citado por Abreu, 1991, p. 94), o ato de conservar ou a idéia de preservar estava intimamente relacionados a uma função prática: “fazer amar a pátria”. Assim, a responsabilidade do museu era fazer brotar nos indivíduos um sentimento nacional. Através dos ensinamentos dessa instituição, o brasileiro deveria aprender **a amar e respeitar a sua pátria**. A autora comenta que “esse pressuposto orienta a seleção dos objetos a serem preservados e a formulação de uma extensa e sofisticada teoria sobre museus”. Enfatiza que o objetivo principal do “museu de Barroso” consistia em **resgatar uma tradição nacional e forjar um sentimento cívico** (o grifo é nosso).

Através dos objetos, que, por si só, podiam transmitir e afirmar valores, “ensinava-se o povo” a amar o passado. Comentando sobre os valores do passado, veiculados pelo

Museu de Gustavo Barroso, Regina Abreu destaca os seguintes:

- Relação de continuidade do Brasil, enquanto nação, com o Estado português (o nascimento da nação brasileira datava da chegada da Coroa Portuguesa, em 1808);
- a independência política, em 1822, não significava um rompimento com a coroa portuguesa, mas era anunciada como um “marco de iniciação” de entrada do País na vida adulta. “Como sucessores da independência política emergiram o Império e a República” (Abreu, 1991, p. 95).

O Estado Imperial é que teria forjado a nação brasileira, “unificando os brasileiros e demarcando as principais fronteiras. As tradições de cultura que deveriam ser preservadas eram as do Império”. Gustavo Barroso não escondia a sua intenção de tornar o museu uma “instituição das elites”, pois a elas era atribuído o papel de fundadoras da nação brasileira e, nesse sentido, a citação abaixo é bastante elucidativa:

“O Museu Histórico Nacional deveria representar através de seus objetos - “mudos companheiros de nossos guerreiros e de nossos heróis” - a ação das elites na edificação nacional. A acepção da categoria elite na concepção barrosiana indicava “o escol, a nata, aqueles que comandam, inauguram”. Numa outra instância, em sua visão holística de sociedade, estaria o povo, “folk, aqueles que seguem”... Barroso atribuía um valor à conservação de objetos destinados ao cultivo de uma memória do povo. Contudo, um museu que

guardasse e conservasse as coisas do povo deveria ser de um outro tipo: folclórico, ergológico. Neste museu, não haveria tanto a preocupação em determinar uma origem para a nação. Mas sim, em fixar alguns traços que poderiam ser qualificados como singulares do povo brasileiro” (Abreu, 1991, p.96).

A divulgação do pensamento de Barroso vai sendo concretizada através da atuação do SPHAN, que, em 1967, segundo o documento do Conselho Federal de Cultura, possuía 13 museus já instalados, 9 em fase de instalação e 6 recebendo a colaboração de seus técnicos. Por outro lado, o Rio de Janeiro, com os chamados “museus nacionais”, sempre foi um centro de referência para os demais museus do País, principalmente após a instalação do Curso de Museologia citado anteriormente. Os museus estaduais e municipais vão tomar esse “centro do poder e da cultura no Brasil” como um modelo que vai sendo transplantado, sem nenhuma reflexão.

Em texto por nós publicado, intitulado “A escola e o museu no Brasil: uma história de confirmação dos interesses da classe dominante” (Santos, 1990, p.41), tivemos a oportunidade de comentar, e arrolar, uma série de práticas pedagógicas inadequadas, utilizadas nas escolas e reproduzidas pelos museus. Fazendo parte de um “rol” significativo, estão algumas que destacamos agora e que, talvez sejam representativas do “pensamento barrosiano”, interiorizado, em nossos museus, ao longo dos anos:

- Coleta de acervo privilegiando determinados segmentos da sociedade - “padrões de cultura importados”;

-
- abordagem puramente factual nas exposições, principalmente nos museus históricos;
 - culto à personalidade, exposição de objetos de uso pessoal, sem análise crítica da atuação do indivíduo na sociedade;
 - utilização, nas exposições, de textos com conteúdos dogmáticos, “incontestáveis”;
 - exposição sem contextualização. Percepção difusa quanto aos fenômenos culturais, econômicos e políticos. Apresenta o social, sem reflexão crítica.

São, portanto, marcas de uma Museologia que prima por atuar como um fator dissolvente das contradições reais, que apresenta uma memória nacional unificadora e integradora, que procura a harmonia e escamoteia ou sublima os conflitos, muito condizente com os objetivos do Estado Unificador.

Além da atuação de Gustavo Barroso, é necessário analisar a concepção básica do SPHAN, sob a orientação de Rodrigo de Melo Franco de Andrade, para instalação dos museus vinculados a este órgão. A Lei nº 378/37, que criou o SPHAN dentre outras determinações, estabelecia que o Museu Histórico Nacional e o Museu Nacional de Belas Artes, bem como outros museus que viessem a ser criados, deveriam cooperar com o SPHAN, e os seus diretores deveriam compor o Conselho Consultivo do órgão.

Através do Decreto-lei nº 25/37, artigo 24, que apresentamos a seguir, podemos observar a amplitude de atuação do SPHAN em relação aos museus brasileiros:

“A União manterá, para conservação de obras históricas e artísticas de sua propriedade, além do

MHN e do MNBA tantos outros museus quantos se tornarem necessários, devendo outrossim providenciar no sentido de oferecer assistência à instituição de museus estaduais e municipais, com finalidades similares”.

Com o objetivo de dar uma utilidade aos monumentos públicos restaurados, vários museus foram instalados em casas de “valor histórico”, após a decisão de Rodrigo de Melo Franco em restaurar as ruínas das missões de São Miguel e ali fazer funcionar um museu; idéia sugerida por Lúcio Costa, que, por sua solicitação, ali esteve para inspecionar as condições daquele patrimônio. Assim, conhecedor da

“... história das Minas Coloniais e apaixonado por seus capítulos mais expressivos, idealizou os museus que caracterizariam sua administração: tal como se fazia no sul, conjugação de diferentes tipos de acervo, em solução **abrangente, harmoniosa** e elucidadora de uma sociedade” (Costa, 1991, p.122).

Foram criados, então, o Museu da Inconfidência e o Museu do Ouro.

Chamamos a atenção para o fato de se inserir diferentes tipos de acervos, o que demonstra uma influência do pensamento de Mário de Andrade, que iremos abordar posteriormente. Entretanto, os objetivos para a sua apresentação são delineados, através das expressões **harmoniosa** e **elucidativa**, o que demonstra, talvez, o pensamento “barrosiano” que discutimos anteriormente.

Comentando sobre a instalação dos museus das Missões, da Inconfidência e do Museu do Ouro, Lígia Martins Costa salienta que há uma base comum a essas três instituições:

“... a intenção científica latente e o bom gosto na apresentação, que correspondiam ao espírito de uma geração cultivada, capaz ainda de discernir o que era ou não importante como qualidade artística ou expressão cultural. Secundado, naturalmente, pelo propósito de defesa de um patrimônio, que competia ao órgão fazê-lo” (Costa, 1991, p.122).

Destacamos, nesta fala, as “competências” transferidas aos intelectuais para seleção e apresentação do acervo, de acordo com os objetivos estabelecidos e a presença do **Estado** como tutor, protetor de um patrimônio que a ele não só compete preservar, mas selecionar e interpretar.

Comentando sobre o pensamento de Rodrigo de Melo Franco a respeito dos museus, a mesma autora destaca que, na concepção deste “ideólogo do patrimônio”, o museu deveria ser destinado à preservação de bens culturais e destinado a uma classe social informada. Não ao povo. Deveria, portanto, ser destinado “a uma elite cultural, que dispensa ajuda e pode ver por si, e pode até contribuir, por análise e confrontos, para o melhor conhecimento da arte no país”. Costa (1991, p.125) ressalta que o contato de Rodrigo com profissionais da área da Museologia, denominados por ela de “jovens museólogos”, conduziram-no a repensar a função dos museus na sociedade, e aponta a ausência de verbas, as mudanças constantes de

ministros, enfim a situação econômica do País abalada, trazendo instabilidade na condução dos problemas culturais e a necessidade de lutas pela preservação do que já estava protegido, como empecilhos para que novas metas fossem traçadas.

O sonho modernista de Mário de Andrade, para o SPHAN, incluía um projeto para os museus - eles seriam um suporte no sentido de preservar a cultura do povo, **com o objetivo de consolidar a identidade nacional**. Do seu anteprojeto para a criação do “SPHAN”, consta a proposta de adoção de quatro livros de tombo: arqueológico e etnográfico, histórico, das belas artes e das artes aplicadas e tecnologia industrial, além de quatro museus correspondentes aos livros de tombo.

“Os 4 museus - segundo M.A. - servirão para neles estarem expostas as obras de arte colecionadas para cultura e enriquecimento do povo brasileiro pelo Governo Federal. Cada museu terá exposta no seu saguão de entrada, para estudo e incitamento do público, uma cópia do livro de Tombamento das artes a que lhe corresponde” (MEC, 1980, p.95).

Segundo Chagas (1991, p.104), a proposta de Mário de Andrade para a criação de quatro museus não nos autoriza a concluir que ele planejava apenas quatro museus para todo o País. Salienta que existem registros de planos para instalação de museus municipais e museus populares e de reproduções, o que demonstra “que tal conclusão além de apressada é equivocada”.

É interessante registrar que Mário de Andrade tinha consciência do papel educativo dos museus, conforme pode ser constatado na citação a seguir:

“Os livros didáticos são horrorosamente ilustrados, os gráficos, mapas, pinturas das paredes das aulas são pobres, pavorosas e melancolicamente pouco incisivas (...). Aproveitei a ocasião para lembrar a criação desses museus técnicos que já estão se espalhando regularmente no mundo verdadeiramente em progresso cultural. Chama-se hoje mais ou menos universalmente assim os museus que expõem os progressos de construção e execução das grandes indústrias, e as partes de que são feitas, as máquinas inventadas pelo homem. São museus de caráter essencialmente pedagógico. Os modelos mais perfeitos geralmente citados são o Museu Técnico de Munich e o Museu de Ciência e Indústria de Chicago” (Mário de Andrade citado por Chagas, 1991, p.106).

Percebe-se que Mário de Andrade não concebia o museu como instituição destinada somente a uma elite intelectual, como o fez Rodrigo de Melo Franco de Andrade, mas destaca a importância dessa instituição para a classe estudantil e é com esse objetivo que elabora propostas para os museus de artes aplicadas e Técnica Industrial. Em sua descrição dos temas e das propostas para a montagem de exposições sobre o café, o algodão, o ouro, o boi e suas

indústrias, a lã, a locomotiva etc., percebe-se não só a proposta essencialmente didática para a montagem das exposições, como também a sua contextualização, talvez as primeiras propostas com estas concepções na Museologia brasileira. Chagas (1991, p.106), comentando a citação acima, destaca que, ao mencionar os museus de Munique e Chicago, o autor está querendo inserir o Brasil, através da via museológica, no concreto das nações “verdadeiramente em progresso cultural”. Através da **valorização do elemento nacional**, estaríamos, assim, introduzindo o Brasil “no concerto mundial das nações”. O autor destaca que o Museu do Ouro e o Museu do Açúcar - este último instalado em Pernambuco, em agosto de 1960, com um projeto museográfico de Aloísio Magalhães - em certo sentido, são uma tentativa de materialização do projeto museológico marioandrado.

Sabemos todos que as propostas de Mário de Andrade foram sendo “podadas”, apesar de buscarem os objetivos perseguidos pelo Estado, no contexto das idéias de modernização. Marilena Chauí, comentando a proposta museológica de Mário de Andrade, destaca que os museus são “a morada necessária do **nacional-popular**” (Chauí citada por Chagas, 1991, p.107). Destaca que uma diferenciação muito peculiar coloca as produções dos “povos primitivos” nos museus de História Natural, as dos “populares civilizados” nos museus de Folclore e as dos “nacionais com nível intelectual”, nos museus de Belas Artes.

Mário Chagas destaca que, em carta de Mário de Andrade a Rodrigo de Melo Franco, datada de 29 de julho de 1936, pode-se perceber que Mário de Andrade tinha “consciência de que seu projeto estava sendo podado, acomodado, modificado”. Acrescentamos que talvez ele

tivesse consciência da impossibilidade de concretizar as suas propostas desde o início da sua atuação no SPHAN, quando, em outra carta a Rodrigo, registra: “Já comecei a trabalhar no SPHAN, eta entusiasmo por não sei o que!” (Lopes, s.d., p.27).

Em 1953, no bojo do processo desenvolvimentista, o Governo Brasileiro cria o Ministério da Educação e Cultura, denominado de “composição bipolar”, separando o antigo Ministério da Educação e Saúde. Segundo documento do Conselho Federal de Cultura (CFC, 1976, p.17):

“O processo desenvolvimentista brasileiro não poderia deixar de atribuir importância vital aos campos da Educação e da Cultura, em seu próprio benefício. Compreender o pacto de solidariedade estabelecido entre esses dois setores revela, por sua vez, uma atitude lúcida de enfrentamento da realidade”.

Em 64, assiste-se à reorganização da economia, como destacamos no item anterior, nesse contexto de expansão de “parque industrial da cultura”, onde o “rendimento de uma política cultural se mede pelo aumento do índice de consumo e não pelo volume de iniciativas”. É necessário, portanto, reestruturar os museus para atender aos novos objetivos, dotando-os das condições necessárias para que venham a ser visitados pelo maior número possível de pessoas, retirando-os do “ostracismo”.

Os museus não estão ausentes do processo de controle através de comissões, conselhos etc. Uma política museológica para o País é tentada, a partir de 1975, com a reunião dos

dirigentes de Museus, realizada em Recife, e nas reuniões de secretários de Educação, e Cultura dos Estados e dos Conselhos Federal e Estadual de Cultura, realizados em Brasília e em Salvador, em 1976. Deu-se início à discussão e, posteriormente, foram formuladas as propostas para criação do Sistema Nacional de Museus, que deveria ser capaz de organizar, em âmbito nacional, as atividades dos museus brasileiros, “proporcionando a que suas múltiplas finalidades sejam de fato atingidas, como exige o desenvolvimento global do País” (MEC, s.d., p.2). Fica bem claro, assim, a necessidade de inserção dos Museus no novo quadro de difusão cultural.

A atuação de Aloísio Magalhães vai ser marcante e as ações por ele desenvolvidas no Centro Nacional de Referência Cultural - CNRC -, em 1975, e que vão ser caracterizadas como uma “atuação supletiva em relação ao Instituto Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), naquele momento considerado incapaz de atender as obrigações do Estado frente ao patrimônio cultural brasileiro”, vão retomar, de forma atualizada, através do objetivo de “traçar um sistema referencial básico para a descrição e análise da dinâmica cultural brasileira, a velha questão da identidade nacional” (Fonseca, 1991, p.77).

“Na década de 70, é dada uma ênfase na relação entre cultura e desenvolvimento, no Brasil e em outros países; aspectos absorvidos por Aloísio Magalhães e presentes em várias de suas falas. O folclore e o artesanato não eram entendidos por ele como “resquícios do passado” ou “manifestações pitorescas” e, “utilizando uma linguagem dos economistas e planejadores”,

considera, por exemplo, o artesanato como “a tecnologia de ponta de um contexto em determinado processo histórico” (Fonseca, 1991, p.80).

Nas ações desenvolvidas no Centro Nacional de Referência Cultural merece ser destacado, no programa História da Ciência e da Tecnologia no Brasil, o projeto do museu ao ar livre em Orleans, Santa Catarina. Com o objetivo de preservar, também, o processo de fabricação, esse museu foi projetado dentro da concepção dos ecomuseus onde, além da preservação, foi realizada uma documentação minuciosa da desmontagem e remontagem de peças.

Fonseca (1991, p.84) registra também que, sob a liderança de Aloísio, foi realizada uma análise de classificação experimental dos acervos dos museus brasileiros, executada em 1977, para “subsidiar a missão de um “expert” da UNESCO, chamado ao Brasil pelo IPHAN para dar consultoria técnica aos museólogos”. Destaca que o propósito dessa “classificação experimental” era “evitar que se impusessem modelos externos, adequados a outras realidades, e que se partisse do conhecimento do modo como se propõem os museus no Brasil”.

Percebe-se que as propostas de Mário de Andrade são retomadas por Aloísio Magalhães, em outro contexto, e que, de concreto, ficou muito pouco das suas idéias, no fazer cotidiano dos nossos museus. Comentando sobre a obra de Aloísio e situando-a no quadro de ufanismo onde “o brasileiro cultural ainda engatinhava”, Lopes (s.d., p.26) cita a seguinte exclamação de Aloísio: “Será que a nação brasileira pretende desenvolver-se no sentido de tornar-se uma

nação forte, poderosa, porém uma nação sem caráter?” Prosseguindo, a autora destaca que,

“... ressuscitando Mário de Andrade e Macunaíma, pretende-se, na Fundação Nacional Pró-memória, realizar o sonho de Mário para o SPHAN, sonho moderno de dimensões quase infinitas. A cultura do povo, a ser preservada para a consolidação de caráter ou identidade nacional, é tudo” (Lopes, s.d., p.26).

É interessante registrar que o período de 64 a 80 foi bastante pródigo em instalações de museus no Brasil. Foi a grande fase da “moda do memorial”, do culto ao herói e à personalidade, condizentes com o modelo de Museologia à moda de Gustavo Barroso, conveniente ao regime estabelecido e, conseqüentemente, ao culto à Nação e à Identidade Nacional.

Em 1986, são criados dois órgãos com o objetivo de dotar o País de uma política museológica: a Coordenadoria Geral de Acervos Museológicos da Fundação Nacional Pró-Memória - com o objetivo de “coordenar, integrar e apoiar as ações das unidades museológicas da Fundação” e das conveniadas - e o Sistema Nacional de Museus, órgão do Ministério da Cultura.

Esses dois órgãos vão atuar integrados à política cultural vigente no período, onde a ênfase é dada à difusão e ao desenvolvimento, como pode ser constatado através da fala da primeira coordenadora do Sistema Nacional de Museus, Priscila Freire, ao comentar a publicação de um boletim que será confeccionado com a participação dos dois setores:

“Com essa colaboração mútua, é possível sonhar o museu como operador da realidade, em condições de captar práticas e soluções engendradas pelos diversos segmentos sociais, bem como suas carências, anseios e possibilidades. E, sobre esses conhecimentos - com amplo e real envolvimento das representações que congregamos - descobrir vias alternativas para o desenvolvimento coerente afinado com os compromissos sociais que as entidades de cultura devem assumir” (Fundação Pró-Memória, 1987, p.1).

Percebe-se, assim, no trecho citado, a filosofia da gestão do Ministro Celso Furtado no Ministério da Cultura, em que se associa a questão da cultura à questão do desenvolvimento. Fazendo uma análise sobre alguns estudos elaborados por Celso Furtado sobre cultura e desenvolvimento, antes de assumir o Ministério da Cultura, Cohn (1984, p.9), salienta que

“... nele ressurgiu uma preocupação que, em registro diverso, também está presente nas formulações oficiais de meados da década de 70, na qual se associa a questão da cultura à questão do desenvolvimento”.

Cohn destaca que, por essa via, abre-se caminho para se pensar a cultura como, não apenas associada aos processos políticos e sociais, mas também aos processos econômicos. A

questão básica vai ser, como o próprio Celso Furtado registra, em um texto seu de 1984 sobre desenvolvimento e Cultura:

“Indagar as relações que existem entre cultura como sistema de valores e o processo de desenvolvimento das forças produtivas, entre a lógica dos fins, que rege a cultura, e a lógica dos meios, razão instrumental inerente à acumulação”.

No Ministério da Cultura, Celso Furtado vai dar ênfase ao caráter dinâmico do sistema e à abertura de espaços para a criatividade sendo que os museus estão imersos nesse contexto, como ficou registrado na fala da Coordenadora do Sistema Nacional de Museus, dando destaque à descoberta de “vias alternativas para um desenvolvimento coerente”.

É necessário, também, inserir museus no mercado cultural, atingir o grande público consumidor, enfim, adequar os museus às dimensões de consumo e distribuição, aspectos essenciais das diretrizes traçadas pela política oficial, pós 64. Nesse sentido, a justificativa da Coordenadoria de Comunicação e Educação da Coordenadoria Geral de Acervos Museológicos é bastante esclarecedora:

“É sabido que os museus são produtores de bens simbólicos, que são veículos de comunicação de massa. Nesse sentido cabe ao Museu exercer esses papéis de forma incisiva na área da educação não formal, da informação e de lazer, direcionados para um país que possui uma população de 130 milhões de habitantes. Nossos museus não podem deixar de se posicionar frente

a esta realidade” (Fundação Pró-Memória, 1987, p.1).

O tema da modernização capitalista passa a ser a tônica do discurso das propostas para a política museológica no País. É criada uma divisão de Marketing na Coordenadoria Geral de Acervos Museológicos, onde, segundo seus membros, “há tudo para ser feito”. Registram que eram poucos os museus que ousavam explorar esse lado mercadológico da cultura sem receios. E enfatizam: “até porque é necessário uma pesquisa de mercado e um bom público para garantir o seu sucesso” (Fundação Pró-Memória, 1987, p.2).

Percebe-se, assim, a adoção do discurso da modernidade, os museus abertos ao investimento econômico capitalista, tão à moda dos museus americanos. Como lá, aqui também é sugerida a instalação de lojas para venda de produtos. A Coordenadoria de Acervos da Pró-Memória desenvolve um projeto, denominado “container” - “mostruário em que os produtos à venda possam ser transportados e expostos nos museus e unidades da Pró-Memória que não dispunham de loja própria”. Aliada à venda, também deveria vir a divulgação,

“... com a finalidade de colocar a imagem do museu na consciência coletiva do brasileiro, a Coordenadoria de Comunicação deverá atuar também em campanhas de televisão para a valorização da nossa herança cultural”.

Se dermos uma olhada ao redor, no fazer cotidiano de nossos museus, talvez possamos constatar que as propostas

elaboradas pelos órgãos acima mencionados pouco contribuíram para uma transformação efetiva. As propostas de Mário de Andrade, retomadas posteriormente por Aloísio Magalhães, apesar de estarem inseridas nos objetivos da “política oficial de cultura”, avançam no sentido de buscar a preservação de um acervo mais abrangente, aproximando-se de uma concepção antropológica de cultura e distanciando-se da “preservação de patrimônio de pedra e cal”, que é a tônica do SPHAN, porém estão atreladas, como vimos anteriormente, à

“... estratégia modernista das narrativas históricas e antropológicas, onde a história é concebida como um processo ininterrupto de destruição, e onde os valores associados a determinada “cultura”, a determinada “tradição” ou “identidade” tendem a ser irremediavelmente perdidos.

Tanto Rodrigo de Melo Franco, como Aloísio Magalhães, lutam contra esse processo de perda e com o propósito de resgatar esses valores, se desenham as narrativas nacionalistas de patrimônio cultural” (Gonçalves, 1991, p.73).

Retomando Cohn (1984, p.7), talvez possamos inferir, que a política museológica adotada a partir da década de 70 está, adequadamente, inserida às duas metas traçadas desde 64, e já citadas anteriormente, caracterizadas pela

“... elaboração de propostas programáticas abrangentes, mas com efeitos escassos e diversificando e redefinindo os temas sob uma ótica cada vez mais operacional e mais política, aliadas a uma extensa renovação institucional”.

Houve uma renovação institucional, na área da Museologia, com a criação de uma Coordenadoria Geral de Acervos da Pró-Memória e um Programa Nacional de Museus do Ministério da Cultura, além da instalação de um grande número de memoriais e de museus e talvez nunca tenham sido formuladas tantas propostas para a área da Museologia como nessa fase. Propostas, em sua maioria, inoperantes, dando ênfase, em vários momentos, aos projetos promocionais e personalísticos. O que se assistiu foi um esforço quase sobre-humano de alguns profissionais vinculados a esses órgãos no sentido de tentar fornecer um assessoramento técnico aos museus do País, sem contar com a dotação orçamentária necessária à implantação e ao desenvolvimento dos projetos. O discurso da modernidade é uma falácia para a maioria dos museus brasileiros que, nos moldes do antigo Museu Histórico Nacional, de Gustavo Barroso, preserva o acervo de uma elite, apresenta um nacional sem conflito, cumpre o seu papel como suporte necessário à preservação de uma identidade nacional, desempenhando, assim, a “função anestésica” de preservação do patrimônio, do qual nos fala tão bem Ulpiano Bezerra de Meneses.

É interessante ressaltar que, no plano da seleção e exposição dos acervos, fica evidente a opção por destacar determinados segmentos da sociedade e quando os acervos ditos “mais populares” são apresentados, é passada uma

mensagem “folclorizada” e regionalista, bem ao gosto das teorias apresentadas no capítulo anterior, em voga no século XIX e início do XX e retomadas, posteriormente, pelo Conselho Federal de Cultura. Tomamos um exemplo colocado por Bosi (1990, p.16), para a área da literatura brasileira e o relacionamos à atuação dos nossos museus

“... desde a implantação da cultura letrada portuguesa no Brasil, ficaram abaixo do limiar da escrita quase todos os conteúdos da vida indígena, da vida escrava, da vida sertaneja, da vida artesanal, da vida rústica, da vida proletária, da vida marginal; abaixo do limiar da escrita ficaram as mãos que não puderam contar no código erudito, a sua própria vida”.

2.5 Da Identidade Nacional às Várias Identidades.

Tomando como referencial a análise já realizada, nos itens anteriores, inferimos que a “política oficial de cultura, no Brasil” sempre esteve em busca de uma totalidade, que jamais se realiza. Os fragmentos, como um objeto histórico, um monumento, uma relíquia, ou uma atividade cultural preservada, “operam uma identificação imaginária entre significante e significado, ou seja, transcende, no plano imaginário, a distância insuperável entre o Brasil, enquanto fugidia, incansável realidade social e histórica” (Gonçalves, 1991, p.74). A busca interminável dessa realidade, através das atividades de identificação, colecionismo, preservação e restauração dos acervos, vai autenticar a nação, ***enquanto uma realidade única.***

Uma renovação em torno dos nossos debates a respeito do patrimônio e da identidade cultural faz-se necessária, evitando-se a ênfase demasiada na totalização aos compromissos. Concordamos, portanto, com Gonçalves (1991,p.25), quando salienta que: “enquanto permanecermos preocupados em avaliar até que ponto determinados bens culturais representam a nação, ou representam as classes e grupos sociais que compõem a sociedade, permanecemos em um ciclo vicioso, presos ao jogo da autenticidade.” O referido autor sugere que devemos ter uma atitude menos presa ao compromisso da totalização, “seja pelo viés nacionalista, seja pelo ponto de vista das classes populares, ou dos grupos étnicos, das comunidades locais ou qualquer outro”. Sugerimos, também, que busquemos evitar os “dualismos”, tão comuns em nossa área de atuação, que apontam para uma visão mecanicista em relação à inserção do homem em seu meio, dando ênfase, freqüentemente, à oposição entre natural/cultural, passado/presente, material/espiritual etc.

As instituições não possuem uma realidade própria, são criadas pelo homem. Entretanto, à medida que são transmitidas às gerações, tendem a ser “cristalizadas”, ou seja, são percebidas como independentes dos indivíduos que as conceberam como uma coisa objetiva, tornando difícil para os homens compreenderem a estrutura social onde vivem como resultado da sua ação em interação com outros homens e com o meio e, portanto, passível de ser transformada. Comentando sobre a edificação da realidade através da institucionalização, como um processo coercitivo, que determina a consciência dos homens, João Francisco Duarte (1989, p. 44.) destaca três momentos:

- “1. a conduta humana é tipificada e padronizada em papéis, o que implica o estabelecimento das instituições(a realidade social é um produto humano);
2. a realidade é objetivada, ou seja, percebida como possuindo vida própria (o produto - a realidade - “desliga-se” do seu produtor - o homem);
3. esta realidade tornada objetiva determina a seguir a consciência dos homens, no curso da socialização, isto é, no processo de aprendizagem do mundo por que passam as novas gerações(o homem torna-se produto daquilo que ele produziu)”.

Dando ênfase ao processo dialético da relação entre o homem, o produtor, e o mundo social, produto dele, Berger e Lukmann (1991, p.87) salientam que o homem, em coletividade, e o seu mundo social atuam, reciprocamente, um sobre o outro. “ O produto reage sobre o produtor. A exteriorização e a objetivação são momentos de um processo dialético contínuo.” O referido autor salienta que qualquer análise do mundo social deve levar em consideração os seguintes aspectos :

“ A sociedade é um produto humano. A sociedade é uma realidade objetiva. O homem é um produto social. Pode-se acrescentar, além disso que somente com a transmissão do mundo social a uma nova geração (isto é, a interiorização

efetuada na socialização), a dialética social fundamental aparece em sua totalidade”.

Conseqüentemente, as experiências serão transmitidas de uma geração à outra, quando se objetivarem em um sistema de sinais e surgir a possibilidade de serem repetidas nas experiências compartilhadas. A realidade será, então, ordenada e significada por meio da linguagem, e mantida e estabelecida por ela. Para Duarte (1989, p.24), “A construção da realidade passa pelo sistema lingüístico empregado pela comunidade. A linguagem de um povo é o sistema que lhe permite organizar e interpretar a realidade, bem como coordenar as ações de modo coerente e integrado. O ser humano move-se em um mundo essencialmente simbólico, sendo os símbolos lingüísticos os preponderantes básicos na edificação da realidade.” Os símbolos são convencionalmente programados, dependem de convenções estabelecidas entre os indivíduos que constituem o grupo.

A Sociologia Clássica e a Historia têm dado prioridade à sociedade global e às formas de atividades instituídas. François Laplatine (1993, p. 152) chama-nos a atenção, para o fato de que,

“nessas condições, a vida cotidiana dos homens torna-se uma espécie de resíduo irrisório, a não ser em se tratando (para o historiador) da vida dos “grandes homens”. Os fenômenos sociais não escritos, não formalizados, não institucionalizados (isto é , na realidade, a maior parte de nossa existência) são então

rejeitados para o registro inconsistente do “folclore”.

Entretanto, entre as várias realidades, destaca-se o mundo da vida cotidiana, que é tomado como certo pelos membros ordinários da sociedade, na conduta subjetivamente dotada de sentido que imprimem a suas vidas, e é um mundo que tem sua origem no pensamento e na ação dos homens comuns, que o consideram como o mundo real.(Berger, 1985, p.36). Para o autor, “ entre as múltiplas realidades, há uma que se apresenta como sendo a realidade por excelência. É a realidade da vida cotidiana”. Destaca, entretanto, que esta realidade não se esgota nas presenças imediatas, mas abarca “fenômenos que não estão presentes *“aqui e agora”*. O que quer dizer que experimentamos a vida cotidiana em “diferentes graus de aproximação e distância, espacial e temporal”. Anges Heller (1985, p.17.), salienta que a vida cotidiana “é a vida do homem por inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade.” Salienta que o homem coloca “em funcionamento” todos os seus sentidos, na vida cotidiana, “todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias e ideologias”. A autora chama a atenção para o fato de que, apesar de todas as suas capacidades entrarem em funcionamento, estas mesmas capacidades, naturalmente, não se realizam em toda a sua intensidade. Caracteriza a vida cotidiana como heterogênea, sob vários aspectos, “sobretudo no que se refere ao conteúdo e à significação ou importância de nossos tipos de atividade.” Destaca como partes orgânicas da vida cotidiana: “a organização do trabalho e da vida privada, os lazeres e o

descanso, a atividade social sistematizada, o intercâmbio e a purificação.” Salienta também, que além da heterogeneidade, a significação da vida cotidiana é hierárquica e possui uma dinâmica, modificando-se “em função das estruturas sócio-econômicas.” Por outro lado, é interessante registrar a relação do homem com a natureza, abrindo espaço para uma sociologia da natureza, que pretendesse demonstrar que as tendências à agregação e à associação são universais entre os seres vivos; que estas tendências podem ser organizadas e classificadas; e que as expressões mais altas da vida social têm uma longa história natural. (Rodrigues, 1989, p.51). Nesse sentido, a biologia não concebe mais a vida como “uma qualidade restrita aos organismos” e não se encerra mais nos processos físico-químicos, abrindo-se aos fenômenos sociais. O organismo é então contextualizado em seu meio, sendo que a própria idéia de “meio” também se transformou. Citando Morin, José Carlos Rodrigues assinala:

“Meio não é mais um pano de fundo físico-químico, passivo e contextual. É antes, um sistema global de interferências biopsicossocais: é ecológico e também etológico. Com essa nova biologia, morre o biologismo, nascem novos conceitos de “natureza” e de “animal” (Rodrigues, 1989, p. 199).

Prosseguindo, o autor salienta que é possível que a “concepção de um Homem fechado em si, do lado de cá da fictícia linha de separação entre natureza e cultura, deverá ceder, dando lugar a uma outra capaz de abolir o antropocentrismo e de integrar o Homem na natureza de onde

sua especialidade provém.” O processo de comunicação nos permitiria mergulhar na natureza e constatar que as diferenças existentes entre os homens “têm fundamentos profundos na história natural pré-humana.” Poderíamos também, lançar a hipótese de que “assim como os animais estão, por obra dos sinais e segundo as espécies, naturalmente programados para a semelhança, os homens também estariam, por intermédio da capacidade de comunicação simbólica, naturalmente condenados à diferença.”

Para Rodrigues (1989, p.31 e 58), a diferença consistiria no que existe de mais “igual, comum e semelhante entre os homens: a cultura.” Salienta o mesmo autor que “ser humano algum está apto a participar da rede de comunicação formada por seus semelhantes pelo simples fato de ter nascido: ser-lhe-á necessário conviver com o grupo, introduzindo-se nele, embebendo-se dele”. Destaca que as sociedades humanas não só inventam suas convenções, como as substituem por outras, convencionando que as antigas não valem mais, abrindo-se assim à História. Salienta que os “homens podem diferir de seus semelhantes, convencionando outras convenções, abrindo-se à alteridade e à diversidade cultural.” Comentando sobre a alteridade, François Laplantine(1993, p. 21), enfocando a experiência da alteridade e sua elaboração, destaca que ambas nos levam a ver o que nem seríamos capazes de imaginar, devido à dificuldade que temos “em fixar nossa atenção no que nos é habitual, familiar, cotidiano, e que consideramos “evidente”. Salienta que, gradualmente, percebemos que “o menor dos nossos comportamentos, (gestos, mímicas, posturas, reações afetivas) não tem nada de “natural”. Chama a atenção para o fato de que “o conhecimento (antropológico) da nossa cultura passa

inevitavelmente pelo conhecimento das outras culturas; e devemos especialmente reconhecer que somos uma cultura possível entre tantas outras, mas não a única”. Sugere, então, uma ruptura com “a figura da monotonia do duplo, do igual, do idêntico, e com a exclusão num irredutível “alhores”. O autor dá ênfase à necessidade do reconhecimento de uma sociedade plural e sugere uma “verdadeira revolução epistemológica, que começa por uma revolução do *olhar*”. Laplantine (1993, p. 23) salienta que a descoberta da alteridade é

“ a de uma relação que nos permite deixar de identificar nossa pequena província de humanidade com a humanidade, correlativamente deixar de rejeitar o presumido “selvagem” fora de nós mesmos. Ao nos confrontarmos com a multiplicidade, a *priori* enigmática” das diversas culturas estaríamos levados a romper com “a abordagem comum que opera sempre a naturalização do social (como se nossos comportamentos estivessem inscritos em nós desde o nascimento, e não fossem adquiridos no contato com a cultura na qual nascemos). A romper igualmente com o humanismo clássico que também consiste na identificação do sujeito com ele mesmo, e da cultura com a nossa cultura”.

Abordando o conceito de cultura como um conceito totalizador, um artifício de raciocínio, nas miríades de culturas

correspondentes à multiplicidade dos grupos humanos e seus momentos históricos, José Carlos Rodrigues (1989, p. 132), destaca que “a Cultura é uma abstração, um artefato de pensamento por meio do qual se faz economia da extraordinária diversidade que os homens apresentam entre si e com o auxílio do qual se organiza o que os homens têm de semelhante”. Enfatiza que “a cultura é também o que os distingue das demais formas vivas: a capacidade de diferir de seus coespecíficos”.

Na dialética entre o indivíduo e a sociedade, localiza-se o fenômeno da identidade cultural, ou melhor situando, das identidades culturais. Etmologicamente a palavra identidade vem do grego *idios* e se refere a “mesmo”, “si próprio”, “privado”. A identidade, portanto, pressupõe, antes de mais nada, semelhança consigo mesmo, como condição de vida biológica, psíquica e social. A identidade tem a ver mais com os processos de reconhecimento do que de conhecimento. Deste modo, os conteúdos novos não são facilmente absorvidos quando a identidade está em causa, pois o novo representa, aí, descontinuidade do referencial, logo, ameaça risco. (Meneses, 1993, p. 208). A identidade cultural é marcada por sua qualidade contrastiva, que é a característica básica do conceito, ou seja, aquilo que faz com que eu me distinga do outro, ou dos outros. Olympio Serra (1984, p.97) salienta que “seria impossível pensar a identidade sem pensar a alteridade, sem ter um contraste,” enfatizando a que este contraste deve ser bastante explicitado para que a identidade seja perceptível, “ou seja, que haja formas culturais manifestas e claras”. É interessante registrar que o “pensamento moderno reduz a identidade a uma pura convenção, negando ser possível estabelecer um conceito definitivo e exigindo, para

quem se propõe a analisá-la, a definição de um critério”. No campo da Antropologia “a identidade nutre-se do solo da razão simbólica, e tem duas dimensões: a pessoal e a social”. Tomando como referencial os planos individual ou pessoal, a identidade pode ser considerada como “um exercício cotidiano, marcadamente construtivo e contrastivo, dentro da dimensão simbólica da textura ao social” (Pereira,1989, p.30). Dando ênfase à identidade, como “um elemento-chave da realidade subjetiva”, e destacando que toda realidade subjetiva, acha-se em relação dialética com a sociedade, Berger e Luckmann (1985, p.228) destacam:

“A identidade é formada por processos sociais. Uma vez cristalizada, é mantida, modificada ou mesmo remodelada pelas relações sociais. Os processos sociais implicados na formação e conservação da identidade são determinados pela estrutura social. Inversamente, as identidades produzidas pela interação do organismo, da consciência individual e da estrutura social reagem sobre a estrutura social dada, mantendo-a, modificando-a ou mesmo remodelando-a. As sociedades têm histórias no curso das quais emergem particulares identidades. Estas histórias, porém, são feitas por homens com identidades específicas”.

A identidade, portanto, não é um referencial fixo, apriorístico, com existência automática e anterior às sociedades e grupos, que se limitariam a recebê-la pronta do passado. Ela é elaborada pela presença do outro, em um jogo

contrastivo, diferenciador. Nesse sentido, Carlos Rodrigues Brandão (1986, p.42), salienta que:

“as identidades são representações inevitavelmente marcadas pelo confronto com o outro: por se ter de estar em contato, por ser obrigado a se opor, a dominar ou ser dominado, a tornar-se mais ou menos livre, a poder ou não constituir por conta própria o seu mundo de símbolos no seu interior, aqueles que qualificam e identificam a pessoa, o grupo, a maioria, a raça, o povo. Identidades são, mais do que isto, não apenas o produto inevitável da oposição por contraste, mas o reconhecimento social da diferença”.

A identidade não é o resultado do isolamento de grupos e sociedades, mas ao contrário, é fruto da sua interação. Nem a construção do “eu”, nem a do “outro”, produzem entidades discretas e opostas, mas subsistem apenas dialeticamente. “Se a identidade tem como foco a semelhança, ela produz, em contrapartida, a diferença: a afirmação de semelhança necessita da oposição do que não é semelhante”. (Meneses, 1993, p.209). Conseqüentemente, a identidade não apenas deriva das diferenças, mas necessita explicitá-las e exacerbá-las. “O semelhante é inofensivo, inócuo. “É o diferente que encerra risco, perturba. Assim, a diferença está na base de todas as classificações, discriminações, hierarquizações sociais. Em outras palavras, não se precisa das diferenças apenas para fins de conhecimento, mas para fundamentar defesas e privilégios”. Ulpiano Meneses salienta

ainda que identidade e poder não se dissociam e lembra que “qualquer olhar rápido sobre a situação mundial contemporânea confirma esta importância de ameaça e dos conflitos de interesse no aguçamento e no surgimento/ressurgimento da identidade”. Cita, como exemplo, as áreas de confronto, de matiz étnica patente: País Basco, Irlanda do Norte, Oriente Médio, ex-Iugoslávia, ex-União Soviética etc. Lembrando, também, o renascimento “inclusive entre nós, dos separatismos, racismos e estigmatizações culturais.”

Segundo Cook-Gumperez, (1983, p.123), a socialização, entendida como forma de criar identidades sociais dos indivíduos, é que garante a reprodução da estrutura social. Ulpiano Meneses chama-nos a atenção para o fato de que “a afirmação de identidade está vinculada à necessidade de reforço. Com isso, manifesta-se, inquestionavelmente, sua característica tendência conservadora”. Destaca, ainda, como a identidade pode servir para alimentar as estratégias de dominação e desempenhar funções anestésicas, ao afirmar que:

“Além do mais é preciso salientar seus compromissos na construção de imagens, campo fértil para a mobilização ideológica e as funções de legitimação em que determinadas práticas obtêm aceitação social. Assim, p. ex., a identidade pessoal é indispensável como suporte de *status*. A imagem que o indivíduo faz de si mesmo será utilizada para justificar ou reclamar uma certa partilha de direitos e obrigações. Por isso, ela só terá eficácia se obtiver convalidação externa, se houver aceitação social. Assim, na

“apresentação do eu”, as pessoas “negociam” ou se acomodam às circunstâncias sociais” (Meneses,1993, p. 210) .

Este autor chama a atenção para a necessidade de uma postura crítica em relação à identidade, para que não percamos de vista as múltiplas dimensões do fenômeno. Nesse sentido, salienta que “não existe um conteúdo, um grau ideal de identidade”. A perda da identidade torna-se, então, “uma expressão enganadora” e diversa das condições de “formular/reformular a identidade”. Destaca que, muitas vezes, a expressão “perda da identidade” apenas mascara o fenômeno da mudança sócio-cultural”. Do mesmo modo, “resgatar a identidade” é objetivo impossível de se atingir. Questiona o autor: “Como recuperar algo que não é estático, não tem contorno definitivo, pronto, acabado, disponível para sempre?”. Meneses considera, portanto, a identidade como um processo de construção/reconstrução, que ganha sentido e expressão nos momentos de tensão e ruptura “precisamente quando aguça a percepção da diferença e sua presença se faz necessária”. Deste modo, a identidade só pode ser identificada “em situação”. Não existe identidade em abstrato, uma vez que:

“a identidade se fundamenta no presente, nas necessidades presentes, ainda que faça apelo ao passado – mas é um passado também ele construído e reconstruído no presente, para atender aos reclamos do presente” (Meneses, 1993, p. 210).

Do exposto, até aqui, parece claro que cultura e identidade são fenômenos construídos e reconstruídos em processos de interação, em “um jogo diferenciador”, contrastivo, dinâmico, concretizado na vivência, no cotidiano. Falar, pois, de uma identidade, de uma cultura, é unificar num mesmo sentido, e segundo a mesma razão, todo o passado, visto como o conjunto de antecipações ou preparações da verdade única. É explicar o **antes** subordinando-o ao **agora**. É não conseguir “lidar com a infinitude da história e com o futuro enquanto outro, enquanto diferente, enquanto novo” (Pessanha, 1985, p.80). Portanto, é necessário compreender a humanidade, sobretudo, como alteridade; nesse sentido, concordamos com Rodrigues (1989, p. 199), quando enfatiza que, para compreender o homem, é necessário sair dele:

“Sair dos homens significa radicalmente o esforço para ao mesmo tempo acatar e não acatar as definições de homem que nos são dadas pelas culturas específicas, pelos momentos históricos particulares, pelas especialidades científicas. Mas, mais do que isto, sair do homem é radicalmente considerar que ele não é o centro do universo, não é o centro da linguagem e da cultura, não é o centro da história, nem é o centro psicológico de si mesmo. Sair dos homens significa fazer radicalmente a opção filosófica pela idéia de que não há centros”.

CAPÍTULO 3

A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO NA MUSEOLOGIA:

reconstruindo um percurso histórico
e demarcando posições.

“Talvez a Museologia do amanhã e o amanhã da Museologia serão enriquecidos sobretudo pela ética. Talvez a Museologia não será a jovem bem-vestida das ciências, mas o ramo científico inquieto, que coloca mais as questões que as respostas fechadas, fiel, ao mesmo tempo, a seu engajamento com a natureza, o homem e a vida”.

Waldisa Rússio (1991,p.1)

3.1 Apresentação

Nos últimos quinze anos, as discussões em torno da construção do conhecimento na Museologia vieram à tona, sobretudo devido à atuação do ICOFOM (Comitê Internacional para a Museologia do Conselho Internacional de Museus). Apesar dos esforços dos membros do ICOFOM, a produção bibliográfica referente ao tema tem sido muito reduzida, o que dificulta a realização de uma análise, baseada em estudos diversificados e de concepções diferenciadas, além do agravante de que os trabalhos, na maioria das vezes, estão dispersos e são pouco divulgados.

Realizar, pois, uma análise sobre a construção do conhecimento na Museologia, é tatear, é buscar informações, juntando pedaços de um quebra-cabeças em processo de construção. No presente tópico, tentaremos reconstituir o percurso histórico que vem sendo construído nos últimos anos, nesta área do conhecimento, para, em seguida, apresentar algumas propostas metodológicas, embasadas em autores que vêm atuando no campo museológico, apresentando, posteriormente, uma reflexão, no sentido de desvelar os objetivos e os meios que estão norteando as ações desenvolvidas nos museus brasileiros, enfocando, por meio da análise do processo de construção do conhecimento, a tríade: o sujeito que conhece, o objeto do conhecimento e o conhecimento como produto do processo.

Ressaltamos que, com a análise a ser apresentada, pretendemos contribuir para a realização de uma reflexão crítica que venha tornar a problemática teórico-metodológica, na Museologia, mais clara, situando-a em uma análise de processo e, portanto, em constante formação, com o objetivo de fundamentar as ações que pretendemos realizar.

3.2 Reconstituindo Um Percurso Histórico.

Atuando nos espaços dos museus, em equipes compostas de profissionais com formação diversificada e, às vezes, de áreas diferentes, os técnicos, lotados nessas instituições, na maioria das vezes, agiam de forma interdisciplinar e multidisciplinar, executando ações que se esgotavam no domínio da técnica; cada um colocando em prática os conhecimentos adquiridos nos diversos cursos de formação, tendo somente como ponto em comum a atuação em

uma instituição específica: o museu. Os diversos trabalhos museográficos eram, então, desenvolvidos sem a necessária reflexão museológica que deveria envolver todo o processo, no qual teoria e prática estariam interligadas e se alimentando mutuamente.

O museu, então, era o ponto referencial, onde se desenvolviam ações museológicas, levando, assim, o Conselho Internacional de Museus (ICOM) a considerar a Museologia como a ciência que estuda a instituição museu, sua história, evolução, sua atuação no presente, seu desenvolvimento futuro e sua relação com a sociedade.

A produção de material bibliográfico abordando questões e apresentando reflexões em torno dos aspectos teórico-metodológicos na Museologia tem aumentado consideravelmente, embora ainda seja em número bastante reduzido, se compararmos com outras áreas do conhecimento. Um dos impulsos para que esses questionamentos viessem à tona talvez tenha sido a abertura para a participação, juntamente com técnicos que atuam nos museus, de profissionais das áreas de filosofia, antropologia, sociologia etc., que não estavam mais satisfeitos em desempenhar, de forma mecanicista, ações que se esgotavam em si mesmas, trazendo para dentro dos museus os questionamentos das suas áreas de conhecimento, a insatisfação com um modelo de ciência que não vinha dando conta de resolver os diversos problemas sociais do mundo contemporâneo.

Estes questionamentos não vieram à tona de forma isolada, de dentro para fora do museu; ao contrário, a sociedade como um todo estava clamando por um novo fazer museológico e, talvez, a prova mais contundente dessa afirmação estivesse nos livros de registro de frequência dos

museus, onde, a cada dia, registrava-se um número cada vez mais reduzido de visitantes.

Por outro lado, enquanto em outros períodos deu-se ênfase maior ao conhecimento e ao aprimoramento dos aspectos que envolviam a vida do homem, na década de 70 é dada maior atenção à sua ação social. Bordenave (1988, p.7) registra que

“as décadas anteriores, particularmente as de 50 e 60, preocuparam-se com o conhecimento e, às vezes, com o melhoramento de tudo que rodeia o homem. Desenvolveu-se bastante o planejamento econômico, o urbanismo, o combate à poluição ambiental, a racionalização do trânsito, os sistemas de comercialização em grande escala. Mas foi na década de 70 que se começou a dar uma importância concreta ao fato de o homem ser, ao mesmo tempo, o produto e o criador de sua sociedade e de sua cultura”.

Entretanto, apesar dessa tomada de consciência, continua-se presenciando a aplicação de modelos tecnicistas e pragmáticos, herdados das ciências físicas e naturais e inadequados ao trabalho com as ciências sociais.

A crítica ao positivismo e ao funcionalismo, como também os avanços alcançados nas ciências físicas e naturais, têm contribuído para a construção de uma nova ciência, conforme destaca Serpa (s.d., p.1),

“... uma ciência de processos não lineares, e que considere a unidade observador-observável, terá uma relação homem-natureza não contemplativa e não manipulativa. Será uma relação de integridade, onde homem e natureza não se opõem e sim se estendem reciprocamente. A tese e a antítese serão superadas, tais como casualidade-chance, relação-essência, observador-observável e qualidade-quantidade”.

Destaca o referido autor que a base para essa nova ciência é a historicidade, entendida como determinação do espaço-tempo, pela distribuição dos corpos materiais, pelo seu estado de movimento e pela totalidade das relações não-lineares, de desenvolvimentos desiguais, onde cada uma das relações contém a contradição.

É importante ressaltar que duas contribuições no campo científico-filosófico foram fundamentais para a busca desse novo fazer científico e para o reconhecimento da existência de um “multiverso cultural”: a contribuição da antropologia e do materialismo histórico. Pessanha (1987, p.64), registra que

“... a antropologia colaborou ao insistir na diversidade das culturas, na multiplicidade de “razões” culturais, que precisam ser compreendidas e preservadas justamente enquanto diferentes. Graças à antropologia, sabemos hoje que são muitas as maneiras humanas de ser, de estar no mundo, de viver, de valorar, de expressar por meio de

diversas linguagens - o que mostra um humano multifacetado, distante de padrões unitários e universais que antes propunham como paradigmas um caso particular de humanidade: o de branco europeu, “civilizado”. A contribuição do marxismo, a mostrar a sociedade dividida em interesses econômicos e políticos não apenas diversos mas conflitantes - o que impede a efetivação de consensos universais sobretudo em torno de valores e estabelece rupturas entre modos de pensar e agir. O dissenso torna-se então o fundamento da sociedade, o antagonismo interior sua realidade mais profunda”.

Essa busca do fazer científico, comprometido com o desenvolvimento social e com a transformação, tem contribuído de modo decisivo no fazer museológico, na construção de pressupostos teóricos para a Museologia e para a redefinição de seu conceito, bem como do conceito de patrimônio cultural.

A insatisfação com o modelo de museu estabelecido é, então, refletida na IX Conferência Geral do ICOM, realizada em Paris e Grenoble, em 1971, e na Mesa Redonda de Santiago do Chile, em 1972, sendo esta última, considerada um marco no processo de transformação da Museologia, sobretudo por ter colocado em evidência a prioridade da ação museal no campo de intervenção social, abrindo espaço para um repensar global da Museologia, situando-a entre as ciências sociais.

Tomando como referencial os principais pontos abordados nas discussões realizadas pelo ICOFOM,

principalmente entre os anos de 1980 e 1991, verifica-se que tem havido uma preocupação constante em destacar vários aspectos relacionados com a inserção dos museus no mundo contemporâneo, bem como a busca de referências necessárias para a definição do objeto de estudo da Museologia. Dos diversos encontros realizados no período acima referido, destacam-se os seguintes temas:

- a) Coletando hoje para o amanhã.
- b) Museologia e futurologia.
- c) Museus: território e sociedade - novas tendências e novas práticas.
- d) Museologia e meio ambiente.
- e) A linguagem das exposições.
- f) Museologia em países em desenvolvimento - ajuda ou manipulação.
- g) Museologia e identidade.
- h) Possibilidades e limites da pesquisa científica específica para museus.
- i) Aspectos sociológicos e ecológicos, em atividades do museu contemporâneo e sua cooperação com instituições correlatas.
- j) Metodologia da Museologia e treinamento profissional.

Com o objetivo de analisar o produto dos diversos trabalhos produzidos no ICOFOM, um grupo de profissionais, em 1986, se reuniu na Alemanha Oriental e analisou os diversos tópicos discutidos ao longo dos seminários, tomando como base a “Teoria da Ciência”, tendo questionado:

- a) se existe uma linguagem própria para a Museologia;

- b) se existe uma metodologia para a Museologia;
- c) se existe um sistema de idéias para a Museologia;
- d) qual o lugar da Museologia entre as demais ciências.

Com base nas discussões acima levantadas, SOFKA (1992, p. 3) destaca que, a partir de então, não se pode mais considerar a Museologia como uma simples atividade prática, pois esta possui o seu próprio objeto de estudo e uma metodologia específica. Partindo da premissa de que a Museologia é uma ciência, o referido autor analisa os seguintes aspectos:

- a) o estudo da finalidade e da organização dos museus;
- b) o estudo da implementação e da integração de um número de funções básicas, relacionadas com o patrimônio cultural;
- c) o estudo da relação específica entre o homem e a realidade, a qual é expressa pelas atividades de documentação e preservação relacionadas a esta realidade, e através da comunicação de conhecimentos.

Fazendo uma análise sobre estes três aspectos, o autor comenta que: o item a não define a Museologia como ciência, pois é uma questão de administração. O item b está relacionado aos problemas referentes à concepção de patrimônio móvel e imóvel. Considerando o item c como aquele a partir do qual se desenvolvem os campos de interesse da Museologia, enfatiza que o mesmo se refere à Museologia como relação do homem com a realidade e não de museus com a realidade. Percebe-se que Sofka (1992) se baseia nos resultados desenvolvidos por Ana Gregóvora e Z.Z. Stransky,

na Tchecoslováquia, quando definiram a Museologia como o estudo das relações específicas do homem com a realidade, enfatizando as diferentes maneiras do homem se relacionar com o mundo, vivendo em um universo não apenas físico mas, fundamentalmente, simbólico. A realidade é, então, entendida como o produto da dialética, do jogo existente entre a materialidade do mundo e o sistema de significação utilizado para organizá-lo. Nesta mesma linha de concepção, Rússio (1989, p.2) define o fato museológico ou fato museal como “a relação profunda entre o homem, sujeito conhecedor, e o objeto que é parte da realidade à qual o homem pertence e sobre a qual ele age”.

Comentado sobre o conceito da Museologia emitido por Gregóvora, Bellaigue (1992, p.1) considera que este foi um elemento bastante mobilizador para o progresso da ciência museológica. Entretanto, fazendo uma análise sobre o referido conceito, salienta que o estudo da relação do homem com a realidade é, também, objeto de estudo de outras áreas do conhecimento, como, por exemplo, a ecologia, a psicologia, a antropologia cultural, a filosofia etc., e destaca que o termo realidade não é empregado de maneira adequada nesse contexto, pois esse é um conceito e nenhuma ciência, à exceção da filosofia e da metafísica, se constrói com base em conceitos. Mathilde Bellaigue sugere, então, que o termo **realidade** seja substituído pelo real, justificando que o **real** abrange a totalidade da vida e do meio ambiente.

“O real representado no museu pelo objeto, que deve ser entendido no seu sentido mais amplo: material e imaterial, natural ou cultural. Ele é o elemento central para a

Museologia, pois é o elemento da realidade que emite informações, permitindo a comunicação entre as pessoas e entre o passado e o presente.”

Em 1982, durante uma reunião do ICOFOM, em Paris, Tomislav Sola apresenta uma abordagem para a Museologia que define de forma mais clara o real, representado pelo objeto, abordagem esta corroborada por Peter Van Mensch, quando presidente do referido comitê. Para Sola, a Museologia abrange todo um complexo de teorias e práxis que envolve a conservação e o uso da herança cultural e natural. Mensch (1990, p.57), citando o “International Thesaurus of Cultural Development” (UNESCO, 1980) registra que a palavra herança é aqui usada no seu sentido mais amplo:

“... obras de arte, monumentos e sítios considerados de relevante valor universal, do ponto de vista da história, da arte ou da ciência, assim como as tradições orais, as heranças musicais e etnográficas e até mesmo as leis, costumes e modos de vida que expressam a essência do sentimento étnico ou nacional”.

Comentando a definição de Museologia apresentada por Sola, Peter Van Mensch destaca que, mesmo num sentido limitado - ou seja: a Museologia preocupada com artefatos e espécimes naturais - ou num sentido mais amplo - , visando a herança cultural e natural como um todo -, existe uma disciplina científica que interpreta a relação entre o homem e o seu meio ambiente, a posição do homem no espaço e no

tempo, especificamente a influência da herança cultural e natural na identidade de pessoas e de grupos.

Observamos que, nas discussões em torno da Museologia como ciência, alguns autores e, em determinado período, o próprio Conselho Internacional de Museus, definem a Museologia como a ciência dos museus. Por outro lado, Schreinner (1980, p.41) destaca que

“... o museu, enquanto instituição, não é o todo, nem parte de uma disciplina científica, mas uma base institucional necessária. A ciência médica não é a ciência dos hospitais, assim como a Pedagogia não é a ciência das escolas; assim também, a Museologia não é a ciência dos museus”.

Na mesma linha, Stransky (1981, p.19) enfatiza que

“... enquanto ciência, a Museologia não pode existir unicamente sob a dependência objetiva do museu, pois o que traria de conhecimento ficaria limitado unicamente a essa tarefa e à necessidade prática de seu desenvolvimento. Ela não serviria às exigências objetivas do desenvolvimento do conhecimento científico. A Museologia não pode se desenvolver ficando presa ao museu, mas ela deve ao mesmo tempo preceder o museu, estar em seu meio e segui-lo”.

3.3 Definindo uma Metodologia para a Museologia

Apresentaremos, a seguir, alguns pressupostos metodológicos, apontados por estudiosos da área da Museologia que, em estudos recentes, têm se preocupado em apontar caminhos para construção de uma metodologia específica para a ciência museológica e em analisar, também, a sua relação com outras áreas do conhecimento.

São poucos os autores que tentam construir, com base nos diversos processos museológicos desenvolvidos em diferentes contextos, pressupostos metodológicos para a Museologia. Consultando a literatura referente ao tema, destacamos os trabalhos de Mensch (1990, p.58), desenvolvidos quando da sua atuação no ICOFOM. O autor ressalta que o objeto assume uma posição chave na Museologia, como condutor de informações. Esclarece, entretanto, que, ao se referir ao objeto, está considerando um fenômeno com características próprias, ou seja: artefatos, espécimes naturais, música, monumentos, dança, teatro, cinema, literatura, artesanato etc.

O referido autor apresenta cinco linhas básicas de atuação da ciência museológica, relacionadas com os fenômenos acima descritos, a saber:

MUSEOLOGIA GERAL: abordagem de questões fundamentais referentes à conservação, pesquisa e comunicação e à estrutura institucional na qual estes aspectos são levados a efeito. Estuda, também, as condições sociais e históricas, bem como seus impactos nas funções de pesquisa, conservação e comunicação.

MUSEOLOGIA APLICADA (ou museografia): desenvolvimento de atividades práticas, lastreadas em

princípios científicos, com a cooperação de várias disciplinas auxiliares, como por exemplo, climatologia, administração, preservação e química, registro e documentação, didática e educação, programação visual, direito, gerenciamento etc.

MUSEOLOGIA ESPECIAL: faz a correlação entre a Museologia geral e algumas disciplinas científicas, como, por exemplo, História da Arte, Antropologia Cultural, História, Sociologia e Filosofia, Política, Ciências Técnicas, Ciências Naturais etc.

MUSEOLOGIA HISTÓRICA: realiza a abordagem histórica da Museologia, ou seja, registra e analisa a sua construção e evolução, no passado e no presente.

MUSEOLOGIA TEÓRICA: elaboração dos fundamentos filosóficos da Museologia. Está particularmente relacionada com a semiótica do objeto, considerando que este, enquanto fenômeno com características próprias, como ficou esclarecido anteriormente, possui três dimensões ou campos de interpretação, definidos através dos seguintes termos lingüísticos:

- semântica (valor, significado);
- sintaxe (ordem, interrelação); ou
- práxis (uso, efeito nas pessoas).

São estas três dimensões que fornecem a estrutura teórica através da qual o objeto é abordado museologicamente. Entretanto, esta abordagem não pode ser enfocada separadamente do contexto social e à parte das disciplinas

científicas, específicas, relacionadas com os diversos objetos, apesar de poder ser realizada de forma específica.

Segundo Peter Van Mensch, uma linguagem geral para a Museologia ainda está por ser desenvolvida, mas, em uma abordagem mais abrangente, estão envolvidas as seguintes categorias de informação:

- a) informação do objeto, ou seja, a informação que pode ser lida diretamente do objeto;
- b) documentação;
- c) informação contextual, como fonte de informação indireta.

A informação do objeto, ao elaborarmos sua descrição física, refere-se à :

- composição material;
- construção, técnica;
- morfologia, subdividida em:
 - forma espacial;
 - estrutura da superfície;
 - cor;
 - padrões de cor, imagens;
 - texto (caso exista).

Este inventário de informações do objeto é denominado de sintaxe. Em relação à interpretação, é feita uma analogia com a iconografia, distinguindo-se o seguinte conjunto de significados:

- Significado principal:
 - a) significado funcional;
 - b) significado expressivo (valor emocional).
- Significado secundário:
 - a) significado simbólico;
 - b) significado metafísico.

Estes aspectos são considerados como a dimensão semântica do objeto.

A dimensão pragmática nos conduzirá a realizar uma análise das relações entre o objeto e o seu usuário ou seu observador, portanto, a interpretá-lo como veículo de informação, destacando-se para tanto, os seguintes fatores:

- a gênese, processo pelo qual a idéia e a matéria-prima se transformam em objeto;
- o uso:
 - a) uso inicial (em geral, de acordo com as intenções do fabricante);
 - b) reutilização que, em geral, não corresponde ao uso inicial.
- a “marca do tempo”, onde são reconhecidos:
 - a) fatores endógenos;
 - b) fatores exógenos.
- a conservação e a restauração.

A área da comunicação deve merecer um grande destaque, na Museologia, pois é por seu intermédio que são estabelecidas as relações entre o público e o museu. Para

Mensch (1990, p.58), a preservação de um objeto, no processo de comunicação, pode se dar através de:

“1 - um conceito fechado, no qual uma interpretação pode ser mais ou menos compulsória ao se dar um único enfoque ao objeto. De um lado, podem ser usados os paradigmas da disciplina científica específica envolvida; de outro, os paradigmas da Museologia, como um reflexo da sociedade;

2 - um conceito aberto, no qual somos induzidos a qualquer interpretação e o observador pode chegar a uma compreensão do objeto e da informação que ele carrega em si, numa ampla confrontação”.

A operacionalização desse processo de comunicação poderá, então, ser realizada através dos seguintes processos de apresentação:

- a) cognitivo, comunicando conhecimento;
- b) afetivo, comunicando valores emocionais e estéticos.

Observa-se que, na abordagem teórica básica acima apresentada, o objeto é considerado como veículo de informação e representa um papel central. É importante ressaltar o sentido bastante amplo que é conferido ao objeto como um fenômeno com características próprias e o fato de que a Museologia não deve estar centralizada na instituição museu.

Comentando sobre a distinção fundamental entre a estrutura teórica do pensamento museológico e a contribuição

de outras disciplinas científicas, Peter Van Mensch destaca que considera de grande importância o fato da Museologia fornecer uma estrutura onde a contribuição de outras disciplinas é testada, de acordo com a relevância da Museologia e do objeto museológico. Questionado sobre a existência de uma metodologia própria para a Museologia, o referido autor destaca que:

“... para responder a esta pergunta, antes de mais nada, devemos observar que não é a utilização de uma metodologia própria que leva certo campo de interesse ao domínio da ciência, mas que isto seja realizado utilizando-se um campo de pesquisa e uma terminologia adequada, direcionados a um conhecimento sistemático de certo aspecto da realidade. Neste sentido, a Museologia é uma ciência”. (Mensch,1990, p.58).

Dando ênfase à interação específica do sujeito que conhece com o objeto que é o testemunho da realidade, Rússio (1991, p.3) considera como objeto de estudo da Museologia o fato museológico ou fato museal, definindo-o como: “a relação profunda entre o homem, sujeito conhecedor, e o objeto que é parte da realidade à qual o homem pertence e sobre a qual ele age”. Para a referida autora, esta relação compreende vários níveis de consciência e o homem pode perceber um objeto com seus sentidos. Destaca que, ao considerar o fato museológico como a relação profunda entre o homem e o objeto, deve-se levar em conta os seguintes aspectos:

-
- a) a relação em si mesma, ou seja, percepção (emoção, razão), registro de percepção (sensação, imagem, idéia) e memória (sistematização das idéias e das imagens e estabelecimento de suas ligações);
 - b) o homem que conhece. Considerado em todos os aspectos de sua existência (filosófica, ética e psicológica, e ao nível da teoria do conhecimento). Deve-se considerar, também, suas relações com outro homem e com os grupos sociais (seu comportamento psicológico, sociológico e político);
 - c) o objeto a ser conhecido. Sua identificação, classificação, dentro de um sistema e sua integração dentro de uma espécie, gênero ou família. Pressupõe a conservação, o conhecimento da composição do objeto (composição química, física, etc.), e das condições ambientais necessárias a prolongar sua existência. É o testemunho do homem e depende de diferentes disciplinas científicas para ser corretamente identificado, estudado, classificado e comunicado;
 - d) o museu como agente da transferência museológica. O museu é o local onde o fato museológico acontece; para tanto, deve-se musealizar os objetos (objetos materiais se tornam objetos-conceitos). Pode-se musealizar objetos que são vestígios, provas da existência do homem e do seu meio ambiente, do seu meio natural ou modificado por ele mesmo. A musealização é realizada com objetos que têm valor de testemunhos, de

documentos e de autenticidade, em relação ao homem e à natureza.

Rússio (1989, p.2), destaca que :

“O sujeito e o objeto do museu são sempre o homem e seu ambiente, o homem e sua história, o homem e suas idéias e esperanças. Em efeito, o homem e sua vida são sempre as bases do museu, o que significa que os métodos usados em Museologia são essencialmente interdisciplinares pois o estudo do homem, da natureza e da vida depende de uma grande variedade de domínios científicos”.

Salienta que, quando museus e Museologia estudam o ambiente, o homem e a vida, são obrigados a aproximar disciplinas que uma especialização atual exagerada tem mantido separadas.

Percebe-se que Rússio também se fundamenta nos estudos de Stansky e Ana Gregóvora, ao definir a Museologia como o estudo das relações específicas do homem com a realidade, e avança em relação a esses teóricos, quando define o fato museal ou fato museológico. A sua definição de museu e de Museologia está impregnada de humanismo, como pode ser observado, a seguir:

“... se é verdade que o objeto só tem significação para o homem que o conhece, também é válido fazer-se a afirmação mais elementar e implícita na anterior, de que embora

o objeto em si, entitativamente (sic), exista materialmente, ele só se “realiza” (coisifica, objetiva, passa a existir concretamente) quando o homem toma conhecimento dele. Por isso é o museu uma criação do mais alto espírito humanista”.

Em conferência ministrada no V Fórum de Museologia do Nordeste, realizado em Salvador, Bahia, Dr^a Mathilde Bellaigue (1992, p.2) identifica como características do método museológico os seguintes aspectos:

- leva em conta dimensões temporais e espaciais;
- toma o real na sua integridade, ou seja, qualquer elemento do real pode ser considerado como objeto museal. (O que não significa, entretanto, que deva ser musealizado);
- é globalizante;
- instaura um questionamento permanente, o que o torna um método evolutivo, como deveria ser todo museu.

As discussões em torno da construção de uma metodologia para a Museologia devem continuar na ordem do dia, sobretudo se considerarmos que a construção da ciência museológica é um processo e, portanto, deve estar em constante transformação.

3.4 Demarcando Posições

Considerando que a teoria e a prática são elementos que se integram mutuamente, procuraremos, neste momento, realizar uma reflexão, no sentido de tentar compreender os objetivos e os meios que estão norteando a ação museológica nos museus brasileiros, destacando os três pontos básicos indicados na definição de Museologia de Peter van Mensch, citada anteriormente, ou seja: a conservação, a pesquisa e a comunicação.

A problemática teórico-metodológica tem preocupado muito raramente os museólogos que, atuando em moldes mecanicistas, a ignoram, muitas vezes deliberadamente. É indispensável uma reflexão crítica, com o objetivo de torná-la mais clara. Neste sentido, enfocaremos, a partir de agora, em uma análise do processo de construção do conhecimento na Museologia, a tríade que, em geral, é apresentada em análises do processo do conhecimento, a saber: o sujeito que conhece, o objeto do conhecimento e o conhecimento como produto do processo cognitivo. Esclarecemos que estamos assumindo, neste trabalho, o conceito sobre conhecimento, emitido por Schaff (1971, p.73): “interação específica do sujeito que conhece e do objeto do conhecimento, tendo como resultado os produtos mentais, a que chamamos conhecimento”.

Faremos, então, o enquadramento dos conceitos de Museologia e dos processos metodológicos apresentados nos itens 3.2 e 3.3, em alguns modelos teóricos apresentados por autores apoiados em correntes filosóficas:

“O primeiro modelo subentende a construção mecanicista da teoria do reflexo. O objeto do conhecimento atua sobre o aparelho perceptivo do sujeito que é um agente passivo,

contemplativo e receptivo; o produto desse processo - o conhecimento - é o reflexo, a cópia do objeto, reflexo cuja gênese está em relação com a ação mecânica do objeto sobre o sujeito. Presume que o sujeito seja um agente passivo, cujo papel na relação cognitiva é o de registrar estímulos vindos do exterior”.

Segundo Schaff (1971,p.75), esse modelo está historicamente associado a diversas correntes do pensamento materialista, pois pressupõe, necessariamente, o reconhecimento da realidade do objeto do conhecimento e interpretação sensualista e empírica da relação cognitiva. Citando Marx, Schaff (1971, p.77) registra que:

“... o materialismo do passado discernia a realidade sob forma de objeto, e não como uma atividade humana, enquanto que o lado ativo era desenvolvido pelo idealismo, se bem que de maneira imperfeita, por ser abstrata”.

Uma das principais características da orientação positivista é o fracionamento da realidade, impedindo uma visão mais genérica da sociedade, que fez malograr qualquer tentativa de interpretação mais abrangente do todo social. Por outro lado, também merecem destaque, na concepção positivista, a resistência às mudanças e a neutralidade dos valores. Comentando a resistência à mudança, Sarmento (1989, p.44) destaca que:

“... se o positivismo ostenta uma ojeriza à contradição, ostenta, igualmente, uma aversão às mudanças sociais profundas. Politicamente, o pensamento positivista é marcadamente conservador. A postura de Popper é, pois, muito coerente com tal concepção, o conceito de “ordem” endossa também esse significado, que é o de controle político das mudanças e reformas sociais, dentro de uma perspectiva de disciplina e administração desses eventos, sem que as classes dominantes percam o comando das transformações sociais”.

Enquadra-se, nesse modelo, o conceito de Museologia adotado pelo Conselho Internacional de Museus, quando atribui à Museologia o papel passivo de estudar a instituição museu, sua história, sua evolução, sua atuação e seu desenvolvimento futuro. O conhecimento produzido nesse processo dá ênfase à realidade museológica, sob a forma de objeto, e não como uma atividade humana. Essa postura mecanicista vai ser refletida na museografia, conforme pode ser observado, a seguir.

No que diz respeito à preservação, destacaremos três aspectos principais: a coleta, a conservação e o registro. Apontadas pela maioria dos técnicos de museus como as ações primeiras e primordiais, sobretudo pelo seu caráter de armazenamento e segurança de um patrimônio, estas ações técnicas têm sido executadas, em sua grande maioria, como meros passos a serem seguidos, metodicamente, sem uma análise dos objetivos da filosofia da instituição, caracterizando-se por uma completa dissociação entre meios e

fins. Esse fazer dissociado de uma reflexão filosófica, essencial para que tenhamos uma compreensão lúcida da nossa ação, tem contribuído para que a pesquisa e a comunicação sejam ações que também se esgotam em si mesmas.

Através da coleta, pode-se compreender toda a teia de relações que tem influenciado e conduzido as ações museológicas em nosso país, pois esta teia é o reflexo da política de preservação adotada, ao longo dos anos, onde se tem privilegiado a produção cultural de determinados segmentos da sociedade, notadamente as elites religiosas e a aristocracia rural. Em geral, os critérios para seleção dos acervos são estabelecidos tomando-se como referência os aspectos de valor estético, antiguidade, raridade etc., todos eles pautados em valores românticos, saudosistas e exóticos, que primam por camuflar e por ignorar a existência de uma sociedade dividida em interesses econômicos e políticos não apenas diversos, mas conflitantes.

Outro aspecto importante a ressaltar, em relação à coleta, é a ação autoritária e isolacionista do técnico ou do colecionador que, imbuído do argumento de autoridade, adquirido com o *status* de técnico de nível superior (que detém um determinado conhecimento e o sacraliza), utiliza-o para manipular e adquirir os objetos a que ele mesmo atribui um determinado valor cultural, e de forma paternalista, em nome da preservação, os arranca do seu contexto sócio-cultural, na maioria das vezes, para deleite de uma elite intelectual. Caracteriza-se, assim, uma seleção imposta e inadequada dos acervos preservados, excluindo-se a participação do cidadão.

Em relação à conservação, o seu objetivo maior tem sido o de guardar, armazenar. Costumamos dizer que atuamos nos museus, em relação à conservação, como se estivéssemos

construindo “silos”. O conservar tem sido algo destinado à elite que, às vezes, chega ao êxtase da “apreciação”. E, assim como o técnico, que coleta de forma estanque e compartimentada, o conservador protege, restaura e cura das doenças um cliente que, ao ter a vida restabelecida, não se sente engajado, participante de uma sociedade, porque é um mero objeto, descontextualizado, que não é usado como referencial para a construção de uma nova realidade. Nota-se o império da técnica que é utilizada, dentro da mais moderna tecnologia, para que este objeto “sem vida comunicada” saia do laboratório como alguém que foi congelado, para ser reincorporado à sociedade, fora do seu tempo. O conservador, na maioria das vezes, age como o “messias”, tão bem caracterizado por Chagas (1990, p.42), “pronto para **salvar** os objetos, crente de que suas ações estão esterilizadas, do ponto de vista político e científico”.

O registro, por outro lado, tem se caracterizado como o momento “supremo do museólogo”, no sentido de se afirmar, demonstrando o conhecimento que adquiriu para ser depositado em alguém que nada sabe e que vai continuar sem saber, porque não domina os mesmos códigos, uma vez que estes estão permeados pela erudição tão necessária para impor autoridade e demonstrar competência. O que se observa, portanto, é a construção de bancos de dados, na maioria das vezes inadequados, para a compreensão da construção do processo histórico, no passado e no presente, pois são constituídos de uma mera descrição física dos objetos, como se estes não fossem o resultado de um processo cultural, em um determinado contexto.

A pesquisa nos museus brasileiros, infelizmente, tem sido relegada a segundo plano. O que se observa é uma total

falta de compromisso com a construção do conhecimento. Se observarmos com atenção os diversos aspectos acima abordados, talvez possamos afirmar que eles sejam o fruto de uma “prática pela prática” ou uma prática embasada em uma ciência positivista. A criatividade, a inquietação, a reflexão, o respeito ao diferente, o dissenso não têm tido lugar nas diversas ações dos nossos museus. O que tem imperado é a linearidade.

Por outro lado, observa-se algumas tendências em considerar o museu como um centro de pesquisa, onde obtém-se, como resultado, a produção de belos relatórios para deleite dos nossos pares que, com orgulho, os enclausuram no âmbito da academia.

São os famosos “curadores” de museus, que utilizam a coleção como se fosse sua propriedade, para executar uma pesquisa para atender seus próprios interesses. Em geral, os pesquisadores que assim agem desconhecem o potencial que possui a museografia, no sentido de democratizar o conhecimento construído e de obter, através do público que a este tem acesso, indicadores importantes não só para avaliar o produto por ele elaborado como para encontrar, junto com este, novos problemas a serem investigados. A pesquisa para o museu deveria, então, ser a mola mestra, no sentido de embasar todo o campo da Museologia aplicada, ou seja: a administração, a preservação e a comunicação, que iria alimentar a produção de um novo conhecimento.

Após esta análise, talvez possamos inferir que, em vez de comunicar, damos comunicados. O conhecimento produzido e comunicado pelos museus tem sido acrítico, interpretando a realidade com base nas primeiras e primárias impressões que atingem o sistema receptor do sujeito do

conhecimento; o objeto é enfocado como se existisse isolado, dissociado de um conjunto de relações. A mensagem transmitida é denotativa - diretamente relacionada ao objeto referido ou às suas qualidades - resultado de coleta, de conservação e de registro que não fornecem a base necessária para que o processo comunicativo seja efetivado.

Os conceitos de Museologia, emitidos por Stransky, Ana Gregóvora e Waldisa Rússio, quando centram sobre o sujeito o papel de criador da realidade e definem o fato museal como a relação profunda entre o homem-sujeito que é parte da realidade à qual pertence e sobre a qual ele age e transforma - sinalizam para uma ação transformadora na Museologia, e podemos enquadrá-la no terceiro modelo, apresentado por Schaff (1971, p.79) em que,

“... contrariamente ao modelo mecanicista do conhecimento para o qual o sujeito é um instrumento que registra passivamente o objeto, é atribuído aqui um papel ativo ao sujeito submetido por outro lado a diversos condicionamentos, em particular, às determinações sociais, que introduzem no conhecimento uma visão da realidade socialmente transmitida”.

Para o referido autor, três elementos constitutivos da filosofia marxista vão ao encontro do modelo ativista da relação cognitiva e do modelo mecanicista, a saber:

“- o primeiro é a tese de Marx sobre o indivíduo humano (sic), como “conjunto das relações sociais”;

- o segundo é a concepção marxista do conhecimento como atividade prática, como uma atividade sensível, concreta;
- o terceiro é a concepção do conhecimento verdadeiro, como processo infinito, visando a verdade absoluta, através da acumulação das verdades relativas”.

Nesse sentido, o conhecimento científico e as suas produções são, portanto, sempre objetivos-subjetivos. Objetivos, em relação ao objeto a que se referem e do qual são o “reflexo” específico, bem como, atendendo ao seu valor universal relativo e à eliminação relativa da sua coloração emotiva. Subjetivos, no sentido mais geral, por causa do papel ativo do sujeito que conhece.

Ao analisarmos o papel ativo do sujeito na construção do processo museológico, não podemos deixar de ressaltar, como afirma Kosik (1976, p.22), que:

“... a dialética da atividade e da passividade do conhecimento humano manifesta-se sobretudo no fato de que o homem, para conhecer as coisas em si, deve primeiro transformá-las em coisas para si; para conhecer as coisas como são independentemente de si, tem primeiro de submetê-las à própria práxis; para poder constatar como são elas quando não estão em contato consigo, tem primeiro de entrar em contato com elas. O conhecimento não é contemplação. A contemplação do mundo se baseia nos resultados da práxis humana. O homem só conhece a

realidade na medida em que ele cria a realidade humana e se comporta antes de tudo como ser prático.”

Tomando como base o processo evolutivo da ciência museológica, constatamos que, na sua construção e reconstrução, a partir da práxis, o marco mais significativo talvez seja a passagem do sujeito passivo e contemplativo para o sujeito que age e transforma a realidade. Nessa perspectiva, o **preservar** é substituído pelo **apropriar-se e reapropriar-se** do patrimônio cultural, para que este venha a ser a base de toda transformação, que virá no processo de construção e reconstrução da sociedade, sem a qual esse **novo fazer** será construído de forma alienante.

A atuação do sujeito, submetido aos diversos condicionamentos, sobretudo às determinações sociais, introduzindo no conhecimento uma visão da realidade socialmente transmitida, tem sido um dado marcante no processo de construção do conhecimento museológico, no mundo contemporâneo, principalmente a partir de 1972, após a realização da Mesa Redonda de Santiago do Chile e do I Seminário Internacional, para discutir o ecomuseu e a “nova Museologia”, realizado em Quebec, em 1984.

As décadas de 70 e 80 foram, então, marcadas por trabalhos museológicos inovadores, desenvolvidos em vários países, embora ainda não houvesse um intercâmbio internacional entre os diversos projetos naquele período. Destacaram-se as atividades de George Henri Riviére e de Hugues de Varine, presidentes do Conselho Internacional de Museus, que estabeleciam relações entre agentes organizadores de diferentes projetos, em um mesmo país ou

entre países diferentes. O desenvolvimento da “Nova Museologia” deu-se, então, através de ações isoladas, em contextos bastantes diversificados.

Nesse novo contexto, não pode deixar de ser destacado o surgimento dos ecomuseus, que foram o produto da insatisfação dos profissionais da área de Museologia, em busca de transformações, tentando afirmá-lo, em realidades bastantes diversificadas, como instrumento necessário à sociedade: um patrimônio global. Bellaigue (s.d., p.2) destaca os aspectos abaixo relacionados como princípios básicos para constituição de um ecomuseu:

- identificar um território e seus habitantes; inventariar as possíveis necessidades e seus anseios;
- atuar, como os membros da comunidade, considerando-os donos reais do seu passado e atores do presente;
- aceitar que não é necessária a existência de uma coleção para que seja instalado o museu e, neste aspecto, a concepção da instituição será no sentido comunidade-museu e não objeto-museu, como antes se concebia.

A referida autora destaca, ainda, que é necessária a definição coerente do território para que seja possível a comunicação entre a população e o museu, para que o processo de inventário seja realizado, envolvendo todo o patrimônio cultural e natural, a gestão administrativa, bem como o desenvolvimento das ações culturais e educativas sejam levadas a cabo, através da participação dos técnicos e dos diversos grupos comunitários.

Graças às ações de Pierre Maryand e de René Rivard, ambos participantes do grupo de ecomuseus de Quebec, em

1984, foi ali realizado o primeiro seminário internacional, destinado a discutir ecomuseus e Nova Museologia. O referido seminário tinha como objetivo:

- a) criar condições de intercâmbio para discutir assuntos relacionados à nova Museologia e à ecoMuseologia, em geral;
- b) definir as suas relações com a Museologia, em geral;
- c) aprofundar os conceitos e encorajar as práticas relacionadas com a ecomuseologia e com a Nova Museologia.

Todas as propostas de reflexão desse seminário tiveram como base o extrato da declaração de Santiago, a seguir:

“Que o Museu é uma instituição a serviço da sociedade na qual é parte integral e que possui em si próprio os elementos que lhe permitem participar na formação das consciências das comunidades a que serve”. (UNESCO, 1992)

Como resultado final do Seminário de Quebec, os participantes firmaram os seguintes pontos:

- A Museologia atua com vista a uma evolução democrática das sociedades;
- A intervenção dos museus no quadro desta evolução passa: por um reconhecimento e uma valorização das

identidades e das culturas de todos os grupos humanos inseridos no seu meio ambiente, no quadro da realidade global do mundo; por uma participação ativa destes grupos no trabalho museológico;

- existe um movimento caracterizado por práticas comuns, podendo assumir formas diversas, em função dos países e dos contextos, que deverão conduzir à emergência de um novo tipo de museu correspondente a estas novas perspectivas;
- Nestas condições, a interdisciplinaridade e a função social conduzem a uma mudança do papel e da função do museólogo, o que implica uma formação neste sentido.

Comentando sobre os pressupostos básicos da “Nova Museologia”, Moutinho (1989, p.31), recomenda que ela deve ser considerada, pelas pessoas integradas nesse processo, como meio (agente, instrumento), a par de outros, de desenvolvimento integral das populações e com as populações. Considera que o que há de novo nas práticas da “Nova Museologia” é a demonstração da capacidade (e a prática disso) das populações se auto-organizarem para gerir o seu tempo e o seu futuro. Destaca o referido autor que:

“a concepção, o desenrolar e a avaliação dos projetos da “Nova Museologia” dependem sempre de uma percepção correta das condições históricas e ambientais locais, em que a intervenção se realiza”.

Os pressupostos básicos que norteiam as ações dos ecomuseus, bem como os referenciais que norteiam o movimento denominado “Nova Museologia” podem, então, ser resumidos nos seguintes pontos:

- reconhecimento das identidades e das culturas de todos os grupos humanos;
- socialização da função de preservação;
- interpretação da relação entre o homem e o seu meio ambiente, e da influência da herança cultural e natural na identidade dos indivíduos e dos grupos sociais;
- ação comunicativa dos técnicos e dos grupos comunitários, objetivando o entendimento.

Considerando os aspectos acima mencionados, a Museologia, concebida nessa nova perspectiva, tem um papel fundamental no resgate do “mundo vivido”, descrito por Habermas (citado por Freitag, 1990, p.2) e caracterizado como:

“... a maneira como os atores percebem e vivenciam sua realidade social. Compõe-se da experiência comum a todos os atores, da língua, das tradições e da cultura partilhada por eles. Ela representa aquela vida social, cotidiana, na qual se reflete “o óbvio”, aquilo que sempre foi, o inquestionado”.

A proposta básica da “Nova Museologia” está pautada no diálogo, no argumento em contextos interativos, sendo, portanto, o “mundo vivido” o espaço social onde será realizada a razão comunicativa.

De certa forma, a proposta da “Nova Museologia” sugere uma “libertação” da razão instrumental a que os museus estavam e, ainda, continuam submetidos, atrelados ao Estado racional legal, calcado em um sistema jurídico e em uma burocracia efetiva etc., o que pode ser evidenciado, através da política de preservação paternalista, imposta pelos governos, onde a decisão do que deve ser preservado, a coleta e a guarda das coleções estão sempre nas mãos dos mais poderosos. Mensch (s.d., p.64) destaca que os poderes social, político, econômico e militar estão sempre pensando na acumulação de objetos duradouros e controlam a passagem do transitório para o durável, num processo em que a alienação material vem junto com a alienação imaterial.

Fazendo uma análise dos diversos projetos por nós desenvolvidos, no Curso de Museologia da UFBA, podemos identificar vários aspectos nos quais a produção do conhecimento tem se dado, considerando o homem, ao mesmo tempo, produto e produtor da sua cultura, compreendendo-o não como um ser abstrato, mas como indivíduo concreto, levando em consideração a sua especificidade histórica, social e individual, num processo de ação comunicativa, voltada para o entendimento; nesse sentido, destacamos os seguintes aspectos:

-
- a) o entendimento de que a cultura é um processo social de produção, ao invés de um “ato espiritual”, expressivo ou criativo;
 - b) a utilização da memória coletiva como referencial básico para o entendimento e transformação da realidade;
 - c) o incentivo à apropriação e reapropriação do patrimônio e para que a identidade seja vivida, na pluralidade e na ruptura;
 - d) a utilização da memória preservada, testemunho da História, entendida como forma de existência social, nos seus diversos aspectos: social, político, econômico e cultural, bem como o seu processo de transformação, contribuindo para a formação do cidadão;
 - e) o desenvolvimento de ações museológicas, considerando como ponto de partida a prática social e não as coleções. Estamos nos afastando dos objetos e nos aproximando da vida;
 - f) a execução de atividades nas quais a relação homem-natureza se dá de forma integrada. Homem e natureza se completam, reciprocamente;
 - g) a consciência de que é necessária uma nova postura museológica, comprometida com a transformação e com o desenvolvimento social;
 - h) o incentivo para que o cidadão, desde a sua formação básica, possa:
 - ver a realidade;
 - expressar a realidade, expressar-se e transformar a realidade.

CAPÍTULO 4

CONSTRUINDO UM PROCESSO METODOLÓGICO

“O Qualitativo e o diálogo não são anticientíficos”.

Michel Thiollent (1986, p.23)

4.1 Optando pela Metodologia da Pesquisa-Ação:

Assumimos, para o desenvolvimento das ações propostas, a definição de pesquisa-ação, explicitada por Michel Thiollent, qual seja:

“... é um tipo de pesquisa social, com base empírica, que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou resolução de um problema coletivo, e, no qual, os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo” (Thiollent, 1986, p.14).

Esta opção está relacionada com a nossa história de vida profissional, uma vez que temos atuado, como professora universitária, de forma integrada e participativa com professores e alunos de 1º e 2º graus, como ficou explicitado na introdução do presente estudo. Acreditamos que o nosso compromisso com a sociedade deve se dar no plano do concreto, assumindo que somos capazes de agir e refletir - transformar a realidade. Qual o compromisso da Universidade

com as muitas realidades de um país da América Latina onde imperam a miséria, o cólera, a violência, o analfabetismo etc. Esta tem sido uma preocupação constante quando atuamos como educadora, museóloga e pesquisadora. Por isso, estamos optamos por sair do espaço fechado da universidade, evitando construir uma tese que estivesse destinada somente à academia. Estamos assumindo que há possibilidade de produzir conhecimento em todos os níveis de escolarização e que este conhecimento pode ser construído em uma determinada ação de caráter social, reconhecendo o papel ativo dos observadores na situação investigada e dos membros representativos desta situação.

4.2 Justificando uma Escolha:

Escolhemos, para desenvolver a ação proposta neste trabalho, o Colégio Estadual Governador Lomanto Júnior, situado na Rua Prof. Souza Brito, s/nº, na Estrada do Farol, em Itapuã, na Cidade do Salvador- BA, por possuir um Curso de Magistério com 492 alunos matriculados. Pretendíamos, a partir das atividades que seriam planejadas e desenvolvidas em sala de aula com professores, alunos e funcionários do referido curso, envolver professores e alunos do 1º Grau, bem como membros da comunidade local.

A escolha do Bairro de Itapuã como área-objeto de estudo deveu-se, pelo nosso modo de entender, à necessidade de realizar um estudo sistemático, a partir da escola, envolvendo a comunidade local e buscando, através das ações planejadas com os diversos segmentos envolvidos, a compreensão e a reflexão sobre o seu patrimônio cultural, na dinâmica do processo social.

Acreditamos que o patrimônio cultural de qualquer bairro pode ser utilizado para análise e compreensão da realidade do presente e como referencial para construção e reconstrução da práxis pedagógica. Entretanto, confessamos que nos deixamos envolver também pelo bucólico, poético, romântico, que é Itapuã, cantada em prosa e verso:

... É bom passar uma tarde em
Itapuã,
Ao sol que arde em Itapuã,
Ouvir o mar de Itapuã,
Falar de amor Itapuã...

Vinicius de Moraes

4.3 Concepção Básica Inicial

Partimos de uma concepção básica inicial, construída a partir das reflexões apresentadas na introdução e nos itens 2 e 3 do presente trabalho. Quando analisamos a política cultural e a atuação dos museus no Brasil, procuramos realizar uma reflexão crítica, não como “mero constatar”, mas buscando entender para estabelecer um novo ponto de partida. Para este novo ponto de partida, buscamos uma preservação que está sendo efetivada, considerando os fenômenos sociais em sua “dinâmica real”, interpretando-os em sua origem, vigência e transformação. Nesse sentido, estão sendo levadas em conta, sobretudo, as características dos diversos grupos sociais envolvidos no projeto, considerando, principalmente, as diversidades culturais - as diferentes

maneiras humanas de ser, de estar no mundo, de viver, de valorar e de se expressar por meio de diversas linguagens. Para esse novo fazer museológico, apoiamo-nos na concepção antropológica de patrimônio, ou seja, todas as manifestações humanas, inclusive a cotidianidade, não mais admitindo os limites estéticos que antes lhe eram impostos, entendendo, também, a cultura em uma concepção ergótica e processual, como tão bem enfatiza Bosi (1982, p.39).

“A cultura como ação e trabalho. Se a cultura é uma soma de objetos que as pessoas têm ou herdam, as pessoas ricas a têm e as pessoas pobres não a têm. A cultura dos pobres seria um nada, eles precisariam obter aqueles bens para serem cultos. O que é oposto à ideia de trabalho, porque nesta todos têm acesso à cultura: não se trata mais de um problema de classe, o ser humano será culto se ele trabalhar, e é a partir do trabalho que se formará a cultura. É o processo e não a aquisição do objeto final que interessa”.

Para analisarmos o contexto urbano como objeto museológico - portanto passível de ser musealizado - é necessário definirmos a cidade como forma, como lugar de forças sociais, como imagem; a cidade como artefato, coisa feita, fabricada pelo homem, segmento do universo material socialmente apropriado pelo homem. Meneses (1985, p.199), ao definir a cidade como um artefato, registra que todo artefato é, ao mesmo tempo, produto e vetor de relações sociais. Sendo assim, a cidade é também lugar onde agem forças múltiplas: produtivas, territoriais, de formação e pressões sociais etc.

Entretanto, para o referido autor, estas duas imagens, ou seja, de artefato e de lugar onde agem forças múltiplas, não esgotam a realidade da cidade, porque esta é também a sua própria imagem, que se vincula a um fato social dinâmico de produção, circulação e consumo de determinados bens urbanos. Salienta que o nível específico do fato social em causa é o das significações e dos bens simbólicos. Ao chamar a atenção para o fato de que as representações urbanas não constituem mera expressão psicológica ou espiritual nem estrito ato cognitivo, mas um dos componentes da prática social global, que inclui o universo de valores, aspirações, legitimações, e critérios de inteligibilidade, Meneses destaca que falar em simbólico urbano é falar em ideologia. Para Castells (1983, p.99), só há simbólico urbano “a partir da utilização das formas espaciais como emissoras, mediadoras e receptoras das práticas ideológicas gerais”.

Nesse sentido, a proposta de um museu didático comunitário no Bairro de Itapuã procura abordar o bairro como forma, como lugar de ação de forças sociais e como imagem. O objeto do museu será o que é o bairro e a sua relação com o contexto da Cidade do Salvador, enquanto fenômeno que a análise científica está recuperando e interpretando; portanto, não estão sendo excluídos a cidade de hoje, o bairro de hoje com suas contradições, pois ambos só poderão ser compreendidos dentro de uma perspectiva histórica.

Quanto ao acervo que está sendo trabalhado, podemos identificá-lo como acervo **institucional** e acervo **operacional**. O acervo institucional está sendo formado, gradualmente, levando-se em consideração os contextos sociais e históricos que as peças documentam, levantando-se as demais referências

desses contextos, considerando-se valores modestos, anônimos, sem relevância estética, ou de ineditismo. Consideramos, pois, de vital importância, nesse sentido, toda a produção cultural que se refira ao universo do cotidiano e do trabalho. Ao acervo **institucional** está sendo incluído também material arquivístico e iconográfico, fotografias, plantas, maquetes, depoimentos e testemunhos de várias naturezas, bem como toda a documentação urbana, coletados através de pesquisas sociológicas, históricas e antropológicas. Quanto ao acervo **operacional**, consideramos: a paisagem, estruturas, monumentos, equipamentos, áreas e objetos sensíveis do tecido urbano, socialmente apropriados, percebidos não só na sua carga documental, mas na sua capacidade de alimentar as representações urbanas.

Em síntese, consideramos os referenciais abaixo relacionados como norteadores das ações que estão sendo executadas:

- reconhecemos o papel ativo do sujeito que conhece e transforma a realidade;
- consideramos o processo educacional como responsável pela formação do cidadão, que deve reconhecer, no seu patrimônio cultural, um referencial para o exercício da cidadania;
- definimos como museu didático-comunitário, neste processo, o museu que está sendo organizado a partir da construção do conhecimento em sala de aula, tomando como referencial o patrimônio cultural local (o bairro e o colégio), em suas dimensões de tempo e espaço, na dinâmica do processo social. O comunitário é compreendido como a participação dos moradores locais

-
- estamos considerando o fato museal como a relação entre o homem, sujeito conhecedor, e o objeto, que é parte da realidade à qual o homem pertence e sobre a qual ele age (o objeto entendido no seu sentido mais amplo: material, imaterial). A realidade entendida, portanto, como um fenômeno fundamentalmente social;
 - compreendemos o processo museológico como as ações de pesquisa, preservação (coleta, registro e conservação) e comunicação, tendo como referencial o fato museal;
 - entendemos como patrimônio cultural a totalidade da vida e do meio ambiente, ou seja, o real na sua totalidade: material, imaterial, natural e cultural;
 - estamos trabalhando com uma Museologia que tenta contribuir para uma evolução democrática das sociedades;
 - procuramos reconhecer o patrimônio cultural de todos os grupos sociais, utilizando-os como instrumento de educação e desenvolvimento;
 - estamos agindo com base em uma proposta teórico-metodológica que está pautada no diálogo, no argumento e em contextos interativos;
 - realizamos uma mediação teórico-conceitual em todas as fases de desenvolvimento do projeto;
 - buscamos obter informações e conhecimentos selecionados, em função das diversas ações que serão desenvolvidas;
 - buscamos a socialização das ações museológicas de preservação, pesquisa e comunicação, aceitando que não é necessária a existência de uma coleção para que seja

instalado o museu. Neste sentido, a concepção do museu é a seguinte:

análise e reflexão sobre o patrimônio cultural, na dinâmica do processo social - produção de conhecimento -musealização do conhecimento produzido pelos técnicos, com a participação dos sujeitos envolvidos no processo;

- entendemos a função do museólogo-educador como mediador, atuando com os membros envolvidos no processo, considerando-os donos reais do seu passado e atores do presente.

ESTAMOS CAMINHANDO ASSIM, PORQUE:

No contexto de uma crise que atinge todos os segmentos da sociedade brasileira e, em especial, a educação e a cultura, aceitamos o desafio de acreditar que somos sujeitos da História e que juntos somos capazes de deflagrar um processo de crescimento conjunto, considerando o patrimônio cultural como um referencial para o exercício da cidadania e desenvolvimento social, por meio do processo educativo.

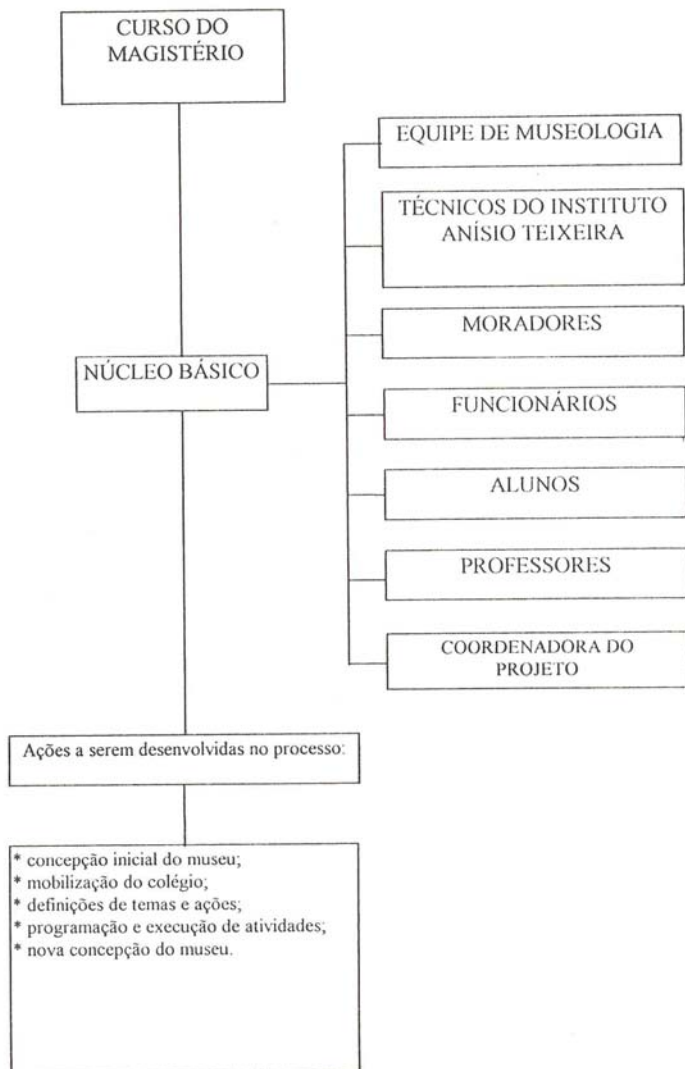


Foi estabelecido um elo com professores, alunos e funcionários do Curso de Magistério para direcionamento dos trabalhos. As etapas abaixo relacionadas foram propostas como objetivo de sensibilizar os participantes para o envolvimento no projeto e o direcionar os trabalhos. Foram sendo modificadas na dinâmica do processo de discussão conjunta, conforme está explicitado no capítulo 5.

1ª ETAPA

- Apresentação e discussão da proposta de trabalho com a direção, com os coordenadores e professores do Curso de Magistério do Colégio Estadual Governador Lomanto Júnior;
- contatos com coordenadores e professores das diversas áreas de ensino do 1º Grau para apresentação e discussão da proposta de trabalho e envolvimento dos mesmos nas diversas etapas do projeto;
- definição, junto aos corpos docente e discente do Curso do Magistério, de estratégias para o envolvimento da comunidade no presente projeto;

formação do seguinte núcleo básico:



– 2ª ETAPA :

- discussão com professores e estudantes do Curso de Magistério, coordenadores e professores do 1º Grau, com o objetivo de escolher temas e ações a serem executados;
- contatos com associação de moradores, irmandades religiosas, colônia de pescadores, outras instituições educacionais e demais órgãos da sociedade civil organizada para apresentação e discussão do presente projeto, motivando-os para a participação conjunta;
- análise e sistematização do material pesquisado sobre os temas selecionados e seleção dos conteúdos a serem trabalhados em sala de aula, adequando-os aos conteúdos das diversas disciplinas oferecidas no curso de Magistério;
- seleção de estratégias e procedimentos para documentação e classificação do acervo produzido no processo para uso permanente dos participantes do projeto.

3ª ETAPA :

- planejamento das atividades por técnicos, coordenadores, professores e estagiários de Museologia, envolvendo membros da comunidade local;
- produção de material didático a ser utilizado, como textos, recursos audiovisuais, mapas, reproduções fotográficas, exposições temporárias etc., com a participação dos diversos segmentos envolvidos;
- execução e acompanhamento das programações;

-
- planejamento e organização, juntamente com os diversos segmentos envolvidos, do Museu Didático-Comunitário de Itapuã, que deverá ser o responsável pela organização, classificação e documentação de todo o material produzido nas diversas etapas do projeto, como também para dar continuidade ao processo iniciado através da presente pesquisa;
 - registro das diversas etapas realizadas e análise dos resultados alcançados, apresentando-os, para discussão e avaliação, às diversas equipes envolvidas no projeto para, em seguida, serem publicados e divulgados.

CAPÍTULO 5

DO CAMINHO PENSADO E PROPOSTO AOS CAMINHOS

PERCORRIDOS: processos de ação e reflexão.

“...Não há decisão histórica prática, sobretudo aquelas mais ostensivas e contestadoras, sem pelo menos um pouco de fanatismo, porque é em nome dele que se chega a dar a vida por um projeto político determinado. Quem passa a vida “em cima do muro”, não faz história, ou é tragado por ela”.

Demo (1984, p.110).

5.1 Mobilizando o Colégio, Integrando o Curso de Museologia, Conquistando Espaço, Buscando Apoio Financeiro e Institucional

Logo após ter sido aprovada na seleção do Doutorado em Educação, dirigi-me ao Colégio Estadual Governador Lomanto Júnior, onde apresentei a proposta do estudo à Diretora, Profa. Alba Pedreira Lapa, ao Vice-diretor do turno vespertino, Prof. Almir da Cruz Teixeira, A aceitação foi imediata, fato que nos motivou bastante. Marcamos uma reunião com os professores do Curso de Magistério, que foi realizada com a participação do meu orientador, Prof. Sérgio Farias. Falamos dos projetos que já havíamos desenvolvido em

outros colégios da rede estadual de ensino da Cidade do Salvador e registramos o nosso interesse em iniciar um trabalho integrado com o Colégio Lomanto Júnior. Em geral, a proposta foi aceita, sendo que alguns professores demonstraram maior entusiasmo, como os das áreas de Expressão e Comunicação, Estudos Sociais e Educação Artística.

Após a reunião geral com os professores, foram feitos contatos com a coordenadora do Curso de Magistério, obtendo-se informações sobre o currículo adotado nas diversas séries, bem como dos conteúdos das respectivas disciplinas. Era nosso objetivo realizar um estudo detalhado, tentando adequar os conteúdos das diversas disciplinas à história do bairro. Como o planejamento das unidades já tinha sido realizado, a coordenadora sugeriu que deixássemos para iniciar as atividades em sala de aula no ano seguinte. A proposta foi aceita e demos continuidade ao trabalho, nos contatos com a direção, realizando levantamento e fichamento da documentação do colégio e integrando os alunos do Curso de Museologia ao projeto.

Objetivando realizar ações de ensino, pesquisa e extensão de forma integrada, engajaram-se no projeto dois monitores que estavam atuando na disciplina Técnica de Museu III (ação cultural e educativa dos museus) sob a nossa responsabilidade no Curso de Museologia; pretendíamos, através das ações executadas em conjunto, trazer para a sala de aula as discussões e o material produzido no decorrer do processo de construção do Museu Didático-Comunitário de Itapuã, com o objetivo de enriquecer o processo de ensino/aprendizagem. O projeto apresentado ao doutorado para a minha seleção foi lido pelos dois monitores, tendo sido

realizada, em seguida, uma ampla discussão, no intuito de esclarecer as dúvidas e prepará-los para a atuação no Colégio Estadual Governador Lomanto Júnior.

Durante os meses de janeiro e fevereiro/92, aproveitando o recesso escolar, foram feitos levantamentos nos arquivos do colégio, sistematizando-se os documentos por subtemas, a saber: dados referentes à fundação do colégio, história e atuação do grêmio, o Curso do Magistério e dados sobre o bairro. Foram realizadas leituras nos livros de ata e de ocorrências, nos documentos expedidos e recebidos, bem como, seleção e identificação da documentação fotográfica. Em relação ao Bairro de Itapuã, foi localizado em uma caixa de papelão depositada no almoxarifado, todo o material produzido pela equipe da Fundação Cultural do Estado da Bahia, que atuava no projeto “História dos Bairros da Cidade do Salvador”. Deste material, constavam fotos, entrevistas com moradores, levantamento bibliográfico e documentos relativos aos eventos realizados no colégio. Este material foi lido e fichado.

Cabe registrar que, até aquele momento, não tinha sido destinada, pela direção do colégio, uma sala para a equipe do projeto. Durante o período de férias, trabalhamos na sala dos professores. Deixávamos o material armazenado em caixas, na sala da direção. Preocupados com as condições que teríamos para dar continuidade ao trabalho no período de aula, começamos a motivar a direção do colégio para que fosse destinada uma sala para a nossa equipe. No início das atividades do ano letivo de 1993, por algumas semanas, percorríamos os corredores e as salas sem ter onde armazenar o material para que a equipe tivesse as condições mínimas necessárias ao prosseguimento das atividades. Foram

momentos de expectativa, de angústia e de ansiedade para a coordenadora do projeto. Tentando sanar o problema, a diretora do Colégio nos ofereceu duas salas estreitas, de aproximadamente 2,5m de largura por 6m de comprimento, mas foi impossível ocupá-las, devido ao calor e o desconforto, pois eram totalmente voltadas para o poente. Conquistamos, então, uma outra sala, com 4 metros de largura, por 4 de comprimento, em um local mais tranquilo, com um corredor largo, localizado em frente, que poderíamos utilizar para atividades com os alunos e para montagem de exposições. Vibramos muito com a conquista e, após uma faxina no almoxarifado, juntamente com a diretora, conseguimos uma estante e um fichário. A sala já possuía mesa e cadeiras, pois era utilizada, anteriormente, pela associação de pais e mestres, que estava desativada. A conquista da sala e do mobiliário motivou bastante a equipe. O material que estava sendo pesquisado foi cedido pela direção, dando início ao acervo do museu.

Realizados os contatos com o colégio e já com o espaço definido, sinto-me mais segura e me dirijo ao Instituto Anísio Teixeira, órgão da Secretaria de Educação do Estado da Bahia, responsável por realizar pesquisas e treinamento de professores, e que já havia apoiado o projeto que desenvolvemos na escola Euricles de Matos, no Bairro do Rio Vermelho, na Cidade do Salvador. Através da Gerência de Experimentações, coordenada pela técnica Maria José Cortizo, encaminho o projeto à diretora, Profa. Sylvia Ganem Assmar que, após submetê-lo à aprovação da Secretária de Educação, decide incorporá-lo às ações do instituto. A partir de então, conseguimos remuneração para quatro estagiários e a pedagoga, do IAT, Glória Maria do Carmo Ribeiro de

Oliveira, é também incorporada à nossa equipe. Passamos a contar com o material necessário para o desenvolvimento das atividades e com a possibilidade de participação de assessores, conferencistas etc., sempre que fossem necessários.

Com o apoio definido e o projeto aprovado na escola, cresce a equipe. A Profa. Rosana Andrade Nascimento, responsável pela disciplina, Classificação e Documentação, no Curso de Museologia, acredita no projeto e passa a integrar a nossa equipe, juntamente com três estagiárias. Imediatamente, começam o processo de classificação e documentação do acervo já existente.

Iniciada a matrícula na disciplina, Estágio Supervisionado, no Curso de Museologia, três alunos se matriculam na área de ação cultural e educativa dos museus e passam a atuar no projeto, sob a nossa orientação. Um destes alunos, Helder Bello de Mello, que já havia sido monitor na disciplina Técnica de Museu III, continuou no projeto, agora como estagiário.

Aos poucos, o núcleo básico do museu vai se estruturando.

Com o objetivo de informar, de maneira mais abrangente, aos corpos docente e discente, aos funcionários e moradores do bairro sobre o projeto, parte da equipe do museu dedicou-se a elaborar propostas de ação, que eram apresentadas em reuniões, em que cada membro deixava fluir as idéias de maneira bastante livre e criativa, sendo que as diversas sugestões iam sendo discutidas, ampliadas, modificadas ou incorporadas. Após várias reuniões, decidiu-se que a maneira mais eficaz para divulgar os objetivos do projeto era a montagem de uma exposição. Passou-se, então, para o planejamento da mesma, utilizando-se procedimentos

semelhantes ao da fase anterior, ou seja, reuniões onde os membros do grupo colaboravam dando sugestões que iam sendo incorporadas. Definiu-se que seriam apresentados um perfil do profissional museólogo e algumas informações sobre o Curso de Museologia, as atividades já desenvolvidas por este curso em outros colégios da Cidade do Salvador, os objetivos do projeto e uma apresentação da equipe e das instituições responsáveis pelo mesmo. Gradualmente, o planejamento da exposição foi elaborado, ficando assim definido:

5.1.1 *A Exposição*

Título: patrimônio cultural e educação:

do Pelourinho a Itapuã.

OBJETIVOS:

- a) Divulgar, no Colégio Estadual Governador Lomanto Júnior e na Comunidade do Bairro de Itapuã, a proposta de instalação de um museu didático-comunitário no colégio;
- b) apresentar o Curso de Museologia, o Programa de Pós-graduação em Educação e o Instituto Anísio Teixeira;
- c) divulgar os programas de ação cultural desenvolvidos pelo curso de Museologia da UFBA com a rede estadual de ensino, relacionando-os com o projeto do Museu Didático-Comunitário de Itapuã;
- d) motivar os corpos docente, discente, funcionários e a comunidade de Itapuã para o engajamento no projeto.

Roteiro da exposição:

LOCAL: Pátio externo, canteiros centrais.

ABERTURA: faixa nas cores azul e branca, com o título da exposição.

ELEMENTOS DE SUSTENTAÇÃO DOS SUPORTES: barrotes de madeira fixos em cada extremidade dos canteiros, cordas de náilon presas na parte superior dos barrotes, passando por toda a extensão dos canteiros.

SUPORTES: painéis de eucatex, revestidos de plástico colorido e transparente, presos nas cordas com arame e pegadores de roupa, simulando um “varal” (corda utilizada para secar roupa ao sol).

Núcleo 1: Apresentação do Curso de Museologia

Conteúdo Básico:

- histórico do curso;
- currículo com habilitações;
- caracterização do profissional museólogo.

Dispositivos de Montagem:

- cor: azul
- Painel de abertura apresentando a UFBA, Faculdade de Filosofia e o Curso de Museologia;
- painel com foto da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (sede do Curso de Museologia), fluxograma, currículo, textos sobre o histórico do curso e caracterização do profissional museólogo.

Núcleo 2: Projeto de Integração dos Alunos do Colégio Estadual Azevedo Fernandes ao Pelourinho e ao Terreiro de Jesus.

Conteúdo Básico:

- etapas do trabalho desenvolvido com alunos e professores;
- formação da Cidade do Salvador;
- formação e evolução do Pelourinho e do Terreiro de Jesus.

Dispositivos de Montagem:

- cores: branca, vermelha e bege.
- Painéis com fotos e textos sobre o trabalho com os alunos e professores;
- painéis com textos, fotos, plantas e desenhos sobre a formação da Cidade do Salvador, do Terreiro de Jesus e do Pelourinho.

Núcleo 3: O Projeto de Implantação do Museu Didático-Comunitário de Itapuã.

Conteúdo Básico:

- objetivos do projeto;
- metodologia;
- clientela envolvida;
- apresentação da equipe;
- instituições envolvidas.

Dispositivos de Montagem:

- cores: vermelha, amarela, azul, laranja e branca.
- faixa de abertura nas cores vermelha e branca, com o seguinte questionamento: E ITAPUÃ?

Painel 1: O QUE PRETENDEMOS?

- Um museu didático-comunitário com o Colégio Lomanto Júnior e com a Comunidade do Bairro de Itapuã;
- Cor: amarela, texto em pincel atômico preto, letra cursiva;
- Fotos do bairro, dos alunos no pátio do colégio, professores e funcionários.

Painel 2: COM O QUE VAMOS TRABALHAR?

- O bairro:
 - o meio ambiente;
 - usos, costumes;
 - monumentos;
 - o trabalho;
 - o bairro e a Cidade do Salvador, etc.
- A Escola:
 - a escola e sua história;
 - a escola e a comunidade;
 - Vamos trabalhar com o patrimônio cultural;
 - Cor: vermelha, texto em pincel atômico preto, letra cursiva. Fotos de paisagens do bairro, festas, pesca e uma foto do colégio com os alunos.

Painel 3: COMO PRETENDEMOS TRABALHAR?

- Elaborando material didático;
- realizando levantamento bibliográfico;
- entrevistando pessoas;
- classificando e documentando o material produzido;
- realizando exposições;

- ouvindo opiniões, decidindo em conjunto, construindo um museu participativo.
- Cor: verde, texto em pincel atômico preto, letra cursiva.

Painel 4: A EQUIPE:

- Fotos de todos os membros da equipe com os respectivos nomes.
- Cor: azul.

Painel 5: INSTITUIÇÕES ENVOLVIDAS

- Nomes das instituições envolvidas com o projeto.
- Cor: branca, texto em pincel atômico preto, letra cursiva.

DIVULGAÇÃO:

- Convites para serem distribuídos entre os professores nas salas de aula, nos turnos matutino, vespertino e noturno, solicitando que convidem as famílias e os amigos para visitar a exposição;
- cartazes em cartolina para serem colocados nos corredores do colégio, na cantina e na sala dos professores;
- setas e cartazes informando a localização da sala da equipe do projeto;
- preparação, pelo Instituto Anísio Teixeira, de “*release*” para ser distribuído entre os meios de comunicação.

INSTRUMENTOS PARA COLETA DE SUGESTÕES:

- Urna para ser colocada em local próximo à exposição, com cartaz solicitando que fossem depositadas sugestões para continuidade do projeto;
- questionário para ser aplicado com alunos e professores, com a orientação da equipe do núcleo básico do museu, solicitando indicações de temas a serem trabalhados (ver anexo).

ACOMPANHAMENTO DURANTE A EXPOSIÇÃO:

- Atividades de monitoria, por série, a ser realizada pelos componentes do núcleo básico do museu;
- escalonamento da equipe do museu, por turno, com o objetivo de acompanhar os visitantes que não estiverem participando do processo de monitoria.

MONTAGEM DA EXPOSIÇÃO E EXECUÇÃO DAS ATIVIDADES PROGRAMADAS.

Na semana anterior à montagem da exposição, a equipe de Museologia visitou todas as salas do colégio, falando a respeito dos objetivos do projeto, divulgando a exposição e distribuindo os convites para os alunos e familiares. Foram realizadas, também, visitas às salas dos professores e dos funcionários, com distribuição dos convites para a exposição. Cartazes foram colocados nos corredores, na cantina e na sala dos professores e setas foram coladas nas paredes, indicando a localização da sala do museu.

A exposição foi preparada segundo o planejamento executado pelo grupo. Durante um fim de semana, dias 15 e 16/05/93, foram montados os suportes, barrotes e cordas para sustentação dos painéis, tendo sido preparados dois ambientes: os canteiros centrais do pátio e o corredor em frente à sala do museu, para ser usado caso estivesse chovendo. Na segunda feira, às 7h, a equipe do projeto iniciou a montagem, trazendo os painéis correspondentes a cada núcleo, prendendo nas cordas com arame e fazendo o acabamento com pegadores de roupa grandes, em cores variadas. À medida em que os alunos iam ingressando no colégio, paravam para observar a montagem, sendo que alguns se envolveram no processo de montagem, ajudando a pendurar os painéis e a transportá-los até o local da exposição.

Às oito horas, a exposição já estava montada. Os alunos que se encontravam no pátio, em aula vaga, foram acompanhados pelas estagiárias de Museologia e pela coordenadora do projeto. A partir do segundo horário do período da manhã, foram realizadas visitas guiadas com as diversas séries, seguindo o cronograma elaborado

anteriormente, de acordo com os horários de cada turma. O cronograma de visitas guiadas também foi seguido no turno vespertino.

No dia da abertura da exposição, pela manhã, tivemos a presença da TV Educativa, cujos repórteres fizeram entrevistas com a equipe do projeto e com alguns alunos, causando bastante entusiasmo entre os estudantes. Nesta mesma manhã, estiveram presentes no local a Diretora do Instituto Anísio Teixeira, Profa. Sílvia Ganem e a Gerente de Projetos Experimentações da mesma instituição, Maria José Cortizo.

Após a visita à exposição, visitaram a sala destinada ao projeto e discutiram com o grupo sobre o seu andamento e as perspectivas para o seu crescimento no colégio e na comunidade de Itapuã.

A exposição ficou no pátio do colégio durante uma semana, sendo que durante dois dias, permaneceu no local também à noite, para atender aos alunos do noturno.

COLHENDO SUGESTÕES:

A urna foi colocada próximo à exposição, conforme planejado, com um cartaz solicitando que as pessoas registrassem as sugestões para continuidade das atividades do museu.

Durante o período da exposição, foram distribuídos questionários em todas as salas de aula (vide anexo), nos diversos turnos, inclusive no curso noturno, com o objetivo de conhecer a preferência dos alunos em relação aos temas a serem trabalhados pelo museu nas atividades seguintes. A equipe de Museologia aplicou os questionários nos turnos matutino e vespertino, sendo que no noturno, um aluno que

fazia parte da equipe de reestruturação do grêmio do colégio se colocou à disposição para aplicá-lo em algumas turmas daquele período. Foram aplicados 1.600 questionários, sendo que os temas preferidos foram: em primeiro lugar, a História do Colégio Estadual Governador Lomanto Júnior, com 661 pontos; em segundo lugar, A Lagoa do Abaeté e o Meio Ambiente, com 652 pontos; e em terceiro lugar, a História do Bairro de Itapuã, com 619 pontos.

Os resultados do levantamento dos questionários foram anunciados à comunidade do colégio, colocados em cartazes nos corredores, na cantina e sala dos professores. Como as férias do meio do ano já estavam próximas, nos cartazes, também comunicávamos que após o período de recesso, começaríamos a trabalhar com os temas propostos, com a participação dos alunos e dos professores.

AVALIANDO A EXPOSIÇÃO:

Logo após o término da exposição, a equipe do projeto se reuniu para realizar uma avaliação de todo o processo. A coordenadora sugeriu alguns tópicos para orientarem o processo, colocou em discussão para o grupo, tendo sido aprovado que seriam avaliados os seguintes aspectos:

- a) fase preparatória;
- b) o conteúdo da exposição;
- c) processo de montagem;
- d) participação da equipe;
- e) mobilização do colégio e da comunidade.

Os participantes da equipe faziam as apreciações em relação a cada tópico. Após uma análise das considerações de todos os componentes do grupo, estabeleceram-se algumas conclusões em relação aos seguintes aspectos:

Fase preparatória:

Foi decisiva para a integração da equipe do projeto. A participação do grupo se deu de forma bastante satisfatória, com todos os membros atuando, dando sugestões, tendo havido um processo bastante criativo e de respeito às idéias do outro. Foi também o momento onde as dúvidas, em relação à metodologia do projeto de instalação do Museu Didático-Comunitário de Itapuã, foram sendo explicitadas com mais facilidade pelo grupo, permitindo à coordenação identificar os pontos que necessitavam de um maior aprofundamento.

Por ser a primeira atividade que realizávamos com o apoio do Instituto Anísio Teixeira, houve muita ansiedade em relação à compra do material para a montagem da exposição, pois a verba ainda não havia sido liberada. Vários materiais tiveram que ser adquiridos com verba da coordenadora, como os barrotes para sustentação das cordas, grampos para os painéis, filmes para documentar a exposição etc.

- A falta de um leiaute preciso da exposição, com medidas da área em escala, ocasionou alguns problemas quando da colocação das faixas e dos painéis;
- dificuldades na colocação dos barrotes nos canteiros centrais, devido à inexperiência do grupo em trabalhar com este tipo de tarefa, tendo sido necessário comprar cimento e pá em cima da hora, e, após o trabalho realizado, deixar secar por 24 horas, tempo que não foi previsto no cronograma de trabalho;

- observou-se, também, que os questionários e os convites deveriam ter sido entregues ao Instituto Anísio Teixeira com maior antecedência;

O Conteúdo da Exposição:

- O título da exposição caracterizou bem o seu conteúdo, permitindo, além disso, demonstrar que o trabalho de ação cultural no Curso de Museologia tem sido desenvolvido em vários colégios da rede estadual de ensino da Cidade do Salvador;
- a apresentação dos trabalhos desenvolvidos no Pelourinho, no Terreiro de Jesus e no Bairro do Rio Vermelho fez com que a equipe de Museologia tivesse maior credibilidade perante alunos e professores, ao apresentar um trabalho concreto já realizado em outros estabelecimentos de ensino;
- com os temas apresentados nesse núcleo, foi possível, também, divulgar alguns conteúdos a respeito do Centro Histórico da Cidade do Salvador. A equipe de Museologia percebeu, através dos depoimentos dos alunos, a total falta de informação sobre estes conteúdos. Alguns alunos residentes no Bairro de Itapuã nunca visitaram o centro da cidade e não estabeleciam nenhuma relação entre o bairro e a Cidade do Salvador;
- a colocação da faixa, abrindo o núcleo, sobre o projeto, com o questionamento E Itapuã?, despertou a curiosidade em relação ao projeto do museu;
- o uso das fotos do colégio e do bairro permitiu uma maior aproximação de alunos, professores e funcionários. Durante todo o período em que a exposição permaneceu no pátio, os grupos se reuniam em frente aos painéis, tentando identificar os colegas, professores e situar os aspectos do bairro;

- a colocação de fotos da equipe do projeto, com a identificação de cada componente, fez com que os alunos identificassem o grupo. Era interessante observar os alunos olhando as fotos e relacionando-as com as pessoas da equipe;
- com frases pequenas e fotos, conseguiu-se transmitir o conceito de patrimônio cultural, apresentar os objetivos e a metodologia do projeto;
- devido à ausência de um fotógrafo profissional, as fotos sobre o colégio e alguns aspectos do bairro foram tiradas pela equipe de Museologia e apresentadas em tamanho postal, o que dificultou a leitura das mesmas por parte dos alunos.

Processo de Montagem:

- O sistema de “varal” facilitou a colocação dos painéis; porém, como estes eram pesados, as cordas cediam, causando dificuldade em colocá-los de forma reta para facilitar a leitura por parte dos visitantes. O visual ficou bastante interessante, integrado aos coqueiros existentes nos canteiros centrais do pátio;
- o sistema de barrotes e cordas ficou pouco dispendioso e fácil de ser montado;
- a ajuda dos alunos, todos os dias, durante o processo de montagem e desmontagem, foi bastante interessante, permitindo uma maior aproximação entre estes e a equipe de Museologia;
- um fato bastante positivo foi a manutenção da exposição, ao ar livre, durante uma semana, sem que houvesse, por parte dos alunos, nenhuma agressão ao material exposto, dado este bastante relevante, pois a todo momento, no colégio, observam-se atos de vandalismo, como quebra de carteiras,

muros pichados, vidros quebrados, vasos sanitários e descargas danificadas etc.

– uma das dificuldades encontradas no processo de montagem foi a colocação de arames para prender os painéis às cordas. Estes, às vezes, quebravam, dificultando o processo. A colocação de correntes finas talvez tivesse sido mais prática.

Participação da Equipe:

– O grupo esteve bastante motivado durante toda a fase de planejamento e montagem da exposição. Houve disponibilidade para trabalhar em fins de semana e feriados. O processo de preparação e montagem da exposição permitiu uma maior integração entre os componentes da equipe de Museologia, pois, a partir do momento da montagem, todos os membros passaram a atuar em conjunto;

– a coordenadora do projeto percebeu que alguns membros da equipe estavam inseguros em relação aos passos seguintes que seriam dados após a exposição. Durante o processo de avaliação, concluiu-se que tal insegurança era ocasionada pela falta de experiência em participar de projetos desse teor, tendo a coordenadora destacado para o grupo, que a construção de um processo como o que estava sendo proposto, implicava:

- conhecimento da realidade;
- conhecimento das pessoas e de seus interesses;
- acreditar que as pessoas são capazes de contribuir, construir e indicar caminhos, enfim são capazes de fazer;
- a pedagoga, do Instituto Anísio Teixeira, Glória Maria do Carmo R. de Oliveira, colocada à disposição do projeto, com o processo de planejamento e montagem da exposição, integrou-se, bastante à equipe de Museologia, contribuindo, durante

todo o processo, com idéias bastante criativas e encaminhando as solicitações ao IAT;

- a exposição trouxe ao colégio, pela primeira vez, para participar de uma atividade do projeto, a diretora do IAT, e a gerente de Experimentação, que ficaram bastante motivadas com o andamento do mesmo.

Mobilização do Colégio:

- Os cartazes e os convites mobilizaram os alunos, mas não atingiram as famílias e a comunidade local. A visita de membros da comunidade foi bastante reduzida;

- a escolha do local foi excelente, no sentido de atrair os alunos e todas as pessoas que chegavam ao colégio para a exposição;

- a aplicação dos questionários e a distribuição dos convites em sala de aula favoreceu a divulgação do projeto e o envolvimento do colégio com o mesmo;

- houve oportunidade de maior aproximação com alguns professores, com a direção e vice-direção dos diversos turnos, com os funcionários, com a equipe que estava reestruturando o grêmio e com a coordenadora do Curso de Magistério;

- as setas e os cartazes indicando a sala da equipe de Museologia facilitaram o acesso de alunos e professores ao local;

- a urna, colocada próximo à exposição, não foi utilizada, como planejado, para coletar sugestões dos participantes, que preferiram emitir opiniões utilizando os questionários;

- uma vez que a exposição tinha como um dos seus objetivos apresentar o projeto ao colégio - pois os alunos e os funcionários ainda não haviam sido informados da sua existência - não houve a participação de alunos e professores

na preparação da mesma. Durante o processo de avaliação, a equipe de Museologia assumiu que, cumprida esta etapa, nenhuma exposição a partir daquele momento, seria realizada sem o envolvimento, em todas as etapas, de alunos e professores.

5.2 Treinamento, Desenvolvimento e Capacitação da Equipe - Núcleo Básico do Museu

Esclarecendo os objetivos do projeto - WORKSHOP: “Museu Didático-Comunitário de Itapuã: por que estamos caminhando assim?”

O processo de avaliação da exposição “Do Pelourinho a Itapuã: patrimônio cultural e educação” permitiu à coordenadora constatar a necessidade de tornar mais claro para o grupo - estagiários de Museologia e a pedagoga do IAT - os objetivos do projeto. Neste sentido, foi organizado pela coordenadora, com a participação da Profa. Rosana Nascimento, um *workshop* com os seguintes objetivos:

a) Geral:

- Refletir sobre as bases teóricas da Ciência Museológica na prática a ser realizada no Museu Didático-Comunitário de Itapuã.

b) Específicos:

- situar, historicamente, o processo de construção do conhecimento na Museologia;
- analisar as propostas metodológicas que têm embasado o fazer museológico;
- relacionar os aspectos teórico-metodológicos do fazer museológico com as ações desenvolvidas no Museu Didático-Comunitário de Itapuã;

- situar a prática museológica brasileira no processo de construção do conhecimento na Museologia;
- caracterizar a metodologia da pesquisa-ação, situando-a no contexto do Museu Didático-Comunitário de Itapuã;
- apresentar a ação documental museológica, enquanto produção de conhecimento, relacionando-a com a ação documental no Museu Didático-Comunitário de Itapuã.

5.2.1 *O workshop*

O *workshop* foi planejado para o período de férias de junho/93, do Colégio Lomanto Júnior, para que o grupo pudesse se preparar com mais tranquilidade. Foram distribuídas para a equipe duas monografias produzidas pela coordenadora para o Doutorado em Educação e que fazem parte dos capítulos 2 e 3 desta tese. Foi solicitado ao grupo que realizasse uma leitura crítica, levantando pontos para discussão durante o evento. Enquanto os participantes se preparavam, realizando as leituras, em um intervalo de quinze dias, as organizadoras do evento se dedicaram a definir a metodologia e os recursos que seriam utilizados.

Refletindo sobre a monotonia que, em geral, impera na realização de seminários e outros eventos acadêmicos, a coordenadora do projeto colocou para a Profa. Rosana a sua inquietação e o desejo de pensar em algo mais criativo e que fosse capaz de levar a equipe a participar do *workshop* com prazer, alegria e bastante envolvimento. Neste sentido, após algumas reuniões, as duas professoras decidiram organizar o evento, utilizando a dramatização, na qual, através de uma comédia satirizando algumas situações do cotidiano da Museologia brasileira, se realizaria uma análise crítica,

apresentando ao grupo o museu que não desejavam ver instalado em Itapuã.

A proposta para este museu fictício seria apresentada em um seminário, organizado por sua Diretora, Dra. Ceci - representada pela Profa. Rosana Nascimento - , que convida a Dra. Margot Brioché - representada pela coordenadora do projeto - expert vinda do Canadá para ensinar ao grupo como instalar um museu em Itapuã. Esta dramatização e todo o programa do *workshop* (ver anexo) foram preparados como surpresa para o grupo.

Estabelecida a metodologia de trabalho, as duas professoras se puseram a definir o texto da peça, montar os personagens, figurino, recursos a serem utilizados, escolha do local, material didático etc.

Além da dramatização, para ilustrar o tema a “construção do conhecimento na Museologia”, a coordenadora do projeto contratou o artista plástico, Paulo Serra que, baseando-se no texto da monografia sobre o referido tema e nas informações passadas pelas organizadoras do evento, realizou desenhos coloridos e caricaturas em papel para *flip chart* que deveriam ser utilizados com o objetivo de fixar os conteúdos abordados nas discussões sobre o tema.

Para abordar o tema “a pesquisa ação”, a coordenadora do projeto convidou o seu orientador, Prof. Sérgio Farias, que deveria trabalhar com o grupo durante uma manhã.

O *workshop* foi realizado em dois dias, no auditório do Centro de Treinamento de Professores da Secretaria de Educação do Estado, sendo que as organizadoras contaram com todo o apoio do Instituto Anísio Teixeira para a realização do mesmo.

- Narrando o *workshop*:

Dia 17 de junho/93.

Às oito horas, a equipe é conduzida ao auditório pelas organizadoras do evento. Estas solicitam ao grupo que pegue as anotações e os textos para realizar uma leitura rápida, antes do início dos trabalhos. Logo após, pedem licença para se retirar, com o objetivo de apanhar algumas cópias e transparências que não ficaram prontas com antecedência. Esta saída foi proposital, para que as mesmas pudessem se preparar para a dramatização. A Gerente de Projetos e Experimentação do IAT, Maria José Cortizo, fica com o grupo e diz da satisfação em recebê-lo, principalmente porque o evento reveste-se de grande significado, uma vez que estarão participando do mesmo duas experts da Museologia, especialmente convidadas para aquele *workshop*. Registra que o IAT não poupou esforços no sentido de trazê-las, pois tem certeza da grande contribuição que as referidas convidadas darão ao projeto.

– Convida a Dra. Ceci para iniciar os trabalhos.

A profa. Rosana tem acesso ao palco, segurando as pastas do evento e representando Dra. Ceci, diretora do Museu Tukumó Aki.

- Figurino: vestido rosa bebê em cambraia de linho, saia franzida, mangas bufantes, enfeitada com rendas e bordados no mesmo tom. Sutiã preto que aparece com a transparência do vestido. Colar, brincos e pulseiras de *strass*. Peruca loira, presa com um grande laço, tipo torço, no lado direito da cabeça. Sapato alto branco e meias bege-claras. O figurino objetivava apresentar um estilo *sexy* e romântico, ao mesmo tempo. Maquiagem em tons verde e azul, bastante carregada.

-
- Cenário: mesa central, faixa em papel metro com os seguintes dizeres, em pincel atômico de várias cores:

**MUSEU DIDÁTICO-COMUNITÁRIO DE ITAPUÃ,
PORQUE ESTAMOS CAMINHANDO ASSIM?
PROMOÇÃO:
MUSEU TUKUMÃ AKI:
DIRETORA:**

DRA. CECI - ex-Diretora dos Museus Tupi Guarani e Peri Ceci, integrante do Conselho Tupi Resolve Aki - TRA, órgão filiado ao Conselho Internacional de Museus Sub-Mundo Aki.

Do lado direito do palco, estava o quadro de giz em um cavalete. Ao fundo, próximo à mesa, ficavam as bandeiras do Brasil e do estado da Bahia.

Dra. Ceci cumprimenta todos com um bom dia, coloca o material sobre a mesa, lê a faixa do evento, volta-se para o público, continuando a falar:

– “como vocês já sabem, este evento do museu é um dos mais importantes que já realizamos, porque temos uma grande expert convidada, Dra. Margot Brioché, que está vindo diretamente de Quebec para abrilhantar este nosso encontro. Uma colega nossa foi buscá-la no aeroporto; acredito que deve ter havido algum atraso no voo. Vocês sabem como é a nossa companhia de aviação, “Tupi Kai Ali”, nunca cumpre os horários. Coisas de terceiro mundo. Mas acredito que, dentro de mais alguns minutos, a nossa convidada estará aqui, para o engrandecimento do nosso museu, pois é uma profissional de altíssimo gabarito e, sem a sua presença, jamais poderíamos discutir os conteúdos deste *workshop*. Enquanto aguardamos a chegada da Dra. Margot, vou distribuir as pastas com o programa e com a nossa metodologia de trabalho” - pastas confeccionadas em cartolina cor de rosa, combinando com o

vestido, trazendo o título do evento escrito à mão, com hidrocor colorido, sendo que o programa do evento está preso com um laço de fita, também cor de rosa. Quando ela termina de distribuir as pastas, uma funcionária do IAT comunica que Dra. Margot acaba de chegar.

Dra. Ceci dirige-se ao palco e cumprimenta Dra. Margot. Solicita que se sente à mesa.

- Indumentária de Dra. Margot: peruca loura bem curta, formando um redemoinho no centro da cabeça. Óculos *ray ban*, verde escuro, batom vermelho, sombra azul bem escura. Sobrancelhas bem marcadas com lápis escuro.

Blusa de seda de mangas compridas, lilás e rosa. Echarpe de seda, com listras em várias cores e com fios prateados, jogada ao redor do pescoço. Saia preta de lã, botas pretas e meia cor de telha. Entra segurando um mantô preto nas mãos, uma pasta 007, também na cor preta, e um canudo de papel para colocar plantas arquitetônicas.

Dra. Ceci fala da imensa satisfação em tê-la naquele momento e registra que, para que os presentes a conheçam melhor, fará a leitura do seu currículo. O currículo de Dra. Margot está escrito à mão, em cartolina branca dobrada ao meio, com uma moldura em dourado. Dra. Ceci fica de pé, procede à leitura do mesmo, enquanto Dra. Margot, sentada, observa, ouve com bastante atenção, concordando com acenos de cabeça.

Currículo de Dra. Margot Brioché:

– Nasceu em Paris, em 1947. Seu pai era alemão, de quem herdou a disciplina, a força de vontade e a inteligência, tão peculiares à raça ariana. Sua mãe era inglesa, de família nobre,

grande freqüentadora dos salões de arte, das galerias e dos museus. Da sua genitora, herdou o gosto pelo belo, pelo exótico - o dom da cultura -, que só poucos são capazes de cultivar.

– Fez os cursos de arte antiga, medieval, renascentista e moderna na Universidade de Oxford.

– Posteriormente dedicou-se, com seu espírito de amor fraterno, aos estudos da arte no terceiro mundo, especialmente África e América Latina, tendo, com o apoio do Conselho Internacional de Museus Sub-Mundo Aki, publicado os seguintes trabalhos:

– “Do Belo Inglês ao Frágil e Decrépito Senso Estético Africano”.

– “América do Sul: seu crescimento artístico como resultado do contato europeu”.

– “Entender a arte européia é compreender o mundo”.

– Atualmente, está contribuindo imensamente para a construção do conhecimento, desenvolvendo uma pesquisa sobre “a influência do estilo schippendale e Queen Anne nos espaldares das cadeiras do mundo”.

– No momento, está dirigindo o Museu da Volta ao Mundo, situado em Quebec e é Assessora do Conselho Internacional de Museus Sub-Mundo Aki para implantação de museus no terceiro mundo.

Fala várias línguas, mas prefere que o público ouvínte a entenda em inglês ou francês, porque detesta traduções simultâneas e consecutivas.

Após a leitura do currículo, Dra. Ceci passa a palavra a Dra. Margot, para fazer o seu primeiro pronunciamento.

Dra. Margot retira o texto da pasta e, com sotaque em espanhol, português e francês, faz o seguinte pronunciamento:

– “Buenos dias senhorês,

Estará aqui com senhorês, neste pais dê grandes reservás naturales, ê dê grande importanciá, porquê nos europeús, temo que conocer a cá, parra sobrevivê a lá.

Nos está aqui com satisfacion, porquê nos ter certezá que senhorês iron prender demás com esta proximacion cum la diretorá de le “MUSÉE DE LA TOUR AU MONDE”. Tengo muitó a ensina a senhorés, nesto dois diás. Por isso pessó la gentilezá de quedá escutandô, com atención, pois solamente assim, nos poder trabarrá cum calmá.

Tengo conocido muitó de Brasil, lendô livrôs et relatoriôs et também travéz de fotôs de los musée e de paisagês das cidadês. Por isso, mê achô com condiciones de ensinar a senhorês, muitô de la miseology brasileirá.

Agradeçô, la gentilezá de Dra. Ceci, mê convida parra está acá, cum senhorês. Tengo certezá que tengo muncho a ensinar a senhores nestes 2 diás.

Merci Beaucoup, Munchas Gracias, Obrigadô”.

Dra. Ceci agradece a Dra. Margot as suas palavras de abertura do evento e imediatamente, a convida para ministrar a sua primeira aula.

Dra. Margot coloca-se de pé e, movimentando-se de um lado para o outro do palco, e com o mesmo sotaque da fala anterior, inicia a sua aula, tendo abordado os seguintes aspectos:

– A importância dos museus, no passado e no presente. A necessidade de preservarmos as coleções, os objetos de arte, históricos, etc., para que as pessoas, no futuro, possam admirá-los, possam apreciar os feitos dos homens no passado. Os museus são os templos onde classificamos, preservamos e expomos os grandes feitos da humanidade.

-
- Parabeniza o governo do Estado por estar construindo mais um museu nesta bela Cidade do Salvador. Salienta que seu objetivo maior será atrair milhares de turistas.
 - Teve informações, em Quebec, através de Dra. Ceci, que já existe uma coleção. Destaca que os museus devem existir em função dos objetos, que devem ser preservados para o futuro.
 - Com base nas informações de Dra. Ceci, enviadas por fax, e em suas leituras sobre o Brasil e a Bahia, elaborou uma proposta arquitetônica e museográfica para o Museu Didático-Comunitário de Itapuã. Dirige-se à mesa, retira as plantas do canudo. Coloca a proposta arquitetônica presa no quadro de giz, com a ajuda de Dra. Ceci que, muito servilmente, a acompanha a todo momento de um lado para o outro. Esclarece que considerou a Lagoa do Abaeté como o local mais apropriado para a sede do museu. O prédio deverá ser construído no centro da lagoa. Será uma construção em concreto, com a fachada pintada em preto e vermelho, sendo que o acesso ao mesmo será feito de barco. A área será fechada por uma cerca de arame, com alarme, tendo um grande portão com uma borboleta, por onde os visitantes terão acesso após adquirirem os ingressos. As pessoas da comunidade estão representadas, na planta, em desenhos de vendedores ambulantes que se concentram do lado externo. Um guarda, próximo à borboleta, deverá controlar a entrada dos visitantes. Para que o museu se mantenha informado e em sintonia com o mundo, foi colocada uma antena parabólica no telhado do edifício.
 - A proposta museográfica da montagem da exposição, conservação dos objetos e meios de comunicação, foi apresentada em outra planta, onde, com desenhos em

perspectiva, podiam-se observar vitrines contendo um manequim representando um pescador com seus utensílios de trabalho, um esqueleto de baleia, orquídeas desidratadas. Ar condicionado, desumidificador, guardas em todos os cantos das salas e etiquetas em inglês. Explica e comenta todos os detalhes da planta, considerando-a como definitiva, restando ao grupo somente executá-la.

– Após a análise da proposta museográfica, Dra. Margot fala que a equipe do museu já tem a coleção, já está com o projeto em mãos e convida o grupo para começar a selecionar os objetos, com o fim de adequá-los à sua proposta. Registra que, ao final do curso, pretende estar com todo o museu estruturado no papel, chamando a atenção para o grupo não esquecer de mandar buscá-la no Canadá, assim que o museu estiver pronto, pois pretende cortar a fita no dia da sua inauguração.

Dra. Ceci agradece veementemente à convidada, salientando que o grupo não deve ter nenhum questionamento, pois a proposta de Dra. Margot está perfeita, cabendo ao mesmo executá-la nos mínimos detalhes, selecionando os objetos de valores estéticos, românticos e exóticos para serem colocados no interior do prédio, magnificamente projetado por Dra. Margot Brioché. Pede licença à platéia, pois necessita levá-la para descansar. A longa viagem, o fuso horário e o clima devem estar deixando-a bastante debilitada.

– As duas *experts* se retiram e a cortina se fecha.

Logo após, as organizadoras do evento retornam ao palco, desta feita, retirando as perucas, sapatos, bijuterias e, ao mesmo tempo, explicando por que optaram por aquela metodologia. Prendem no quadro um desenho elaborado pelo

artista plástico Paulo Serra representando, em caricatura, todos os componentes da equipe do museu, ao redor de uma grande mesa, “pensando a Museologia”. Salientam que tiveram a intenção de envolver o grupo de forma bem humorada, apresentando um texto que conduzisse a uma reflexão sobre as características do museu que pretendemos implantar no Colégio Lomanto Júnior, comparando com a proposta de Dra. Margot para, em seguida, apontar os pontos divergentes.

Foi realizada uma leitura comentada de todo o programa do *workshop*, dos objetivos, metodologia e da orientação para os trabalhos em grupo (ver anexo).

Após o intervalo para o lanche, o grupo se reuniu na sala ao lado do auditório, quando as coordenadoras apresentaram o material colocado à disposição, indumentária, cartolinas, pincéis, revistas, etc., para que, após as discussões em grupo, seguindo as instruções, fossem escolhidos procedimentos criativos para apresentar em plenário os conteúdos trabalhados.

Às 14h horas, o grupo deu continuidade aos trabalhos e, às 15 horas, no auditório, fez a apresentação, também em forma de dramatização:

- No primeiro momento, a diretora do museu recebia alguns turistas que, sabedores da existência do museu em Itapuã, ali estavam para apreciar as obras de arte, os utensílios dos pescadores etc. Após a retirada dos turistas, um grupo da comunidade se dirige à diretora para protestar, devido ao não envolvimento da comunidade nas atividades do museu, sendo que, em alguns momentos, moradores foram impedidos de ter acesso àquele local.
- Na cena seguinte, membros da comunidade protestam e conseguem o afastamento da diretora. Logo em seguida,

assume seu lugar outro profissional, que abrem um diálogo com os moradores, apresentando as novas propostas de ação, com a participação dos diversos segmentos da comunidade local.

- Após o intervalo para o lanche, na sala ao lado do auditório, a coordenadora do projeto, utilizando as ilustrações elaboradas pelo artista plástico Paulo Serra, fez uma ampla abordagem sobre a construção do conhecimento na Museologia, relacionando os diversos conteúdos abordados com os textos apresentados nas duas dramatizações.

Em seguida, o grupo fez uma avaliação de todo o trabalho do dia; cada componente fez sua apreciação.

No segundo dia do seminário, das 8h30min às 10 horas, o Prof. Sérgio Farias abordou o tema “Metodologia da Pesquisa-Ação”, citando exemplos de trabalhos realizados com esta proposta metodológica, suscitando a participação do grupo.

Após o intervalo, a coordenadora do projeto solicitou ao grupo que relacionasse os conteúdos abordados pelo Prof. Sérgio com a metodologia do projeto do Museu Didático-Comunitário de Itapuã.

No período da tarde, as coordenadoras do evento decidiram fazer uma modificação no programa, pois haviam percebido que era necessário continuar discutindo a metodologia do projeto. A proposta foi colocada para o grupo e este concordou com as modificações sugeridas. Foram formados dois grupos, sendo que uma equipe elaborou uma proposta para o museu de Itapuã que deveria ser executada somente com a participação de técnicos, e a outra, utilizando a

metodologia da pesquisa-ação. Posteriormente, os trabalhos foram apresentados e discutidos por todos os participantes.

Para realizar uma síntese em relação aos pressupostos básicos que estão embasando o projeto do Museu Didático-Comunitário, a coordenadora - utilizando as ilustrações do artista Paulo Serra, especialmente preparadas para atingir este objetivo - convidou o grupo a fazer uma análise das mesmas, relacionando-as com os conteúdos dos textos lidos anteriormente.

Avaliando o workshop:

Tomando como referência as análises efetuadas pelo grupo, realizadas nos processos de avaliação, estabeleceram-se algumas conclusões em relação aos seguintes aspectos:

- A metodologia utilizada, com a dramatização, permitiu às coordenadoras trabalharem na fase de planejamento com entusiasmo e alegria, preparando o *workshop* com grande motivação. A criação dos dois personagens, Dra. Ceci e Dra. Margot Brioche, se deu em um clima de muita descontração e criatividade. A definição da indumentária, assim como a elaboração do currículo, permitiu o envolvimento de amigos e familiares, vibrando com a criação dos mesmos. Enfim, esta proposta de trabalho foi elaborada com dedicação e muito entusiasmo;
- através da dramatização, os conteúdos foram passados de forma envolvente e bem humorada, facilitando a compreensão por parte do grupo;
- a surpresa em relação à preparação do *workshop* fez com que o grupo se mantivesse entusiasmado e descontraído

durante o desenvolvimento dos trabalhos, pois estavam esperando uma reunião acadêmica, bastante “sisuda”;

- as ilustrações concebidas pelo artista plástico Paulo Serra fizeram com que os conteúdos sobre política cultural e sobre a construção do conhecimento na Museologia abordados nos textos distribuídos para leitura como preparação do *workshop*, fossem absorvidos e fixados com grande facilidade. Os desenhos eram coloridos e as mensagens, assim como os personagens, apresentados com muito humor;
- o tempo destinado ao grupo para discussão dos conteúdos e a apresentação da atividade programada - no caso, a dramatização - não foi suficiente, fazendo com que o grupo a apresentasse, sem muita segurança;
- as discussões em torno da pesquisa-ação não foram suficientes para esclarecer todas as dúvidas do grupo, tendo sido necessário marcar um seminário para continuar discutindo o tema;
- em relação aos esclarecimentos sobre os objetivos do projeto, percebeu-se que muitas dúvidas foram esclarecidas, mas somente o andamento do projeto no colégio e na comunidade fará com que o grupo se sinta mais seguro em relação ao mesmo, pois este está acostumado a trabalhar com “pacotes prontos”, sendo muito difícil compreender uma proposta museológica que privilegia a participação, o processo;
- o *workshop* fez com que o grupo se sentisse mais entusiasmado com o projeto e permitiu, também, um maior entrosamento da equipe. A pedagoga do IAT se sentiu mais segura em relação aos objetivos do projeto após a leitura e discussão dos conteúdos apresentados.

5.2.2 *Seminários Sobre Temas e Pesquisas Relacionados ao Projeto*

Com o objetivo de aprofundar questões relacionadas à implantação do Museu Didático-Comunitário, o grupo definiu que, uma vez por mês, seriam realizados seminários cujos temas deveriam ser escolhidos após uma discussão conjunta. Os textos eram distribuídos com antecedência para que todos tivessem tempo de fazer a leitura e marcava-se uma data para apresentação e discussão. Em algumas ocasiões, uma equipe ficava encarregada de realizar a apresentação do tema, abrindo, posteriormente as discussões. Em outros momentos, todos tinham que se preparar e, na hora, era sorteado quem deveria realizar a apresentação. No caso de um livro, por exemplo, havia um sorteio para cada capítulo. Em 1993, foram realizados seminários com as seguintes publicações:

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 1986.

NASCIMENTO, Rosana. *O objeto museal, sua historicidade: implicações na ação documental e na dimensão pedagógica do museu*. Salvador, 1993. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia.

5.3. Discutindo e Definindo a Proposta Documental

A equipe de documentação foi composta, inicialmente, pela Profa. Rosana Nascimento, pela coordenadora, pelas estagiárias do curso de Museologia, Iris Del Mar Maria de Santana, Ana Cláudia Santos Garrido e Virgínia Maria

Pedreira do C. Ferraz, que trabalharam, inicialmente, sistematizando o acervo coletado pela coordenação do projeto, composto de fotos, recortes de jornais, livros de ata, resoluções, entrevistas com moradores do Bairro de Itapuã etc.

A equipe elaborou um projeto de documentação propondo uma metodologia, visando, no processo das ações a serem desenvolvidas, documentar não só os objetos da cultura material como também as manifestações da cultura imaterial.

Objetivava-se buscar um processo de documentação que permita ao sujeito o entendimento e o uso da sua cultura. Neste processo, “a ação documental é concebida como uma ação educativa que produz conhecimento e comunicação, registrando o movimento do homem no passado e no presente” (Nascimento, 1993). A documentação, neste processo, é definida como:

“... um meio através do qual chega-se à produção do conhecimento, tendo como vetor a produção cultural do homem, que não é dissociada da rede de relações sociais, políticas e econômicas, na qual foi produzida, tendo um significado cultural de uso, função e movimento, no passado e no presente” (Nascimento, 1993).

O projeto foi apresentado a toda equipe do museu, tendo sido discutido e enriquecido com sugestões de todo o grupo.

Após o levantamento do acervo, foi definida uma divisão por temas e subtemas, para atender às necessidades do trabalho a ser desenvolvido com o Colégio Lomanto Júnior e com a comunidade local, sendo que os temas serão ampliados

durante o processo, a partir das pesquisas a serem realizadas. Após três meses de trabalho, o acervo foi classificado nos seguintes temas e subtemas:

ITAPUÃ - subtemas: levantamento bibliográfico;
projeto História dos bairros;
comunidade- entrevistas com
moradores;

festas populares;
festas religiosas;
Colégio Lomanto Júnior - subtemas: resoluções;
atas;
documentos sobre o
grêmio;

ofícios recebidos;
ofícios expedidos;
portarias;
pessoal administrativo;
ocorrências;
eventos.

Reportagens - subtemas: Jornal A Tarde;
Correio da Bahia;
Tribuna da Bahia.

Fotografias - subtemas: patrimônio urbano;
patrimônio natural;
festas populares.

Projeto do Museu Didático-Comunitário de Itapuã - subtemas:

projeto inicial, apresentado ao Doutorado em Educação;

projeto da exposição: “Do Pelourinho a Itapuã: patrimônio cultural e educação”;

instrumentos utilizados para mobilização do colégio;

exposição: “Do Pelourinho a Itapuã: patrimônio cultural e educação”;

relatório sobre os questionários aplicados durante a exposição;

workshop: “Museu Didático-Comunitário de Itapuã: por que estamos caminhando assim?”

recursos didáticos utilizados no *workshop*;

avaliação do *workshop*;

Seminário de Tese III, no Colégio Lomanto Júnior.

Organização do Fichário:

Para cada tema foi escolhido uma cor de identificação:

- Itapuã - verde;
- Colégio Lomanto Júnior - vermelho;
- Reportagens - azul escuro;
- Fotografias - amarelo;
- Projeto do Museu Didático-Comunitário - branco.

As pastas receberam um código, colocado no espelho, com o fundo na cor referente ao tema. Ex.:

I.PO1 (refere-se ao tema Itapuã, relativo ao subtema pasta 01). Cada documento recebeu o número da página, colocado no interior da pasta, no centro direito. Ex.: I.PO1.1, para controle dos documentos - I = tema, PO1= pasta subtema, 1 = número de página do documento.

Foi confeccionado um guia-fora, para controle das pastas que forem retiradas do arquivo, exemplo

FORA	PASTA EMP. A	DATA PASTA EMP. A
------	--------------	-------------------

O tombo dos documentos será realizado em fichas com os seguintes itens: número da pasta, tema, subtemas.

Foi elaborado em cartolina, um roteiro de orientação para utilização do arquivo e, colocado ao lado deste, para facilitar o seu uso por parte dos pesquisadores, contendo as seguintes informações:

**VEJA COMO UTILIZAR O NOSSO ARQUIVO:
DIVIDIMOS OS DOCUMENTOS POR TEMAS:**

- ITAPUÃ- Código I;
- COLÉGIO LOMANTO JÚNIOR - Código II;
- REPORTAGENS - Código III;
- FOTOGRAFIAS - Código IV;
- PROJETO DO MUSEU - Código V.

CADA TEMA RECEBEU UMA COR:

- ITAPUÃ- verde;
- COLÉGIO LOMANTO JÚNIOR - vermelho;

- REPORTAGENS - azul;
- FOTOGRAFIAS - amarelo;
- PROJETO DO MUSEU - branco.

OS TEMAS ESTÃO DIVIDIDOS EM SUBTEMAS:

- ITAPUÃ - LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO;
- PROJETO HISTÓRIA DOS BAIRROS;
- ENTREVISTAS;
- FESTAS POPULARES;
- EVENTOS NO BAIRRO.

A NUMERAÇÃO DEFINIDA FOI A SEGUINTE:

Ex.: Tema - ITAPUÃ; subtema - levantamento bibliográfico: I.P01 (pasta de levantamento bibliográfico sobre Itapuã).

Ex.: Tema - COLÉGIO LOMANTO JÚNIOR; subtema, resoluções II.PO1. Encontra-se, procurando o código - II.PO1.

Você também vai encontrar desdobramentos dos subtemas

Ex.: Tema - Colégio Lomanto Júnior - II, subtema 06
 corpo administrativo:
 pessoal docente - 1
 funcionários - 2
 alunos- 3

Encontra-se procurando o código:
 II.PO6.1-pessoal docente

II.PO6.2-funcionários

II.PO6.3-alunos.

CADA GAVETA DO ARQUIVO ESTÁ INDICADA COM A COR DO TEMA E O CÓDIGO. AO ABRI- LA, PROCURE O SUBTEMA DO SEU INTERESSE.

Foram elaborados os instrumentos para a realização da documentação primária (ver anexo). Por ser uma ação que está sendo construída no decorrer do processo, a documentação está sendo desenvolvida com os seus procedimentos construídos de acordo com o acervo que vai sendo constituído pelos sujeitos envolvidos nas diversas ações do projeto.

5.4 Realizando o Seminário de Tese no Colégio Estadual Governador Lomanto Júnior

Faz parte do currículo do Doutorado em Educação uma atividade chamada “Projeto de Tese”, na qual os doutorandos apresentam, em seminários, o andamento dos seus projetos. Resolvemos realizar nossa terceira apresentação, no Colégio Estadual Lomanto Júnior, onde colegas e professores poderiam observar de perto o desenvolvimento das atividades. Objetivávamos, mais uma vez, aproximar os cursos de segundo, terceiro grau e pós-graduação, quebrando um pouco a distância que normalmente existe entre estes níveis de ensino pois, geralmente, as pesquisas se dão em compartimentos estanques e enclausuradas na academia. Quando realizamos as duas primeiras apresentações do nosso projeto, também fizemos questão de ter a participação de alunos do Curso de Museologia, de técnicos do Instituto

Anísio Teixeira, de professores do Colégio Lomanto Júnior e de profissionais museólogos, ampliando o campo de atuação da Pós-graduação em Educação e enriquecendo-nos com a contribuição de cada um dos participantes.

O “Seminário de Tese III” foi realizado no auditório do colégio, com a participação de alunos e professores do doutorado, alunos do Curso de Museologia, museólogos convidados, professores e a Diretora do Colégio, Profa. Alba Pedreira Lapa e toda a equipe do museu.

A preparação do seminário foi realizada em conjunto, sendo que todo o grupo colaborou com sugestões e, posteriormente, as tarefas foram divididas, cabendo a cada um a responsabilidade por uma ação planejada.

Foi elaborado um roteiro (ver anexo) que foi distribuído com os presentes. A coordenadora, utilizando transparências, *slides* e vídeo, apresentou os objetivos do projeto, a fundamentação teórica e as ações que já haviam sido desenvolvidas até aquele momento. Após a explanação, alguns membros do grupo deram depoimento sobre a participação deles, registrando a importância de estar atuando em um projeto desse teor. Foi aberto o debate, do qual alunos do doutorado, o orientador desta tese, Prof. Sérgio Farias, alunos de Museologia, professores do Colégio Lomanto Júnior e da Pós-graduação participaram ativamente.

Logo após o seminário, todos foram convidados a conhecer as instalações do museu, os fichários e o sistema de documentação já implantado, logo em seguida foi servido um almoço de confraternização, preparado pelos funcionários da escola (comida baiana)

5.5 Participando do Estágio Curricular/93 com o 3^o Ano do Curso de Magistério.

O terceiro ano do Curso de Magistério foi escolhido para iniciarmos as atividades em sala de aula, porque iria deixar o colégio no final do ano, após a colação de grau, sendo necessário, portanto, que a equipe do museu atuasse junto a este grupo, proporcionando às alunas das duas turmas a oportunidade de vivenciar uma experiência com a equipe do projeto, discutindo e analisando questões referentes ao patrimônio cultural e à Museologia.

Em reunião com as coordenadoras do Curso de Magistério e com as professoras responsáveis pelo acompanhamento do estágio, constatou-se o desejo das mesmas em reestruturar o denominado “Estágio Administrativo”, atividade que tem como objetivo permitir às alunas a observação dos aspectos relacionados com a organização e a administração das “escolas-campo”. Registrou-se, naquela oportunidade, uma insatisfação, por parte das professoras, em relação ao andamento desse estágio, pois as alunas eram conduzidas aos colégios e, na maioria das vezes, eram utilizadas como *office boy*, servindo café, dando recados ou fazendo serviços de datilografia, fugindo completamente aos objetivos do estágio.

A coordenadora do museu sugeriu, então, que o tema escolhido pelos alunos na enquete realizada anteriormente, ou seja: “A HISTÓRIA DO COLÉGIO ESTADUAL GOVERNADOR LOMANTO JÚNIOR”, fosse ampliado, coletando-se informações sobre a história de outros estabelecimentos de ensino localizados no bairro, bem como de seus aspectos administrativos, o que permitiria uma análise

mais ampla sobre a educação no Bairro de Itapuã. Também foi sugerido e aceito pela coordenação do Magistério que se coletassem dados relacionados à utilização de conteúdos referentes à realidade do Bairro de Itapuã nas diversas disciplinas ministradas e também ligados ao conceito de museus e de patrimônio cultural, por parte de alunos e professores das escolas pesquisadas.

Foram realizadas reuniões com as duas turmas do terceiro ano, em que se discutiu as propostas acima referidas e incorporaram-se sugestões do grupo para organização do estágio.

Com o objetivo de orientar as alunas em relação às informações que deveriam ser coletadas, foi elaborado um questionário-roteiro, com a participação dos professores e da equipe do museu (vide anexo). As “escolas-campo” foram escolhidas pelas alunas, de acordo com a proximidade da residência delas e o número de vagas para estágio oferecido pelas escolas. O grupo de estagiárias foi dividido em equipe, sendo que, em cada grupo, havia a participação de um membro da equipe do museu. As escolas pesquisadas foram as seguintes:

ESCOLAS	Nº DE VAGAS
Humberto De Campos	07
Rotary	06
Genny Gomes	10
Mater Et Magister	06
Lomanto Júnior	16
Verde Recanto	07
Eduardo Mascarenhas	10

Durante dois meses, as equipes trabalharam nas escolas, entrevistando alunos, professores e funcionários, realizaram coleta de dados em arquivos e observaram os espaços físicos das referidas unidades de ensino. Foram selecionadas amostras dos diversos segmentos a serem entrevistados, com orientação de um técnico em estatística, remunerado pelo Instituto Anísio Teixeira. Este técnico orientou, também, todo o processo de levantamento dos dados e trabalhou diretamente com cada equipe, sistematizando as informações e elaborando as tabelas.

Cada equipe, com a orientação dos professores e do estagiário do museu, elaborou um relatório final que foi entregue aos professores para avaliação. Estes relatórios foram organizados pela equipe do museu, tendo sido tiradas cópias que se encontram no arquivo para serem utilizadas por alunos, professores e demais pesquisadores.

5.5.1 *Seminário Interno*

Concluída a pesquisa nas escolas, a equipe do museu programou um seminário interno com os seguintes objetivos:

- Geral:
 - Refletir sobre a prática desenvolvida no denominado Estágio Administrativo, relacionando-a com os objetivos do Museu Didático-Comunitário do Colégio Lomanto Júnior.
- Específicos:
 - Analisar e discutir os conceitos de patrimônio cultural e de museus, com base nos dados coletados;
 - discutir os conceitos de museu e de patrimônio que estão na base da proposta do Museu Didático-Comunitário de Itapuã;
 - analisar, com base nos dados coletados, os aspectos funcionais e administrativos das diversas escolas pesquisadas;
 - avaliar o Estágio Supervisionado/93, levantando os aspectos positivos, as dificuldades encontradas, fornecendo subsídios para novos procedimentos.

Na fase preparatória do seminário, foram colocados cartazes nas salas dos professores convidando-os para participar e a coordenadora do projeto participou de uma reunião com todos os professores do magistério, onde foram

apresentados os objetivos do referido evento. A coordenadora do estágio convocou todos os professores para participar, salientando que estes deveriam estar presentes, inclusive, para avaliar os trabalhos produzidos pelas alunas.

Tentando fugir, mais uma vez, das “sisudas” e monótonas reuniões acadêmicas, a equipe do museu planejou uma metodologia que permitisse às alunas expressarem, de forma criativa e envolvente, os dados coletados nas pesquisas realizadas em cada escola. Desta forma, um dia antes da realização do evento, a equipe do museu foi à sala de aula das duas turmas de terceiro ano, apresentou o programa e a proposta metodológica (ver anexo), solicitando ao grupo que trouxesse de casa sucatas, lápis de cor, revistas etc., para serem utilizados nas atividades do seminário.

No primeiro dia, o grupo de alunas foi dividido em equipe, mantendo-se as mesmas equipes do estágio, por escola. Na sala de aula, foi solicitado que cada equipe localizasse, nos relatórios elaborados, o conceito de patrimônio cultural mais emitido por professores, qual seja: “Patrimônio Cultural é a herança de um povo,” e, em seguida, as equipes foram distribuídas em salas diferentes, onde, utilizando as sucatas e o material fornecido pelo museu - como pincel atômico, papel metro, cartolina etc. - trabalharam até às 16h30min, representando o conceito de patrimônio em desenhos, maquetes e colagens. Após o intervalo, as equipes apresentaram para toda a turma o material produzido, sendo que o conceito de patrimônio trabalhado foi escrito em cartolina e, ao lado, alguns membros da equipe apresentavam o material produzido, explicando para os presentes - que participavam, fazendo comentários e questionamentos.

No segundo dia, foi utilizado o mesmo procedimento, sendo que, desta feita, foram trabalhados os conceitos de museu mais emitidos por alunos e professores das escolas pesquisadas. Entre os alunos, o conceito mais difundido foi: - lugar onde se guardam objetos de arte, valiosos e modernos. E, entre os professores, o mais destacado foi: - lugar onde se guardam e preservam objetos antigos e de valor (ver tabela anexa).

Nas duas tardes, também foi solicitado às alunas que representassem os conceitos de patrimônio cultural e de museus da própria equipe. A maioria emitiu o mesmo conceito dos professores e alunos das escolas pesquisadas.

Ao avaliar o andamento dos trabalhos, no segundo dia, a equipe do museu, após ouvir o depoimento das alunas (ao final de cada etapa, era realizada uma avaliação em grupo), decidiu fazer uma modificação nos procedimentos que seriam adotados no dia seguinte, optando por apresentar e discutir os conceitos de patrimônio cultural e de museu que estão embasando a instalação do Museu Didático-Comunitário de Itapuã, em uma palestra no auditório do colégio, utilizando as ilustrações do artista plástico Paulo Serra sobre a construção do conhecimento na Museologia.

Na tarde do terceiro dia, as alunas se dirigiram até o auditório, onde a coordenadora do projeto apresentou os conceitos de museu e de patrimônio cultural, utilizando transparências e os desenhos ilustrativos. À medida que os conteúdos eram explanados, perguntas eram dirigidas ao grupo e exemplos eram apresentados a partir da realidade do colégio e do Bairro de Itapuã. Após o intervalo, foi solicitado a cada equipe que fizesse uma comparação entre os conceitos emitidos por professores e alunos das escolas pesquisadas e os

conceitos apresentados na palestra. Os grupos realizaram as reflexões e as comparações durante meia hora, aproximadamente, e, de forma bastante descontraída e animada, cada representante vinha à frente apresentar os resultados de cada equipe, sendo bastante aplaudido pelos demais colegas.

Após o término dos trabalhos, ficou decidido que as diversas equipes elaborariam as conclusões dos relatórios das pesquisas e que estes deveriam ser apresentados em um grande seminário com a participação de todas as escolas pesquisadas, devendo o grupo se reunir com a equipe do museu para preparar a realização do mesmo.

Após a conclusão dos relatórios, foi realizada uma reunião com as duas turmas do terceiro ano com o objetivo de avaliar todo o trabalho produzido e discutir a viabilidade de realizar o seminário, com as escolas, no início de dezembro. A equipe do museu levantou alguns problemas, questionando a realização do seminário naquele período, destacando, principalmente, o esvaziamento, devido ao término do ano letivo. Observou-se que algumas alunas achavam imprescindível a realização do referido evento, por considerarem que, a partir da atuação do grupo naquele seminário, os professores iriam conferir os conceitos, chamando a atenção para o fato de que muitos deles não acompanharam o trabalho do estágio e o seminário interno, mesmo tendo sido dispensados das aulas no terceiro ano, para participar desta última atividade. Apesar da equipe do museu argumentar que realizar o seminário sem a participação das escolas não valeria a pena e que, até o Colégio Lomanto Júnior já estava com um número reduzido de alunos, devido ao término das provas, o grupo continuava irreduzível. Tentando

solucionar o problema e objetivando solicitar um esclarecimento, por parte dos professores, em relação às questões levantadas pelas alunas, a coordenadora do museu solicitou a presença das coordenadoras do magistério e das professoras responsáveis pela orientação do estágio, colocando para as mesmas a preocupação e a angústia das alunas, devido à ausência dos professores.

Com a presença dos professores, as alunas fizeram uma avaliação muito séria sobre o Curso do Magistério, registrando insatisfação muito grande em relação à falta de acompanhamento dos professores em várias atividades. Uma aluna chegou a registrar: “Nós vivenciamos momentos importantes das nossas vidas durante este seminário com o grupo do museu e vocês não estavam aqui para compartilhar conosco desta experiência”. Os professores tentaram justificar, alegando a sobrecarga de trabalho a que são freqüentemente submetidos, mas as alunas argumentavam, dizendo que, mesmo os que foram liberados das aulas, não estiveram presentes, e questionaram: como seremos avaliadas? As orientadoras de estágio explicaram que iriam avaliar pelos relatórios elaborados e que, quanto ao seminário com o museu, cada aluna deveria fazer sua auto-avaliação.

Após estas explicações, as alunas decidiram deixar o seminário com as escolas para ser realizado no início de 1994, sendo que 30 participantes assinaram uma lista se comprometendo a voltar ao Colégio Lomanto Júnior para participar da organização do mesmo. A equipe do museu se comprometeu a enviar, pelo correio, uma correspondência convocando o grupo para a reunião preparatória, tão logo fosse iniciado o ano letivo. Logo após esta decisão, foi solicitado ao grupo que fizesse uma avaliação de todo o trabalho realizado

no estágio administrativo com a participação do museu, tomando como referencial os seguintes aspectos:

- dificuldades encontradas;
- participação da equipe do museu;
- participação dos membros das equipes;
- atuação dos professores;
- pontos positivos;
- sugestões;
- outros aspectos que considerassem relevantes.

Foram distribuídas folhas de papel ofício entre as alunas, para que realizassem a avaliação, por escrito, ficando a mesma arquivada no museu.

Logo após a avaliação, todos se dirigiram à área do museu para uma confraternização de final de ano. Foram distribuídos convites de formatura e, posteriormente, no início de janeiro, a equipe do museu esteve presente na colação de grau, tendo sido um momento de grande alegria para todos que atuaram no projeto em 1993. Junto com a Direção e a Paraninfa da turma, o museu se fez representar na mesa da solenidade.

- Avaliando o Estágio Curricular/93

Foram realizadas avaliações contínuas, durante todo o desenrolar do estágio. Além dos depoimentos por escrito, constantes dos relatórios individuais e das equipes, houve vários momentos destinados à avaliação em grupo, quando cada participante registrava, oralmente, sua opinião sobre o andamento dos trabalhos. A equipe do museu participava

das avaliações em conjunto e também se reunia, ao final de cada etapa, para avaliar todo o processo e definir novos procedimentos, com base nas reflexões efetuadas. Tomando como referencial os dados das avaliações, foram destacadas as dificuldades encontradas e os pontos positivos em relação ao processo desenvolvido no estágio administrativo. Houve um crescimento a partir de todas as vivências; as dificuldades fizeram o grupo crescer. Selecionamos alguns aspectos que são o resultado do processo reflexivo e que serão considerados como referências em todo o caminhar do projeto:

- Na fase inicial, houve muita ansiedade e insegurança por parte das alunas do magistério e dos estagiários do museu, devido à urgência em dar início ao estágio, sendo que a fase preparatória não foi suficiente para esclarecer as dúvidas e preparar o grupo de uma forma mais eficiente. É necessário, portanto, que seja destinado um período maior para preparação do grupo, quando todas as dúvidas deverão ser esclarecidas, realizando-se, também, um treinamento melhor de todo o pessoal envolvido;
- a equipe do museu também se sentiu pressionada, no início, para começar logo o trabalho de estágio com o terceiro ano, o que ocasionou, também, ansiedade e insegurança, mas que, aos poucos, foram sendo sanadas com o andamento dos trabalhos;
- houve demora, por parte da coordenação do estágio, em enviar os ofícios às escolas, com o objetivo de oficializar os contatos feitos, informalmente, por parte dos professores. Essa demora prejudicou o andamento dos trabalhos, em alguns estabelecimentos;

-
- algumas escolas resistiram em liberar as informações para as alunas, principalmente os dados arquivados nas secretarias, tendo-se registrado, também, mau atendimento por parte de alguns funcionários, o que demonstra que, em trabalhos desse teor, é necessária também uma preparação do pessoal das escolas envolvidas no processo;
 - o tempo destinado ao trabalho - dois meses - não foi suficiente, o que causou no grupo uma ansiedade muito grande para cumprir os prazos estabelecidos, quando os professores deveriam registrar os conceitos na caderneta. O seminário com as escolas teve que ser transferido para o início do ano letivo de 94 devido ao término das aulas, prejudicando a continuidade das atividades;
 - houve uma insatisfação muito grande por parte das alunas em relação à atuação dos professores. Não houve um acompanhamento efetivo dos docentes. A orientação para elaboração dos relatórios foi fornecida, na maioria das vezes, pela equipe do museu;
 - as alunas tiveram muitas dificuldades na elaboração do relatório, devido à falta de orientação, por parte dos professores e à pouca experiência em realizar trabalhos desse teor. Percebeu-se, também, uma grande dificuldade na redação do texto, o que talvez pudesse ter sido amenizado com a orientação das professoras de expressão e comunicação;
 - as reuniões com os professores, antes das atividades do estágio, não foram eficazes, no sentido de motivá-los para o envolvimento no mesmo. A equipe do museu concluiu que era necessário buscar novos métodos para envolver os docentes;

-
- o questionário utilizado para a coleta de dados, contendo ao mesmo tempo questões relacionadas à administração das escolas, ao patrimônio cultural e aos museus, dificultou os processos de coleta de informação e de levantamento dos resultados. A técnica em estatística teve muita dificuldade em tabular os resultados. Mais uma vez, devido à urgência em iniciar o estágio, não houve um tempo destinado à testagem do instrumento, assim como, a assessoria da técnica em estatística, durante a preparação do instrumento para coleta de dados;
 - o contato com as demais escolas do bairro fez com que o grupo tivesse uma visão mais ampla em relação à realidade educacional local e também permitiu divulgar o projeto do museu nas diversas escolas pesquisadas;
 - houve uma maior aproximação entre as duas turmas do terceiro ano com a equipe do museu. O processo de interação foi bastante interessante, sendo que tanto a equipe do museu como as alunas do magistério passaram a se relacionar com bastante afetividade;
 - as discussões sobre os conceitos de patrimônio cultural e sobre museus, em grupo, e utilizando técnicas de colagem, desenhos e maquetes, estimulou a criatividade e quebrou a rotina da sala de aula, proporcionando ao grupo a oportunidade de trabalhar de forma descontraída e com bastante motivação. A espontaneidade do grupo permitiu que as dúvidas fossem explicitadas com naturalidade, fato que colaborou para que os conceitos se tornassem mais claros para todas as equipes;

-
- o respeito às sugestões das estagiárias em relação ao andamento do trabalho e as avaliações contínuas com a participação de todas as equipes fizeram com que as alunas aumentassem a auto-estima. Em várias ocasiões foram registrados depoimentos como: “sentimos orgulho de ter participado desse trabalho”, “vocês respeitaram as nossas opiniões, nos sentimos valorizadas”;
 - a ação conjunta da equipe do museu no estágio administrativo fez com que fossem esclarecidos os objetivos do projeto para as duas turmas do terceiro ano do magistério de forma gradual, à medida em que as atividades iam sendo desenvolvidas. Durante uma avaliação, uma estagiária registrou: “acredito que quando as demais pessoas ficarem sabendo o que realmente é um museu, esta cidade será outra”;
 - pela primeira vez, em toda a formação escolar das alunas, foram apresentadas e discutidas questões relacionadas a patrimônio cultural e a museus. Ao final do seminário realizado para discutir estes temas, uma aluna registrou: “ Se não fossem vocês, iam sair deste colégio mais 60 professoras que nunca haviam ouvido falar em museu e patrimônio cultural”;
 - a equipe do museu se sentiu mais segura em relação ao andamento do projeto, à medida em que ia desenvolvendo as atividades com as estagiárias do magistério. Havia no grupo uma grande ansiedade em iniciar as atividades em sala de aula e em aproximar os alunos do museu;

- através dos dados coletados, constatou-se que 45,4% dos professores pesquisados não utilizam a História local, relacionando-a com os conteúdos das diversas disciplinas ministradas e 54,6 utilizam a História de Itapuã, sendo que os assuntos mais abordados são: lendas da lagoa do Abaeté e de Itapuã e colônia de pescadores. É interessante registrar que 75,7 % dos alunos disseram que não esduraram a História local, (ver tabela anexa).

5.6 Analisando as Ações de 1993 e Estabelecendo as Metas para 1994.

Após o término do ano letivo de 1993, tomando como referencial os relatórios das atividades realizadas bem como os dados das avaliações, foi elaborado o “quadro resumo” que apresentamos a seguir, registrando as atividades de 1993, de acordo com os objetivos do projeto.

Os dados do “quadro resumo” foram analisados por toda a equipe do museu, estabelecendo-se, em seguida, as metas a serem alcançadas em 1994. Posteriormente, foi realizada uma reunião no Instituto Anísio Teixeira, com a presença da Diretora, Profa. Silvia Ganem Assmar, objetivando apresentar o relatório de atividades de 1993 e as metas para 1994. Participaram daquela reunião todos os membros atuantes no projeto.

O “quadro resumo” também foi enviado ao Departamento de Museologia, anexado ao relatório de atividades de pesquisa, ensino e extensão das professoras Maria Célia e Rosana Nascimento, em 1993 e apresentado à

Diretora do Colégio Lomanto Júnior e aos professores do referido estabelecimento, no primeiro seminário de 1994.

A análise das ações de 1993 permitiu ao grupo realizar com bastante clareza uma reflexão sobre todo o trabalho executado e, posteriormente, indicar as metas que deveriam ser alcançadas em 1994. Ao constatar a produtividade e os resultados alcançados no ano anterior, a equipe sentiu-se gratificada, ademais pelo fato de ter conseguido concretizar objetivos considerados, por alguns membros do grupo, inatingíveis. Este fator contribuiu bastante para diminuir a apreensão do grupo em relação ao desenvolvimento do projeto. No início do ano, devido à falta de experiência da equipe em participar de um projeto no qual se privilegia a iniciativa e a participação de todos os segmentos envolvidos, a coordenadora teve que esclarecer vários aspectos da metodologia adotada, narrar experiências semelhantes realizadas sob sua coordenação em outras ocasiões e demonstrar segurança na condução dos trabalhos.

MUSEU DIDÁTICO-COMUNITÁRIO NO COLÉGIO ESTADUAL GOVERNADOR LOMANTO JÚNIOR, EM ITAPUÃ.

ANÁLISE DO QUADRO DE AÇÕES/1993.

Foram desenvolvidas ações visando atingir todos os objetivos do projeto, com destaque para os seguintes aspectos:

- divulgação e aceitação do projeto;
- apoio institucional e financeiro;
treinamento, desenvolvimento e capacitação da equipe-grupo de trabalho cooperativo;
- integração ufba/comunidade;

produção de texto sobre museologia, museus e política cultural no brasil;

- obtenção de espaço físico, material de expediente e equipamentos;
- planejamento e execução do projeto de documentação;
- ações em sala de aula com o 3º ano do curso do magistério.

PROPOSTAS PARA 1994, TOMANDO COMO REFERENCIAL AS AÇÕES DESENVOLVIDAS EM 1993:

- ampliação e adequação do espaço físico;
- aquisição de equipamentos;
definição e aplicação de técnicas de conservação do acervo;
planejamento e execução de atividades em sala de aula com todas as turmas do curso do magistério;
- divulgação do projeto na comunidade do bairro de itapuã;
- planejamento e execução de atividades envolvendo a comunidade;
- ampliação do acervo, através das atividades desenvolvidas;
estruturação do núcleo básico do museu;
- elaboração do regimento o museu;

5.7 Motivando os Professores, Propondo Ações Integradas

Durante o planejamento da primeira unidade/94, a coordenadora do projeto participou das reuniões de coordenação, por área, tendo distribuído uma circular (ver anexo), comunicando as ações desenvolvidas pelo museu em 1993 e apresentando os temas do arquivo. Após a eleição dos coordenadores de cada área, foram anotados os dias das reuniões com os professores para contatos posteriores.

Ainda no período de planejamento, durante uma reunião com a coordenadora e professores de Educação Artística, o Prof. Ives Quaglia teve 12 horas da sua carga horária semanal destinadas às atividades do museu. Durante o mesmo período de programação das atividades da primeira unidade, foram destinadas doze horas semanais para serem ministradas noções de Museologia a todas as turmas da quinta série do primeiro grau, indicação feita pela Vice-direção do turno da manhã, com a participação da coordenadora do primeiro grau.

À medida que participava das reuniões com os professores, por área de ensino, a coordenação do projeto percebeu que havia necessidade de tornar mais claros os objetivos do projeto para todos os professores do colégio. Foi realizada uma reunião com a coordenação do Magistério, tendo sido sugerido e aceito pela equipe do museu a realização de um seminário com a participação de todo o corpo docente. A direção concordou em suspender as aulas durante um dia e enviou uma circular a todos os professores, inclusive do noturno, convidando-os para participar do referido seminário. Foi planejado um dia de trabalho, no centro de Treinamento de

Professores da Secretaria de Educação do Estado, com intervalos para o lanche e almoço (ver programa em anexo).

Como surpresa, foi apresentada aos professores a proposta de montagem do museu trazida do Canadá, pela Dra. Margot Brioché (a mesma dramatização apresentada à equipe do museu, narrada anteriormente). Constava do programa: “Assessoria do Canadá ao Museu Didático-Comunitário de Itapua”. A peça foi apresentada com o mesmo cenário da apresentação anterior, tendo-se realizado algumas modificações no figurino: Dra. Margot vestia uma indumentária bem mais colorida, e Dra. Ceci traz sobre os ombros um xale português, pois havia regressado recentemente de Lisboa. Outra inovação no personagem de Dra. Ceci é um telefone celular, através do qual faz contato com o aeroporto, verificando se o voo de Dra. Margot havia chegado. Ao currículo da *expert* vinda do Canadá são acrescentadas algumas pesquisas e publicações relacionadas com a área da educação, com o objetivo de comprovar a sua atuação também no campo educacional. As publicações receberam os seguintes títulos:

“Nesta Terra Tudo dá: estudo sobre a tese do Sr. Dr. Prof. Pero Vaz de Caminha, até hoje não comprovada nos países subdesenvolvidos”.

- “Como ensinar aos professores do terceiro mundo a se comportarem como educadores do primeiro mundo”

Os professores assistiram à peça com bastante entusiasmo, respondendo às questões apresentadas por Dra. Margot e sorrindo muito com as situações criadas pelas duas *experts* da Museologia. Após o término da dramatização, enquanto as Professoras Rosana e Maria Célia retiravam as

indumentárias utilizadas na peça, cada membro da equipe do museu fez uma breve apresentação das atividades que vinha desenvolvendo. Retornando ao auditório, a coordenadora do projeto realiza, com os professores, uma reflexão sobre os conteúdos apresentados na peça, seguindo o roteiro distribuído junto com o programa (ver anexo).

Após o intervalo para o lanche, o grupo retornou ao auditório, tendo sido apresentados, em transparências, os objetivos do projeto e o quadro resumo das atividades realizadas durante o ano de 1993. À medida em que as diversas ações iam sendo apresentadas, a coordenadora do projeto explicava os procedimentos utilizados e apresentava, em *slides*, as atividades já realizadas.

No retorno do almoço, os professores foram reunidos em equipe por área de ensino, sendo que em cada grupo havia um componente da equipe do museu. Os professores do Curso de Magistério formaram um grupo separado do 1º Grau. Foram escolhidas salas de aula para o desenvolvimento dos trabalhos, para que os componentes dos grupos pudessem interagir melhor. Antes do início dos trabalhos, cada membro do museu explicou e discutiu o roteiro para elaboração das propostas de atividades (ver anexo), esclarecendo que nosso objetivo é planejar ações, integrando os conteúdos a serem ministrados na segunda unidade com os temas: “A História do Colégio Lomanto Júnior” e “O Bairro de Itapuã” para, em seguida, musealizar o conhecimento produzido em sala de aula.

Às 16 horas, os grupos retornaram ao auditório, quando os relatores apresentaram as propostas de atividades. Após a apresentação de cada grupo, eram realizados comentários, esclarecimentos por parte da equipe e

apresentadas algumas sugestões por parte da plenária, enriquecendo as propostas dos grupos. Em seguida, foram marcadas reuniões, por área, nos horários de coordenação, no colégio, e realizada uma avaliação do seminário, quando os participantes, oralmente, fizeram uma reflexão sobre todo o trabalho realizado naquele dia.

AVALIANDO O SEMINÁRIO:

A metodologia utilizada favoreceu a participação e a descontração dos professores, na platéia. Durante a apresentação da peça, eles respondiam às questões e após a apresentação da dramatização, o grupo passou a atuar de forma descontraída e bem humorada, fato que contribuiu para uma melhor integração entre os participantes da equipe do museu e os docentes. Após o seminário, durante as atividades no colégio, vários professores se aproximaram da coordenadora do projeto e da Profa. Rosana, com muita descontração, nominando-as, como Margot e Ceci;

através da análise do conteúdo da peça, foi possível traçar um paralelo entre a proposta de museu apresentada pelas duas especialistas da Museologia e os objetivos do museu Didático-Comunitário de Itapuã, facilitando a compreensão, por parte dos professores, em relação ao processo em construção no Colégio Lomanto Júnior;

os trabalhos em grupo, para elaboração de sugestões de atividades a serem realizadas em sala de aula, com os temas propostos, fizeram com que houvesse uma maior integração entre os professores e a equipe do museu,

tendo-se elaborado conjuntamente propostas de atividades bastante interessantes, que deveriam ser retomadas no colégio, quando seriam aprofundadas e detalhadas, privilegiando-se a participação dos alunos; o contato com os professores foi facilitado após a realização do seminário, pois, ao término do evento, reuniões ficaram marcadas para continuação do planejamento das atividades propostas;

a presença de alguns professores não foi possível, por não terem recebido a circular expedida pela direção do colégio, tendo sido necessário à equipe do museu esclarecer, posteriormente, através de contato pessoal, os objetivos do seminário e os procedimentos utilizados; o seminário permitiu a divulgação do projeto e a apresentação de todos os membros participantes do mesmo entre os docentes que ainda não haviam participado de programações conjuntas com o museu. Foi possível divulgar as atividades já programadas, como o seminário sobre o estágio curricular com o terceiro ano do magistério;

- o apoio do Instituto Anísio Teixeira, cedendo o auditório, as salas para os trabalhos em grupo, lanche, almoço e material de apoio, facilitou o desenvolvimento das atividades. A participação da gerente de experimentação, Maria José Cortizo, na abertura e no encerramento dos trabalhos, foi bastante interessante, no sentido de tornar claro para os professores o apoio de um órgão da Secretaria de Educação do Estado ao projeto, com o objetivo de melhorar a qualidade do ensino, através de ações integradas com a UFBA, professores e a comunidade do Bairro de Itapuã;

com a realização do seminário, foi possível constatar que as ações realizadas anteriormente não haviam motivado suficientemente o professor para o desenvolvimento de ações integradas a serem realizadas em sala de aula com a participação da equipe do museu, sendo necessária, portanto, uma ação mais direta da equipe do museu junto aos docentes, buscando uma atuação conjunta;

- através dos conteúdos apresentados na dramatização, foi possível realizar uma reflexão sobre os “modelos” de museu e de escola, impostos e implantados sem a devida redução social.

5.8 Integrando as Ex-Alunas do Magistério ao Núcleo Básico do Museu: preparando o seminário sobre o estágio curricular.

Para cumprir o compromisso, de realizar o seminário sobre o estágio curricular, firmado com o terceiro ano em dezembro/93, a equipe do museu dedicou-se a realizar o planejamento do referido evento, tendo enviado uma correspondência, pelo correio, a todas as estagiárias que se comprometeram em participar da sua organização, convidando-as para uma reunião, com o objetivo de iniciar a fase preparatória. Atenderam ao convite quinze alunas. Após a equipe do museu registrar a grande satisfação em tê-las de volta ao projeto, passou-se a discutir a finalidade do seminário, definindo-se, em seguida, os seguintes objetivos:

- a) Apresentar e discutir a metodologia e os dados coletados no estágio administrativo;
- b) discutir aspectos relacionados à prática do estágio administrativo no Curso de Magistério;
- c) divulgar o projeto e as ações executadas no Museu Didático-Comunitário de Itapuã;
- d) mobilizar a comunidade local para participar das ações do MDCI (Museu Didático-Comunitário de Itapuã).

Após a definição dos objetivos, discutiu-se a organização da fase preparatória do seminário, estabelecendo-se que seriam formadas as equipes, abaixo relacionadas, com as respectivas atribuições:

- Organização:
providenciar o som, faixas com o título do evento e agradecimento às escolas, água, café, apoio no auditório, durante a realização do evento e programar uma atividade para o encerramento.
- Exposição:
elaborar roteiro e projeto da exposição, preparar relação do material a ser adquirido, selecionar o material a ser exposto segundo o roteiro, preparar textos, legendas, suportes para montagem, montar a exposição e organizar a monitoria da mesma.
- Apresentação dos dados pesquisados:
elaborar o programa do evento e acompanhar a sua impressão, preparar a apresentação dos temas e designar pessoal para apresentá-los, selecionar *slides* e preparar transparências, compor a mesa de abertura do seminário.

- Divulgação:
elaboração de cartazes e ofícios para as escolas, divulgação na imprensa e distribuição do material de divulgação nas escolas pesquisadas e em outros estabelecimentos de ensino, do Bairro de Itapuã; divulgação do evento nos meios de comunicação.

Após a organização e definição das atribuições das equipes, as estagiárias escolheram, livremente, em qual grupo desejavam trabalhar, sendo que, em cada grupo, havia um membro do museu. Foram marcadas reuniões em dias e horários definidos, em conjunto, com os componentes das diversas equipes e estabelecido que, quinzenalmente, seriam realizadas reuniões gerais, quando se discutiriam e aprovariam as propostas dos diversos grupos. Ainda nessa mesma reunião, a coordenadora do projeto comunicou às estagiárias do magistério, que existiam duas vagas para bolsistas do museu e que as mesmas poderiam ser ocupadas por elas, caso tivessem interesse. Foram esclarecidos os horários de trabalho e as atribuições dos estagiários-bolsistas. Três ex-alunas do magistério deram os nomes para comporem o núcleo básico do museu. Como havia somente duas bolsas, a equipe do museu deixou que as mesmas decidissem como gostariam de resolver o problema. Após uma discussão em conjunto, as estagiárias definiram que iriam dividir as duas bolsas entre as três. As demais alunas que compuseram as equipes, se dispuseram a trabalhar, como voluntárias, durante a organização do seminário.

As equipes trabalharam durante um mês, de acordo com as atribuições definidas, apresentando as atividades programadas para todo o grupo, para serem discutidas e

aprovadas. Dez dias antes da realização do seminário, todos os membros do núcleo básico do museu se dedicaram a montar a exposição e a divulgar o seminário, no Colégio Governador Lomanto Júnior, e nas demais escolas do bairro. A Diretora do Instituto Anísio Teixeira preparou uma circular dirigida às escolas do bairro, falando do projeto e convidando-as para participar do seminário. Esta circular, juntamente com o programa (ver anexo), foi entregue pela coordenadora do projeto, acompanhada por alguns membros da equipe do museu, a todas as escolas locais.

Como atividade de preparação do seminário e objetivando apresentar o museu para as alunas que ingressaram no Curso do Magistério em 94, foram realizadas visitas guiadas, quando se apresentavam os objetivos do projeto, os arquivos, - explicando-se como deveriam ser utilizados - , os trabalhos já realizados pelo museu, inclusive o estágio administrativo, convidando-as para participar do seminário.

5.8.1 *Montando a Exposição : “O Estágio Curricular/94”*

O projeto da exposição foi elaborado pela equipe incumbida da organização desta atividade, discutido e aprovado por todos os componentes do núcleo básico do museu que participaram de todo o processo de montagem, inclusive as alunas do magistério, voluntárias e bolsistas, e o Professor de Educação Artística Ives Quaglia, que ficou encarregado de toda a programação visual.

O projeto da exposição ficou assim definido:

OBJETIVOS:

- a) Divulgar os objetivos, as atividades realizadas no ano de 1993 e as metas do MDCI estabelecidas para o ano de 1994;
- b) divulgar os resultados da pesquisa realizada nas sete escolas-campo, como atividade do estágio curricular/94;
- c) expor a documentação fotográfica e os registros das estagiárias sobre o estágio administrativo;
- d) expor as maquetes, desenhos e colagens elaborados pelas estagiárias durante o seminário interno sobre museus e patrimônio.

ROTEIRO DA EXPOSIÇÃO:

Núcleo 1: O Museu Didático-Comunitário de Itapuã.

Conteúdo básico:

- concepção do museu
- ações desenvolvidas em 1993
- o núcleo básico (membros da equipe e atribuições)
- metas para 1994
- instituições envolvidas com o projeto.

Dispositivos de montagem:

- Cores: bege, azul e amarelo.

Suportes:

- painéis de eucatex, revestidos de “estopas” (sacas de cacau)
- molduras em papel carmem azul, contornando textos fotos e ilustrações.

Inicialmente, foi planejada a exposição do primeiro núcleo da exposição ao ar livre, em frente à porta de acesso ao museu. Optou-se, posteriormente, em utilizar o corredor central, uma sala de aula cedida ao museu, junto a este corredor, e o vão de entrada da sala dos arquivos, por motivo de segurança e devido às chuvas que eram constantes, naquele período.

5.8.2 *Realizando o Seminário Sobre o Estágio Curricular*

Conforme planejado, no dia 04 de maio, às 14h, deu-se início ao seminário, com a presença de todas as turmas do Curso de Magistério, moradores e diretores de escolas locais,

bem como das alunas que atuaram no estágio administrativo. A mesa foi composta pela Diretora do Colégio, Profa. Alba Pedreira Lapa, pela Gerente de Projetos e Experimentação do Instituto Anísio Teixeira, Profa. Maria José Cortizo, pela Profa. Maria José de Faria Lins, coordenadora do estágio, Profa. Fátima Uripia, coordenadora do Curso de Magistério, Ana Karina Tinoco, representando os estagiários de Museologia, Simone Maria de Jesus, representando as alunas do Magistério e a coordenadora do projeto.

Após a “abertura oficial”, quando fizeram pronunciamentos a Gerente de Experimentação do Instituto Anísio Teixeira, Maria José Cortizo e a Diretora do Colégio Lomanto Júnior, a coordenadora do projeto iniciou os trabalhos apresentando os objetivos do projeto e as atividades realizadas até aquele momento. Em seguida, a Pedagoga do Instituto Anísio Teixeira, Gloria Maria do Carmo Ribeiro de Oliveira, apresentou a metodologia utilizada no estágio administrativo e os dados coletados através da pesquisa realizada nas sete escolas do bairro, utilizando tabelas em transparências, e as conclusões das diversas equipes, após análise dos questionários.

Depois da apresentação dos dados dos relatórios, a coordenadora do Curso de Magistério fez uma apreciação sobre todo o trabalho realizado, destacando a atuação da equipe do museu em todo o processo do estágio, naquele semestre. O seu depoimento sobre o projeto do Museu Didático-Comunitário foi significativo ao registrar que no início, quando a coordenadora apresentou a proposta aos professores, estes ficaram bastante “desconfiados”, pois já estavam cansados de serem usados por pesquisadores que coletavam dados e iam embora, sem deixar nenhuma

contribuição para o colégio. Disse que passou a observar a equipe do museu e, com o decorrer do processo, percebeu que a proposta buscava a participação efetiva entre alunos e professores, motivando-a a se integrar ao projeto.

Algumas alunas do magistério, que participaram do estágio, deram depoimento, fazendo uma avaliação crítica sobre todo o processo, destacando não só os aspectos metodológicos e os procedimentos utilizados como também todo o processo de reflexão realizado a partir da prática e da coleta dos dados. Destacaram, sobretudo, as reflexões realizadas sobre os conceitos de museu e de patrimônio cultural, destacando a importância desses elementos para a sua formação de professor.

Após o depoimento das alunas, foi aberto o debate, quando o plenário apresentou alguns questionamentos e solicitou esclarecimentos em relação à metodologia utilizada, tendo também registrado a importância do projeto não só para o colégio como para toda a comunidade de Itapuã.

Em seguida, todos os presentes foram convidados a visitar a exposição e a sala do museu, quando foi servido um lanche, fornecido pelo Instituto Anísio Teixeira. As alunas participantes do projeto, bem como todos os componentes do núcleo básico do museu, realizaram o trabalho de monitoria, explicando as atividades desenvolvidas no estágio, apresentando os arquivos e todo o processo de classificação e documentação do acervo.

5.8.3 *Divulgando a Exposição sobre o Estágio Curricular e as Ações do Museu em 1993*

Foram designados alguns componentes do núcleo básico do museu para organizar o processo de monitoria da exposição. A equipe realizou um levantamento dos horários dos professores que haviam participado do seminário no Instituto Anísio Teixeira e elaborou, conjuntamente, uma proposta de cronograma das visitas ao museu e à exposição. O escalonamento foi divulgado através de cartazes e cada professor recebeu um comunicado, registrando o dia e o horário de visita das suas turmas. Todos os componentes do núcleo básico do museu foram treinados para a monitoria e escalonados para acompanhar as visitas nos três turnos: matutino, vespertino e noturno.

A monitoria foi realizada durante uma semana e meia, atendendo a um total de 1.448 alunos e aos funcionários dos três turnos. Havia uma expectativa muito grande por parte da equipe do museu quanto ao comportamento dos alunos do curso noturno, devido a comentários feitos por alguns professores em relação a problemas como depredação do colégio, desrespeito aos professores em sala de aula etc. Foi uma grata surpresa para o grupo a participação desses alunos, pois, durante as visitas, demonstraram interesse, fazendo perguntas e alguns até se colocaram à disposição para realizar atividades com o museu. Foi interessante observar que alguns alunos que faltaram à aula no dia da visita de sua turma ao museu, nos procuravam, perguntando se ainda poderiam ver a exposição. Estes alunos foram incorporados a outras turmas, tendo participado de toda a programação.

As alunas do magistério que fizeram parte da equipe de monitoria demonstraram bastante entusiasmo ao passar as informações para os visitantes, apresentando, também, segurança em relação aos objetivos do projeto e nas atividades desenvolvidas até aquele momento. Além de visitarem a exposição sobre o estágio curricular, os visitantes tinham acesso à sala do museu e aos arquivos, onde eram explicados os procedimentos adotados para a sua organização, o tratamento dado ao acervo e as instruções para o seu uso.

Foi utilizado um livro de registro das visitas e um caderno de ocorrências, em que os responsáveis por cada turno informavam à equipe do turno seguinte sobre providências adotadas, modificações no cronograma etc.

A participação dos professores no processo de monitoria não foi satisfatória. A maioria aproveitava o horário de visita ao museu para se ausentar, deixando a turma sob a responsabilidade dos estagiários. Houve algumas exceções, isto é, professores que acompanharam todas as turmas dos seus horários de aula. É interessante registrar que as visitas foram organizadas nos horários em que os professores deveriam estar em sala de aula.

Além das avaliações constantes e dos ajustes que eram realizados, a partir destas, pelos responsáveis da monitoria nos diversos turnos, ao final do período destinado a esta atividade, foi realizada uma avaliação geral, na qual cada componente do grupo fez a sua apreciação sobre todo processo.

- Avaliando as Atividades Desenvolvidas a Partir do Estágio Curricular:

A realização do seminário permitiu que as ex-alunas do magistério retornassem ao colégio, participassem de todo o processo de organização do seminário e da

montagem da exposição, experiência que foi bastante positiva, no sentido de integrá-las ao processo de musealização do conhecimento produzido no estágio curricular, motivando-as a fazerem parte do núcleo básico do museu;

o processo de discussão e definição do projeto da exposição foi enriquecido pela participação das alunas que já tinham vivenciado todas as etapas do estágio curricular, tendo bastante claro os conteúdos que deveriam ser apresentados e discutidos, através dos recursos utilizados;

o Prof. de Educação Artística Ives Quaglia teve uma atuação marcante durante o processo de planejamento e montagem da exposição, tendo realizado toda a programação visual, após as discussões conjuntas, ouvindo as sugestões e atuando no grupo de forma bastante participativa;

a participação das alunas do magistério e do Professor de Educação Artística foi de fundamental importância para a equipe de Museologia, pois um dos objetivos fundamentais do projeto é a produção de conhecimento nas áreas da Museologia e da Educação, através de uma atuação conjunta, onde todos os sujeitos estão envolvidos no processo. Com esta preocupação, desde a montagem da primeira exposição no colégio, a coordenadora lembrara que aquela seria a primeira e última exposição montada só com a equipe do projeto;

a realização do seminário permitiu divulgar o projeto na comunidade do Bairro de Itapuã, pois, apesar da participação dos moradores locais não ter sido significativa, foram distribuídos, em várias entidades

locais, folders com o programa e um texto sobre o projeto (ver anexo);

- os moradores que participaram do evento, após visitarem a exposição e conhecerem o arquivo do museu, se colocaram à disposição para colaborar com as atividades do projeto;
- as maquetes, os desenhos e as ilustrações elaborados pelas estagiárias do magistério chamavam a atenção dos visitantes pela criatividade e soluções encontradas para abordar os conceitos de museu e de patrimônio cultural emitidos pelos alunos e professores das escolas pesquisadas. Foi gratificante observar o entusiasmo com que as estagiárias apresentavam o acervo por elas produzido, explicando todo o trabalho realizado no seminário interno, quando se discutiram os conceitos de museu e de patrimônio cultural;

o número de professores e diretores das escolas pesquisadas, presentes no seminário, não foi satisfatório. Das sete escolas pesquisadas, comparecerem somente 3 diretores. Os convites foram entregues, pessoalmente, pela coordenadora do projeto a todas as escolas do bairro;

as alunas do terceiro ano do magistério/94 presentes ao seminário, durante o debate, cobraram da coordenação do curso a possibilidade de continuar trabalhando com a equipe do museu durante o estágio curricular;

- o processo de monitoria da exposição, com todas as turmas do colégio nos três turnos, fez com que todo o corpo docente e discente tomasse conhecimento das atividades desenvolvidas pelo museu, no ano de 1993, bem como, das metas traçadas para o ano de 1994;

a preparação para o processo de monitoria permitiu que os componentes do núcleo básico se sentissem mais seguros em relação aos objetivos do projeto e aos procedimentos utilizados, até aquele momento, fato que contribuiu bastante para o envolvimento dos grupos que visitavam o museu e para o esclarecimento das dúvidas que eram formuladas;

através dos recursos utilizados na exposição, como textos, fotos, ilustrações etc., foi possível apresentar e discutir com professores e alunos os conceitos de museu e de patrimônio cultural que estão embasando todo o “fazer” do Museu Didático-Comunitário de Itapuã;

a exposição sobre o estágio curricular permitiu melhor compreensão, por parte das alunas do magistério, de todo o processo desenvolvido, complementando-lhes as informações fornecidas durante o seminário no auditório;

- o processo de avaliação constante, realizado durante a preparação do seminário e da exposição, fez com que o grupo se sentisse seguro para realizar as etapas seguintes e permitiu, também, maior integração dos membros das equipes e maior esclarecimento sobre o que competia a cada um executar.

5.9 Narrando a Formação do Núcleo Básico

O Núcleo Básico do Museu formou-se, naturalmente, a partir das ações que foram sendo desenvolvidas. Inicialmente, a sua composição se resumia à coordenadora do projeto e a dois estagiários do Curso de Museologia. Posteriormente, foram incorporados ao grupo sete estagiários ,

uma professora do Curso de Museologia e uma pedagoga do Instituto Anísio Teixeira (relação nominal em anexo).

A coordenadora do projeto percebia uma grande ansiedade do grupo para ampliar o número de componentes do Núcleo, envolvendo alunos, professores, funcionários e membros da comunidade. Em determinado momento, foi planejada uma mobilização para que houvesse uma eleição dos representantes das diversas categorias no Núcleo Básico do Museu. Foram elaborados cartazes com as atribuições dos diversos representantes e pretendia-se realizar diversas reuniões, nos diferentes turnos, quando seriam explicados os objetivos da eleição e apresentadas as diversas atribuições.

Após uma reflexão sobre os objetivos do projeto e sobre a metodologia adotada, a coordenadora, em reunião, com a participação de todos os componentes do núcleo, levantou alguns questionamentos sobre o processo de mobilização planejado, salientando que as pessoas seriam escolhidas somente com base nas atribuições que caberia a cada um desempenhar, sem ter vivenciado alguma experiência com o museu. O assunto foi motivo de ampla discussão, chegando-se à conclusão de que seria melhor atingir os diversos segmentos, envolvendo-os, em primeiro lugar, em ações que seriam planejadas conjuntamente, pois assim teriam a oportunidade de vivenciar e de conhecer, de perto, os objetivos do projeto, colocando-se à disposição, espontaneamente, para participar do Núcleo Básico.

Após esta análise, o grupo se sentiu menos ansioso, embora a coordenadora ainda percebesse alguma insegurança, ligada ao fato de não se ter certeza se seríamos capazes de organizar e fazer funcionar um museu que tivesse uma gestão participativa. Insegurança esta, analisada com o grupo e

considerada normal, pois nunca eles haviam vivenciado um processo semelhante, anteriormente. Coube à coordenação, naquele momento, buscar, através de um processo de reflexão conjunta, a análise e o entendimento da situação.

À medida em que as ações iam sendo realizadas, conforme narrado nos tópicos anteriores, as pessoas iam se envolvendo nos diversos programas e começaram a participar do núcleo, como voluntárias, como bolsistas, ou com carga horária destinada ao projeto. Assim, após a fase de planejamento, no início de 1994, os professores de Educação Artística, Ives Quaglia e Rita Pimentel, tiveram uma parte da sua carga horária destinada ao Museu. Três ex-alunas do Curso de Magistério passaram a compor o Núcleo Básico, inicialmente como voluntárias e posteriormente como bolsistas. Todas são residentes em Itapuã. Novos estagiários do Curso de Museologia também vieram fazer parte do projeto e outras ex-alunas, do terceiro ano do Magistério, que haviam participado das atividades com o Museu, em dias alternados, participavam das atividades programadas, como voluntárias. Os novos membros do núcleo eram esclarecidos sobre os objetivos e as metas a serem alcançadas e ficavam livres para escolher as ações que queriam desempenhar. Os alunos do 1º Grau atuam no MDCI no turno vespertino, durante três dias da semana, com o consentimento dos pais.

A organização e a gestão do núcleo foi se dando de forma natural e participativa. Semanalmente, eram realizadas reuniões, em que todos os participantes apresentavam o andamento dos trabalhos, para discussão e contribuição com os diversos componentes do grupo. Assim como, avaliações contínuas das ações que estavam sendo desenvolvidas, com a participação de todos os componentes do núcleo. As questões

relativas ao relacionamento entre os diversos membros, desentendimentos etc. eram colocados de forma clara e objetiva, evitando-se que fossem criados ressentimentos entre os participantes.

O Núcleo Básico passou a ser representado graficamente por uma grande espiral aberta, registrando-se, no seu interior, os nomes dos diversos participantes (ver anexo). À medida em que o grupo foi se tornando maior, a coordenadora propôs uma reestruturação, objetivando atingir as metas estabelecidas para o ano de 1993. Foi proposta uma organização, com os seguintes setores: Coordenação, Atividades com o Magistério, Conservação, Exposição, Atividades com a Comunidade, Documentação e Exposição. Os componentes do núcleo faziam a opção pelo setor no qual desejavam atuar. Apesar da divisão em setores, foram mantidas as reuniões gerais para análise e avaliação das diversas ações, quando todos contribuía com sugestões, enriquecendo os trabalhos dos diversos setores, ao mesmo tempo em que os componentes tomavam conhecimento de todas as ações planejadas e do seu andamento.

Alguns membros tiveram que se afastar devido ao término do Estágio Curricular (alunos do Curso de Museologia) e a propostas de emprego, (ex-alunas do Magistério e ex-alunos de Museologia já graduados). Como o projeto não possuía verba para absorvê-los, tiveram que se afastar. Novos membros foram absorvidos, vindos dos programas executados e do Curso de Museologia. Estes receberam cópia do projeto para leitura, análise e discussão com a coordenação; analisaram as ações já realizadas e as diversas metas estabelecidas e escolheram os setores onde desejavam atuar.

5.10 Planejando e Executando Ações com os Professores das Diversas Áreas de Ensino

Como ficou definido no Seminário realizado no Instituto Anísio Teixeira, com a participação dos professores das diversas áreas, o Núcleo do Museu (setores do 1º Grau e Magistério) passou a participar das reuniões de planejamento das diversas áreas, identificando os docentes que estavam interessados em realizar programações conjuntas com o MDCL. Foram, então, planejadas e executadas, com a participação de alunos e professores do 1º Grau e do Curso de Magistério, as ações abaixo relacionadas:

5.10.1 Atividades com o 1º Grau

- Trabalhando com Museologia na 5ª série do 1º Grau:

No período de planejamento de 1994, foi destinada uma carga horária para a 5ª série, dentro das atividades diversificadas, quando deveriam ser discutidos, com os alunos, os conceitos de museu, de patrimônio cultural e as funções básicas da Museologia. A equipe do museu ficou bastante surpresa com a decisão da coordenação do Primeiro Grau de colocar estes conteúdos como atividade curricular, pois a definição foi tomada por iniciativa dos professores. Para o desenvolvimento das atividades foi contratada a estagiária do Curso de Museologia, Joana Angélica F. Silva, remunerada pela Secretaria de Educação e a Profa. Rosana Farias Amorim, graduada em História, pertencente ao quadro de professores do Colégio Lomanto Júnior, assumiu as atividades de Museologia, com a 5ª série

do curso noturno. Ambas receberam orientação da coordenadora do projeto do MDCl, indicando bibliografia e organizando, junto com as mesmas, os conteúdos que deveriam ser abordados.

Foram desenvolvidas atividades com 10 turmas da 5ª série, no turno matutino, tendo-se trabalhado, em sala de aula, conteúdos relacionados aos conceitos de patrimônio cultural, Museologia e museus. os alunos fizeram trabalhos práticos relacionando os conceitos abordados às suas realidades, confeccionando maquetes, desenhos, etc. Fizeram visitas orientadas ao MDCl, e, como culminância das atividades, foram sorteados dois alunos de cada turma para realizar, junto com o Núcleo Básico do museu, uma visita orientada ao centro histórico de Salvador.

No turno noturno, a Profa. Rosana Farias deu ênfase aos conteúdos sobre museu e patrimônio cultural, trabalhando, inicialmente, os conceitos incorporados pelos alunos sobre estes dois temas. Em seguida, os alunos realizaram observações e coletaram informações sobre seus espaços de vivência, trabalhando os seguintes temas:

Itapuã:

- O Colégio Estadual Governador Lomanto Júnior;
- Colônia de Pescadores Z6;
- Igreja de N. Senhora da Conceição;
- Lagoa do Abaeté;
- Monumento da Ladeira do Abaeté;
- Praça Dorival Caymmi;
- Rua João de Souza Rego;
- Rua Nossa Senhora do Amparo;

- Vila dos Ex-Combatentes.

Alto do Coqueirinho:

- Aspectos gerais do bairro;
- Colégio Iêda Barradas Carneiro;
- Creche Geórgia Barradas.

Itinga:

- Aspectos gerais do bairro;
- Fim de linha;
- Largo do Caranguejo.

Bairro da Paz:

- Aspectos gerais do bairro;
- Creche N.Senhora da Paz.

Sussuarana:

- Igreja Universal do Reino de Deus.

Lauro de Freitas:

- O museu.

Após a coleta de informações, os alunos fizeram, em sala de aula, com a orientação da professora, a relação entre os conteúdos pesquisados e os conceitos de patrimônio cultural e museu.

Através das atividades desenvolvidas, foi possível divulgar o projeto do MDCI entre os alunos e moradores locais e discutir com os estudantes que estão ingressando no colégio aspectos relacionados ao patrimônio cultural, ao projeto do MDCI, motivando-os a participar de outras programações, enquanto estiverem frequentando o Colégio Lomanto Júnior.

A equipe do museu considerou como um ponto bastante positivo as atividades relacionadas com a Museologia na 5ª Série, principalmente, por ter sido uma

iniciativa dos professores, fato que foi atribuído ao resultado do trabalho do museu em 1993.

- Trabalhando com Geografia na 5ª. série
 - Unidade: 2ª e 3ª.

Temas: Localização e Coordenadas Geográficas.

Pessoas Envolvidas no Processo: Professores de Estudos Sociais: Iraildes Mariana Silva, Gilmar Zenith Silva Lima, Carmem Ventim, alunos das 12 turmas da 5a. série e componentes do Núcleo Básico do museu.

- Local: Barriro de Itapuã, residência (rua), demais vias de acesso à escola.

OBJETIVOS:

- a) Fixar os conteúdos sobre coordenadas geográficas a partir da observação de pontos referenciais no Bairro de Itapuã;
- b) refletir sobre os aspectos sociais, econômicos e ambientais do bairro;
- c) analisar o conceito de patrimônio cultural, a partir da observação e dos dados coletados;
- d) musealizar o conhecimento produzido pelos alunos no decorrer do processo.

ATIVIDADES PROGRAMADAS:

- Apresentação da proposta de trabalho aos alunos;
- discussão e coleta de sugestões de como trabalhar a localização da escola no bairro, a partir do tema: “coordenadas geográficas”;
- sistematização dos procedimentos a partir das sugestões;
- escolha de um ponto central no bairro;
- elaboração de um roteiro de observação, a partir das sugestões do grupo;
- divisão dos alunos em equipe, por área de residência;
- após análise das observações realizadas, cada equipe escolherá como expressar e comunicar o conhecimento produzido, através de desenhos, maquetes, cartazes, redações etc;
- discussão e análise do conceito de patrimônio cultural, a partir das observações realizadas e dos trabalhos produzidos;
- leitura e discussão de um texto sobre patrimônio cultural;
- montagem de uma exposição, apresentando todo o trabalho produzido;
- divulgação e monitoração da exposição;
- classificação e documentação do conhecimento produzido.

DESENVOLVIMENTO DA PROGRAMAÇÃO

Foram realizadas reuniões preparatórias com a participação da equipe do MDCI e os professores de Estudos Sociais, para discussão e definição dos temas e seleção dos procedimentos. Após consulta aos alunos, foi elaborado um roteiro de observação, com orientação dos procedimentos a serem executados. As turmas foram divididas em equipe, respeitando-se a área de residência, sendo que, cada grupo teve, aproximadamente, vinte dias para realizar as observações, seguindo o roteiro (ver anexo).

Após o trabalho de campo, as equipes realizaram a análise dos dados coletados, com a orientação dos professores, em sala de aula, relacionando-os com o tema, “coordenadas geográficas e localização”. Em seguida, definiram como desejavam apresentar os dados coletados; a maioria optou por realizar maquetes e desenhos, utilizando material reciclado.

As atividades foram acompanhadas pela componente do Núcleo Básico do Museu, Simone Maria de Jesus, responsável pelo Setor de Atividades com o 1º Grau, ex-aluna do Curso de Magistério e integrante da equipe do museu. Sob sua orientação, foi discutido com os alunos, o conceito de patrimônio cultural, a partir das observações realizadas no bairro e de um texto por ela elaborado, para ser discutido em classe (ver anexo). Em seguida, os alunos redigiram e apresentaram, em cartolina, o conceito de patrimônio cultural de cada equipe.

PREPARANDO E MONTANDO A EXPOSIÇÃO

Todo o material produzido pelas doze turmas de 5ª série foi trazido para o museu, pelos próprios alunos, com a orientação da responsável pelo setor. Cada turma indicou dois alunos para compor a equipe que deveria participar da montagem da exposição. A coordenadora do projeto, juntamente com a responsável pelo setor de 1º Grau, realizou uma reunião com essa equipe, explicando os objetivos de uma exposição e os procedimentos necessários para a sua realização. Nessa mesma ocasião, o grupo definiu o roteiro da exposição e o seu título : “ **DA NOSSA CASA À ESCOLA:** o patrimônio cultural de Itapuã.”

Os alunos definiram que queriam apresentar os trabalhos por série, sendo, então, as tarefas divididas de acordo com o roteiro estabelecido pela equipe. Foi utilizado todo o corredor central do museu e uma sala de aula anexa, expondo-se as maquetes em mesas grandes montadas com tábuas e forradas com papel metro e, nas paredes, foram presos os desenhos e os conceitos de patrimônio, tendo como suporte grandes painéis em papel metro.

A exposição foi monitorada pelos próprios alunos, que se organizaram, preparando os horários e designando os responsáveis por cada turno. Para divulgação, foram elaborados cartazes que foram fixados em vários locais do colégio, tendo sido solicitado, aos alunos, que fizessem convites à família e aos vizinhos para visitarem a mostra . A exposição ficou montada durante quinze dias, tendo

sido visitada por 473 pessoas, incluindo professores, moradores do bairro e alunos do colégio.

AVALIANDO O PROCESSO

Durante o período de realização da programação, foram realizadas avaliações contínuas, com a participação de todos os membros envolvidos no processo. Ao término das atividades, a equipe do museu, juntamente com os alunos e professores envolvidos, com base nos trabalhos produzidos e nas análises realizadas durante todo o processo, estabeleceu algumas conclusões, em relação aos seguintes aspectos:

A metodologia e os procedimentos utilizados, privilegiando a gestão participativa, favoreceram o envolvimento do grupo, desde o início dos trabalhos, quando os alunos tiveram oportunidade de escolher os locais que deveriam ser pesquisados e os diversos aspectos a serem observados nos seus espaços de vivência;

os alunos tiveram oportunidade de observar o meio onde vivem, aprendendo a vê-lo e a descobri-lo, compreendendo-o, também, como um patrimônio cultural, que é construído e reconstruído, na dinâmica do processo social;

- foi possível despertar nos alunos uma atitude de curiosidade e observação crítica diante da realidade pesquisada, fato constatado, através dos conteúdos apresentados nos diversos trabalhos elaborados e apresentados na exposição;

a análise, discussão, integração e sintetização dos dados recolhidos proporcionaram a oportunidade de compreender as características do meio e dos fenômenos ou fatos que nele acontecem, analisando-se, também as causas e conseqüências;

apesar do trabalho ter sido programado com todos os professores da área, percebeu-se que alguns se envolveram mais, dando assistência aos alunos, acompanhando a programação com mais entusiasmo; foi possível aproximar a escola da comunidade local, tornando o ensino mais próximo da realidade dos alunos;

a partir do trabalho realizado, os professores e alunos do primeiro grau se aproximaram mais do museu, percebendo, com maior clareza, os seus objetivos, tornando-se co-participantes do seu processo de construção e reconstrução. Através dessa programação, o Museu iniciou o trabalho com os professores e alunos do turno matutino, fato que contribuiu bastante para que estes compreendessem que a equipe do Museu desejava, também, realizar ações, a partir daquele momento, com todo o 1º Grau.

- através da participação dos alunos na montagem da exposição, foi possível aproximá-los do museu, passando a conhecer as diversas ações que estavam sendo desenvolvidas, motivando-os a participarem do Núcleo Básico, pois, após o término dos trabalhos, vários se ofereceram para trabalhar nos diversos setores do museu, como voluntários.

- A ex-aluna do Magistério, responsável pelo Setor de 1º Grau, teve uma atuação marcante junto aos alunos da 5ª série, estabelecendo com estes laços de afetividade, motivando-os a trabalharem nas diversas ações do museu. Através do seu desempenho nessa ação, ficou bastante evidenciado o seu carinho pelo Colégio Lomanto Júnior e pelo projeto, pois, em vários momentos, a sua atuação se deu fora dos horários estabelecidos, fato que demonstrava o seu grande interesse e motivação pelo projeto. Consideramos bastante positiva a produção, pela mesma, de um texto sobre patrimônio cultural, com linguagem acessível aos alunos da 5ª série.

- Expondo Trabalhos de Artes Plásticas das 7ª e 8ª séries

Os Professores de Educação Artística solicitaram ao museu um espaço para exporem os trabalhos produzidos pelos alunos na primeira e segunda unidades. Aproveitando a solicitação dos mesmos, a coordenadora do projeto procurou integrá-los, juntamente com os alunos da 7ª e 8ª séries, às atividades do museu.

A programação teve os seguintes objetivos:

- a) Divulgar os trabalhos de artes plásticas produzidos pelos alunos;
- b) integrar alunos e professores ao MDCl, motivando-os para a realização de ações conjuntas;
- c) divulgar os objetivos e as metas do MDCl;
- d) propiciar possibilidades de socialização do educando, desenvolvendo atitudes de cooperação e organização,

através da ação orientada, da participação ativa e do trabalho em equipe;

- e) proporcionar aos alunos a oportunidade de participar do processo de planejamento, execução e divulgação de uma exposição.

DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES

A responsável pelo setor de 1º Grau visitou as salas da 7ª e 8ª Séries, falou da proposta de trabalho a ser desenvolvida com o museu e fez a leitura comentada de um texto sobre a concepção do projeto, distribuído com todos os alunos. Foram combinados os dias e o horário para recolha dos trabalhos que deveriam ser expostos, tendo sido solicitado que cada sala indicasse dois alunos para trabalharem no processo de montagem da exposição.

No dia programado, os alunos se reuniram com a equipe do museu, Setor de Exposição e 1º Grau, quando foram definidos o roteiro da exposição e a divisão dos trabalhos. Optou-se por expor os trabalhos em cordões, presos por cliques, formando um labirinto, ao longo do corredor central. As esculturas foram expostas em uma mesa na parte central do corredor.

Foram elaborados cartazes convidando os demais alunos e professores para visitarem a exposição, sendo que, a equipe do museu e os alunos da 7ª e 8ª séries foram às salas, reforçar o convite.

Os trabalhos ficaram expostos durante dez dias e visitaram a exposição 468 alunos.

AVALIANDO A EXPOSIÇÃO

- Houve ampla divulgação, no colégio, dos trabalhos produzidos pelos alunos, fazendo com que a auto-estima dos alunos fosse aumentada;
 - os alunos se aproximaram do museu, sendo que alguns passaram a atuar nos diversos setores, como voluntários;
 - os professores de Educação Artística se aproximaram do MDCl, compreendendo melhor os seus objetivos e dando continuidade ao processo de integração, através do desenvolvimento de outras ações;
 - a coordenadora do Setor do 1º Grau se aproximou dos alunos, motivando-os a participarem das diversas ações do MDCl;
 - as ações desenvolvidas em equipe possibilitaram a socialização dos alunos e facilitaram o desenvolvimento de atitudes de cooperação e organização.
- Trabalhando com Educação Artística na 5ª série do 1º grau.
 - UNIDADE: 3ª
 - TEMA: Cores e Monocromia.
 - PESSOAS ENVOLVIDAS:
 - Professora de Educação Artística, Rita de Cássia S.Pimentel
 - alunos da 5ª série M;
 - componentes do Núcleo Básico do MDCl;
 - comerciantes da Feira de Itapuã;

- moradores do bairro.
- LOCAL: Sala de aula e Feira de Itapuã.

– **OBJETIVOS:**

Geral:

Desenvolver atividades didáticas relacionadas com a realidade dos alunos, enfocando-a como um patrimônio cultural.

Específicos:

- a) desenvolver a percepção visual, através da observação;
- b) situar a Feira de Itapuã no contexto do Bairro de Itapuã;
- c) fixar o conceito de monocromia através da comparação de cores;
- d) perceber a utilização de figuras geométricas na constituição das barracas e arrumação da feira;
- e) refletir sobre a feira, enquanto um patrimônio cultural, a partir dos dados coletados;
- f) coletar dados sobre a Feira de Itapuã, em suas diversas trajetórias, a partir da História de vida dos feirantes;
- g) aproximar o Colégio Estadual Governador Lomanto Júnior da comunidade onde está inserido;
- h) divulgar o Museu Didático-Comunitário de Itapuã;
- i) musealizar o conhecimento produzido através das ações desenvolvidas.

DESENVOLVIMENTO DA PROGRAMAÇÃO.

Fase preparatória:

- apresentação da proposta aos alunos, com coleta de sugestões;
- incorporação à programação das sugestões dos alunos;
- divisão do grupo em equipes, de acordo com os diversos setores da Feira de Itapuã;
- visita da Profa. Rosana Nascimento à sala de aula, com o objetivo de apresentar os instrumentos para coleta de dados (roteiro de entrevistas, termo de doação), explicando os procedimentos necessários à aplicação dos mesmos;
- elaboração do roteiro de visitas à feira, de acordo com os conteúdos a serem trabalhados;
- ida da coordenadora do projeto, da Profa. Rita de Cássia S. Pimentel, dos coordenadores dos setores do 1º Grau e de Comunidade do MDCl, à Feira de Itapuã, para apresentar aos feirantes a proposta de trabalho e conseguir a permissão dos mesmos para a realização da programação.

Trabalhando na Feira:

Após a realização das atividades programadas na fase preparatória, os alunos foram conduzidos à Feira, portando os roteiros de entrevistas preparados em sala de aula, contendo questões a respeito da História da feira, do trabalho dos feirantes e das condições atuais da feira. Foram acompanhados pela Professora de Educação Artística e do estagiário do Curso de Museologia, Guelson

da Costa Cerqueira, responsável, naquele momento, pelo Setor de Comunidade. Nesse primeiro dia, as equipes trabalharam no Mercado de Peixes e na parte fixa da feira, realizando as entrevistas. Os feirantes os receberam com muita receptividade, fato que motivou bastante o grupo a prosseguir com muito entusiasmo.

Na semana seguinte, os alunos voltaram à feira, desta feita, trabalhando nos setores de confecções e materiais diversos e na feira móvel. Além de responderem às questões contidas nos roteiros de entrevistas, os feirantes narravam os diversos problemas existentes, tais como falta de água, falhas na distribuição do espaço, falta de incentivo e dificuldades com a energia elétrica. À medida em que o grupo percorria a feira, a professora os orientava no sentido de observarem a ocupação dos espaços, as cores, a arrumação das barracas e as figuras geométricas na composição das barracas.

Após a coleta de dados na feira, nas aulas seguintes, foi realizado o levantamento das informações coletadas, por equipe, e, com a orientação da professora, os alunos construíram textos sobre a Feira, abordando os diversos aspectos pesquisados. À medida em que os dados eram analisados, a professora abordava os diversos aspectos pesquisados, interpretando-os como produto do trabalho do homem, como um fazer cultural.

Foi solicitado, em seguida, a cada equipe, que escolhesse uma técnica para apresentar o conhecimento produzido a partir das informações coletadas, aplicando, também os conteúdos sobre figuras e sólidos geométricos e monocromia. Os alunos confeccionaram desenhos, uma

história em quadrinhos e produziram uma dramatização sobre a feira (ver texto da dramatização, em anexo).

As atividades em sala de aula foram acompanhadas pela responsável pelo Setor de 1º Grau, Simone Maria de Jesus, e todo o processo foi documentado, em fotos coloridas e em preto e branco.

DIVULGANDO O CONHECIMENTO PRODUZIDO E O MDCl ENTRE OS FEIRANTES E MORADORES DE ITAPUÃ:

Com o objetivo de apresentar à comunidade de Itapuã e aos feirantes os resultados do trabalho produzido, foi programada, com a participação dos alunos, da professora de Educação Artística, dos Setores de Exposição de 1º Grau e de Comunidade e pela Coordenadora do MDCl, uma exposição denominada : “A ESCOLA NA FEIRA”.

- ROTEIRO DA EXPOSIÇÃO:
- LOCAL: Praça Dorival Caimmy (canteiros centrais).
- ABERTURA: faixa nas cores vermelha e azul com os seguintes dizeres: “ HOJE, NESTE LOCAL: EXPOSIÇÃO “A ESCOLA NA FEIRA”.
- REALIZAÇÃO: Colégio Estadual Governador Lomanto Júnior - Museu Didático-Comunitário de Itapuã.

Elementos de Sustentação dos Suportes:

- barrotes de madeira fixos em cada extremidade e nas partes centrais dos canteiros, cordas de sisal, presas aos barrotes, contornando toda a extensão dos canteiros.

Suportes:

- painéis de eucatex (os mesmos utilizados na exposição sobre o estágio supervisionado), cartolinas duplex em cores variadas.

Núcleo 1:**Apresentação do MDCI****Conteúdo básico:**

- Conceção do museu.
- Gestão e Organização do MDCI.
- Instituições que estão apoiando o projeto.

Dispositivos de montagem:

- Cor: azul, branca e bege.
- Painel de abertura com um texto sobre o projeto de implantação do MDCI.
- Painel apresentando o Núcleo Básico do museu.
- Painel com a relação das instituições responsáveis pelo projeto.

Núcleo 2:**A Escola na Feira:****Conteúdo básico:**

- Etapas do trabalho desenvolvido na Feira.
- A Feira de Itapuã.

Dispositivos de montagem:

- Cor: amarela, vermelha, verde e azul.
- Painéis em cartolina duplex colorida, com fotos e textos sobre as etapas do trabalho.

- Painéis em cartolina duplex colorida, recortada em forma de frutas(bananas, melancia, manga, caju), apresentando os textos dos alunos, construídos a partir das entrevistas com os feirantes.

Núcleo 3:

Conteúdo básico:

- Trabalhos de artes plásticas dos alunos da 7ª e 8ª séries.

Dispositivos de montagem:

- Trabalhos presos às cordas com pegadores de roupa (desenhos, colagens, pinturas).

Divulgação e Mobilização da Comunidade:

O Setor de Comunidade do MDCI preparou um texto para ser distribuído nas instituições do bairro (escolas, clubes, igrejas, associações, etc.), no comércio local e na feira (ver anexo). Na semana anterior à exposição, foi realizada a distribuição do texto pelos componentes do setor, que ao entregá-lo, reforçava o convite, confirmando o dia e local da exposição. O mesmo texto foi distribuído em todas as salas de aula do colégio, nos três turnos, com todos os professores e com os funcionários e também afixado nos diversos estabelecimentos comerciais do bairro.

Com o objetivo de motivar os transeuntes e os moradores a participarem da exposição, foram programadas as apresentações da dramatização preparada pelos alunos da 5ª série, na Praça Dorival Caimmy e de uma banda de um grupo de jovens da comunidade, da qual fazem parte alunos do Colégio Lomanto Júnior.

PREPARANDO E MONTANDO A EXPOSIÇÃO

O projeto da exposição foi apresentado e discutido por todo o Núcleo Básico do Museu, sendo que, na semana anterior à montagem, os componentes dos diversos setores se envolveram com a programação, participando das equipes de preparação da exposição, divulgação, montagem e monitoria da exposição. A coordenadora do projeto, juntamente com o Prof. Ives Quaglia, visitou o local visualizado para a montagem da exposição, definindo os pontos para fixação dos barrotes e a disposição dos diversos núcleos.

Foi escolhido o dia 26 de novembro, um sábado, para a apresentação da exposição, por ser o dia de maior movimentação na feira. Às sete horas, as equipes estavam no colégio para transportar o material até à praça. Cada equipe se encarregou de uma etapa dos trabalhos, sendo que os alunos da 5ª série também estavam no local, desde cedo, e participaram de todo o processo de montagem. A exposição foi montada segundo o planejamento executado. À medida em que os transeuntes iam passando em direção à feira, paravam, curiosos e observavam o processo de montagem. Alguns moradores, ex-alunos do Colégio Lomanto Júnior, deram depoimentos que foram gravados em vídeo, para o acervo do MDCL.

Os alunos da 5ª série, juntamente com a Profa. Rita Pimentel, organizaram o cenário para a apresentação da dramatização, reconstituindo uma pequena feira, com frutas, verduras, mariscos colocados em cestos confeccionados com jornal, colocados em frente à exposição, sendo que as frutas e verduras foram colocadas

em cima de carteiras utilizadas na sala de aula, proporcionando uma integração entre o cenário da peça e o tema da exposição.

Os componentes das equipes percorreram a feira convidando os feirantes para visitarem a exposição, e a coordenadora do projeto, juntamente com o Prof. Ives Quaglia, que é morador do bairro, e alguns componentes do Setor de Comunidade, visitou as casas comerciais e os feirantes, distribuindo o Jornal do Colégio, que estava sendo lançado naquele dia, com o patrocínio de alguns comerciantes locais. Durante a distribuição dos jornais, foram tomados depoimentos, gravados em vídeo, oportunidade em que os feirantes, comerciantes e moradores registraram a importância da realização de trabalhos conjuntos com a escola.

Às 10h, os alunos apresentaram a dramatização, no centro da feira, chamando a atenção de todos que circulavam no local. O texto apresentava os problemas detectados através das entrevistas realizadas e apontava a organização e mobilização dos feirantes como ponto de partida para a solução dos mesmos. Houve uma grande movimentação no sentido de observar a apresentação, e os alunos retornaram ao local da exposição, gritando e convidando a todos para visitá-la. Ao chegarem à Praça Dorival Caimmy, espontaneamente, iniciaram um samba de roda, mobilizando as pessoas que circulavam no local.

No período da tarde, houve a apresentação da banda, envolvendo professores, alunos, a equipe do museu, transeuntes, turistas no ritmo contagiante do “axe music”.

A exposição foi desmontada às 18h, com a participação de toda a equipe. Durante todo o dia, houve

uma boa participação dos professores dos diversos cursos do Colégio Lomanto Júnior e do seu Vice-diretor. Foram gravados depoimentos dos mesmos, a respeito dos programas que o MDCI vem realizando no colégio, junto com a comunidade.

CLASSIFICANDO E DOCUMENTANDO O CONHECIMENTO PRODUZIDO:

A responsável pelo Setor do 1º Grau recolheu todo o material produzido no desenrolar da programação, como fotos, textos e entrevistas, organizou em pastas, para em seguida, com a orientação da coordenadora do Setor de Documentação, realizar o processo documental, incorporando o acervo produzido ao banco de dados, colocando-o à disposição dos usuários.

AVALIANDO A PROGRAMAÇÃO

Na semana seguinte ao encerramento da programação, o Núcleo Básico do museu se reuniu para avaliar todo o processo desenvolvido com os alunos da 5ª série, com a participação dos feirantes. Tomando como referencial as avaliações realizadas no decorrer da programação e os trabalhos produzidos em sala e na Feira de Itapuã, destacamos as dificuldades encontradas e os pontos positivos, chamando a atenção para o fato de que ambos contribuíram para o crescimento do grupo:

a participação dos alunos, desde a fase preparatória, fez com que se envolvessem no processo com bastante

motivação, pois sentiram que as suas sugestões eram acatadas, o que os tornavam co-autores da programação; as reflexões sobre o fazer cultural na feira, fez com que estes compreendessem que a cultura é o resultado das relações sociais nos seus diversos aspectos, da relação do homem com o seu meio e que pode ser produzida no universo do cotidiano e do trabalho;

a observação das formas, cores e volumetria na feira, facilitou a aprendizagem dos alunos a respeito desses conteúdos, o que ficou demonstrado através dos diversos trabalhos produzidos;

os alunos não se limitaram a observar aspectos relacionados ao conteúdo programático da disciplina, fato que foi bastante positivo, pois fizeram uma reflexão crítica sobre a feira nos seus diversos aspectos, tendo realizado, também uma coleta de dados sobre a sua História, em diversos períodos;

o envolvimento da Profa. Rita Pimentel foi bastante satisfatório, participando ativamente de todas as fases do processo, acompanhando e orientando os alunos, e participando do planejamento e execução da exposição; a antecipação do encerramento do ano letivo fez com que as atividades do final da unidade fossem realizadas com bastante rapidez, prejudicando o andamento dos trabalhos;

- a exposição na praça divulgou o trabalho dos alunos e do MDCI, valorizou as atividades dos feirantes e fez com que a equipe do Setor de Comunidade contactasse pessoas da comunidade, capazes de contribuir com as atividades do MDCI ;

os comerciantes locais ficaram muito satisfeitos com a distribuição do jornal e com a montagem da exposição, demonstrando interesse em continuar contribuindo com as atividades do MDCI;

a equipe do museu ficou bastante entusiasmada com os resultados da exposição, demonstrando interesse em continuar realizando programações no bairro, em 1995.

- a exposição na praça mobilizou alunos e professores do Colégio Lomanto Júnior, fato bastante positivo, pois o colégio, atualmente, não vinha desenvolvendo atividades com a comunidade local.

● **TRABALHANDO EXPRESSÃO E COMUNICAÇÃO COM A 8ª SÉRIE DO 1º GRAU.**

- DISCIPLINA: Expressão e Comunicação.
- UNIDADE: 3ª
- TEMA: O Jornal.
- PESSOAS ENVOLVIDAS: Professora de Expressão e Comunicação, Bernadete Mota;
 - alunos da 7ª Série;
 - componentes do Núcleo Básico do MDCI.
- LOCAL: Sala de aula, sede do Jornal A Tarde, Espaço do MDCI.

OBJETIVOS:

- a) Informar e discutir com os alunos da 7ª Série os procedimentos necessários à confecção de um jornal;
- b) aprender a programar e redigir um jornal;
- c) refletir sobre a História do Colégio Estadual Governador Lomanto Júnior, confeccionando um jornal.

ATIVIDADES PROGRAMADAS:

- Visita ao Jornal A tarde;
- pesquisa sobre a História do Colégio Estadual Governador Lomanto Júnior, no Banco de Dados do MDCI;
- elaboração de textos;
- confecção das matérias para o jornal;
- diagramação do jornal.

DESENVOLVIMENTO DA PROGRAMAÇÃO:

A proposta de trabalho foi apresentada aos alunos pela Profa. Bernadete Mota, sugerindo o tema já discutido com a equipe do MDCI : O Colégio Lomanto Júnior nos seus 30 anos. Os alunos demonstraram interesse, ficando bastante entusiasmados com a possibilidade de confeccionarem um jornal.

Através de um morador local, o Sr. Eufrásio Braga, foi conseguido um ônibus para que fosse realizada a visita ao Jornal A Tarde. Os alunos passaram uma tarde visitando as instalações, observando os equipamentos e ouvindo as explicações sobre todo o processo de preparação e impressão

de um jornal. De volta à escola, discutiram, em classe, na aula seguinte, os diversos aspectos observados.

Os alunos foram divididos em equipes, sendo que cada grupo ficou responsável por pesquisar no banco de dados do MDCI, aspectos relacionados com a História do Colégio Lomanto Júnior, nos seus 30 anos. Os alunos foram recebidos no Museu, pelos membros do Setor de Documentação, que os orientou durante o processo de coleta de dados. Após a consulta, durante as aulas de expressão e comunicação, os alunos redigiram textos sobre a História do Colégio, e, em seguida, elaboraram as matérias para o jornal.

A Profa. Bernadete, juntamente com o Prof. Ives Quaglia, solicitou aos professores, funcionários, à direção do Lomanto e à coordenação do MDCI, que elaborassem matérias para serem veiculadas no jornal da escola. Todo o material foi recolhido e entregue ao Setor de Exposição e Programação Visual do Museu, tendo sido diagramado e posteriormente enviado à gráfica. O Prof. Ives Quaglia conseguiu o patrocínio de vários comerciantes locais, o que permitiu o pagamento da impressão do jornal (ver cópia anexa).

A equipe do museu, os alunos e a professora de Expressão e Comunicação aproveitaram a Exposição na praça Dorival Caimmy para realizar o lançamento do jornal na comunidade. Foram distribuídos, também, vários exemplares com os alunos e professores, no colégio.

AVALIANDO A PROGRAMAÇÃO:

- as atividades programadas facilitaram a compreensão, por parte dos alunos, dos procedimentos necessários à confecção de um jornal;

a visita ao Jornal A Tarde possibilitou a integração do grupo e proporcionou aos alunos a oportunidade de observarem, de perto, todo o processo de programação e confecção de um jornal;

a equipe do museu, especialmente o Setor de Documentação, demonstrou grande entusiasmo, ao constatar que as informações contidas no banco de dados e já processadas estão contribuindo para um melhor desempenho das atividades didáticas, no Colégio Lomanto Júnior;

- os alunos da 7ª Série ficaram contentes com a distribuição do jornal, percebendo a valorização do trabalho por eles realizado;

o patrocínio dos comerciantes locais foi bastante significativo, no sentido de aproximar o museu da comunidade, divulgando as atividades já desenvolvidas e motivando-a para continuar colaborando e trabalhando com o MDCI;

através dos dados coletados os alunos foram capazes de realizar uma reflexão sobre a História do colégio, nos seus 30 anos, não se limitando a apresentar somente os dados do passado, mas, mostrando, também aspectos relacionados às atividades do colégio, no momento presente;

- ao utilizarem o banco de dados do MDCI, os alunos perceberam que o museu pode contribuir para realização das atividades solicitadas pelos professores, contribuindo para o processo de aprendizagem.

5.10.2 *Dando Continuidade às Ações Com o Curso de Magistério/1994*

A equipe responsável pelas ações com o Curso de Magistério atuou com os professores que se dispuseram a realizar ações integradas com o MDCl, tendo desenvolvido as atividades abaixo relacionadas, com as três séries , atingindo um total de 10 turmas. As ações planejadas objetivavam:

- a) Integrar o MDCl ao colégio;
- b) proporcionar aos alunos a oportunidade de observar e refletir sobre a realidade onde estão inseridos, no caso, o colégio e o Bairro de Itapuã;
- c) treinar os futuros professores para desempenharem atividades didáticas, tomando como referencial o acervo cultural dos estudantes, a partir da análise da realidade onde estão inseridos;
- d) realizar uma análise comparativa entre a grade curricular do Magistério, antiga e atual, destacando os aspectos positivos e negativos decorrentes da sua aplicação, ao longo do curso;
- e) refletir sobre o conceito de patrimônio cultural, a partir da observação e da análise da História do colégio e do bairro, tomando-o como referencial para o exercício da cidadania.

Como atividade inicial, as diversas turmas foram visitadas pela coordenadora do MDCl, acompanhada pelos componentes do Setor do Magistério, quando foi realizada uma explanação sobre os objetivos do Museu, realizando-se, em seguida, uma leitura comentada de um texto que foi distribuído anteriormente a todas as alunas, destacando-se a

concepção básica do Museu Didático-Comunitário de Itapuã. Posteriormente, foi realizado o convite para que visitassem o espaço do museu, realizando consultas em seu banco de dados, tendo-se destacado os principais temas já processados e colocados à disposição dos usuários. Na mesma oportunidade, foi comunicada às alunas a intenção de trabalhar de forma integrada com alguns professores que demonstraram a interesse de realizar um planejamento conjunto com o museu.

- O Bairro Como um Espaço de Vivência - Metodologia do Ensino da Geografia.

1º ANO DE MAGISTÉRIO:

Com a Profa. Jandira Maria Dias Barbosa, na disciplina, “ Metodologia da Geografia”, foram realizadas atividades com as cinco turmas do 1º ano, tendo como tema : “O BAIRRO COMO UM ESPAÇO DE VIVÊNCIA”. Objetivava-se realizar uma observação e uma análise crítica sobre os diversos espaços de vivência das alunas, coletando dados que deveriam ser trabalhados por elas, em sala de aula, estabelecendo relações entre o Bairro de Itapuã e as demais áreas circunvizinhas.

Foram realizadas várias reuniões de planejamento, com a participação das alunas, da professora da disciplina e com a equipe do museu. Optou-se por formar equipes, integrando alunas das diversas turmas, por área de residência. As alunas apresentaram os diversos aspectos que gostariam de observar, sendo que foram acrescentadas as sugestões da professora e da equipe do museu. Como instrumento para coleta de informações, foi elaborado um

roteiro de entrevista (ver anexo) para ser aplicado com moradores das diversas áreas, tendo sido preparado com a orientação da Profa. Rosana Nascimento, que realizou visitas às diversas salas do 1º ano preparando as turmas para o trabalho de campo.

Foram realizadas observações e coletadas informações nas seguintes áreas:

Itapuã, Abaeté (apesar de estar situado no Bairro de Itapuã, as alunas optaram por realizar um estudo em separado, pois pretendiam realizar uma análise sobre as diversas transformações sofridas por aquela área), São Cristóvão, Itinga, Portão e Mussurunga.

Finalizada a fase de coleta de dados nas diversas áreas, as alunas também coletaram informações no banco de dados do Museu e, a partir das informações coletadas, elaboraram textos sobre cada realidade pesquisada, que serviram de roteiro para a apresentação dos resultados, em maquetes, dramatizações, exposições, dança, desenhos, etc. À medida em que elaboravam os textos, eram feitas reflexões, com a orientação da professora e da equipe do Museu, sobre o patrimônio cultural de cada realidade pesquisada e sobre a importância de considerá-lo como um referencial para o exercício da cidadania, destacando-se, também, a importância da análise e compreensão desses conteúdos na formação do professor. A culminância do trabalho se deu por equipe, sendo que alunos e professores do turno vespertino assistiram às seguintes apresentações:

ITAPUÃ:

Dramatização apresentando aspectos do passado e do presente do bairro, tais como: usos, costumes, ocupação, desenvolvimento urbano, turismo, pesca, comércio, pontos referenciais, Itapuã como inspiração para músicos e poetas, poluição, problemas trazidos pela implantação do CIA e do Pólo Petroquímico etc. Após a apresentação, as alunas leram um texto sobre a realidade do bairro, fazendo uma análise crítica.

ABAETÉ:

A equipe apresentou uma dramatização enfocando vários problemas relacionados à realidade dos moradores e à preservação do meio ambiente, destacando as mudanças ocorridas, a relação entre os moradores locais, especialmente as lavadeiras e os turistas, a depredação das dunas e da vegetação local.

PORTÃO:

O grupo montou uma exposição com fotos e plantas do bairro, dando destaque ao Parque Metropolitano de Portão, às margens do Rio Joanes.

MUSSURUNGA:

As alunas apresentaram maquetes do bairro e um texto sobre os diversos aspectos pesquisados.

SÃO CRISTÓVÃO:

Através de dramatização as estudantes fizeram críticas, destacando a falta de infra-estrutura para o bairro, salientando o seu isolamento da Cidade do Salvador, dando

ênfase às péssimas condições nas áreas da educação e da saúde.

ITINGA:

A equipe optou por destacar o que o bairro possui de bom, pois pretendiam desmitificar a sua fama de local violento e de bandidos. Convidaram grupos da comunidade para virem ao colégio, onde apresentaram capoeira e samba de roda. Uma banda local se apresentou tocando músicas compostas pelo grupo e um artista plástico residente no bairro expôs vários de seus trabalhos e falou para os presentes sobre os temas e as técnicas que utiliza, destacando, também, a sua atuação como animador cultural do bairro, preparando diversos eventos com a comunidade. Um grupo apresentou o “Bumba-caranguejo”, dança que é uma homenagem ao largo do Caranguejo, no centro de Itinga. Após a apresentação dos diversos grupos, uma aluna leu um texto, fazendo uma análise crítica sobre o Bairro de Itinga.

Após as apresentações, as equipes entregaram à professora os relatórios das diversas atividades desenvolvidas que serão processados pelos setores do Magistério e de Documentação do MDCI e incorporados ao banco de dados, assim como a documentação fotográfica proveniente das diversas ações executadas, ficando à disposição dos usuários.

A HISTÓRIA DO COLÉGIO ESTADUAL GOVERNADOR LOMANTO JÚNIOR, A EDUCAÇÃO NO BAIRRO DE ITAPUÃ - METODOLOGIA DA HISTÓRIA E DA GEOGRAFIA, 2º ANO A e B.

A proposta de trabalho foi apresentada pela coordenadora do projeto, com a participação dos componentes do Setor do Magistério. O planejamento foi realizado em sala de aula, junto com as alunas, tendo-se definido que as turmas trabalhariam agrupando o tema por décadas, cobrindo os 30 anos do colégio. Assim, as turmas foram divididas em equipes de 5 e 7 componentes, tendo coletado informações sobre as décadas de 64-74, 74-84 e 84-94.

O grupo optou por coletar informações no banco de dados do MDCI e entrevistando professores e funcionários do colégio que ali atuavam por mais de 20 anos. Pretendia-se coletar informações antes que estes se afastassem do Colégio Lomanto Júnior. Foi realizado um levantamento na secretaria do colégio com o objetivo de relacionar os funcionários e professores que deveriam ser entrevistados.

A Professora Rosana Nascimento visitou as salas do segundo ano, trabalhando com as alunas a aplicação dos roteiros de entrevista e dos termos de doação, instrumentos utilizados no Setor de Documentação, orientando-as na aplicação dos mesmos (ver anexo). A equipe do museu comunicou aos funcionários e professores os objetivos do trabalho, definindo, com os mesmos, os horários mais convenientes para serem realizadas as entrevistas.

Durante um mês, foi realizada a coleta de dados, sendo que também foram entrevistados alguns funcionários

e professores que já estavam afastados do colégio. Os componentes do setor de Magistério fizeram os contatos, tendo marcado, com os mesmos, os dias e horários para as entrevistas, sendo que alguns foram entrevistados na própria residência e outros na sala do museu. Todo o processo foi registrado em fotografias em preto e branco.

Após a realização das entrevistas, as alunas elaboraram textos sobre os diversos períodos pesquisados, que foram entregues à equipe do Museu, quando foi realizada uma avaliação sobre todo processo, destacando-se os pontos positivos e as dificuldades encontradas.

Com base nos dados coletados, a técnica do Instituto Anísio Teixeira, Gloria Maria do Carmo R. de Oliveira, elaborou um texto sobre a História do Colégio Lomanto Júnior e a Educação no Bairro de Itapuã, que deverá ser utilizado por alunos, professores e pela equipe do museu.

- A Afetividade em Relação à Escola: o Lazer e o Esporte no Lomanto- 2º Ano, Disciplina: Psicologia.

A Profa. Fátima Uripia, a partir do tema “A Afetividade”, que faz parte do programa da disciplina, em discussão com as alunas em sala de aula, constatou que estas estavam insatisfeitas em relação ao colégio, pois argumentaram que não encontravam ali, um espaço de vivência agradável. Decidiram, então, trabalhar os temas: o esporte e o lazer no colégio.

As alunas foram distribuídas em equipes com o objetivo de realizar uma coleta de dados sobre os dois temas selecionados, incluindo o passado e a atualidade. Foram feitas consultas ao banco de dados do museu,

quando as alunas coletaram informações sobre o grêmio, que no momento encontra-se desativado, sobre a participação do colégio nas olimpíadas estudantis, constatando que o Colégio Lomanto Júnior tinha uma forte atuação esportiva e de lazer, com grupos folclóricos, festas com a comunidade etc., e que, no momento, estes eventos não mais aconteciam.

A partir dos dados coletados e das observações realizadas pelas próprias alunas, no momento presente, foi elaborada, pelas alunas, uma relação de problemas e, em seguida, sugeridas algumas soluções para os mesmos, em um documento a ser encaminhado à administração e à coordenação do Curso de Magistério.

- Trabalhando com o 3º ano do Curso de Magistério

Os professores estavam encontrando dificuldade em trabalhar com as alunas do 3º ano, pois estas estavam bastante desmotivadas. A Profa. Maria José de Faria Lins, responsável pela disciplina Psicologia, sugeriu que fosse realizado um trabalho integrado com as professoras de Prática de Ensino, Ana Maria Lessa e Madalena da Silva. Com o objetivo de mobilizar as duas turmas para o trabalho integrado com o museu, foi programada uma visita ao Centro Histórico da Cidade do Salvador, pois já havia sido constatado pela equipe do museu que a maioria das alunas nunca tinha estado no centro da cidade.

A visita ao Centro Histórico foi programada com o objetivo de informar as alunas sobre a História da cidade, situando o Bairro de Itapuã nesse contexto, e apresentar ao grupo os museus da Universidade situados no Terreiro de

Jesus, realizando uma visita guiada. O Instituto Anísio Teixeira cedeu um ônibus para conduzir as duas turmas. A visita foi programada para dois dias, um para cada turma, tendo sido convidados os professores do Magistério para participar da programação.

Antes da saída do colégio, o grupo foi conduzido ao Museu, quando a coordenadora do projeto fez uma explanação sobre a formação da Cidade do Salvador, utilizando, como ilustração os painéis da exposição “O Terreiro de Jesus Ontem e Hoje”, realizada quando da programação desenvolvida com os alunos do Colégio Azevedo Fernandes, no Pelourinho. Logo após, às 8h30min, o grupo foi conduzido ao Centro Histórico, tendo percorrido, no período da manhã, as praças Municipal e da Sé, visitando a Catedral Basílica, a Igreja de São Francisco e o Largo do Pelourinho, acompanhadas pela coordenadora do projeto que as guiava, fornecendo informações sobre os diversos locais visitados. Ao meio dia, o grupo foi conduzido ao Museu de Arqueologia e Etnologia da UFBA, quando a sua diretora, museóloga Ana Gantois, ofereceu um lanche às alunas. No pátio do museu, o grupo teve um período de descanso, tendo, em seguida, visitado os museus de Arqueologia, Afro-Brasileiro e o Memorial da Medicina, todos situados no mesmo prédio.

Após a visita aos museus, o grupo sentou no jardim interno do prédio da antiga Faculdade de Medicina, quando foi discutida a importância de se preservar o nosso patrimônio cultural, destacando-se a necessidade da realização de programas daquela natureza para os cursos de formação de professor, para que os futuros mestres possam trabalhar esses conteúdos com seus alunos. Naquela

oportunidade, também foi realizada uma avaliação do trabalho do dia. Às 17h o grupo retornou ao colégio.

A visita ao Centro Histórico aproximou mais as alunas do terceiro ano da equipe do Museu, fato que contribuiu bastante para motivá-las a continuar programando atividades de forma integrada. Junto com as professoras de Psicologia e Prática de Ensino, uma turma definiu que iria realizar o trabalho da quarta unidade, fazendo uma análise comparativa entre as grades do currículo atual e do antigo, e a outra turma decidiu fazer uma análise de todo o Curso de Magistério nos três anos cursados.

As alunas fizeram pesquisas no banco de dados do museu, consultaram os relatórios elaborados pelas alunas do terceiro ano/93, e decidiram preparar as apresentações, como surpresa, para os professores e para a equipe do museu. Na data determinada pelas professoras, o grupo se reuniu no auditório do colégio, para apresentar o resultado do trabalho. Uma turma apresentou uma peça intitulada “Alto Astral”, onde criticavam a alienação das pessoas, a passividade em relação aos problemas enfrentados, culminando com a apresentação de um jogral onde situavam os principais problemas enfrentados durante o período em que estiveram cursando o Magistério. A outra turma apresentou um júri simulado, cujo réu era a grade do currículo atual, defendida por um promotor, enquanto um advogado realizava a acusação. As alunas demonstraram grande maturidade ao apontarem os pontos positivos e negativos de cada currículo, situando o Curso de Magistério no contexto geral da Educação no País.

Ao final das apresentações, as alunas prestaram uma homenagem aos professores e à equipe do MDCl. Toda a

apresentação foi documentada em vídeo e encontra-se no banco de dados do museu.

Além do acompanhamento em sala de aula e das atividades desenvolvidas com o Magistério, a equipe do museu, desenvolveu as atividades abaixo relacionadas, objetivando garantir a qualidade dos diversos programas desenvolvidos:

- a) Leituras sobre museu e educação, Itapuã e Patrimônio Cultural (títulos inclusos na bibliografia geral);
- b) orientação das alunas nas pesquisas;
- c) esclarecimentos de dúvidas em relação às programações;
- d) seleção e entrega de material para confecção de cartazes, etc;
- e) realização de entrevistas com professores e funcionários aposentados, recentemente;
- f) participação nas reuniões do Núcleo Básico do MDCL, apresentando e discutindo o planejamento e o andamento das programações;
- g) organização e realização de reuniões de planejamento e avaliação das atividades, com alunos e professores;
- h) orientação e acompanhamento na montagem de exposições;
- i) organização do material produzido através das diversas programações para serem processados, juntamente com o Setor de Documentação, e inclusos no banco de dados à disposição dos usuários.

- Avaliando as ações com o Curso de Magistério:

Foi possível, através das diversas ações desenvolvidas, discutir com as alunas, aspectos relacionados ao patrimônio cultural, destacando a sua importância para o exercício da cidadania, e a necessidade da discussão desses conteúdos nos cursos de formação de professor. Em nenhum momento da formação das alunas, estes conteúdos haviam sido abordados;

as programações proporcionaram às alunas, à equipe do museu e aos professores a oportunidade de conhecer melhor a História do Colégio Lomanto Júnior e da Educação no Bairro de Itapuã, chamando a atenção das futuras professoras para a necessidade de se construir a História da Educação, a partir do fazer cotidiano da sala de aula, da administração e da gestão dos estabelecimentos de ensino, situando-a no contexto baiano e nacional, e, conseqüentemente, contribuindo para o enriquecimento da História da Educação, em seus aspectos mais amplos;

- as alunas perceberam a importância da existência do Museu na Escola, à medida em que utilizavam o seu banco de dados, facilitando a preparação das atividades solicitadas pelos professores, compreendendo, também que os dados do passado eram importantes para a compreensão de vários aspectos relacionados com a educação, no Colégio Lomanto Júnior, no momento presente. Percebemos, também, que se sentiam valorizadas, ao produzirem um conhecimento que está enriquecendo o acervo do MDCl;

o museu contribuiu para que fosse realizada uma análise crítica sobre o Curso de Magistério, do colégio, fornecendo dados para a análise e reflexão das alunas, contribuindo para o desenvolvimento do curso, à medida em que os relatórios e os documentos elaborados serão utilizados para reflexão pela coordenação do magistério, juntamente com os professores do referido curso;

a antecipação do término da quarta unidade prejudicou o andamento dos trabalhos, pois a culminância dos mesmos teve que ser antecipada, sem o tempo necessário para a organização do material;

- as alunas perceberam, através das diversas programações realizadas, que é possível realizar atividades didáticas mais próximas dos contextos onde os alunos estão inseridos, relacionando-os com os conteúdos das diversas disciplinas;

foi possível constatar que professores e alunos são capazes de contribuir para a produção do conhecimento, a partir das atividades de sala de aula, deixando de ser, somente, meros transmissores do conhecimento produzido em outras realidades, por outras pessoas;

através das coletas de dados realizadas, foi possível aos professores, à equipe do museu e às alunas, conhecer melhor a História do Bairro de Itapuã, da Cidade do Salvador e dos bairros próximos ao colégio, enriquecendo o banco de dados do museu, com o conhecimento produzido a partir dos dados coletados;

houve uma participação mais efetiva por parte dos professores, em relação às atividades desenvolvidas em 1993, pois estes, além de assumirem o desempenho das

atividades em sala de aula, participaram, com o museu, das atividades de planejamento e avaliação. É importante registrar que alguns professores passaram a procurar a equipe do museu, espontaneamente, propondo a realização de atividades integradas;

- foi possível expandir a atuação do museu com todas as turmas do Magistério, fato que contribuiu para que as alunas compreendessem melhor os objetivos e a atuação do MDCl. Entretanto, foi difícil trazer voluntárias desse curso para o Núcleo Básico do MDCl, isto porque a maioria das atividades foi realizada nas terceira e quarta unidades, quando as alunas estão sobrecarregadas com o estágio e outras atividades práticas que exigem a presença das mesmas, nos dois turnos no colégio, tomando, completamente, o tempo delas.

5. 11 Ampliando o Acervo e o Espaço Físico

Até maio de 1994, o Museu funcionou nas duas salas citadas anteriormente. Devido a problemas de segurança - houve três roubos enquanto estivemos ali instalados -, com o consentimento da direção, nos transferimos para uma outra sala maior, situada, também, em frente ao corredor, onde as exposições são montadas. Esta sala dá para a área interna do colégio, sendo, portanto, mais segura. Possui 4 pias, e, aproximadamente, 15m de comprimento por 5,5m de largura. Anexa a esta, está uma sala menor, com 5m metros de largura por 6,5m de comprimento, com paredes em tijolinhos aparentes, utilizada pela direção para guardar os arquivos antigos e vários materiais em desuso.

Após várias gestões junto à administração do colégio, conseguimos que a sala do depósito fosse destinada ao museu. Aproveitando uma ação do SOS Escola, Setor da Secretaria de Educação do Estado destinado a realizar reparos e reformas nos prédios da rede escolar, conseguimos que fosse melhorada a iluminação das duas salas, e do corredor utilizado nas montagens de exposição. Foi aberta uma porta interligando os dois espaços, e pintada de branco as paredes da sala com tijolos aparentes.

Também foram destinadas ao museu a sala pequena, utilizada anteriormente, que, no momento, está sendo utilizada como depósito e, ainda, uma sala de aula, em frente ao corredor, que também é utilizada na montagem de exposições. Resumindo, o museu, hoje, possui os seguintes espaços:

- 2 salas onde funcionam os diversos setores;
- 1 sala para o depósito;
- 1 sala e um corredor de 20m de comprimento por 3,5m de largura, utilizado nas exposições, eventos como almoços e merendas de confraternização etc
- 1 sanitário feminino
- 1 sanitário masculino.

Ao se desocupar a sala destinada ao antigo arquivo da escola, vários móveis, como fichários, armários e estantes de aço e de madeira, foram desocupados, pois as cadernetas antigas e outros documentos foram transferidos para um local adequado, na Secretaria do Colégio, fato que motivou a coordenadora do projeto a solicitar à direção, a doação dos mesmos para o Museu, tendo sido atendida. Os móveis

estavam enferrujados, quebrados e necessitando de vários reparos.

Os componentes do Núcleo Básico, com a participação de voluntários da 5ª série, realizaram um grande mutirão e, com R\$ 100,00 (cem reais), verba concedida pelo Instituto Anísio Teixeira, foram compradas lixas, tinta, solvente e verniz, isto é, todo o material necessário à recuperação dos móveis. As tarefas foram divididas entre todos os componentes do núcleo e voluntários, que limparam, lixaram, pintaram e envernizaram armários, estantes, fichários e recuperaram mesas, colocando novos tampos. O Prof. Ives Quaglia aproveitou portas retiradas da reforma do colégio e transformou em mesas, utilizando estruturas de carteiras de ferro que estavam amontoadas em um canto do colégio. Foram, então, recuperados:

- 11 fichários;
- 3 estantes ;
- 4 armários de madeira;
- 2 armários de aço;
- 8 mesas.

Com os móveis recuperados e a nova sala anexa, foi possível reestruturar todos os setores, dividindo-se os espaços com os fichários, armários e estantes, destinando-se uma área para consulta aos arquivos, atendimento ao público e uma área no centro da sala, com uma mesa grande para as reuniões gerais do núcleo. Os setores de Exposição e Documentação foram instalados na sala do antigo arquivo e os demais, na sala grande.

O MDCI passou a dispor, então, dos seguintes espaços físicos:

- 1 sala de 5m de largura por 6,5 de comprimento;
- 1 sala de 15m de comprimento por 5,5 de largura;
- 1 corredor de 20m de comprimento por 3,5 de largura;
- 1 sala de 5m de largura por 6m de comprimento para montagem de exposições;
- 1 sala de 3,5m de largura por 4m de comprimento para depósito;
- 1 conjunto de sanitários, com 2 WC e 4 boxes com chuveiro.

Em anexo, apresentamos a planta baixa do espaço atual do MDCI, com os respectivos setores.

Com autorização da direção do colégio, a equipe do museu realizou uma triagem dos documentos que se encontravam no antigo arquivo, selecionando, em seguida, vários documentos, como fotos, correspondências, livros de atas, registros de funcionários etc., passando estes a compor o acervo do museu. Após a seleção, foram encaminhados ao Setor de Conservação, onde estão recebendo o tratamento adequado, e, posteriormente, serão encaminhados ao Setor de Classificação e Documentação, para processamento, e incorporação ao arquivo, para uso.

O grande mutirão, realizado em apenas uma semana, chamou a atenção do colégio, motivando funcionários, professores e alunos a visitarem o espaço do Museu. Todos demonstraram grande surpresa em relação à transformação e adequação dos espaços e também admiração pela motivação e mobilização da equipe que realizou todo aquele esforço, em

tão pouco tempo. A grande “faxina” e reestruturação do museu motivaram outros setores do colégio, como a cantina e a sala da coordenação, a realizarem modificações em seu ambiente.

Houve uma maior integração entre os voluntários e a equipe do museu a partir do esforço conjunto realizado, tornando-os mais próximos de todos os componentes do núcleo e motivando-os a participar dos diversos setores.

5.12 Organizando o MDCI

Estando os diversos setores com seus espaços definidos, a coordenação, tomando como referencial as diversas ações realizadas anteriormente, repensou as atribuições desses, anteriormente estabelecidas, ampliando-as e apresentando-as, em uma reunião geral do núcleo, para serem discutidas, analisadas e aprovadas, ficando a responsabilidade dos diversos setores assim definida:

- **COORDENAÇÃO:**

- coordenar as ações dos diversos setores, integrando-os e tomando decisões conjuntas;

- promover, junto às instituições que patrocinam o projeto e a possíveis colaboradores, os recursos necessários ao funcionamento do MDCI;

- promover reuniões com a participação de todos os setores para tomada de decisões conjuntas;

- após análise e avaliação conjunta das ações dos diversos setores, definir, com a participação dos mesmos, as metas anuais do MDCI;

executar e avaliar, junto aos diversos setores, as ações planejadas;

mobilizar professores e estudantes do Colégio Lomanto Júnior, bem como, a comunidade do Bairro de Itapuã, para a realização de ações integradas, motivando-os a integrarem o Núcleo Básico do MDCl;

- apresentar às instituições envolvidas com o projeto o relatório das atividades desenvolvidas.

- SETOR DE DOCUMENTAÇÃO:

aplicar a ação documental, de acordo com os instrumentos elaborados;

atender aos usuários do arquivo do MDCl;

- assessorar e acompanhar os membros dos demais setores, ao procederem à ação documental;

divulgar os temas do arquivo e motivar alunos, professores e a comunidade local, para sua utilização;

providenciar fotocópias dos instrumentos necessários aos procedimentos da ação documental;

promover a capacitação e treinamento dos componentes do setor;

participar das reuniões gerais, apresentando as metas do setor para apreciação e contribuição dos demais setores;

preparar as matérias a serem divulgadas no mural do MDCl;

recrutar voluntários para o setor e promover o devido treinamento;

- realizar avaliação contínua das ações em andamento;

- elaborar e apresentar à coordenação o relatório das atividades desenvolvidas.

- SETOR DE ATENDIMENTO AO CURSO DE MAGISTÉRIO:

- planejar e executar ações com o curso de magistério;
- preparar a bibliografia necessária ao desenvolvimento dos trabalhos;
- localizar no arquivo do MDCI o material a ser utilizado nos diversos programas;
- providenciar o material necessário ao setor e ao desenvolvimento das ações programadas;
- elaborar junto com a coordenação as metas do setor, apresentando-as nas reuniões gerais;
- fornecer ao setor de documentação as informações que deverão ser divulgadas no mural do MDCI;
- apresentar nas reuniões gerais do núcleo o andamento dos trabalhos para apreciação e enriquecimento;
- realizar a avaliação contínua dos trabalhos em andamento;
- elaborar e apresentar à coordenação o relatório das atividades desenvolvidas;
- organizar e arquivar o material produzido;
- motivar alunos e professores para comporem o Núcleo Básico do Museu;
- promover o treinamento dos voluntários do setor;

• **SETOR DE ATENDIMENTO AO 1º GRAU**

- planejar e executar ações com professores e alunos da quinta à oitava séries;
- levantar a bibliografia necessária às ações a serem executadas;
- localizar no arquivo do MDCI o material a ser utilizado nos diversos programas;
- providenciar o material necessário ao setor e ao desenvolvimento das ações programadas;
- elaborar junto com a coordenação as metas do setor, apresentando-as nas reuniões gerais do Núcleo Básico do MDCI, para apreciação e enriquecimento;
- fornecer ao setor de documentação as informações que deverão ser divulgadas no mural do MDCI;
- apresentar nas reuniões gerais do núcleo o andamento dos trabalhos;
- realizar a avaliação contínua dos trabalhos em andamento;
- elaborar e apresentar à coordenação o relatório das atividades desenvolvidas;
- organizar e arquivar o material produzido;
- motivar alunos e professores para comporem o Núcleo Básico do museu;.
- promover o treinamento dos voluntários do setor;

- **SETOR DE EXPOSIÇÃO E PROGRAMAÇÃO VISUAL:**

- planejar e executar a programação visual do museu;
- planejar com os diversos setores e executar as exposições;
- solicitar o material necessário para as exposições e programação visual do MDCl;
- motivar alunos e professores para participarem do setor, como voluntários;
- elaborar junto com a coordenação as metas para o setor, apresentando-as nas reuniões do Núcleo-básico, para discussão e enriquecimento;
- apresentar, nas reuniões gerais do núcleo, os trabalhos em andamento;
- organizar e arquivar o material produzido;
- fornecer, ao setor de documentação, as informações que deverão ser divulgadas no mural do MDCl;
- programar e executar atividades com a oficina de papel reciclado do CEGlJ;
- preparar o mural do MDCl e proceder à diagramação do material a ser veiculado;
- preparar e apresentar à coordenação relatório das atividades desenvolvidas;
- realizar a avaliação contínua dos trabalhos em andamento;

• **SETOR DE AÇÕES COM A COMUNIDADE:**

planejar e executar programações com a comunidade de Itapuã, a partir das ações que estão sendo desenvolvidas em sala de aula;

planejar e executar atividades com o grêmio do Colégio Estadual Governador Lomanto Júnior, com a associação de pais e com os funcionários do colégio;

motivar os diversos segmentos envolvidos com as atividades do setor para participarem, como voluntários, do Núcleo-Básico do MDCI;

conseguir patrocinadores para as ações do MDCI;

fornecer, ao setor de documentação as informações a serem divulgadas no mural do MDCI;

organizar e arquivar o material produzido no setor;

elaborar junto com a coordenação as metas para o setor, apresentando-as nas reuniões do Núcleo Básico, para discussão e enriquecimento;

avaliar, continuamente, as ações que estiverem em andamento;

- elaborar e apresentar à coordenação relatórios das atividades desenvolvidas.

• **SETOR DE CONSERVAÇÃO:**

pesquisar, selecionar e aplicar as técnicas adequadas à conservação do acervo do MDCI;

promover o treinamento das pessoas envolvidas com o setor;

- acompanhar e avaliar os procedimentos adotados;

sensibilizar alunos, professores do colégio, e a comunidade de Itapuã, para a compreensão da importância do processo de conservação, envolvendo-os no planejamento e execução dos procedimentos a serem adotados;

organizar e arquivar o material produzido no setor;
preparar junto com a coordenação as metas para o setor, apresentando-as nas reuniões do Núcleo, para discussão e enriquecimento;

- fornecer ao setor de documentação as informações que deverão ser veiculadas no mural do MDCI;
- elaborar e apresentar à coordenação relatório das atividades desenvolvidas.

Tomando como referencial as metas estabelecidas para o MDCI em 1994, os diversos setores elaboraram seus planos de ação, tendo sido apresentados e discutidos em reuniões do Núcleo Básico. Foi apresentado e aprovado pelo Núcleo um quadro de metas para os setores, com o objetivo de facilitar o acompanhamento e a avaliação dos trabalhos (ver anexo). Apresentamos, também, anexo os componentes dos diversos setores do MDCI, até dezembro de 1994.

5.13 Ampliando a Ação Documental e o uso do Acervo

A equipe de documentação, sob a Coordenação da Profa. Rosana Nascimento, a partir das metas estabelecidas para o MDCI em 94, definiu as seguintes metas para o setor:

- a) Divulgação do banco de dados para professores, alunos e funcionários;
- b) realização da descrição das fotografias;
- c) classificação dos jornais;
- d) atualização do índice remissivo;
- e) atendimento aos usuários do banco de dados;
- f) exposição de fotografias para identificação.

Após a classificação do acervo, foi planejado o sistema de ação documental do Banco de Dados do MDCl, objetivando o uso do mesmo por professores, alunos, funcionários, pela comunidade local e demais pesquisadores. O referido sistema privilegia, também, a ampliação das submetas, através do acervo, que é produzido por meio dos diversos programas que são desenvolvidos, como foi explicitado, anteriormente, quando discorremos sobre o sistema de documentação definido para o Museu. Nesse sentido, o uso do banco de dados se efetiva com o objetivo de produzir conhecimento ao desenvolver as ações planejadas com professores, alunos, funcionários e moradores locais, ou por pesquisadores que o consultam para atender aos objetivos de seus trabalhos.

Com relação ao uso do arquivo por professores e funcionários que não estavam participando das atividades do museu, constatou-se que não houve um uso sistemático, pois o setor não realizou uma divulgação mais efetiva com estas pessoas. Deve-se, contudo, levar em consideração que o setor, durante o ano de 1994, teve uma redução de pessoal; antes, contava com quatro participantes tendo sido reduzidos a dois. A coordenação do setor optou, então, por dar ênfase às outras metas consideradas prioritárias.

O trabalho de descrição das fotografias vem sendo desenvolvido pela Profa. Rosana Nascimento, coordenadora do setor. Já foram descritas 92 fotos relativas às ações desenvolvidas pelo MDCI, do total de 370 fotos, até dezembro de 1994. Fazem parte, também, do acervo fotográfico do Museu, 216 *slides* e 11 fitas de vídeo, todos relacionados às diversas atividades do MDCI. Incluindo as 409 fotos relativas ao colégio e ao bairro, o museu possui, até o presente momento, 779 fotografias. A documentação fotográfica vem sendo realizada pela coordenadora do projeto, pelos fotógrafos, Hitanêz da Silva Freitas e Josué Ribeiro, contratados pelo Instituto Anísio Teixeira em 1993 e 1994. Os vídeos ainda não foram editados e foram feitos pelos filhos da coordenadora do projeto, que colaboraram com o registro dos diversos eventos.

Os jornais encontrados no colégio e doados para o MDCI já foram classificados e colocados em pastas. Até o presente momento, o banco de dados possui os seguintes assuntos, com reportagens alusivas ao colégio e ao bairro:

- Jornal de Itapuã - 2 pastas;
- A Tarde - 1 pasta;
- Correio da Bahia - 1 pasta;
- Tribuna da Bahia - 1 pasta;
- Jornal da Bahia - 1 pasta;
- Praia do Forte - 1 pasta;
- Litoral Norte - 1 pasta.

O banco de dados do MDCI tem, como já foi registrado anteriormente, 409 fotos relativas à História do Colégio Lomanto Júnior. Com o objetivo de realizar o

processo de identificação desse acervo fotográfico, os estagiários do Curso de Museologia, Ana Cláudia Coelho e Cláudio José Meneses, matriculados na disciplina Estágio Supervisionado, sob a orientação da Profa. Rosana Nascimento, elaboraram um projeto de exposição com o objetivo de realizar uma ação documental, através de testemunho oral de professores e funcionários do Colégio Estadual Governador Lomanto Júnior, tendo como suporte cenas retratadas em fotografias. A ação documental será iniciada na própria exposição, quando, na entrada, será colocado um cartaz explicando aos visitantes como proceder em caso de reconhecimento de algum dado da foto. Os visitantes serão acompanhados pelos componentes do Núcleo do Museu, especialmente treinados para acompanhar o processo e que anotarão na ficha de identificação e no gráfico de localização das fotos da exposição as informações fornecidas pelos visitantes.

Antes da exposição, o Setor de Comunidade fará um amplo trabalho de divulgação, atingindo ex-alunos e atuais professores e funcionários do colégio. Far-se-á também a preparação dos mesmos, para que possam colaborar com os objetivos da exposição. O projeto já está pronto e aprovado pelo Núcleo Básico do museu, devendo a exposição ser montada no início do ano letivo de 1995.

Em relação à atualização do índice remissivo, foram inseridos os novos subtemas para auxiliar o trabalho dos pesquisadores, detalhando os conteúdos concernentes a cada tema ou subtema.

O Banco de dados do MDCI começou a ser usado, em maior escala, a partir de maio de 1994. Sendo que, até o presente momento, foram atendidos 123 usuários, que

pesquisaram sobre os temas, Itapuã (com seus subtemas) e sobre a História do Colégio Lomanto Júnior. O aluno da 5ª Série, Gilson dos Santos, voluntário integrado ao Setor de Documentação, com a orientação da Profa. Rosana Nascimento, faz o atendimento ao público, acompanhando o preenchimento das fichas com os dados dos usuários e os temas pesquisados, realizando, a cada dia, o levantamento dos dados de consulta e em seguida, arquivando as fichas nas pastas de controle, em ordem alfabética. É interessante registrar que alunos de outros estabelecimentos de ensino já começaram a utilizar o acervo do MDCI; foram realizados atendimentos a alunos do Colégio Luís Viana, do Bairro de Brotas, residentes em Itapuã e a alunos do Colégio Rotary-Itapuã.

5.14 Definindo e Executando Procedimentos de Conservação

No segundo semestre/94, o MDCI teve o seu Setor de Conservação estruturado, com espaço, material e pessoal destinado ao desenvolvimento das ações. As alunas do Curso de Museologia, Iris Del Mar e Juciléia de Cerqueira Santos, responsáveis pelo setor, foram orientadas pela coordenadora do projeto que lhes indicou bibliografia e fez contatos com profissionais que atuam em conservação de papel, solicitando orientação para as estagiárias. Com o objetivo de proporcionar um treinamento mais efetivo às responsáveis pelo setor, a coordenadora do projeto realizou gestões junto ao Instituto Anísio Teixeira, solicitando que fosse contratada a Museóloga Gilka Santana para ministrar um curso, com carga horária teórica e prática, sobre conservação e higienização de arquivos e fotografias.

O curso foi realizado durante os meses de agosto a novembro, uma vez por semana, tendo sido abordado os seguintes conteúdos:

- Breve História do papel-fabricação artesanal e industrial, constituição e reconhecimento do papel; males que atacam o papel - causas; prevenção contra estragos e deterioramentos; colagem de papéis - planificação e descolagem; avaliação e exame do papel - preenchimento de fichas técnicas; laboratório - materiais e equipamentos para limpeza e higienização de documentos; câmara de desinfecção - imunização individual; utilização de vapor de água para planificação e descolagem de suportes indevidos; descolagem de fitas adesivas; viscosidade da cola de Metilan e sua utilização; condições climáticas do espaço para preservação de arquivos; limpeza úmida e secagem do papel; repelentes - limpeza dos arquivos e estantes de livros; acidez do papel - teste de pH;
- limpeza e manuseio do material fotográfico.

À medida em que o curso ia sendo ministrado, com aulas teóricas e práticas, foram sendo adquiridos os materiais necessários ao setor, tendo sido organizado um mini-laboratório de conservação, adequando, também, o espaço para a aplicação dos procedimentos necessários às características do acervo.

Quando da reestruturação dos setores, 8 voluntários do 1º Grau optaram por atuar no Setor de Conservação, tendo sido organizado um treinamento para o grupo, com o objetivo de esclarecê-lo a respeito da importância do processo de conservação e treiná-lo para o trabalho no setor. Nesse sentido, a museóloga Gilka Santana ministrou algumas aulas para o grupo sobre a História do papel e sobre algumas técnicas de conservação, salientando a importância de uma postura preservacionista em relação a vários aspectos da nossa vida, citando exemplos a partir de aspectos ligados à vivência dos alunos, que acompanharam as explicações com muita atenção e envolvimento.

Dando continuidade ao treinamento dos voluntários, a coordenadora do projeto organizou uma atividade com o grupo para discutir temas e questões relacionadas com a preservação, para em seguida, com a participação dos mesmos, planejar ações para atingir os alunos dos turnos matutino e vespertino.

DISCUTINDO A PRESERVAÇÃO A PARTIR DA HISTÓRIA DE VIDA DOS ALUNOS

Objetivos:

- Discutir aspectos relacionados à preservação, a partir da vivência dos alunos;
- democratizar os conteúdos relacionados à preservação no Colégio Lomanto Júnior;
- analisar as ações de preservação, enquanto um processo participativo, no MDCL.

Desenvolvimento das Atividades:

As atividades foram desenvolvidas às sextas-feiras, de 14 às 15h. No primeiro encontro, foram discutidos os objetivos do trabalho e solicitado aos alunos que apresentassem exemplos, a partir da História de vida de cada um, relacionados à preservação. Os alunos registraram que, para construir as suas histórias, teriam que entrevistar os pais, avós, tios e primos, ler documentos como certidão de nascimento, observar fotografias relacionadas às diversas fases das suas vidas etc. Os exemplos eram comentados pela coordenadora do projeto, que chamava a atenção para o fato de, através dos testemunhos e dos depoimentos, podermos compreender melhor vários aspectos relacionados às nossas vidas, daí a importância de preservá-los. Nesse mesmo dia, ficou estabelecido que os alunos tentariam conseguir, em casa, documentos relacionados com suas histórias de vida, como também, deveriam tomar depoimentos dos familiares.

No segundo encontro, os alunos apresentaram fotos, certidões de nascimento e de batismo e leram os dados coletados em conversas com os familiares. Foi um momento bastante interessante, quando os colegas e a equipe do museu teve a oportunidade de conhecer melhor cada participante, aproveitando-se para, de forma bem descontraída, fazer uma reflexão sobre a importância da História e da preservação para nossas vidas. Ao final das atividades do dia, os alunos solicitaram que a equipe do museu também trouxesse fotos relacionadas à sua História.

No terceiro dia de atividade, foram apresentadas as fotos da equipe do museu, solicitadas pelos alunos, sendo que a coordenadora do projeto apresentou ao grupo, além de fotos

relacionadas a várias fases da sua vida, o memorial apresentado ao Doutorado em Educação, quando do exame de qualificação. Após a apreciação dos documentos, os alunos elaboraram um pequeno texto sobre as suas histórias, a partir dos dados coletados. Os textos foram lidos e comentados pelo o grupo e, em seguida, foram realizadas discussões para programar atividades no sentido de melhorar a conservação do colégio, pois as paredes andavam sujas, canteiros cheios de mato e carteiras depredadas. Ficou então definido que o grupo participaria de um mutirão de limpeza do colégio.

Professores e alunos se mobilizaram para a realização do mutirão, que foi feito em um sábado pela manhã. Os alunos das diversas turmas foram convidados e, no horário estabelecido, as equipes foram formadas, passando a limpar paredes, e portas; as salas foram lavadas, e a área externa varrida; foram retirados dos canteiros os matos e as sujeiras e plantadas mudas, como “onze horas” e outras de fácil manutenção. Após a limpeza, o grupo foi reunido, tendo-se discutido a importância da preservação e, logo em seguida, as equipes confeccionaram cartazes que foram afixados em vários pontos do colégio, destacando a importância da preservação do patrimônio, que é de todos. Após o mutirão, foi servida uma feijoada para todo o grupo. Os professores arrecadaram o dinheiro entre os colegas para a compra do material.

Observou-se uma mudança por parte dos alunos em relação à preservação do colégio, pois, até o final do ano, os canteiros foram mantidos com flores tendo os alunos se responsabilizado pela manutenção dos mesmos, regando-os, com a participação dos funcionários do colégio. Quanto aos voluntários do Setor de Conservação, as estagiárias de

Museologia continuaram o treinamento, ensinado-lhes limpar fotografias, preparar sacos de papel vegetal para embalagem das fotos e higienizar os documentos. As fotos e os documentos trazidos por eles sobre as suas histórias de vida foram colocados no arquivo do setor para que eles próprios aplicassem os procedimentos de conservação.

A partir do segundo semestre de 94, o Setor de Conservação do MDCI teve um desempenho marcante, tendo, com a atuação das estagiárias do Curso de Museologia e com a colaboração dos voluntários, e a partir do treinamento fornecido pela Museóloga Gilka Santana, realizado a limpeza de 807 documentos, a descolagem de 91 fotos, planificado 131 documentos, retirado a cola e adesivos de 14 fotos, confeccionado 54 envelopes para acondicionamento de fotos e higienizado 170 fotos. Este acervo será entregue ao Setor de Documentação para ser processado e incluído no banco de dados, a fim de ser colocado à disposição dos usuários.

5.15 Institucionalizando o museu

Estando o museu com seus setores já organizados e em pleno funcionamento, a coordenadora do projeto expôs ao Núcleo Básico a necessidade de elaboração do estatuto, como estava previsto nas metas estabelecidas para 1994. Definiu-se então, que a mesma elaboraria uma minuta para apresentar ao grupo, iniciando as discussões.

Foi apresentada, então, pela coordenação, uma proposta de estatuto, tendo sido analisada e discutida por todos os componentes do Núcleo Básico. As sugestões dadas pelos membros do núcleo foram incorporadas à minuta inicial.

Após a discussão no Núcleo Básico, foram feitas cópias da proposta do estatuto e, em seguida, a coordenadora fez reuniões com os professores dos diversos turnos, com os funcionários e representantes dos alunos das diversas séries, distribuindo e solicitando aos mesmos que fizessem leitura para, em seguida, enviar ao museu as apreciações e sugestões. Foi concedido um prazo de quinze dias para a leitura da proposta de estatuto pelos diversos grupos. Com o objetivo de motivá-los a participar da elaboração do estatuto, foram colocados cartazes nos corredores da escola, nas salas dos professores e da coordenação, sendo que nestas últimas, foi afixada no quadro de aviso uma cópia da proposta de estatuto.

Ampliando as discussões sobre o estatuto, a coordenadora do projeto, juntamente com a diretora do Colégio Lomanto Júnior e da Profa. Rosana Nascimento, participou de uma reunião, no Instituto Anísio Teixeira, com a diretora do referido órgão, Profa. Silvia Ganem Assmar, a Gerente de Experimentações, Maria José Cortizo, e com as técnicas Gloria Maria do Carmo R. de Oliveira e Vera Mendes da Costa Neves. A reunião foi bastante produtiva no sentido de adequar a proposta de estatuto à estrutura da Secretaria de Educação e à organização do Colégio Estadual Lomanto Júnior.

No prazo determinado, foram recolhidas as sugestões, e, em seguida, a coordenadora do projeto fez a leitura das mesmas, adotando as que eram pertinentes ao estatuto e apresentou-as ao Núcleo Básico do Museu, quando foram discutidas e aprovadas. Foi então elaborada a versão final do estatuto para ser aprovada em uma reunião geral com a presença de todos os segmentos envolvidos no processo.

No dia 20 de dezembro/94, às 16 horas, professores, alunos, funcionários, técnicos do Instituto Anísio Teixeira e os componentes do Núcleo Básico do Museu se reuniram, e, após apresentar as sugestões incorporadas ao estatuto, a coordenadora o submeteu à apreciação dos presentes, tendo sido aprovado por unanimidade. Anexo, apresentamos uma cópia do original do estatuto do MDCI.

Nessa mesma ocasião, foi elaborada a ata de instalação do MDCI no Colégio Lomanto Júnior (ver anexo) e realizada a festa de confraternização de final do ano, tendo sido servido um lanche aos presentes, programado com a participação da Associação de Pais do Colégio Lomanto Júnior, sendo que o Núcleo Básico do museu aproveitou a ocasião para prestar homenagem, com agradecimentos, à Profa. Alba Pedreira Lapa, Diretora do Colégio Lomanto Júnior, à Profa. Sílvia Ganem Assmar, Diretora do Instituto Anísio Teixeira, à Gerente de Experimentações do mesmo Instituto, Maria José Cortizo e à técnica da mesma gerência, Vera Mendes da Costa Neves.

Foi criada pelo Prof. Ives Quaglia, artista plástico, professor de Educação Artística e componente do Setor de Exposição e Programação Visual, a logomarca do MDCI, aprovada pelos componentes do Núcleo Básico. O professor, a partir da espiral utilizada pela coordenadora para representar o Núcleo Básico do museu, criou a logomarca, que hoje é utilizada no papel timbrado e nas diversas representações do MDCI (ver anexo). O grupo considerou a concepção bastante feliz, pois dá ênfase ao aspecto fundamental do museu, que é a participação.

Após uma análise dos aspectos de organização do MDCI, a coordenadora do projeto elaborou uma proposta de

organograma que foi discutida e aprovada pelo Núcleo Básico(ver anexo). Optou-se por apresentar os diversos setores do museu, atuando de forma integrada e cooperativa, pois são estas as características da administração do MDCI.

5.16 Divulgando o MDCI

O projeto do Museu Didático-Comunitário de Itapuã, em 1994, teve uma ampla divulgação, através da participação da sua coordenadora e dos componentes do Núcleo Básico, nos eventos abaixo relacionados:

- 1) **Curso de Museologia da UFBA:** Seminário com a participação de alunos e professores das disciplinas: Introdução à Museologia, Ação Cultural e Educativa dos Museus e Classificação e Documentação. Deste evento, participaram representantes de todos os setores do MDCI, inclusive os voluntários, quando cada um discorreu sobre as ações que vêm desenvolvendo;
- 2) **Doutorado em Educação- UFBA:** apresentação do andamento do projeto em reunião do Núcleo Temático Comunicação e Cultura.
- 3) **Fórum Nordeste de Museologia - Fortaleza-CE :** a coordenadora do projeto apresentou os objetivos, a metodologia e as diversas ações desenvolvidas com o 1^o e 2^o Graus.
- 4) **Museu Eugênio Teixeira Leal - Salvador - BA:** a coordenadora apresentou, com a participação de alguns componentes do Núcleo Básico, as diversas etapas do projeto, no Curso “A Função Social do Museu”.

- 5) **Museu do Homem do Nordeste - Recife - PE:** foram apresentados pela coordenadora a concepção do projeto e as diversas etapas, no Seminário Comemorativo dos dez anos deste museu.
- 6) **Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia - Lisboa - Portugal :** a Profa. Rosana Andrade Dias do Nascimento apresentou o processo documental do MDCI em um Seminário para o Curso de Mestrado em Museologia Social.
- 7) **26ª Conferência do ICTOP/ICOM,** com a presença de 15 países - Lisboa - Portugal : a coordenadora do projeto falou dos trabalhos de extensão executados pela mesma no Curso de Museologia da UFBA, dando destaque ao projeto do MDCI.
- 8) **VII Jornada sobre a Função Social do Museu, MINOM/ICOM - Lisboa - Portugal:** A coordenadora do projeto apresentou as atividades desenvolvidas com alunos e professores do 1º Grau e do Curso de Magistério.
- 9) **Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia - Lisboa - Portugal :** a coordenadora do projeto ministrou 15h de aulas sobre museu e educação, apresentando o projeto do MDCI para alunos do Mestrado em Museologia Social.
- 10) **IV Seminário de Integração do Curso de Museologia com os Museus da Cidade do Salvador :** a coordenadora apresentou as diversas ações desenvolvidas no MDCI, durante o ano de 1994.

Com o desenvolvimento das diversas atividades no colégio, o projeto do museu foi sendo divulgado, gradualmente, entre alunos e professores, sendo que, hoje, além de participarem das atividades curriculares planejadas com a equipe do MDCl, os docentes já solicitam e utilizam o espaço do museu para atividades de lazer, como lanches e almoços de confraternização.

Com o patrocínio de uma serigrafia do Bairro de Itapuã, a “MORAT SERIGRAFIA”, conseguido por intermédio do Prof. Ives Quaglia, componente do Núcleo Básico e morador do bairro, foram confeccionadas camisas com a logomarca do MDCl, que já foram vendidas no colégio, na UFBA e em eventos da área de Museologia, com o intuito de divulgar o projeto.

5.17 Analisando as Ações/94 e Estabelecendo as Metas Para 95

Ao finalizar o ano letivo, os diversos setores elaboraram relatórios das atividades desenvolvidas com o objetivo de atingir as metas estabelecidas para 1994. Com base nos dados contidos nos relatórios e nas avaliações realizadas pelo Núcleo Básico durante o ano, a coordenadora do projeto elaborou um “quadro resumo” semelhante ao realizado em 1993, que foi apresentado na última reunião do núcleo em 1994, quando foram analisadas, de forma detalhada, as metas alcançadas e a superação das mesmas através de atividades que não haviam sido programadas como, por exemplo, o trabalho desenvolvido com todas as turmas do 1º Grau. Houve muita satisfação por parte do grupo ao constatar o volume de trabalho realizado em 94 e que ocasionou o crescimento do

MDCI e a sua implantação definitiva no Colégio Estadual Governador Lomanto Júnior, com a participação de todos os segmentos envolvidos.

A partir do “quadro resumo” elaborado, a coordenadora preparou e enviou à Direção do Colégio Lomanto Júnior, ao Departamento do Curso de Museologia da UFBA e à Direção do Instituto Anísio Teixeira, o relatório das atividades desenvolvidas no projeto de Implantação do Museu Didático-Comunitário de Itapuã, durante o ano de 1994.

A seguir, apresentamos o quadro de superação das metas/94, uma análise comparativa, através de tabelas, das ações desenvolvidas em 1993 e 1994 e, finalmente, as metas estabelecidas pelo Núcleo Básico do MDCI para 1995, tomando como referencial as ações desenvolvidas em 93 e 94.

QUADRO DE SUPERAÇÃO DAS METAS / 94

AÇÃO	PRODUTOS ALCANÇADOS
· ELABORAÇÃO PELA COORDENAÇÃO DE UMA MINUTA SOBRE AS ATRIBUIÇÕES DO SETOR DE 1º GRAU;	· MINUTA ELABORADA;
· APRESENTAÇÃO DAS ATRIBUIÇÕES DO SETOR AO NÚCLEO BÁSICO PARA DISCUSSÃO, ENRIQUECIMENTO E APROVAÇÃO;	· ATRIBUIÇÕES DEFINIDAS E APROVADAS;
· ESTRUTURAÇÃO DO SETOR DE 1º GRAU;	· PESSOAL, ESPAÇO FÍSICO E MATERIAL DESTINADO AO SETOR;
· DETALHAMENTO DAS METAS DO SETOR E ESCOLHA DO PESSOAL PARA EXECUTÁ-LAS;	· METAS DETALHADAS, PESSOAL INDICADO;
· EXECUÇÃO DE ATIVIDADES COM 12 TURMAS DE 5ª SÉRIE, NA DISCIPLINA GEOGRAFIA;	· PROGRAMAÇÃO REALIZADA ENVOLVENDO 560 ALUNOS E 3 PROFESSORES;
· MONTAGEM E MONITORAÇÃO DA EXPOSIÇÃO "DA NOSSA CASA À ESCOLA: O PATRIMÔNIO CULTURAL	· EXPOSIÇÃO REALIZADA; MONITORIA COM 473 ALUNOS;

DE ITAPUÃ";	· INGRESSO NO NÚCLEO BÁSICO DE 10 ALUNOS DA 5ª SÉRIE;	·
· EXECUÇÃO DA ATIVIDADE COM UMA TURMA DA 5ª SÉRIE NA DISCIPLINA EDUCAÇÃO ARTÍSTICA: TEMA - "A ESCOLA NA FEIRA";	· PROGRAMAÇÃO REALIZADA ENVOLVENDO UM PROFESSOR, 40 ALUNOS E OS FEIRANTES DA FEIRA DE ITAPUÃ;	·
· MONTAGEM E MONITORAÇÃO DA EXPOSIÇÃO "A ESCOLA NA FEIRA";	· EXPOSIÇÃO MONTADA NA PRAÇA DORIVAL CAYMMI, ENVOLVENDO A COMUNIDADE DO BAIRRO DE ITAPUÃ, PROFESSORES E ALUNOS DO 1º E 2º GRAUS;	·
· ENSINANDO MUSEOLOGIA EM 10 TURMAS DA 5ª SÉRIE, TURNO MATUTINO E EM UMA TURMA DO CURSO NOTURNO;	· AULAS MINISTRADAS A 500 ALUNOS;	·
· EXECUÇÃO DE ATIVIDADES COM A 6ª SÉRIE NA DISCIPLINA EDUCAÇÃO ARTÍSTICA;	· INDICAÇÃO DE BIBLIOGRAFIA, PLANEJAMENTO E ACOMPANHAMENTO DAS ATIVIDADES;	·
· ATIVIDADES COM A 7ª E 8ª SÉRIES, NA DISCIPLINA	· APRESENTAÇÃO DOS TRABALHOS EM EXPOSIÇÃO;	·
	· ATIVIDADES ENVOLVENDO 405 ALUNOS	·

EDUCAÇÃO ARTÍSTICA;

- PROGRAMAÇÃO NO CENTRO HISTÓRICO DA CIDADE DO SALVADOR COM OS PARTICIPANTES DO NÚCLEO BÁSICO E COM OS ALUNOS DA 5ª SÉRIE;
- PARTICIPAÇÃO NA PROGRAMAÇÃO DA 7ª SÉRIE, NA DISCIPLINA EXPRESSÃO E COMUNICAÇÃO. TEMA: "O JORNAL"

- DIVULGAÇÃO DO PROJETO FORA DO BAIRRO DE ITAPUÃ;

EXPOSIÇÃO DE DESENHOS, PINTURA, COLAGENS ETC.

- VISITA DOS ALUNOS DA 8ª SÉRIE AO CENTRO HISTÓRICO DA CIDADE DO SALVADOR;
- INGRESSO NO NÚCLEO BÁSICO DO MUSEU DE DOIS ALUNOS DA 7ª SÉRIE E DE DOIS ALUNOS DA 8ª SÉRIE.
- IDA DOS COMPONENTES DO NÚCLEO BÁSICO AO CENTRO HISTÓRICO, COM A PARTICIPAÇÃO DE DOIS ALUNOS DE CADA TURMA DA 5ª SÉRIE;
- PROGRAMAÇÃO REALIZADA COM 246 ALUNOS. CONFEÇÃO, IMPRESSÃO E DISTRIBUIÇÃO DE 2.000 JORNAIS. TEMA: "O LOMANTO NOS SEUS 30 ANOS".
- LANÇAMENTO DO JORNAL NA PRAÇA DORIVAL CAYMMI, DURANTE A EXPOSIÇÃO: "A ESCOLA NA FEIRA".

- PROJETO APRESENTADO NOS SEGUINTES EVENTOS E INSTITUIÇÕES:

- CURSO DE MUSEOLOGIA - DISCIPLINAS:

INTRODUÇÃO À MUSEOLOGIA; AÇÃO CULTURAL
E EDUCATIVA DOS MUSEUS; E CLASSIFICAÇÃO E
DOCUMENTAÇÃO.

- DOUTORADO EM EDUCAÇÃO - REUNIÃO DO
NÚCLEO TEMÁTICO.

- FÓRUM NORDESTINO DE MUSEOLOGIA -
FORTALEZA/CE.

- MUSEU EUGÊNIO TEIXEIRA LEAL. CURSO: "A
FUNÇÃO SOCIAL DOS MUSEUS".

- MUSEU DO HOMEM DO NORDESTE - RECIFE;
SEMINÁRIO DE COMEMORAÇÃO DO ANIVERSÁRIO
DO MUSEU.

- CONFERÊNCIA DO ICTOP/ICOM, COM A PRESENÇA
DE 15 PAÍSES. LISBOA, PORTUGAL.

- VII JORNADA SOBRE A FUNÇÃO SOCIAL DO
MUSEU DO MINOM/ICOM. LISBOA, PORTUGAL.

- DOIS SEMINÁRIOS PARA O CURSO DE MESTRADO
EM MUSEOLOGIA SOCIAL DA UNIVERSIDADE

LUSÓFONA - LISBOA, PORTUGAL.

- MONITORAÇÃO DA EXPOSIÇÃO "ESTÁGIO CURRICULAR" COM TODAS AS TURMAS DO CURSO NOTURNO.
- MONITORAÇÃO REALIZADA COM 800 ALUNOS.
- ABERTURA DO MUSEU DE 2ª A 6ª FEIRA, NOS TURNOS MATUTINO E VESPERTINO.
- MUSEU ABERTO EM DOIS TURNOS, REALIZANDO PROGRAMAÇÃO COM O 1º E 2º GRAUS.

QUADRO COMPARATIVO DAS PROGRAMAÇÕES ENVOLVENDO ALUNOS E PROFESSORES EM 1994/1993

PROGRAMAÇÃO	1993	1994
· Atividades em sala de aula, a partir dos temas: "A História do Colégio Estadual Governador Lomanto Júnior e a História de Itapua".	1	10
· Exposição no Colégio	1	4
· Exposição na Comunidade	-	1
· Seminários	1	2

Fonte: MDCI

QUADRO COMPARATIVO DO NÚMERO DE ALUNOS E PROFESSORES QUE PARTICIPARAM DAS PROGRAMAÇÕES DO MDCI EM 1993 E 1994

	1º Grau		2º Grau (Magistério)		Total
	1993	1994	1993	1994	
Alunos	-	1.435	60	492	1.987
Professores	-	9	3	7	16

Fonte: MDCI

Obs.: Dos sete professores de 94, três já atuavam em 93

COMPONENTES DO NÚCLEO BÁSICO DO MDCI EM 1993 E 1994.

PARTICIPANTES	1993	1994
Estagiários do Curso de Museologia	8	7
Professores do Colégio Lomanto Júnior	1	2
Professores do Curso de Museologia	2	3
Alunos do 1º Grau	-	18
Alunos e ex-alunos do Magistério	3	3
Mestranda em Educação	1	-
Técnica do Instituto Anísio Teixeira	1	1
Total de pessoas que já participaram do Núcleo Básico	16	34

(Total geral 93/94 = 48 participantes)

Fonte: MDCI

Obs: Dois professores do curso de Museologia e um do Colégio Lomanto Júnior continuaram atuando em 94.

QUADRO COMPARATIVO DO ESPAÇO FÍSICO DO MDCI

1993	1994
· sala de 4m de largura por 3,5m de comprimento	· sala de 4m de largura por 3,5m de comprimento
· sala de aula	· sala de aula
· corredor de 20m de comprimento por 3,5m de largura	· corredor de 20m de comprimento por 3,5m de largura
	· sala de 15m de comprimento por 3,5 de largura
	· sala de 5m de largura por 6,5m de comprimento
	· conjunto de sanitários.

QUADRO COMPARATIVO DA AÇÃO DOCUMENTAL EXECUTADA EM 1993 E 1994

1993	1994
· Levantamento do acervo do banco de dados; · elaboração do projeto "Ação Documental" do MDCI; · elaboração dos instrumentos da documentação MDCI; · classificação e descrição das fotografias; · classificação e incorporação das atividades realizadas no MDCI no banco de dados; · classificação dos jornais sobre Itapuã; · preparação do banco de dados para uso nas ações do MDCI; · elaboração do índice remissivo.	· Descrição de fotografias; · Inserção de novos subtemas ao banco de dados; · confecção do cartaz explicativo sobre o uso do banco de dados; · divulgação do banco de dados para pesquisa de alunos e professores; · uso pelos alunos dos instrumentos criados na documentação do MDCI; · realização de pesquisas no banco de dados (maio/94); · identificação das fotos antigas do CEGJLJ através de uma exposição (em andamento); · pré-seleção de novos documentos para incorporação ao banco de dados (Setor Conservação); · levantamento estatístico das pesquisas já realizadas no MDCI; · elaboração com os professores de roteiros para entrevistas; · definição das metas para o setor; · atualização do índice remissivo; · classificação e incorporação de novos jornais.

QUADRO COMPARATIVO DAS AÇÕES DE CONSERVAÇÃO EXECUTADAS EM
1993 E 1994.

1993	1994
Classificação e seleção de fotografias e documentos.	- Estruturação do Setor de Conservação; - reciclagem e treinamento do pessoal do setor - Curso de Conservação de Papel e Fotografia; - treinamento do pessoal do setor; - treinamento dos voluntários; - programações com os voluntários; - execução dos seguintes procedimentos de conservação: - limpeza de fotos e documentos em papel; - avaliação e exame do papel; - preenchimento de fichas técnicas; - elaboração de relatórios; - higienização de 170 fotos e 807 documentos; - 133 fotos em fase de tratamento.

MUSEU DIDÁTICO-COMUNITÁRIO DE ITAPUÃ

METAS ESTABELECIDAS PARA 1995

- DAR CONTINUIDADE ÀS AÇÕES COM O 1º GRAU E COM O CURSO DE MAGISTÉRIO;
- PROGRAMAR E COLOCAR EM CIRCULAÇÃO O JORNAL DO MDCI;
- ORGANIZAR E COLOCAR EM FUNCIONAMENTO A OFICINA DE PAPEL RECICLADO;
- MELHORAR AS CONDIÇÕES DE SEGURANÇA DO ESPAÇO FÍSICO DO MDCI;
- REALIZAR AÇÕES INTEGRADAS COM INSTITUIÇÕES E ASSOCIAÇÕES LOCAIS;
- REALIZAR INTERCÂMBIO COM OUTROS MUSEUS DA CIDADE DO SALVADOR.
- PLANEJAR E ACOMPANHAR AS ATIVIDADES DA DISCIPLINA MUSEOLOGIA, NA 5ª E 6ª SÉRIES DO 1º GRAU.

CAPÍTULO 6

PROCESSO MUSEOLÓGICO E EDUCAÇÃO:

contribuições e perspectivas.

“Ligado à prática, o ato teórico estabelece-se a partir do que o homem é, concretamente, como um todo, um nó de relações com o mundo. Vale dizer, um encontro de ação, pensamento, desejo, prazer, paixão, sonho...”

Otaviano Pereira, (1990,p.85)

Dezembro de 1994 foi o marco por mim estipulado para iniciar a análise das diversas ações, objetivando atender aos requisitos do Doutorado em Educação, apresentando a tese. O Museu Didático-Comunitário de Itapuã continua em desenvolvimento e, por certo, ainda fornecerá um vasto material para muitas outras pesquisas. Durante todo o processo, como ficou registrado anteriormente, foram feitas reflexões constantes, com o intuito de tornar as ações mais claras, acertar os passos de acordo com as necessidades dos diversos grupos envolvidos e analisar o produto do trabalho alcançado. Porém, neste momento, sentimos necessidade de lançar mais um “olhar” sobre os caminhos percorridos. Ressalto, entretanto, que não pretendo ser “objetiva”, almejando uma neutralidade absoluta que apague as marcas da minha implicação no meu objeto de estudo. Estive, todo o

tempo, imersa neste processo, na totalidade; foi realmente um encontro de ação, pensamento, desejo, prazer, paixão e sonho. Por isso, me incluo na análise que aqui será realizada, assumindo que este caminhar tem sido, também para mim, uma fonte infinita de conhecimento e de crescimento pessoal.

As reflexões que serão aqui realizadas são, portanto, o resultado do processo constante de ação-reflexão que se deu ao longo do caminhar. Não são estanques, ao contrário, estiveram sempre presentes no emaranhado de construção e reconstrução. Este crescimento constante, permeado de erros e acertos, permitiu que tivéssemos condições, neste momento, de apontar alguns aspectos por nós considerados relevantes. Assim, tentarei, dentro do possível, considerando as minhas limitações, destacar alguns pontos que acredito possam contribuir para a continuidade das ações no Museu Didático-Comunitário de Itapuã, para a organização e funcionamento de outros museus, e para a construção do conhecimento nas áreas da educação e da Museologia.

• QUANTO AO PROCESSO MUSEOLÓGICO:

A concepção básica inicial foi de fundamental importância para nortear todas as etapas do processo. Apesar dos estudos na área da Museologia ainda serem em número reduzido, proporcionaram o embasamento teórico necessário ao desenvolvimento das diversas ações, tornando possível o encontro entre a teoria e a prática permitindo que ambas fossem fortalecidas e enriquecidas. Desse processo, podemos, então, levantar alguns aspectos relacionados com as questões teórico-metodológicas na Museologia, que talvez possam enriquecer nossos debates em torno do tema.

Preliminarmente, o conhecimento museológico inerente ao projeto era detido pela coordenadora que o concebeu tomando como parâmetro reflexões teóricas selecionadas, que lhe permitiram traçar uma concepção básica inicial, o ponto de partida no sentido de nortear as ações. É necessário ressaltar, entretanto, que havia a consciência de que este conhecimento museológico não seria aplicado como uma receita pronta, mesmo porque o que estava sendo proposto era uma interação com os sujeitos envolvidos no processo, percebendo-se, com clareza, que apenas estava sendo dado um “ponta pé” inicial, embora fosse também reconhecido, que este “ponta pé” deveria ser dado com firmeza, para que o processo tivesse condição de sustentar-se, crescer e ser enriquecido. Gradualmente, à medida em que o grupo foi se constituindo e as diversas ações foram sendo desenvolvidas, a concepção básica inicial foi deixando de ser, somente, domínio da coordenadora, e foi tomando características próprias, no seu caminhar. Ao lançarmos mais este olhar, resultado da relação teoria/prática, podemos, portanto, destacar os seguintes aspectos, em relação à construção do conhecimento na Museologia.

O processo museológico antecedeu à existência objetiva do museu. Este não se deu a partir de uma coleção, de uma instituição, como normalmente se concebe, mas teve na pesquisa o suporte essencial para o seu desenvolvimento. Do processo de construção do conhecimento está sendo realizada a musealização, processada a partir da prática social (na escola e no bairro), na sua dinâmica real, ou seja no processo social, em interação, considerando-se as suas dimensões de tempo e espaço, abordando a cultura de forma integrada às dimensões do cotidiano . A ação museológica

não objetivou a *representação cultural*, entendendo a cultura como um domínio à parte, em forma de eventos, ou separando os objetos das práticas culturais que lhes conferiram significado, marcada pela dissociação entre o produtor e o consumidor. Ao contrário, buscou a *qualificação* da cultura, através da interação entre os técnicos e os sujeitos envolvidos no processo. Foi com o objetivo de *culturalizar* as muitas realidades do bairro e da escola, ampliando as suas dimensões de valor, de consciência e de sentido que as diversas ações foram desenvolvidas, motivando a realização de novas práticas sociais. O processo museológico tornou possível então a *qualificação* da cultura, por meio das ações de pesquisa, de preservação e de comunicação. Consideramos necessário portanto, destacar as características de cada uma destas ações em particular, para em seguida, reintegrá-las enquanto processo museológico.

O cotidiano da escola e do bairro, qualificado como patrimônio cultural, foi o objeto de pesquisa, o vetor de todas as ações desenvolvidas em interação com alunos, professores e moradores locais. O que se buscou, em todos os momentos, foi uma análise e interpretação da realidade, ou das muitas realidades, a partir dos pontos de interesse dos diversos segmentos envolvidos, produzindo, através da pesquisa, um conhecimento que está sendo apropriado e reapropriado pelos sujeitos envolvidos nas diversas programações. O processo de compreensão, de qualificação do fazer cotidiano enquanto patrimônio cultural se deu ao longo do caminhar, no processo da pesquisa. Foi por meio da ação interativa e da reflexão, tomando como referencial a observação e a análise da realidade, que se conseguiu culturalizar aspectos da realidade local, em interação com outras realidades. Neste fazer

museológico pesquisa e comunicação não se dissociaram, se integraram, construindo *conhecimento*, com base no diálogo, em contextos interativos.

As ações de pesquisa também tornaram viável a aproximação entre técnicos, alunos de 1º e 2º Graus, estudantes de Museologia, professores e moradores locais. Por seu intermédio foi possível construir conhecimento, tomando como referencial o cotidiano, qualificado como patrimônio cultural. Este conhecimento, portanto, está sendo construído na ação museal e para a ação museal, objetivando a construção de uma nova prática social no fazer cotidiano da escola e em interação com os moradores locais.

Em relação às ações de preservação, a coleta não se processou através da recolha dos objetos, para se formar uma coleção representativa da cultura local. Os documentos referentes à História do colégio e do bairro já existentes no Colégio Lomanto Júnior foram processados e colocados à disposição dos usuários, buscando-se uma ação educativa e de comunicação. À medida em que as diversas programações foram sendo desenvolvidas, foi-se levantando conhecimento a respeito da cultura local, obtendo-se como produto fotos, textos, slides, vídeos, relatórios etc. Neste processo, não existiu a ação de coleta por parte do técnico no sentido de recolha, de retirar o acervo do seu contexto ou apontar determinados aspectos do bairro, monumentos, prédios, logradouros etc., como “culturalmente” significativos. Está sendo produzido um acervo referente à realidade do bairro e do colégio, a partir das ações de pesquisa por meio da ação interativa entre os técnicos e os grupos envolvidos. Tem-se buscado a qualificação da cultura, da análise e compreensão

do patrimônio cultural na sua dinâmica real e não a seleção de determinados aspectos para armazenamento e conservação.

Quanto à ação de conservação, tem-se buscado, através das diversas atividades desenvolvidas, a formação de “atitudes preservacionistas” por parte dos grupos envolvidos. À medida em que a técnica vai sendo aplicada e os programas em sala de aula vão sendo desenvolvidos, cria-se um processo de discussão, de análise, com o propósito de situá-la no contexto onde está sendo aplicada. Estabelece-se, pois, um processo no sentido de compreender os objetivos da preservação, no fazer cotidiano e o seu papel na História de vida das pessoas. A conservação é, então, um processo de reflexão para uma ação que se dá em um contexto social, no caso a escola e o bairro e não somente a aplicação de técnicas em determinados acervos.

Quanto ao processo documental, não se limitou ao registro do acervo, mas buscou-se, através da cultura qualificada, produzir conhecimento elaborado no processo educativo por meio das ações de pesquisa. A ação documental não se deu de forma isolada pelo técnico, mas, ao contrário, os grupos envolvidos, moradores, estudantes, professores, estão sendo co-autores da ação documental, na medida em que realizam a coleta de dados, utilizando os instrumentos destinados a este fim, e ao mesmo tempo, no processo de aplicação, identificam problemas, sugerem modificações, enriquecendo-o, tornando-os flexíveis, adaptáveis às várias circunstâncias, de acordo com as características das diversas programações.

O processamento do conhecimento produzido e sua inclusão no banco de dados se dá com a participação dos componentes do Núcleo Básico do Museu, ao mesmo tempo

em que os técnicos responsáveis pela ação documental participam, em sala de aula, da organização das programações, na elaboração dos instrumentos de coleta de dados, através de um processo dialógico no qual o museólogo e os demais grupos envolvidos são enriquecidos, tanto na fase de planejamento como na execução, havendo também, um aumento da auto-estima de ambos quando o produto do seu trabalho é utilizado para a compreensão da realidade e para a construção de um novo conhecimento, atingindo, assim, os objetivos propostos nesta ação de documentação.

No que diz respeito à ação de comunicação, podemos dizer que esta permeou todo o fazer museológico. A pesquisa e a preservação, conforme análise realizada anteriormente, foram gestadas por meio de um processo constante de interação em uma ação pautada no diálogo e em contextos interativos, levando-se em consideração as características dos diversos grupos sociais envolvidos, considerando-se as diversidades culturais, as diversas maneiras de estar no mundo, de se expressar por meio de diversas linguagens. O processo museológico foi concebido como uma ação de comunicação, tornando possível ver assim, expressar e transformar a realidade.

Vale a pena ressaltar que a ação de comunicação não se limitou aos momento de exposição, embora esta também esteja fazendo parte do processo museológico. Entretanto, é necessário esclarecer que sempre fica uma distância entre o material *inerte* que é exposto e o processo vital que lhe deu origem. É interessante registrar também que neste processo, ao contrário do procedimento mais usual nos museus, quando a exposição é o ponto de partida no sentido de estabelecer uma interação com o público nesta ação museológica a exposição é,

ao mesmo tempo, produto de um trabalho interativo, rico, preñado de vitalidade, de afetividade, de criatividade, e de reflexão, que deu origem ao conhecimento que está sendo exposto, ação dialógica, de reflexão estabelecida no processo de montagem e ponto de partida para outra ação comunicativa.

A reflexão sobre cada ação museológica, em particular, foi necessária no sentido de tornar mais claras as partes do todo. É necessário, entretanto, reintegrá-las, não as dissociando, evitando os compartimentos estanques, sob pena de cairmos no tecnicismo, nas famosas receitas de aplicação da técnica pela técnica, dissociada da prática social, do seu rico processo de construção e reconstrução, de acordo com o contexto social no qual está sendo aplicada. Neste sentido, devemos ressaltar que as ações de pesquisa, preservação e comunicação estiveram, em todos os momentos, integradas entre si, aos objetivos do projeto e às características dos grupos com os quais estivemos interagindo, em um processo constante de revisão, de adaptação e de renovação.

Destacamos, portanto, neste *processo museológico* aplicado à Educação, dois aspectos fundamentais: a qualificação da cultura, realizada a partir da interação entre o técnico e os demais sujeitos sociais e a musealização do fazer cultural (através da pesquisa, da preservação e da comunicação), compreendida como uma ação educativa e de interação, produzindo conhecimento e construindo uma nova prática social. Não pretendemos esgotar as possibilidades de discussão a respeito do fazer museológico fornecidas por esta prática. Os esquemas que apresentamos a seguir objetivam sintetizar as nossas reflexões, apontando, talvez, para mais uma abertura em torno das questões teórico-metodológicas na

Museologia e objetivam também facilitar a compreensão do processo.

PROCESSO MUSEOLÓGICO COMO AÇÃO INTERATIVA



PROCESSO MUSEOLÓGICO ENRIQUECIDO NA DINÂMICA DO PROCESSO SOCIAL

Nesta ação museológica, podemos definir então o *fato museal* como a *qualificação da cultura em um processo interativo de ações de pesquisa, preservação e comunicação, objetivando a construção de uma nova prática social*.

A musealização então se dá a partir da prática social, em uma ação educativa de interação e de participação, por meio das ações de pesquisa, preservação e comunicação.

Ao longo da nossa pesquisa-ação, pudemos realizar algumas reflexões sobre o movimento denominado **Nova Museologia**, que tanta polêmica vem causando entre os profissionais da nossa área, refletida nas obras citadas no referencial por nós utilizado para a concepção inicial deste processo museológico. Ressaltamos, no capítulo 3, que para nós a Museologia é uma ciência em processo e, como tal, em permanente construção. Não nos parece pertinente, portanto, considerar a existência de uma **Nova Museologia**, sob pena de esvaziá-la, de retirar do seu contexto toda a produção que a antecedeu, desprezando essa produção com um sentido pejorativo de velho, obsoleto, inútil, quando esta deve ser considerada a base, o apoio necessário que nos fundamenta para novas investidas. Consideramos, entretanto, de fundamental importância, destacar que este movimento, e não uma nova Museologia, foi um vetor no sentido de buscarmos novos caminhos, que descobrimos a cada etapa avaliada não ser o ideal; ser o possível, mas que nos instrumenta para seguir adiante buscando o desenvolvimento constante da ciência

museológica. **O Movimento da Nova Museologia** foi um impulso necessário à renovação, contribuindo, efetivamente, com o enriquecimento do processo museológico e, sobretudo, com um fazer museológico mais ajustado às diversas realidades. Da construção concreta de museus, com base na interação e na participação, conseguimos avançar também em relação aos aspectos teórico-metodológicos da Museologia. É necessário, portanto, reconhecer o papel do movimento denominado **Nova Museologia**, sem contudo confundí-lo com a *MUSEOLOGIA* propriamente dita.

- **QUANTO À CONCEPÇÃO, ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DE UM MUSEU DIDÁTICO-COMUNITÁRIO:**

A proposta metodológica inicial previa a estruturação do museu como uma etapa final, a ser planejada com os diversos segmentos envolvidos, após o desenvolvimento das programações. Entretanto, na dinâmica do processo, à medida em que as ações museológicas foram sendo desenvolvidas, a instituição do museu foi sendo estruturada, gradualmente como resultado do processo museológico. Foi a concepção inicial do projeto, enriquecida ao longo da execução das atividades, que dotou este museu de alguns aspectos específicos. Assim, podemos destacar as seguintes características:

A Denominação :

A denominação “Museu Didático-Comunitário de Itapuã - MDCI”, foi sendo constituída no processo. O grupo

inicial, tomando como referencial os objetivos do projeto ao longo do caminhar, a adotou . É interessante registrar que havia uma grande expectativa no sentido de realizar, imediatamente, a mobilização da comunidade, divulgando o projeto e realizando eventos conjuntamente. Foi necessário que a coordenação, em vários momentos, estimulasse reflexões, sobre a necessidade da qualificação e não da representação cultural. A culturalização do fazer cultural local deveria ser realizada, gradualmente, a partir das programações que seriam desenvolvidas em sala de aula, quando os moradores locais, inclusive os estudantes e os professores residentes no bairro, deveriam contribuir para a construção do conhecimento, a partir das suas histórias de vida. A comunidade não foi considerada como uma categoria à parte, mas imersa no processo educacional, inserida no fazer cotidiano da escola, contribuindo para a sua construção e reconstrução, ao mesmo tempo em que, através da relação escola-comunidade, participou da qualificação da sua prática social, enquanto fazer cultural.

O didático não está limitado à mera aplicação de técnicas pedagógicas em sala de aula, mas à produção de conhecimento em vários níveis de ensino, a partir da reflexão sobre a realidade, qualificando-a culturalmente, ampliando, inclusive, o conceito de sala de aula. O didático e o comunitário desta forma, foram integrados, enriquecendo-se mutuamente. Este museu está sendo concebido e gestado no processo educativo, **com o processo educativo e para o processo educativo.**

O Acervo:

O acervo *institucional* está sendo formado gradualmente, a partir das ações de pesquisa, preservação e comunicação em interação, qualificando aspectos da cultura local, de acordo com os interesses dos grupos envolvidos. Até o presente momento, o acervo *institucional* do MDCI é constituído de material arquivístico e iconográfico, fotografias, plantas, maquetes, depoimentos e testemunhos, documentação urbana e sobre a História do colégio coletada por meio de pesquisas históricas, sociológicas, antropológicas e no próprio processo museológico.

Quanto ao acervo *operacional*, as áreas do tecido urbano socialmente apropriadas, como as paisagens, estruturas, monumentos, equipamentos etc. estão sendo qualificadas culturalmente, alimentando também a produção do acervo institucional, ao servirem como referencial para a produção de um conhecimento que está sendo musealizado e colocado à disposição no banco de dados.

Merece destaque o fato de que neste museu está sendo produzida, por meio da ação documental, a própria história do museu, do processo museológico que o originou e que o está alimentando. Neste sentido, foi criado no banco de dados um item destinado ao projeto e ao MDCI, que está sendo enriquecido com o desenvolvimento das diversas ações, proporcionando aos pesquisadores a possibilidade de conhecerem as suas diversas etapas, desde o projeto inicial, apresentado ao doutorado, até a elaboração da presente tese que será incorporada ao acervo do MDCI, assim como toda a documentação que vier a ser originada ao longo do caminho. Além dos relatórios elaborados durante a realização dos

programas, constam do banco de dados fotos, vídeos, slides, textos, programas de atividades, enfim, todo o material produzido nas diversas ações.

Este museu não está centrado na coleção. Tem a pesquisa como suporte essencial para o desenvolvimento das ações museológicas. Do processo de construção do conhecimento em vários níveis é que está sendo constituído o acervo.

O Espaço e as Exposições:

Em relação ao espaço destinado ao Museu, podemos destacar, ou demarcar, duas áreas distintas:

a) O próprio espaço utilitário da escola - salas de aula, corredores, pátio, jardins etc.

O bairro - a feira, o mercado, a rua, a praça, a praia, a igreja, o clube, a residência etc., considerados como espaços destinados à prática cultural.

b) O espaço destinado à organização e gestão do MDCI - salas destinadas ao funcionamento do museu no interior da escola e adaptadas para atuação dos diversos setores e para instalação do banco de dados. Este espaço é essencial no sentido de proporcionar as condições de trabalho necessárias ao funcionamento do Núcleo Básico, sendo também, o ponto de referência, a sede onde as ações são discutidas e planejadas.

Em relação às exposições, não há um espaço definido para as mesmas, podendo acontecer no corredor ou nas salas

do núcleo central. Os espaços são selecionados de acordo com as programações. Assim, podem acontecer também nos jardins do colégio, no pátio, na praça etc. Não existe, até o momento, uma exposição permanente, pois as mesmas são montadas de acordo com a dinâmica do processo, a partir do conhecimento produzido nas diversas programações que estão sendo desenvolvidas. Apenas são mantidos alguns painéis que apresentam a concepção do museu, o funcionamento do Núcleo Básico, os programas já desenvolvidos, as metas estabelecidas e as instituições que estão apoiando o projeto.

Como já foi explicitado no item anterior, a exposição é, ao mesmo tempo, o resultado e o início de um processo. A montagem tem se dado de forma extremamente simples, considerando-se as reais possibilidades oferecidas, em termos de materiais, espaço e, sobretudo, privilegiando a participação dos sujeitos envolvidos nas ações que as originaram. Desta forma, as regras tradicionais da Museografia tiveram que ser substituídas pelo “fazer possível e criativo”, quando se utilizam carteiras, tábuas envolvidas em papel metro como bases, sobras de isopor e papel metro como painéis, cartolina, papel carmem de cores variadas como suportes para as informações, cordas, barrotes e as próprias paredes do colégio como suportes para sustentar painéis e outros materiais. O que se privilegia não é a exposição, enquanto produto estético, pronto, acabado, elaborado pelo técnico, mas as possibilidades de socialização e o desenvolvimento de atitudes de cooperação, organização e resolução de problemas, através de soluções criativas. Confesso que não tive nenhum pudor em quebrar as regras aprendidas na academia.

A gestão e organização do Museu:

A coordenadora do projeto está sendo responsável pela gerência do MDCI. É interessante registrar a importância da formação da mesma em Museologia e Educação, proporcionando o embasamento necessário, no sentido de dotar o museu de uma concepção, tornando, por meio da participação, da discussão, da reflexão, esta concepção interiorizada por todos os componentes do grupo, ao mesmo tempo em que abre espaço para que a mesma seja enriquecida, através da contribuição dos componentes do Núcleo Básico e dos participantes das diversas programações. A gerência tem se caracterizado pela co-participação, o que tem tornado o processo bastante rico no sentido da troca e do respeito à idéia do outro. É importante ressaltar que a coordenação tem feito um esforço duplo no sentido de preparar roteiros de reuniões, sugerir propostas para os diversos programas, elaborar roteiros de avaliação, apresentando-os para discussão e aprovação do Núcleo Básico, reelaborando-os de acordo com as propostas do grupo e procedendo ao acompanhamento das atividades, não como supervisora, mas envolvendo-se em todas as ações, sentindo-se membro do grupo. Ressaltamos que o processo participativo e o trabalho em cooperação necessitam de uma organização, de pautas e roteiros que deflagrem as discussões, de definições de atribuições, de acompanhamento das atividades, evitando-se a perda de tempo, a dispersão e, sobretudo, tornando claro para o grupo as ações que serão desenvolvidas, seus objetivos, as metas a serem alcançadas. Reconhecemos, portanto, que a participação neste processo não eliminou o poder. O que se tem buscado é uma alternativa democrática para o poder.

No curso da gestão, foi se delineando a estrutura do Museu. Primordialmente, como o grupo era bastante reduzido

e as ações planejadas envolviam somente o grupo inicial, todos participavam das diversas atividades. À medida em que o grupo foi se ampliando, a coordenação e os demais componentes sentiram a necessidade de definir atribuições, de designar pessoas de acordo com as suas características e as motivações de cada um para o desempenho das diversas atividades. Os setores foram sendo estruturados no decorrer das atividades museológicas de acordo com o desenvolvimento das programações. O funcionamento dos mesmos possibilitou o andamento dos trabalhos, com organização, evitando-se o acúmulo de tarefas que envolvam todos os componentes do núcleo, como ocorria inicialmente, além de tornar possível atingir as metas determinadas pelo Núcleo Básico, com mais facilidade.

A organização do museu foi se dando então no processo . Este já existia, de fato, quando foi sentida a necessidade de torná-lo oficial, inserindo-o, de direito, na organização do Colégio Estadual Governador Lomanto Júnior. O que se pretendia era assegurar a existência do MDCl, dando continuidade ao processo, com amparo legal. O estatuto veio em decorrência das diversas ações desenvolvidas, tendo sido elaborado com a participação de todos os segmentos envolvidos, o que, no nosso entender, proporcionou-lhe bastante legitimidade, não só por ser o resultado de um processo participativo, o que demonstra o compromisso dos sujeitos envolvidos, como também por ter sido elaborado a partir das reflexões realizadas, tendo como referencial todo o caminhar. O estatuto neste processo não é uma norma estanque, dissociada da realidade, ao contrário, é o resultado da vivência e, como tal, provavelmente, será tão dinâmico quanto esta. Reconhecemos que não é este que assegurará a

existência do museu, mas o compromisso assumido pelos participantes.

O Núcleo Básico, concebido, inicialmente, a partir do Curso do Magistério, teve a sua concepção ampliada, envolvendo também todo o 1º Grau, sendo este de extrema importância no sentido de reunir as pessoas, de integrá-las, de possibilitar a divulgação das diversas ações, tornando-as enriquecidas por meio da colaboração dos membros dos diversos setores. Ressaltamos, também, a sua importância no sentido de desenvolver atitudes de respeito às idéias do outro, de ser o espaço onde os problemas, as dificuldades, as divergências, são colocadas em evidência de uma forma aberta, sincera, tornando o ambiente bastante saudável, evitando os ressentimentos, favorecendo a amizade, a descontração e possibilitando aos componentes, avaliarem a si próprios e aos demais componentes do grupo. É necessário ressaltar, entretanto, que as divergências, os conflitos, estão presentes e, às vezes, não conseguem ser resolvidas com facilidade. O que consideramos importante é a postura de sinceridade, de maturidade em enfrentá-los, quando aprendemos mutuamente a tentar superá-los sem camuflar. A liderança da coordenação neste momento tem sido de fundamental importância no sentido de identificar os problemas e de se colocar, abertamente, em relação aos mesmos, incentivando o grupo para que tenha a mesma atitude.

Destacamos também, que a atuação participativa no Núcleo Básico contribui para o aumento da auto-estima dos componentes, pois se sentem valorizados, ao verem suas opiniões serem aceitas, respeitadas, colaborando, efetivamente para o andamento dos trabalhos, sentindo-se, realmente,

colaborador ativo, co-autor, nas diversas ações. Esta auto-estima também é evidenciada quando os componentes participam de atividades, no colégio ou fora dele, com o objetivo de apresentar os trabalhos desenvolvidos no MDCI, quando se percebe a satisfação, o orgulho de estarem construindo este Museu do Colégio no Bairro de Itapuã.

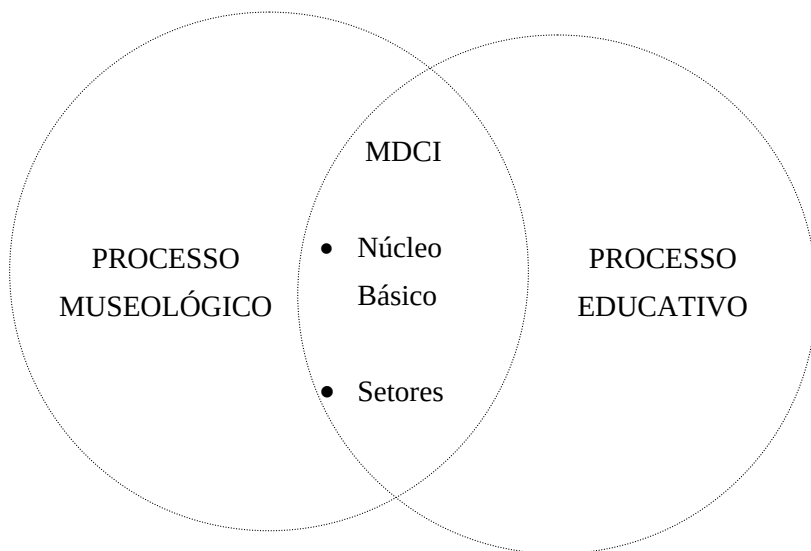
Definimos, portanto, na organização deste museu, o Núcleo Básico como o ponto de referência, o núcleo central, no sentido de democratizar a gestão, de possibilitar a construção conjunta do MDCI. O Núcleo se estruturou, cresceu e se fortificou, no concreto das ações, tendo como referencial a concepção inicial transformada no processo. Destacamos que a metodologia adotada privilegiou a interação, a participação, contribuindo efetivamente para que todos os membros envolvidos no processo se tornassem participantes ativos na gestão e organização do Museu.

A gestão e a organização do MDCI foram alimentadas em todo curso pela concepção inicial. Neste sentido, destacamos o poder realizador da teoria, tornando real os conceitos, ao passar do universo simbólico que os concebeu ao fazer cotidiano dos indivíduos envolvidos no processo. Construímos um processo museológico que motivou a existência de um Museu Didático-Comunitário. Este museu é o resultado dos avanços da construção do conhecimento na Museologia em vários momentos históricos. Ele não é o Museu “Tradicional”, não é o Museu da “Nova Museologia”. É simplesmente um museu, em determinado contexto, em suas dimensões de tempo e espaço, produzindo conhecimento, alimentando a teoria museológica, portanto, em relação com a teoria museológica e aberto à absorção de outros conhecimentos. Entendendo este museu como uma instituição,

resultado da criação de um grupo, em constante reflexão e, conseqüentemente, em permanente transformação, reconhecemos que o seu processo será sempre dinâmico, no sentido da recriação, caracterizando as ações humanas que o estão reconstruindo ou desconstruindo, em cada momento histórico.

No esquema abaixo, tentamos sintetizar a concepção do MDCI, resultado dos processos de ação e reflexão, ao longo do caminhar, até o presente momento:

MUSEU EM PROCESSO



QUANTO À RELAÇÃO ENTRE O PROCESSO MUSEOLÓGICO E A EDUCAÇÃO:

As ações museológicas foram concebidas desde o início com objetivo didático para serem desenvolvidas no processo educativo do fazer cotidiano da escola. Nesse sentido, não houve em nenhum momento uma dissociação entre a Museologia e a Pedagogia. Ambas estiveram integradas, uma alimentando a outra, no decorrer das programações, nos diversos níveis de ensino, do 1º Grau até a Pós-Graduação. Consideramos este processo fundamental no sentido de proporcionar intercâmbio efetivo entre os vários cursos. Destacaremos pois, alguns aspectos, produto dessa interação e que consideramos relevantes, tanto para o campo da Museologia, como da Pedagogia:

Através das diversas programações, foi possível repensar os conteúdos programáticos, o material didático e as atividades pedagógicas, envolvendo também os alunos na elaboração do planejamento das atividades, tornando-os co-autores dos diversos programas, desenvolvendo-os, produzindo conhecimento a partir da análise da realidade. Este conhecimento tem sido utilizado em sala de aula pelos professores, pela equipe do museu, enfim pelos grupos responsáveis por sua produção, como também tem sido processado, por intermédio da ação documental, tornando possível a sua utilização por parte de outros grupos, que os consultam para subsidiar os diversos trabalhos que são produzidos.

Este processo tem sido bastante tátil no sentido de aumentar a auto-estima dos alunos, de desenvolver a socialização, a reflexão e o senso crítico, atitudes de

cooperação e organização. As diversas programações os motivaram a fazer parte do Núcleo Básico do MDCI, onde podem trocar informações, desenvolver experiências, criar laços de amizade com os demais componentes, em um processo de crescimento pessoal e de cidadania em que alunos das diversas séries se relacionam com professores, alunos de Museologia, com a pedagoga do IAT, com a coordenadora do projeto e outros atores do processo, em um ambiente de respeito, de solidariedade e de amizade, favorecendo o desempenho do grupo e um alto grau de satisfação. As ações no MDCI também têm contribuído para melhorar a capacitação do grupo, não só por meio das diversas atividades desenvolvidas, como por terem acesso à bibliografia referente aos diversos temas trabalhados, por elaborarem relatórios, por aprenderem a organizar as idéias e a apresentá-las em grupo, suscitando discussões e reflexões. Como resultado das ações no MDCI, hoje temos uma ex-aluna do Curso de Magistério, integrante do Núcleo Básico, se preparando para fazer o vestibular para Museologia no início de 1996.

Por meio das ações museológicas, foi possível a qualificação da cultura produzida pelos diversos grupos, possibilitando-lhes compreender o fazer do cotidiano como um fazer cultural. Buscou-se, através das diversas ações, a apropriação e reapropriação do patrimônio cultural, tornando possível ao cidadão, desde a sua formação, considerá-lo como um referencial para a construção e reconstrução da sociedade. Em se tratando do Curso de magistério, este aspecto foi de fundamental importância, pois, ao desenvolverem programas a partir da análise da realidade compreendida enquanto fazer cultural, as alunas vivenciaram na prática como planejar, organizar e avaliar programas desse teor, o que as capacitou a

desenvolver ações semelhantes quando da sua prática profissional.

É interessante registrar que os conteúdos dos programas das diversas disciplinas, tanto no 1º Grau como no Curso de Magistério, foram relacionados aos diversos subtemas, dos dois temas selecionados pela maioria dos professores e alunos, ou seja “Itapuã” e “A História do Colégio Estadual Governador Lomanto Júnior”, o que demonstra que mesmo no currículo já instituído é possível adequar os diversos conteúdos programáticos aos interesses dos alunos, tornando o ensino mais próximo da realidade, contribuindo para o processo de reflexão, análise e transformação da realidade. Por meio dos diversos programas desenvolvidos, conseguiu-se revitalizar a escola, sua relação com a comunidade e a participação efetiva no fazer cotidiano da sala de aula, com os alunos se envolvendo afetivamente com a escola e com o seu bairro. Por outro lado, foi possível através do planejamento em conjunto, do acompanhamento das diversas ações, realizar com os professores e com a equipe de Museologia um treinamento em serviço no cotidiano da escola, utilizando o fazer cultural local como referencial, sem retirar os docentes da sala de aula.

É necessário registrar que o processo museológico através das ações de pesquisa, conservação e comunicação, ao produzir um conhecimento sobre a educação no Colégio Lomanto Júnior no Bairro de Itapuã e ao organizar um banco de dados no MDCl, do qual fazem parte fotos, vídeos, documentos relacionados à vida administrativa e didática da escola e do Bairro, está contribuindo para a construção da História da educação na Bahia, colocando à disposição dos pesquisadores, de forma organizada, uma vasta documentação.

Desta forma, o MDCI está realizando uma ação pioneira no âmbito da educação na Bahia, no Colégio Estadual Governador Lomanto Júnior, no sentido de preservar a sua memória e de utilizá-la como referencial para a realização de diversas ações, no momento presente.

Merece destaque, na presente análise, a atuação do Instituto Anísio Teixeira. Ao realizar uma parceria com a UFBA para o desenvolvimento do projeto, tornou possível a reciclagem e o treinamento dos professores na própria escola, sem retirá-los do seu contexto de trabalho, melhorando a qualidade do ensino, dando condição também para a realização de pesquisas com dados sobre a nossa realidade, que deverão ser divulgados através de publicações, de cursos, seminários etc, motivando a realização de outras ações. A atuação do IAT não se deu somente através da remuneração de bolsistas e pesquisadores e da compra do material necessário ao desenvolvimento das programações, mas também através da atuação de uma pedagoga, contribuindo com a construção do processo. É importante destacar que a coordenação e toda a equipe envolvida em nenhum momento foi pressionada ou incentivada a mudar os objetivos estabelecidos e a metodologia utilizados. Nos sentimos livres para criar, para conceber e desenvolver as diversas ações, sem nenhuma interferência da gerência ou da direção do Instituto. As dúvidas foram sempre esclarecidas através do diálogo e do respeito mútuos. Consideramos, pois, de extrema validade a parceria entre a universidade e outras instituições que atuam nas áreas da educação, da cultura etc., viabilizando as ações de pesquisa, ensino e extensão, de forma integrada, melhorando o desempenho dessas instituições, tornando-as

mais próximas da vida e contribuindo para o desenvolvimento social.

Em se tratando da Pós-Graduação em Educação, foi possível, por meio de um projeto originado no seu interior e desenvolvido no curso do doutorado, tornar este programa mais próximo da comunidade, desenvolvendo ações efetivas em uma escola de 1^o e 2^o Graus e na comunidade do Bairro de Itapuã, ao mesmo tempo em que essas ações eram trazidas para o interior da academia, apresentadas, discutidas, enriquecidas nos Seminários de Tese e nas reuniões do Núcleo Temático de pesquisa em um intercâmbio bastante saudável entre esses diversos níveis de ensino, contribuindo para quebrar o isolamento, tão comum e pernicioso na academia, principalmente nos cursos de pós-graduação.

Por meio das ações museológicas integradas à prática de ensino do 1^o e 2^o Graus, foi possível divulgar e ampliar a atuação da Universidade Federal da Bahia (Curso de Museologia e Doutorado em Educação), integrando-a à comunidade onde está inserida, não como entidade superior que leva o conhecimento produzido na academia, mas aberta ao diálogo e à troca, deixando-se enriquecer e possibilitando também um enriquecimento dos demais cursos participantes do projeto. No decorrer do processo, também foi possível divulgar o profissional museólogo, a Museologia e o museu, sendo que, em relação à Museologia, o seu reconhecimento se deu de forma efetiva, não só através de todo o processo museológico bem como ao ser inclusa como “atividade diversificada” para os alunos da 5^a série, em 1994 e também para a 6^a série, em 1995. O profissional museólogo, até então desconhecido da grande maioria dos participantes, passou a ser solicitado para realizar ações conjuntas com os professores e a

ser reconhecido através das diversas ações técnicas desenvolvidas no museu, na sala de aula e no bairro.

Em relação ao Curso de Museologia, no decorrer das diversas ações, viabilizou-se a participação de estagiários atuando em atividades de pesquisa, conservação e documentação, sendo possível aos mesmos vivenciar uma ação museológica com base na participação, na interação com os diversos participantes, atuando na gestão e organização de um Museu Didático-Comunitário, oportunidade até então inexistente no Curso de Museologia da UFBA. Quanto aos professores do Curso, conseguiram integrar as ações de pesquisa, ensino e extensão, trazendo para a sala de aula o conhecimento construído no processo, para análise e reflexão dos alunos da graduação. Em relação à extensão, esta não se deu de forma isolada, como um produto acabado, para ser oferecido a alguém, mas se processou naturalmente, integrada às demais ações, sendo considerada, neste processo, mais como *ação* do que como *extensão*. Ação, no sentido de abertura para a construção conjunta, respeitando-se os interesses e as possibilidades de criação, de contribuição dos diversos segmentos envolvidos.

Através da análise da atuação dos professores e dos estagiários do Curso de Museologia, desenvolvendo um processo museológico integrado à prática educacional no Colégio Estadual Governador Lomanto Júnior, podemos levantar alguns aspectos em relação ao perfil do profissional museólogo, que talvez possa contribuir para uma reflexão em torno dos currículos dos cursos de Museologia e para a ampliação da concepção em torno do campo de atuação do profissional museólogo. Consideramos necessário, entretanto, realizar uma rápida análise sobre a formação do profissional,

ocorrida ao longo do processo de formação para, em seguida, apresentar as considerações resultantes da construção deste processo museológico.

Os cursos de Museologia geralmente tinham como referencial para montagem de seus currículos o *MUSEU*. A ênfase, o enfoque central era a coleção. Pretendia-se formar o curador de museus que, ao longo do desempenho profissional, reproduzia o conhecimento produzido nas diversas áreas, relacionadas com as categorias específicas de museu: história, arte, etnologia etc. Nesse contexto, forma-se o conservador, o catalogador, o expositor, através de um ensino meramente descritivo pautado na aplicação de um conjunto de técnicas. Ao longo do processo histórico, observa-se uma tentativa de relacionar a teoria à prática, dando ênfase à interdisciplinaridade. Os cursos de pós-graduação vão proporcionar a oportunidade de interação com diversas áreas afins às categorias específicas de museus. Assim, os historiadores de arte e artistas plásticos vão atuar nos museus de arte, os antropólogos e etnólogos nos museus de arqueologia e etnologia etc. A prática no museu vai então estar relacionada às diversas áreas de atuação. A Museologia, neste contexto, é considerada como a ciência do museu, uma ciência auxiliar dos grandes ramos do conhecimento. Ressaltamos, entretanto, que o processo de formação do profissional é dinâmico e, como tal, apresenta avanços e retrocessos, de acordo com a concepção, com o caminhar da Museologia ao longo do processo histórico. Portanto, estas características não podem ser enfocadas de forma linear. Podemos encontrar cursos de Museologia que, em sua grade curricular e no desempenho das atividades pedagógicas, apresentam, em relação à evolução do processo museológico, aspectos que

podem ser considerados avançados e, ao mesmo tempo, mantêm atividades e programas que refletem a ênfase na coleção, no Museu, enquanto realidade objetiva, dissociado da prática social, em seu processo de construção e reconstrução.

Ao longo do nosso caminhar, foi possível, como ficou registrado anteriormente, delinear um perfil para o profissional museólogo a partir da produção do conhecimento, tendo como referencial a prática social, qualificada culturalmente, musealizada, em interação com os diversos segmentos envolvidos no processo. A seguir, apresentamos um esquema, resultado do nosso desempenho e das reflexões realizadas, salientando que não pretendemos apresentar um perfil definitivo, pronto, acabado, mas alguns indicadores em processo, assim como consideramos a Museologia em constante processo de construção e reconstrução:

**PERFIL DO PROFISSIONAL MUSEÓLOGO
A CONCEPÇÃO:**

**TEORIA MUSEOLÓGICA = RESULTADO DA RELAÇÃO:
TEORIA- PRÁTICA ⇔ PROCESSO HISTÓRICO**



BASE PARA TODO O FAZER MUSEOLÓGICO



**O PROFISSIONAL QUE PRODUZ CONHECIMENTO A PARTIR
DA REFLEXÃO SOBRE A AÇÃO:**

**A PRÁTICA REFLETIDA-TEORIZADA.
PROFISSIONAL CAPAZ DE:**

- DOMINAR A TEORIA MUSEOLÓGICA;
- APLICAR CONSCIENTEMENTE A TEORIA MUSEOLÓGICA;
- ENRIQUECER A PRÁTICA E A TEORIA MUSEOLÓGICA;
- ENRIQUECER E SER ENRIQUECIDO POR OUTRAS ÁREAS DO CONHECIMENTO;
- MUSEALIZAR QUALQUER FAZER CULTURAL;
- INTERAGIR COM OS SUJEITOS SOCIAIS.



MUSEOLOGIA EM PROCESSO ⇔ MUSEU EM PROCESSO



CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA PRÁTICA SOCIAL.

Assim, da ação integrada entre os vários níveis de ensino, por meio da pesquisa, ensino e extensão, foi possível uma ação museológica como ação educativa e uma ação educativa integrada ao processo museológico. No quadro abaixo, sintetizamos este processo pleno de troca, de respeito mútuo, de aprendizagem, de crescimento profissional e pessoal:

PROCESSO EM PERMANENTE CONSTRUÇÃO:

PESQUISA ⇔ ENSINO ⇔ EXTENSÃO

QUANTO ÀS DIFICULDADES ENCONTRADAS:

Ao contrário do que pode parecer, este processo não se deu de forma tão tranqüila. Ao analisarmos as conquistas, e os produtos conseguidos verificamos que ele foi permeado por várias dificuldades, por algumas “pedras no meio do caminho”, que são interessantes registrar, pois vencê-las foi um grande aprendizado, um desafio.

Em relação aos recursos materiais, no início, tivemos que adquirir material de expediente com nossos próprios recursos, pois não tínhamos, sequer, uma pasta. Até a montagem da primeira exposição, não tínhamos ainda a verba do Instituto Anísio Teixeira. Tivemos que reaproveitar material, usando a criatividade e comprar filmes para fotografia, slides e vídeo, pagar revelações, adquirir materiais para exposição etc. Em relação ao espaço físico, houve momentos de desânimo da equipe, pois o espaço foi sendo

conquistado, gradualmente, no decorrer do processo e havia o desejo de nos instalarmos, definitivamente, no colégio.

Desenvolver uma ação desse teor, em um colégio público, com funcionários e professores desmotivados devido às péssimas condições de salário, ao desconforto para trabalhar, à falta de disponibilidade de tempo para realizar o planejamento, corrigir provas etc., porque têm que correr de um lado para o outro, com o objetivo de complementar a sua renda mensal, nos fez sentir, muitas vezes, “remando contra a maré”. Houve momentos de desânimo, de tristeza, quando vivenciamos de perto e pudemos constatar, ampliando a nossa análise, como são as reais condições da educação no Brasil. Acrescente-se a esta desmotivação, o descrédito que o corpo docente manifesta em relação aos projetos, às pesquisas que são realizadas nas escolas, sobretudo quando o pesquisador é de outro ambiente, pois estão cansados de serem utilizados, junto com seus alunos, como objeto de estudo de diversas pesquisas educacionais que não dão nenhum retorno, isto é, que ficam confinadas nas instituições que as originaram. Desta forma, foi necessário um período de um ano, aproximadamente, para que compreendessem as intenções do projeto, separar instalando e fazendo funcionar, através de uma ação conjunta, um museu no interior do colégio, e assistissem o nosso empenho diário, no fazer cotidiano da escola, construindo uma ação que está sendo analisada em uma tese de doutorado, (fato que nunca foi omitido), mas que extrapola essa exigência para titulação. Após uma ano de atuação no Colégio, quando da realização do Seminário do Estágio Curricular, com as escolas do bairro, ouvimos o depoimento de uma professora: “Célia foi chegando com a sua equipe, foi-se instalando, e nós ficamos observando, achando

que era mais um pesquisador que fica um mês, coleta dados e vai embora. Mas não, a mulher ficou, enfrentou as dificuldades, está construindo, conosco um museu neste colégio, portanto, está tendo agora todo nosso apoio”. Este depoimento foi um grande reforço para a equipe, significava que já tínhamos credibilidade, que as dificuldades são para serem vencidas e que, trabalhar em educação, é “meter a mão na massa”, é estar disposto a compartilhar dos mínimos detalhes do cotidiano porque eles fornecem a base para as conquistas.

Os detalhes do cotidiano significam, também, em nossa realidade, compartilhar e dividir o desconforto: salas de aula mal projetadas, produzindo um calor insuportável resultado do sol de 35º graus de Itapuã, com uma acústica inadequada, onde se tem que gritar para ser ouvido, falta de água e roubos – houve 3 arrombamentos na sala do museu, durante o nosso primeiro ano no colégio; felizmente, deixaram de acontecer. Estes roubos deixavam o “moral” do grupo bastante abalada. Foi necessário entusiasmo e criatividade por parte da coordenação, no sentido de realizar conquistas a partir dos acontecimentos dos roubos, como mudanças de salas, ampliando o espaço para recuperar o entusiasmo da equipe. Outro aspecto do cotidiano é estar disposto a limpar a poeira, empurrar móveis etc. São fatores que podem ser considerados irrelevantes, mas, se não fosse a disposição para enfrentá-los, não teríamos condições de avançar, pois a escola não possui uma infra-estrutura adequada de pessoal e material necessários. É interessante registrar que enfrentar estas dificuldades, encontrando soluções criativas, envolvendo o grupo em mutirões de trabalho muitas vezes braçal, teve o seu lado positivo em relação à própria equipe do museu, ao sentir

que somos capazes de agir, de construir mesmo em condições adversas, fato que nos deu segurança e tornou o grupo mais unido, enfrentando as tarefas em igualdade de condições. No que se refere aos professores e à administração do colégio, ajudou a desenvolver a credibilidade, a confiança em relação ao grupo, pois as tarefas realizadas demonstravam também o empenho e a força de vontade de todos. A abertura da direção do colégio, favorecendo o diálogo, colocando à nossa disposição, dentro das possibilidades, os recursos necessários, permitiu vencermos as dificuldades, incentivando-nos a continuar.

Em relação ao processo museológico, é interessante registrar a insegurança dos estagiários de Museologia e a vontade de ver este museu “pronto”, pois nunca haviam vivenciado processo semelhante. O papel da coordenação, neste momento, foi muito importante no sentido de estabelecer uma discussão permanente sobre a concepção do projeto, demonstrando a segurança adquirida ao desenvolver projetos anteriores com alunos e professores de 1º grau vencer, também, suas inseguranças, pois havia vários aspectos inovadores na ação desenvolvida no Colégio Estadual Governador Lomanto Júnior, que somente, no processo de reflexão conjunta, poderíamos encontrar a segurança necessária.

É interessante registrar, também, as dificuldades encontradas em relação à metodologia adotada. Os obstáculos para se realizar uma Museologia participativa, uma educação-processo são muitos, pois exige uma permanente reflexão conjunta, maturação e discussão das idéias propostas, respeito à idéia do outro e aceitação de uma construção compartilhada. É necessário estar preparado para a ação participativa. Houve

momentos em que me sentia na contramão devido às dificuldades, à falta de hábito dos sujeitos envolvidos no processo de trabalharem de forma cooperativa. A nossa formação educacional e profissional, nos leva a criar um produto para ser consumido passivamente. Em alguns momentos, éramos tentados a apresentar um “pacote pronto”. Teria sido muito mais fácil escolher temas, ou até fazer uma consulta sobre os mesmos e aplicar uma técnica sem o envolvimento e a reflexão conjunta. Vencer esta tentação, provocando a integração, foi uma batalha árdua, mas que produziu um processo participativo, considerando as expectativas e as reais necessidades do grupo, ao ponto de levar-me a afirmar hoje que esta tese não é somente minha, é rica em co-autoria. Experimento, neste momento, um alto grau de satisfação ao perceber que não fui um pesquisador solitário, que crescemos juntos e que valeu à pena vencer os problemas e construir uma ação verdadeiramente compartilhada.

Ainda em relação à metodologia, é necessário salientar o esforço empreendido para desenvolver esta ação e, no seu curso, ainda buscar o tempo necessário para registrá-la, descrevê-la e analisá-la. Fato que exige do pesquisador disponibilidade para agir e, ao mesmo tempo, ter a disciplina necessária ao trabalho de organização, sistematização e análise dos dados. Para vencer esta dificuldade, os meus cadernos de campo e de anotações foram extremamente úteis, pois, ao mesmo tempo em que desenvolvia as ações, a partir dos esquemas de trabalho organizados e ali registrados, também ia anotando simultaneamente dados que surgiam no decorrer do processo de ação e reflexão e que considerava interessante registrar na tese. Foram dois anos de ação e reflexão, no

Colégio Lomanto Júnior e de ação e reflexão em casa, sistematizando as idéias.

Finalizando este item, ressalto que, em nenhum momento, deixei-me desanimar, desacreditar no processo que está sendo construído. As dificuldades deram-me força e tornaram o grupo mais coeso. Posso dizer que os obstáculos, assim como o entusiasmo, a satisfação, a alegria, a tristeza alimentaram este processo durante todo o tempo, porque ele está impregnado de “vida” e vida é processo, que se movimenta diante da força da ação individual e grupal. E a vida, o humanismo foram para mim a mola mestra para a construção do conhecimento.

CONSIDERAÇÃO FINAL:

A prática aqui registrada foi a prática possível. Como é histórica, com certeza, será alimentada por outras práticas, por outras teorias, num rico processo de construção e reconstrução. Retomo as palavras iniciais deste capítulo para reafirmar que permaneci, todo o tempo, imersa neste processo. Ele está repleto de marcas pessoais. Assumo os riscos de ter sido, ao mesmo tempo, sujeito e objeto. Optei por tentar ser coerente com o meu ideal, assumindo o compromisso social de, através da Museologia e da Educação, lutar por uma melhor qualidade de vida e pela prática da cidadania. Tentei ser sujeito da História e junto comigo vieram tantos outros...

7 BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ABREU, Regina. Os museus enquanto sistema: por uma revisão da contribuição de Gustavo Barroso. In: IDEÓLOGOS do Patrimônio Cultural. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural, Departamento de Promoção, 1991. ACTAS do 1^o Encontro Universitário Luso-espanhol sobre a Investigação e o Ensino na área da Museologia . *Etnologia*, Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, Departamento de Antropologia, n. 6, jul./dez. 1991.

ANDRADE, Rodrigo de Melo Franco de. *Rodrigo e o SPHAN: coletânea de textos sobre o patrimônio cultural*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, Fundação Nacional Pró-Memória, 1987.

APPLE, Michel W. *Educação e poder*. Tradução de Maria Cristina Monteiro. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

ARANTES, Antônio Augusto (Org.). *Produzindo o passado: estratégias de construção do patrimônio cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

ARROYO, Miguel G. Educação e exclusão de cidadania. In: *Educação e cidadania*. São Paulo: Cortez, 1987.

BARBIER, René. *A pesquisa-ação na instituição educativa*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

BARRETO, Maroarita. *Museus por teimosia: uma análise da utilidade dos museus de Campinas*. Campinas, 1993.

Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

BATALLAN, Graciela. *Museos, patrimonio y educacion; reflexiones en el Museo Etnografico Juan B. Ambrosetti*. [s.l], [19--]. Mimeografado.

BELLAIGUE, Mathilde. *Methodologie de la Muséologie*. Conferência proferida no V Fórum de Museologia do Nordeste. Salvador, 1992.

_____. *From the "integral museum" to an integrated museum*. [s.l.], [19--]. Mimeografado.

BERGER, Peter L. A., LUCHMANN, Thomas. *construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1985.

BOEMY, Helena. Patrimônio da memória nacional. In: IDEÓLOGOS do patrimônio cultural. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural, Departamento de Promoção, 1991.

BORDENAVE, Juan E. Diaz. *O Que é comunicação*. São Paulo: Brasiliense, 1988 (Coleção Primeiros Passos).

BOSI, Alfredo. Cultura brasileira. In: *Filosofia da educação brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

_____. Cultura como tradição. In: *Cultura brasileira - tradição e contradição*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

_____. Um testemunho do presente. Apresentação. In: MOTA, Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira*. São Paulo: Ática, 1990.

_____. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: EDUSP, 1987.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

_____. *Repensando a pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. *Identidade e etnia*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Departamento de Assuntos Culturais. *Proposta para criação do Sistema Nacional de Museus*. [s.l.], [19--]. Mimeografado.

BRITO, Carlos. *Gestão escolar participada*. Lisboa: Texto Editora. 1991.

BRUNO, Cristina. *Funções museológicas em debate*. Conferência proferida no VII Fórum Nordeste de Museologia. Fortaleza-CE. Agosto/1994. Mimeografada.

CAMPAGNOLO, Maria Olimpia Lameiras. *Un exemple de langage mixte: le langage muséal*. Conferência proferida na Conferência Anual do ICTOP/ICOM. Lisboa, outubro /1994. Mimeografada.

CARRASCO, Manoela. *O Museu nas Escolas*. Conferência proferida nas VII Jornadas sobre a Função Social do Museu do MINOM/ICOM. São João do Estoril, outubro/1994. Mimeografada.

CASTELLS, Manuel. *A questão urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

CHAGAS, Mário. A formação profissional do museólogo: sete imagens e sete perigos. *Cadernos Museológicos*, Rio de Janeiro, n. 3, 1990.

CHAGAS, Mário. A ótica museológica de Mário de Andrade. In: IDEÓLOGOS do patrimônio. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural, Departamento de Promoção, 1991.

_____. Novos rumos da Museologia. *Cadernos de Museologia*, Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Centro de Estudos de Sócio-Museologia, n. 2, 1994.

CHAUÍ, Marilena. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. São Paulo: Cortez, 1990.

_____. *Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

COELHO NETO, José Teixeira. *Usos da cultura: políticas de ação cultural*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

CRITELLI, Dulce Mara. *Educação e dominação cultural: tentativa de reflexão ontológica*. São Paulo: Cortez, 1981.

COHN, Gabriel. Concepção oficial de cultura e processo cultural. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, n.22, 1984.

COMPANHIA ESTADUAL DE DESENVOLVIMENTO URBANO (BA). *A Grande Salvador: posse e uso da terra*. Salvador, 1978.

CONSELHO FEDERAL DE CULTURA (BRASIL). *Aspectos da política cultural brasileira*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Serviço Industrial Gráfico, 1976.

FUNDAÇÃO NACIONAL PRÓ-MEMÓRIA (BRASIL). *Museus - novas perspectivas*. Rio de Janeiro, 1987. (Museal 1).

COSTA, Lygia Martins. O Pensamento de Rodrigo na criação dos museus do PHAN. In: IDEÓLOGOS do patrimônio. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural, Departamento de Promoção, 1991.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. Nação, um lugar comum. In: *PÁTRIA amada esquarterada*. São Paulo: Secretaria de Cultura, Departamento do Patrimônio Histórico, 1992.

DEMO, Pedro. *Metodologia científica em ciências sociais*. São Paulo: Atlas, 1981.

DESVALLÉES, André. A Museologia e os museus: mudanças de conceitos. *Cadernos Museológicos*, Rio de Janeiro, n.1, 1989.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. *O que é realidade*. São Paulo: Brasiliense, 1989. (Coleção Primeiros Passos).

DUARTE, Ana. *Educação Patrimonial*. Lisboa: Texto Editora, 1993.

FALCÃO, Joaquim. Política de preservação e democracia. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, n. 20, 1984.

FAORO, Raymundo. *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*. Rio de Janeiro: Globo, 1989.

FEIJÓ, Martin Cezar. *O que é política cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Aloísio Magalhães: projeto intelectual e projeto institucional. In: IDEÓLOGOS do patrimônio. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural, Departamento de Promoção, 1991.

FORQUIN, Jean-Claude. *Escola e Cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar*. Porto alegre: Artes Médicas, 1993.

FRANCO, Sebastião Pimentel. *As Práticas educativas do museu em suas relações com as instituições de 1º grau no Espírito Santo: da hegemonia à busca da transformação*. Vitória, 1994. Dissertação (Mestrado. Universidade Federal do Espírito Santo).

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREITAG, Bárbara. *A teoria crítica ontem e hoje*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

GADOTTI, Moacir. *A concepção dialética da educação: um estudo introdutório*. São Paulo: Cortez, 1988.

GARCIA, Marco Aurélio. A memória nacional aprisionada. *Revista do Patrimônio Histórico*, Rio de Janeiro, n.21, 1986.

GIROUX, Henney. *A escola crítica e a política cultural*. São Paulo: Cortez, 1988.

GOFFMAN, Erving. *A Representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1985.

GONÇALVES, Reginaldo José. O jogo da autenticidade: nação e patrimônio cultural do Brasil. In: IDEÓLOGOS do patrimônio. Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Promoção, 1991.

GRAMSCI, Antônio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

GUEDES, Maria Tarcila Ferreira. A influência do pensamento modernista no Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN). In: IDEÓLOGOS do patrimônio. Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Promoção, 1991.

HELLER, Anges. *O Cotidiano e a História*. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1988.

IANNI, Octávio. *Revolução e cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

IANNI, Octávio. Cultura popular. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, n.22, p.30-32, 1987.

JEUDY, Henri Pierre. *Memórias do social*. Tradução de Márcia Cavalcanti. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

LAPLANTINE, François. *Aprender Antropologia*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

LIBÂNEO, José Carlos. *Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos*. São Paulo: Loyola, 1989.

LIMA, Costa Luiz. O Estado e a cultura. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, 1987, n.22, p.19-21.

LOPES, Regina Clara Simões. A propósito de política cultural. *Revista do Patrimônio Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, n.22, 1987.

LOWY, Michael. *A Escola de Frankfurt e a modernidade*. Tradução Murilo Marcondes de Moura. [s.l. : s.n.], 1992. (Novos Estudos).

LUZ, Marco Aurélio. *Cultura negra em tempos pós-modernos*. Salvador: Editora SECNEB, 1992.

MACHADO, Mário. Bens culturais: instrumento para um desenvolvimento harmonioso. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, n.20, 1984.

MAGALHÃES, Aloísio. Bens culturais: instrumento para um desenvolvimento harmonioso. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, n.20, p. 40-44, 1984.

_____. *E Triunfo?* a questão dos bens culturais no Brasil. Rio de Janeiro/Brasília: Nova Fronteira/Fundação Nacional Pró-Memória, 1985.

MASSA, Diana. *Escuellas y museos: estudio exploratorio con el publico docente en el Museo Etnografico*. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 1991. Mimeografado.

MEIRELLES, Edison Palma. *Usos e costumes do antigo Povoado de Itapuã*. Salvador: Editora Areembepe, 1987.

MENSCH, Peter Van. Museus em movimento: uma estimulante visão dinâmica sobre a interrelação Museologia-museus. *Cadernos Museológicos*, Rio de Janeiro, n.1, p, 1988.

_____. Metodologia da Museologia e treinamento profissional. *Cadernos Museológicos*, Rio de Janeiro, n.3, 1990.

MENSCH, Peter Van. New directions in Museology: new directions in museum education. In: *MUSEUM* education and research. [s.l.]: Comitee for Education and Cultural Action. CECA.ICOM, [19--], p.12-13.

_____. Museologia e museus. *ICOM News. Bulletin of The International Council of Museums*, v.41, n.3, p.5-10, 1989.

_____. *Museology as a science: a brief survey*. [s.l.], [19--]. Mimeografado.

_____. *Object, museum, Museology - an "eternal triangle"*. Leiden: Reinwardt Academie, 1987. (Collected Papers).

MENESES, Ulpiano Bezerra de. *A história cativa da memória?* 1992. Mimeografado.

_____. Identidade cultural e arqueológica. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, n.20, p, 1984.

MENEZES, Ulpiano Bezerra de. Cultura e cidade. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, n.5, 1985.

_____. Memória municipal, história urbana. *Revista CEPAM*, São Paulo, n.4, [19--].

_____. *Cidade, práticas museológicas e qualificação cultural*. [19--] Mimeografado.

MERIDIES, TEXTOS DE MUSEOLOGIA SOCIAL. Monte Redondo-Portugal: Museu Etnológico de Monte Redondo, n. 17/18, jan/dez. 1993.

MOFFAT, Hazel. *Aprendendo através dos recursos museológicos nas escolas inglesas*. Conferência proferida nas VII Jornadas sobre a Função Social do Museu do MINOM. São João do Estoril, outubro de 1994. Mimeografada.

MORAIS, Regis de. *Cultura brasileira e educação*. Campinas: Papirus, 1989.

MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira (1973 - 1974)*. São Paulo: Ática, 1990.

MOUTINHO, Mário Canova. *Museu e sociedade*. Monte Redondo: Museu Etnológico, 1989.

MOUTINHO, Mário Canova. A construção do objecto museológico. *Cadernos de Museologia*, Lisboa: Centro de Sócio-Museologia, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, n. 4, 1994.

NASCIMENTO, Rosana. *O Objeto museal, sua historicidade: implicações na ação documental e na dimensão pedagógica do museu*. Salvador, 1993. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia.

_____. *Projeto de Documentação do Acervo do MDCl*. Salvador: Museu Didático-Comunitário de Itapuã, 1993. Mimeografado.

NEVES, Guilherme Pereira das. Da história enquanto memória da nação à história enquanto crítica da memória nacional. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, n.22, p. 1987.

NOVAES, Lourdes Rego. *O Museu Nacional hoje, um conceito possível?* Conferência proferida no Seminário Museus Nacionais - Perfil e Perspectivas, Rio de Janeiro 20 a 22 de junho de 1988. Mimeografado.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira & identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. *A moderna tradição brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PEREIRA, Cláudio Luiz. Identidade étnica e patrimônio cultural. in: IDENTIDADE étnica, mobilização política e cidadania. Salvador: UFBA, 1989. (Coleção Cidadania).

PEREIRA, Otaviano. *O que é teoria*. São Paulo: Brasiliense, 1990. (Coleção Primeiros Passos).

PESSANHA, José Américo. Cultura como ruptura. In: *Cultura brasileira : tradição e contradição*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

PROTEÇÃO e revitalização do patrimônio cultural no Brasil: uma trajetória. Brasília: MEC, SPHAN, Fundação Nacional Pró-Memória, 1980.

RODRIGUES, José Carlos. *Antropologia e Comunicação: princípios radicais*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989.

ROMANI, Dario. *Mi comunidad como museo viviente*.
Mendoza: Ediciones Culturales de Mendoza. 1991.

RÚSSIO, Waldisa. Museu, Museologia, museólogos. *Revista de Museologia*, São Paulo, n.1, 1989.

_____. A Museologia e a identidade. *Jornal do Instituto de Museologia de São Paulo*, São Paulo, jun., 1991.

SALVADOR. Secretaria Municipal do Planejamento. *Plano urbanístico para Itapuã*, 1987. v. 1.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. *Museu escola: uma experiência de integração*. Salvador, 1981. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia.

_____. *Museu, escola e comunidade - uma integração necessária*. Salvador, Bureau, 1987. Patrocínio do Ministério da Cultura, Sistema Nacional de Museus.

_____. *Integrando a escola ao bairro*. Salvador: Secretaria de Educação e Cultura, Instituto Anísio Teixeira, 1990. (Estudos IAT).

_____. *Repensando a ação cultural e educativa dos museus*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1990.

_____. Documentação museológica, educação e cidadania. *Ciência e Museu*, Belém, Museu Goeldi, p. 35-40, set.1993.

SARMENTO, Walney Moraes. A matriz positivista: roteiro para discussão. In: *Problemas de método nas Ciências Sociais*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1989.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico. *O Direito à memória: patrimônio histórico e cidadania*. São Paulo: DPH, 1992.

SCHASBERG, Benny. *Espaço e cultura: equipamentos coletivos, política cultural e processos urbanos*. Rio de Janeiro, 1989. Dissertação (Mestrado em Ciências) Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SCHAFF, Adam. *História e verdade*. São Paulo: Martins Fontes, 1971.

SCHEINER, Tereza Cristina. Museus e Museologia - uma relação científica? *Ciência e Museus*, Belém, Museu Goeldi, n. 1, 1989.

_____. (Coord). *Interação museu-comunidade pela educação ambiental*. Rio de Janeiro: Tacnet Cultural, 1991.

SCHWARCZ, Lilia Katri Mortiz. *A era dos museus no Brasil (1870-1930) - polvo é povo; molusco também é gente*. São Paulo: IDESP, 1988. (Série História das Ciências Sociais, n.6).

SERRA. Olympio. Questões de Identidade Cultural. in: *PRODUZINDO o Passado*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

SEVERINO, Joaquim Antônio. A Significação ideológica da educação brasileira em seu desdobramento histórico. In: *EDUCAÇÃO, Ideologia e Contra-Ideologia*. São Paulo: EPU, 1986.

SILVA, Paulo Roberto Guimarães. Identidade, territorialidade e ecologismo: o caso da Lagoa do Abaeté. *Caderno CRH*, Salvador, n. 18, jan/jun., 1993.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Síntese de história da cultura brasileira*. São Paulo: DIFEL, 1986.

SERPA, Luis Felipe Perret. *Ciência e historicidade*. Salvador: Edição do Autor, 1991.

_____. *Perspectiva para uma nova ciência*. [s.l. : s.d.]. Mimeografado.

SHREINNER, Klaus. Um resumo para a Museologia e seus aspectos multidisciplinares. *Muwop*, Stockholm, n.1, 1980.

SHREINNER, Klaus. L'Interdisciplinarité en Muséologie. *Muwop*, Stockholm, n. 2, 1981.

SOFKA, Vinos. *Museologia e meio ambiente integral*. Conferência proferida no Curso de Museologia da UNIRIO. Rio de Janeiro, 1992. Mimeografada.

SOLA, Tomislav. The concept and nature of Museology. *Museum*, Paris, UNESCO, n.153, p., 1987.

STRANSKY, Zbynek Z. La Muséologie: science ou seulement travail pratique du musée. *Muwop*, Stockholm, 1981.

SILVA, Ozanira da Silva e. *Refletindo a pesquisa participante*. São Paulo: Cortez, 1986.

TEIXEIRA, Maria Cecília Sanchez. *Antropologia, cotidiano e educação*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

TELMO, Isabel Cottinelli. *o Patrimônio e a escola do passado ao futuro*. Lisboa: Texto Editora.1991.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez. 1986.

TINOCO, Alfredo D. *Pedagogia e Nova Museologia*. Conferência proferida nas VII Jornadas sobre a função social dos Museus do MINOM/ICOM. São João do Estoril, outubro, 1994.

UNESCO. *International Thesaurus of Cultural Development*. Paris, 1980.

UNESCO. ICOM. *Declaración de Caracas*. Seminário La Mision del Museo en Latinoamerica Hoy: Nuevos Retos. Caracas, 1992. Mimeografado.

_____. *Documento da Mesa Redonda de Santiago do Chile*. Santiago, 1972. Mimeografado.

VASQUEZ, Adolfo Sánchez. *Filosofia da práxis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

VIEIRA, Renato Luiz. Intelectuais, cultura e autoritarismo no Brasil pós-64. *Contexto e Educação*, São Paulo, n. 24, p. 74-81, 1986.

WACHOWICZ, Lílian Anna. *O método dialético na didática*.
Campinas: Papirus, 1991.

